

De Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# BRASIL INTERIOR

*Palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco*



De Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# BRASIL INTERIOR

*Palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco*



© 2024 – Editora Unigala

Copyright © 2024 by Família Ambrósio

Na presente edição, os organizadores optaram por preservar a ortografia constante dos originais do autor.

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)  
editoraunigala@gmail.com

1ª edição, 1934. 2ª edição, 2015.  
[2024]

*Terceira edição revista e ampliada*

**Organizadores da 3ª edição**

Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Ros'elles Magalhães Felício  
Maria do Socorro Vieira Coelho

**Arte em nanquim da Capa e Miolo**

Terezinha Escobar

**Diagramação**

Ramiro Esdras Carneiro Batista

**Revisão**

Diocília Ambrósio Batista  
Maria das Mercês Bonfim Ambrósio  
Ramiro Esdras Carneiro Batista

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração:** Resiane Paula da Silveira

**Conselho Editorial**

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP  
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF  
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR  
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC  
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS  
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP  
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL  
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB  
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE  
Me. Kleberson Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA  
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional  
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B333b      Brasil Interior: Palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco  
/ Ramiro Esdras Carneiro Batista; Ros'elles Magalhães Felício; Maria do Socorro Vieira Coelho (organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 332 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-39-4

DOI: 10.29327/5419715

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Brasil Interior. 3. Palestras populares e folk-lore. I. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Felício, Ros'elles Magalhães. III. Coelho, Maria do Socorro Vieira. IV. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)

[editoraunigala@gmail.com](mailto:editoraunigala@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/brasil-interior.html>





De Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# BRASIL INTERIOR

*Palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco*



UNIGALA  
EDITORA



De Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# BRASIL INTERIOR

*Palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco*

Prefácio de José Moreira de Souza

3ª Edição



## SUMÁRIO

<b>Apresentação (pelo auctor): Conferência ‘O Sertão’ .....</b>	<b>10</b>
<b>Prefácio à segunda edição: Manoel Ambrósio e as gentes sanfranciscanas ..</b>	<b>35</b>
<b>Prefácio à terceira edição: É hora de Palestrar! .....</b>	<b>38</b>
<b>PALESTRAS POPULARES – LENDAS .....</b>	<b>44</b>
A Mãe d’Água .....	44
O Lobishomem .....	53
A Onça – Borges .....	61
A mulla sem cabeça .....	79
O carro que canta .....	83
A Serpente .....	86
O menino e o dourado .....	89
O cabocolo dágua .....	92
A Zellação .....	94
Audiencia do capêta .....	97
O bicho-homem .....	102
Caapora .....	106
<b>PALESTRAS POPULARES – NARRATIVAS .....</b>	<b>108</b>
O Tres Bundas .....	108
Paz e sacrilégio .....	113
Paulo de Santo Antonio .....	117
Dom Juan .....	125
O Corrêinha .....	129
Rogério e Raymundo Piston .....	133
Rei do Rosario .....	139
O Arengueiro .....	144
O carga de sebo .....	146
O Gorutubano .....	150
A briga .....	154
O Cacimbão .....	156
Os cães .....	164

**PALESTRAS POPULARES – II VOLUME**

O Curador .....	169
Personagens .....	169
Um mysterio .....	178
O Capão do Levinio .....	185
A grinalda .....	189
Os queijos .....	194
Páos d'agua .....	197
O Desmamado .....	202
Casamento a Facão .....	206
A Pauta .....	212
Os diamantes do Tejuco .....	220

A filha do general emboaba .....	225
Seu Thomé .....	233
O Tesouro .....	244
O Matuto .....	247
O Enterro .....	251

POSFÁCIO .....	258
Glossario.....	259
O Auctor.....	270
O Folclorista Manoel Ambrósio .....	271
A Ilustradora .....	282
A Artista plástica Têca Escobar .....	283
Os Organizadores .....	285

**APÊNDICE**

Nota a terceira edição: Apócrifos de um <i>Brasil Interior</i> , uma obra em expansão .....	288
O Chales de Tonkim-Turim .....	293
Os dois amigos .....	305
Capas das edições anteriores .....	329
Notas de rodapé .....	330





***Dedicatória***

*Aos meus ilustrados colegas e distintos Professores Nelson Benjamim Monção e Dona Leondina Olympia de Souza Monção, consagra este singello trabalho, como um tributo de intimo reconhecimento.*

*Todo o mérito que, porventura, lograr a presente obra á luz da publicidade, vos seja consagrado, como um testemunho do muito que vos deve o seu Auctor.*







## APRESENTAÇÃO (*pelo auctor*)

### O S E R T Ã O<sup>1</sup>

**S**AUDAÇÕES – Exmo. Sr. Dr. Affonso Costa, Presidente da Academia Carioca de Lettras, distintos luminares e expoentes das lettras cariocas, ilustrada e selecta sociedade da cultura pátria, minhas affectuosas saudações e profundos respeitos.

No momento em que aqui nos congregamos para uma conferência litteraria regional, licito seja-me, antes de mais, agradecer ao ilustrado acadêmico Sr. Dr. Prado Ribeiro, o delicado convite de aqui vir transpor os sagrados additos deste formoso santuario, cujos requisitos para um banquete democratico muito exigem de um profano, e eu estou bem certo desta responsabilidade e expectativa, em casos taes, sempre requeridas. Muita honra e... toda minha!

Reconheço.

E, como se diz na gíria popular: COM QUE ROUPA?<sup>2</sup>

Muita ousadia, bem sei; porem, de acordo com a modesta roupagem com que notoriamente sabido aqui se agasalham viandantes de peregrinas ramagens neste hospitaleiro templo consagrado à irradiação das bendictas luzes do espírito.

Deixando à porta as alpercatas do caminheiro, o publicano, submisso e de pés descalsos, vem depor nas sanctas aras deste templo universal, de communicativa alegria e fraternal cultura, humildes offerendas que trazem, bem talvez irreflectidas, pallidas sombras de um rumor distante.

Mas, atravez de nossos sonhos de dourada juventude e brasilidade se assemelham à uma visão panorâmica, onde, de longe em longe, nos sombreados das verduras e das planícies, das serranias e das montanhas parece descer dos ceos uma restea de ouro, da luz solar de uma tarde docemente graciosa.

Sou solitário dessas brenhas, dessas penumbras, o visionário dessas levezas affastadas, desses horizontes infindáveis, o rafeiro bardo desse “Brasil Interior”, o Sertão brumoso, tão desdenhado por não ser devidamente conhecido...

*Esse sertão!... o deserto*

*Da luz em todo o esplendor*

*– Macisso Hercules – sahindo*

*Das mãos do Seu Creador.*

*E o gigante adormecido*

*Sob o cobertor extendido*

*Da serena immensidade.*

*Não vê, não sente a couraça*

*Que Deos atirara de graça*

*Do manto da liberdade.*

Ingrata e solemnemente desamparado e portanto, sem um representante no convívio nacional, lá está e vive o pária na sua eterna agrestia. Sonegaram-lhe os direitos. Como se fosse um reprobato, negaram-lhe também justiça, relegado por isto e sem apelo dos festins da civilização.

*– Não tem história?*

*– Porque não?*

Tem seus annaes e nelles inscriptos heroes e martyres nas legendas da Colonia, do Imperio e da Republica, das margens do *Paranapetinga*<sup>3</sup>, sem mais accentuar-se aos cimos ainda quase fumegantes da Serra da Mantiqueira. Para estes anceios de liberdade o *Paranapetinga* – Rio de São Francisco, trabalhando as

terras moças do Brasil e abrindo estradas para a civilização, trouxera outrora para a costa atlantica suas lendas de esmeraldas, sua Serra Resplandecente, arrastando e attrahindo para as entranhas da sua flora e da sua fauna – o Homem – avenida universal e inteligente, immensa rua de todos os padrões, de todos os climas e latitudes, culta e inculta, destemerosa e fecunda – revolucionaria – mártir alma das Nações.

\*\*\*\*

Não é sem um determinado desvanecimento que vemos esse Rio, primeiro entre os demais, genuinamente brasileiro, sulcando cinco Estados federados, e dentro de suas margens, no polido espelho de suas águas, a indelével e veneranda imagem dos bandeirantes, abençoado cimento da grandeza da communhão nacional.

Cidades, villas e povoados la florescem numa arca, cuja capacidade dá fartamente para millhões de almas, no valle extenso e fertilissimo causando a admiração de notaveis sabios naturalistas, nacionaes e estrangeiros.

Não obstante sua magnificencia, foi-lhe madrasta a Colonia.

O Imperio deu-lhe desprezo; e a Republica, actualmente, apenas uns annos, uns pruridos de simples vigilância, como soberba estrada estrategica.

No entanto, pelo seu desenvolvimento natural e progressivo, pela grandeza de sua expansão territorial, pela abundancia e recursos de vida propria, inesgotaveis fontes de thesouros nelle permanecem como nos primeiros dias da Creação: o ouro de fino quilate, o chumbo, o cobre, o ferro, o manganez, a platina, a mica, o antimônio, a pedra branca, o marmore, o gesso, a pedra de cal, ardósia, sais e piritas, barytina, carbono, turfa, poderosas riquezas (que só essas dariam para pagar a divida do Brasil), pedra lume, pedra de toque, de philtro, cristais de rocha, a prata, as Minas de Prata de Roberio Dias, recentemente descobertas pelo engenheiro francez, Dr. Apollinario Frot, dentro da magna bacia; nas suas margens: o alluminio, a perola, a madriperola, o diamante, a fluorina, a saphira, o topázio, a ametysta, a esmeralda, as ocreas, as tintas vegetaes e mineraes, tabatinga, taninos,

resinas, madeiras de construção, marfim vegetal, madeiras e hervas medicinaes, borracha, salinas, pelles, couros, pennas, plumas, infinita variedade de insetos multicores, aves de sonoros gorgeios e lindas plumagens, palmeiraes, aguas férreas, aguas mineraes, paineiras e variedades, linho vegetal, fibras, cera e mel, animais sylvestres e domésticos, fructas sylvestres e de cultivo, cereaes em quantidade e qualidade, o fumo, a canna de assucar, a batata doce, a banana, o inhame, o milho, o feijão, o arroz, o anil, o algodão; óleos vegetais e animaes, a mamona, a abobora, o cará, a mandioca, a laranja, o amendoim, o gergelim, o melão, a melancia, a manga, a lima, o limão, orchideas e cachonilha, fructas sylvestres que dão assucar, o ananaz, o abacaxi; o abacate, o fructa-pão, insetos não classificados, o insenso (branco e vermelho), arvores e hervas aromáticas, peixes, etc, etc; todos esses thesouros regionais inaproveitados, dormindo secularmente e secularmente bradando para seus filhos:

– Quem nos quer?

*Et voz clamantis in desertis*, essa região que, sem favor pode e deve constituir um Estado magnífico dentro das possibilidades econômicas da união com seus dois milhões de almas, só em 17 municipios a partir da foz do rio Doce, do paralelo 19º as lindes da Bahia e Goyaz, toda Ella extratifica-se em absoluto abandono.

E quem olha para todo esse immenso celeiro?

É o grito que constantemente se levanta, depois que falharam as propheticas visões dos sábios que outrora nos visitaram.

A minha terra, Exmo. Academicos, o Sertão, é uma das ruas da Avenida que vos falei – paraíso de aborígenes – que se tornou conquista de uma bandeira, criando núcleos, fundando a incipiente navegação, bem pouco melhorada por vapores de Estados e companhias particulares que aninda não bastam.

Até hoje, rudes barqueiros e pescadores, cantando ao quebranto das vagas do sul para fumarentas paragens do norte, vão deixando as saudades de estrophes crystalisadas no seu folk-lore, dulcificando cantilenas essas silenciosas ribas donde se despedem:

*Rio de São Francisco*  
*Corre que desaparece*  
*No meio tem uns rumores*  
*Onde seu amô padece.*

*Cond'eu vi o São Francisco*  
*E vejo elle maretano,*  
*Seguro o leme da barca*  
*Que as barreira stão quebrano.*

*– Querê bem – não é bom não!*  
*É cousa que mortifica.*  
*Endoidece, se é home.*  
*A muié logo intesica.*

*– Querê bem – não é bom não!*  
*Fais entojo, fais azia.*  
*Fais a gente andá penano*  
*Da meia noite pro dia.*  
*O amo entra nos óios,*  
*Vae no peito dereitinho,*  
*Ô dispois que fais estrago.*  
*Vai andano sem caminho.*

*Quem dissé que amo não doe,*  
*Digo na cara que mente.*  
*Amo de'xado pro outro*  
*So cachorro é que não sente.*



*Vara que vai varano,  
In pricura de seu varanda,  
Veja lá cum'ê dicente,  
Cê de lá e eu de cá.  
Se a vacca mansa dá leite,  
A braba pru que não dá?  
No dia de meus azeite  
Até a braba dá leite.  
Ti ti ra ra ôh lá lá!  
Ti ti ra ra ôh lá lá!*

Ou num batuque quente á descer:

*Na Bahia que tem,  
Eu vou mandá  
Buscá  
Carrapato,  
Carrapicho,  
Pra nós caçá.*

Mas, estes eccos que se extinguem agora, não musicados evocam-nos a imagem affectuosa da indeclinável justiça retrospectiva que não deixará passar a sequencia sublime dos acontecimentos na tradição oral e escripta dos XVI, XVII e XVIII séculos da conquista e formação dos núcleos.

\*\*\*\*

Fernão Dias Paes leme, o grande bandeirante paulista, administrador das Esmeraldas, assenta sua barraca nas margens do Rio das Velhas, onde vêm a fallecer, oito dias, antes da chegada de uma outra bandeira, em busca tambem das

decantadas esmeraldas e pelo mesmo caminho com um segundo administrador régio D. Rodrigo de Castello Branco.

Este se dirige a Manoel da Borba Gato, superintendente e genro de Paes Leme; delle exige documentos e roteiro das Minas. Borba recusa a entrega. Travam-se de razões os dois. Surge uma lucta, da qual, alli mesmo na barraca do Borba, cahe Castello Branco, varado por dois tiros.

Nesse momento afflictivo as bandeiras se defrontam.

Deu-se o combate. A adventicia é derrotada.

Os vencidos correm e refugiam-se nas orelhas das mattas virgens do Rio São Francisco.

Em 1668 fundam estes a – E – do Rio o arraial de São Romão, depois de trucidados os indios Guaybas em sua taba na ilha fronteira aos 23 de outubro daquelle anno, sob o commando dos sertanistas: Januario Cardoso, seus dois sobrinhos, os Toledos, Mathias Cardoso, o portuguez Manoel Pyres Maciel Parente, Antonio Filgueira, Saraiva e outros.

Dois annos depois, os mesmos, sob o commando de Manoel Pyres, em 1670, investem a taba dos indios Caiapós e fundam o Brejo do Salgado, 20 leguas abaixo.

Antes de 1670, a bandeira, descendo ainda 29 leguas, tendo á frente Antonio Filgueiras, derrota uma confederação indígena e funda São Caetano do Japoré.

Após estas victorias, funda januarina Cardoso, à margem – D – os arraiaes do Meio e de Morrinhos, antes de 1704.

Morrinhos tem o seu nome mudado para o de Mathias Cardoso; mas, passados annos, retomára o seu antigo nome.

Hoje, e recentemente, por uma lei do Congresso Mineiro, voltou ao de Mathias Cardoso; mas, de justiça deveria ser – de Januario – seu verdadeiro

fundador, cujos restos mortaes La descançam ao pé do altar mor do magnífico templo por elle mandado construir, a partir de 1704 a 1723.

\*\*\*\*

Descoberta do ouro – Retrocedamos um instante.

Borbba Gato, após a morte de Castello Branco, foragido por ter assassinado um nobre, descobrira as rumorosas minas de ouro do Cabeté, em 1692 e 1693. Divulgada a noticia, despovoa-se o littoral atlântico numa arrancada de todas as pontas.

Caravanas e caravanas de aventureiros deixam a capital do Paiz e internam-se numa etapa de mais de 200 leguas, a começar da aldeia de João Amaro para Morrinhos, no São Francisco e de lá até as minas.

As desertas margens do Rio repentinamente cobrem-se de povoados, de lavouras e fazendas de gados. Uma verdadeira invasão!

Commercio, trafficancias e exploração de toda a sorte no caminho do ouro!

Pela concorrência e fornecimento de gados e viveres diversos para as minas, o São Francisco por algum tempo tomou o nome de – Rio dos Curraes – vez a vez pela enorme quantidade dessas urupucas temporárias.

Zona extensa, longe de qualquer policiamento, a invasão trouxera consigo sinistras correrias, crimes atrozes, roubos e assassinatos.

Organizadas e mortíferas quadrilhas escondiam-se nas expessas mattas.

Para acodir ás desordens é nomeado capitão commandante das guerras do gentio no São Francisco numa extensão de mais de 100 leguas, o portuguez e mascate Manoel Nunes Vianna.

Este, também aventureiro, segue até ás minas, aproveita os bons tempos da abundancia do ouro em alluvião, e só elle, alem dos mais, adquire cerca de 50 arrobas do precioso metal.

Acodem forasteiros de todas as partes do Brasil.

A fama desmedida e transfigurada atravessa o Atlantico. Chusmas de estrangeiros aventuram-se tambem.

Os paulistas visam com máos olhos a formidável enchente de forasteiros.

Não gostaram.

Por escarneo appellidavam-nos de – emboabas – (pintos calçados) e reclamavam com usura o privilégio da descoberta.

Consequencias: a grande guerra dos Emboabas: deixa o generalato de Nunes Vianna, o primeiro dictador que teve a America do Sul e a derrota dos paulistas.

Terminado o conflicto por intermedio de Antônio de Albuquerque, governador das capitancias de São Paulo e Rio, criou-se a de Minas Geraes.

Muitos dos cabeças da guerra foram-se abrigar nos arraiaes de São Romão e Brejo do Salgado, no correr dos annos de 1708 a 1710.

\*\*\*\*

O Ouro – Carne para canhão.

Senhores! – Consenti que vos externe algumas verdades que me atormentam e aqui ficam como protesto.

Em todos os tempos – o Ouro – esse tyramno do mundo, a doença dos seculos, a peste das nações, loucura dos magnatas e perdição dos pequenos, foi, é e será sempre um fomento de desordens, mais do que de prosperidades, no seu louro e ephemero prestigio de déspota; aqui na inquietação, marcha e progresso dos povos para o desconhecido; além nos europeus, nas incertezas e desemganos –

ilusoria e desventurada fumaça – nos modernos massacres de uma selvageria civilizada, nas maresias das conquistas pela guerra, nesses abysmos de destruição em que se vestem manhãs de gloria e mentira.

Cancerosa chaga! Vertiginosa torrente! Desgraçado imperialismo, desenlace e simulacro de grandezas funestas obscurecendo os horizontes da humanidade, o flagello ameaça subverter todo o patrimonio do verdadeiro ouro dos genios e a pedra, rio fulgurante das intelligencias... dos talentos da mocidade universal.

E adeus! Primavera da vida! O ouro é bom? Quem o contestaria nos apuros transcendentales da existência?

Crescite Et multiplicamini!... Et lux facta est...

\*\*\*\*

E a luz se fez!

Tudo cresce, tudo se multiplica sob o mais sublime dos preceitos recommendados: - Amai-vos uns aos outros! – o Homem, rei da criação, espantado da maravilha, e mais do que isto, da propria realeza, sequioso das maiores munificências, o mais bem aparado asselvajou-se; entrando em si mesmo a conspirar, inverteu os divinos mandamentos. Ninguem mais alto!

E perdeu-se! Calcou nos pés todos os benefícios e respeitos devidos á Divindade, enchendo o mundo de ruínas ao clamor abafado de campos sanctos da juventude – matando!...

Que desabusada impiedade, que soberba desabusada!

Que tremenda apostrophe de effeitos tão revoltantes: carne para canhão!!!...

E o mais torpe escarneo que partio da bocca e do coração do homem: a maior das ironias, o mais grosseiro, perigoso e pungente dos insultos, a injuria mais feia, mais tenebrosa e vil dos tempos modernos, ingrata e sacrilegamente



atirados sob os ceos divinos, contra os bemdictos e generosos seios das mães de todo o universo.

Se o ladrão e o bandido atacam o viajor a estrada, a defeza se faz. Se é a honra, o mundo vêm abaixo. E porque não estas verdes esperanças, os entes tão queridos, devastados pelo erro e a cobiça dos déspotas?!...

– Carne para canhão!?... – Repeliu? – Inda não!

Vae-se pensar ainda. Os monstros não se atacam. Adoram-se!

\*\*\*\*

Senhores! – Atravessamos uma quadra impossível de se entender. Onde está essa humanidade tão sciosa de seus direitos, de seus brios, de sua independência?

Onde se enconde tão caprichosa, bancando tanta importancia, cheia de si, tão dengosa, derreada, recalcitrante, valente e palavrosa?

Estará dormindo... viajando?!... Que dormindo nem viajando?!...

Está por ahi, agachada, tremula, silenciosa, impassível á dor alheia, enquanto não chega, não soa sua vês, numa tremenda covardia, escutando atraz da porta, assoviando, apoiando em publico o que não presta, resmungando em surdo silencio – pomba – entre os grandes – leão – entre os pequenos, apavorada com a infernal aggressão.

Egoista, surda e supersticiosa, falsamente carrancuda pela fatalidade que sangra, convicta de que assim seja, carneirada aduladora, miseravelmente entrega e para sempre o mais sagrado penhor que lhe confiára o céu – o amoroso fructo de suas entranhas; servilmente sem protestos paga o tributo da res, marchando para o matadouro, ao prestigio de uma gargalhada, talvez, pela infelicidade de seus irmãos: - Carne para Canhão!...

Que aviltante bofetada, senhores academicos!

Que vergonha! Esta affronta terá fim, ou não mais possível a vida sobre a terra.

Elle é de uma soberania que se impõe, exige e manda – o Ouro – deificando o homem.

Todavia, existe um arbitro supremo, onipotente, sem relatividades, que não presta homenagens á naturezas inanimadas, não se confunde com a matéria, não transige nem se compraz com os desmandos de quem por ella se escraviza, adquirindo-a, ou provoca sua justiça, menosprezando-a com a sua rebeldia e altivez luciferianos.

Não vos espanteis que esse poder seja Deos, quando chegarem as mensageiras pragas das paixões já desencadeadas e que não vêm distante, vós, exploradores da matéria, conductores de flagellos, torpes traficantes dos açougues de carne humana, da agonia e morte das Nações.

Que me perdoe a Academia ser arrastada irreverentemente para estes propositos, encontrados no caminho de um brasileiro.

\*\*\*\*

Independencia – Reatando o fio. Da colonia á Republica.

No transcorrer dos seculos anteriores quasi a mesma bagaceira.

Portugal. Nação pequena – jardim á beira-mar plantado – com o commando das descobertas, julgou-se mais azo no manto regio do ouro, vibrou de intensidade na riqueza. Mandou discricionariamente!

Mandou mesmo faustosamente soberano!... mas, não poude supportar, não soube nem mesmo achar canteiros para a febre ardente da miséria em que tombára, prepotente e ganancioso.

Minas soffre o jugo de leis draconianas. Minas geme até á angustia da revolta.

Portugal recrudece. Felyppe dos Santos, em 1720, é rasgado por quatro cavallos bravios na praça publica de Villa-Rica.

O panico que assoberba os animos tambem atíça as labaredas de outros velhos incendios que vinham lavrando desde o Maranhão, no supplicio de Bekman ou Bequimão e se ateára na epopéa fulgurante dos Palmares.

Germinada a semente, crescia a arvore miraculosa da Independencia. Crescia!

Ventos surdos mourejavam-lhe abrigando em memorosa planície a querida e sancta imagem da pátria.

Em 1736 (quem diria?) defere tambem o seu grito o pequeno Brejo do Salgado (Minas). Abafada a conspiração por dennuncia de Pedro Mariz, em São Romão, são mettidos a ferros: Maria da Cruz, seu filho Pedro Cardoso, o vigario do Salgado Padre Antonio Santiago e Simeão Corrêa pela força publica de Villa Rica e enviados daquella fortaleza das montanhas interiores para as prisões da Ilha das Cobras, aqui bem perto de nós, excepção unica do Padre Santiago, que, segundo antigas chronicas, amanhecera morto na cadeia de São Romão, onde fora recolhido, quando de passagem.

Seguio-se o sequestro dos bens dos revolucionários e salgadas as suas residências depois de destruidas.

Era da pragmática – aquella gotta d’agua no oceano do mandonismo tanto não bastava.

Portugal, poderoso e rico e no fundo bem frágil e muito illusório ostensivamente prateava as patas de seus cavallos e erguia neste Rio de Janeiro o cadafalso de cujos degrãos – Tiradentes – estrella dos bravos – tocára o rebato, serenamente e bem alto nas trompas do anjo libertador 56 anos depois.

Os demais condemnados inconfidentes, sepultara-os a mesma iníqua sentença para sempre nas brumas do exílio.

Mas, o sangue derramado não morre, porque o ideal de uma verdade não se suffoca.

Sua eloquencia é um perigo.

Pretender-se soterrar um vulcão, ou sequer intental-o, seria uma rematada loucura. Mais depressa rugeria com suas lavas incandescentes.

Na ordem physica, qual na ordem moral os elementos como que se confraternizam por mysteriosas sendas.

O supplicio de Tiradentes extravasára a medida do destino, provocando a balança e a espada que um dia o feririam também de morte. Não se assassina impunemente um justo que a posteridade glorifique.

De que valeo ao throno a estúpida selvageria nas pompas de uma forza?

Infelizmente, Senhores, forçoso confessar que a o obstinação continua; o sangue em jôrros se derrama sem cessar. E a historia que registre impassivel o retorno de outras eras. Ha piratas que investem em pharóes accesos.

Na presente hora em que o universo se transforma por inspiração de um cultura novíssima, abrindo rumos certos e clarividentes em todos os sectores do labor investigador que vemos nós?

– Transição de edades?

A contemporanea, passando em lucta aberta com a idade da luz que surge. Uma accende os fachos do anniquilamento, outra os raios da resurreição.

Nos dois campos oppostos formidavel a resistência!

O bacamarte raiado assesta-se contra as asas blindadas da sciencia.

Dois combatentes de defrontam e couraçados se estreitam.

Rajadas de formosas e nobres ideaes contra civilizações caricatas, presumpçosas, caiadas á moderna, cujos moldes antiquados e caducos já não calham em armaduras de defezas invioláveis, e pretendem impor preceitos por processos baralhados.

De ambos uma conquista intelligente: a paz ou o extermínio. Infeliz o que cahir.

Maldicto aquelle que, sem prever consequências, tem medido toda a extensão da sua queda, cavando na valla commun os sete palmos de terra podre e... anemathisada!

\*\*\*\*

Era o anno da graça de 4 de Abril de 1792

O cyclone não mais se detivera, desde então.

Portugal adoecera. Portugal enlouquecera.

Iracundo como a vingança, o Sansão da revolta sacodia os baluartes da Colonia. Tremera a terra dos Balaíos, dos Mascates, da Sabinada, dos Miguelinhos, dos Canecas, dos Leões Coroados!

Formidavel o granizo dos sonhos do Equador!

Por instantes uma faísca vibrára sobre o nervosismo do Ypiranga e o bolido, em trajectoria estourára nos sêrros da Bahia, nos campos do Pirajá.

Porem, o estrondoso feito era a liberdade em marcha que um throno ainda repellia ao mesmo tempo que abdicava no furor da refrega.

Demonstração de força era a epopéa do poder guerrilheiro do autor da pátria, abrindo os alicerces do poder absoluto. Um como armistício em tormentoso ceo!..

La bem longe... no horizonte... a vermelhidão de uma cratera desfraldava inopinadamente na campanha dos pampas o labaro dos farrapos – 1830!

O vulcão não cede.

Avança! Arranca sobrepostas montanhas e apparece... la no fundo do vazado boqueirão – Santa Luzia de Minas Geraes – 1842!

É cedo ainda.



Surge o Paraguay – uma calamidade precursora para futuros destinos com os primeiros alvares dos grandes acontecimentos da historia pátria – a redempção dos captivos.

Com ella, immediatamente o romper desta brilhante aurora de 15 de Novembro de 1889; e logo mais, nos escalvados e nevoentos cimo destes azullados montes, muitos delles repousando, symbolo de amor e fraternidade universal – a imagem sacrosanta do primeiro republicano do mundo – Christo Redemptor – alli no Corcovado!

Ah! Senhores, tudo passa, até o homem – rua da amargura – terra cahida, ruína e cinza do esquecimento!

Ao encerrar deste cyclo de grandes sanctos, de grandes martyres e apostolos que se evidenciaram nas dolorosos, mas, vibrantes brados da Republica, nas arrancadas seculares e semi-seculares desses illustres órgãos da democracia, apparece o Sertão longinquo, o ultimo de todos por excellencia – o velho Brejo do Salgado, na figura varonil de um dos seus filhos o antigo pregador da Capella Imperial e Vigario. O grande Conego José Antonio Marinho, o revolucionário da Republica do Equador e do Movimento Liberal de Minas, em 1842; e, finalmente na Republica Reformada o bravo Te. Cel. Fulgencio de Souza Santos, no duello fraticida da Serra da Mantiqueira.

E permittam-me, Senhores Academicos trazer-vos, qual de justiça ainda desse Sertão, entre vós e no nosso quadro de destaque social, os eminentes vultos de Hermenegildo de Barros, Orozimbo Loureiro, Carlos Chiacchio, Manoel Lagoeiro, alem de outros menos illustres que dalli partiram.

\*\*\*\*

Eis-me na Avenida de que vos falei.

Estou bastante receioso, Senhores, do uso e do abuso que faço da vossa benevolencia.

É que sou um sertanejo incontestavel, teimoso, não podendo reprimir desejos de dar-vos uns modellos ou cores dos folguedos da massa anonyma de meu povo, e deste um eloquente idéa do que poderia ser, se a região, digna de melhor sorte, tivesse quem lhe apparelhasse os caminhos.

Como assim não acontece, affirma-nos ella que:

*O auctô da natureza*

*Mandou dizê cá na terra:*

*Que o sangue corre é na veia.*

*Dinheiro é que vence a guerra.*

*Peixe não anda no secco,*

*Nem água rálla na serra.*

*A regra do mundo é esta,*

*Saudoso vou te contá:*

*So corro atrais de boi grande,*

*So carrego o que eu posso,*

*E vou adonde me chamá.*

*Mundo aberto, chão parado,*

*Escuro é noite, claro dia.*

*Galinha chóca é que chóca,*

*Pinto pequeno é que pia,*

*Cachorro gordo é que late,*

*Gato com fome é que mia.*

*O povo diz e é certo,*

*Valentia não é bôa fama.*

*Não dê ni home na casa,*

*Não dê na cobra na cama.*

*Ovo cum pedra não briga,  
Pruque no batê derrama.*

*Sambahyba não é lenha  
Que se bota no fogão.  
É páo fofo que não presta,  
Dá cinza não dá carvão,  
So morada de cupim  
Com um boraco no chão.*

*Todo o branco qu'ê sê rico,  
Todo mulato – pimpão,  
Todo negro – feiticeiro,  
Todo cigano – ladrão.*

E neste peregrinar, Senhores, iríamos bem mais longe, se o tempo não requeresse presteza, pois estamos bem perto da Avenida do *Brasil Interior* que é meu torrão adorado, e necessito pedir-vos mais um pouquinho de indulgencia plenaria, nella penetrando commigo.

É um recreio, ou como se diz hodiernamente, um pouco de turismo.

E entremos sem hesitar, porque tudo é nosso e optima a camaradagem:

– O Rio, a floresta verde, a paisagem e o remanso harmonioso de pouco mais de 16 mil almas, em parte, ou se quizerdes no todo do Sertão. A milhao e tantas mil almas, quase 2 milhoes, so em Minas nos 17 municipios apartados.

Aqui moram e se hospedam nos prados, selvas, campinas, vargens, flores e hervas perfumosas: o amor, o sorriso, a esperança, o sciume, o despeito, a colera, a lavoura, a alegria, a tristeza, a nostalgia, a emocção, a dor, o heroismo, a luta; todo esse tecido que se chama – alma contemporanea.

Nella scintillam os dias venturosos, encimmados das horas incontidas, a graça, a affababilidade nos aspectos íntimos dessa encantadora vaga humana de costumes patriarchaes.

Não vos detenham, porem.

Um clarão de luz mysteriosa se diffunde nos espíritos altamente incultos.

É a luz do Espírito Santo numa eclosão divina.

Vós que sois genios, educados no supremo esforço do trabalho e na contemplação do livro e do sublime, haveis de extasiar-vos ante o phenomeno do creador, e admirareis a fulgencia de outros genios, cada qual dentro de suas estreitas espheras, intelligencias precocemente phenomenais, destinadas para a mechanica, para a mathematica, musica, pintura, poesia, e consequentemente para a engenharia, a medicina, o direito, o sacerdocio, a milicia e artes plásticas.

Bem poucos com o abc, apenas.

E o resto?...

Chama-se resto a estrada tortuosa que conduz ao crime e ás desillusões sem remédio, sem escolas, portanto.

Para outras artes: – ferreiros, alfaiates, serralheiros, carpinteiros, marceneiros, pedreiros, architectos, e até para a aeronautica – verdadeiros esboços para preencher os degrãos da escala social.

É a formidável embaixada do equilibrio do mundo brasileiro em todos os rincões interiores.

Decantam-se quotidianamente os inesgotaveis thesouros do solo pátrio; porem, as verdadeiras fortunas, os thesouros do Brasil são os brasileiros, desse Brasil tão mal descoberto, não revelado ainda, verdadeiro Brasil inculto, Brasil pagão, Brasil em fraldas de camisa.

Aquelles, na originalidade da terra moça, eternamente encrustam-se; enquanto est'outras, a moeda viva, intrinsecos valores representativos desta

Nação, de olhar aberto sobre o presente, são plantas e flores que se estiolam á mímica de cultivo.

Fatura de thesouro, thesouro assombroso, patrimônio desperdiçado... desperdiçadíssimo... perdido! Brasil descoberto?... Que esperança! Descobrio-se o páo-brasil!

Com tintas indeléveis e vivazes que 3 mil annos não pouderam ainda destruir, temos lá nas grutas e desvãos das nossas serranias interiores inscrições rupestres de egypcios e phenicios, rumando para o Paraguay, até hoje desafiando pesquisas históricas.

Oh! Nem falemos! Dito isso assim de passagem escutemos: margem de um caminho que parece ermo. Sua redonda, resplandecente, sublime! Repentino um canto ao longe aos roncões de uma roda de mandioca na casa de farinha!

É o trabalho da desmancha.

É o himno – o cantar dos cantares – premio das mais divina esperança de quem moureja sol a sol.

Dois truculentos matutos improvisam ao jugo do moirão um desafio, tão distante dos duellos, dos murros assassinos, immoraes, mas... simillares:

*No caminho do sertão*

*Encontrei uma jabiraca,*

*Que, custano u'a pataca,*

*Eu comprei por um tostão.*

*Eu trazia o meu surrão*

*De couro de treis oveia,*

*Cum treis cabaça bem cheia*

*De leite de caititu.*

*Subi num mandacaru,*

*E vi teu rasto n'areia.*

*Eu vi tem rasto n'areia*

*E me puis a maginá:  
Ô que mimo tem teu corpo,  
Que teu rasto fais chorá!  
No pé do pão tem oco,  
Onde tem um mangangá,  
Mais em cim um enxuy,  
No meio um arapuá.  
Numa gaia uma pintada  
Na ôta maracaiá.  
Tirei um bolo de barro  
E tapei o mangangá.  
Bati fogo no enxú,  
Furei o arapuá.  
Dei um tiro na pintada  
E meus parente da banda de lá.*

*Marimbondo mangangá  
Só fais roça na caatinga  
Quem não pode c'a mandinga,  
Não carrega patuá;  
Que a desgraça de páo verde  
É tê páo secco encostado,  
Pega fogo ni páo secco,  
La vae páo verde queimado.  
Espaia brasa no chão  
E fica tudo arradado.*

*La em casa tem um gato  
Que sabia tirá leite.  
Galinha de La de casa  
Sabe brigá de porrete.*

*La em casa tem um capado  
Que sabe encorá tamborete.  
Cachorro lá de casa  
Sabe tocá machête.  
Um papagaio no páo  
Que sabe tocá foguete.  
Uma arara cantano  
Im riba do catolé;  
N'era coco, n'era nada,  
Era um vaqueiro de pé,  
De guarda peito e gibão.  
Cumo de janeiro trovão  
Dei um xute na cabaça  
Pru riba dum marmeleiro  
O gibão delle roncava  
Cumo trovão de janeiro.  
Eu drumia e acordava  
E a capanga do nêgo zuava.*

Ao terminar este canto, de há muito que a deliciosa farinha e saborosas beijus estão sahindo quentinhos do rude e primitivo fôrno de torrar das alegres mas, miserandas choupanas sem conforto.

Este desafio é um símile dos que se verificam á viollla em festins e que acabam muitas vezes aggressivas e terríveis, por insultos e brigas, quando os menestréis que se julgam invenciveis, como no presente caso de dois cantadores – um beijudo e o outro ladrão:

*O beijo de Damião  
No inferno foi pezado:  
Partio beijo, pezou beijo,*

*Ficou muito beijo espaiado.*

Ao que o outro retruca:

*No caminho dos inferno*

*Bem dent'ó, lá nas profunda,*

*Domingo voi encantado*

*C'uma cobra na cacunda...*

Agora, Senhores, ouvi dizer que nos festins das lendas trágicas ou amorosas sempre appareceu uma fada tangendo um violino! Um violino!?...

No silencio augusto das selvas, como um gemido terno, apaixonado um violino suspira agrestemente. Que delicia!

É irrisorio! Mas, vereis esse violino, bemfeito, polido á canivete e trinchete, lixado á folhas de sambahyba, com encordoamento de intestinos de macaco e coatis, teias de aranha e fibras de tecidos sylvestres.

É tangido com seu arco de cerdas de cauda de cavallo, arrancando muito afinadas, n'uma moda inspirada, sem os requisitos de pautas musicaes, de que absolutamente ignora seu autor, sem recursos de aprendizados, pois que é desgraçadamente analphabeto, descendente, talvez quem sabe? D'alguema das antigas fadas.

Muito fica a desejar, Senhores, sobre cantos, contos, lendas, usos e costumes do “Valle das Maravilhas” como lh'o apellidou Noraldino Lima.

Para elucidar-vos alguma cousa mais, deixo á esta Academia alguns volumes do “Brasil interior”, para não irmos mais alem, porque entardece bastante, e eu não desejo roubar-vos o precioso tempo, nem o delicioso somno que se avezinha.

Poderia dar-vos ainda um aspecto lisongeiro de varios quadros da vida sertaneja; porem, em toda e qualquer pagina aberta do nosso livro achareis a alma palpitante dos queridos entes que la vivem.



E eis, de modo perfunctório o curto esboço do Sertão, these bastante conhecida, explorada, repisada e superiormente tantas vezes ilustrada por bellissimas memorias, ao pé deste borrão dos meus idolatrados Mattos Geraes, pelos quais, terminando esta rude e fastidiosa Conferencia, sinto-me na obrigação, e devo fazer um appello a generosa Academia Carioca de Letras, pedindo-lhe um pedaço de pão das sobras do seu banquete espiritual, para remissão de tantos brasileiros, orphãos em sua nacionalidade, atirados á expessura da grande treva da ignorância.

Elles nada mais querem, nem desejam, sinão toda a vossa amizade, um sorriso, um carinho, uma lembrança, um livro, um folheto, uma memoria, enfim, da fina flor da Academia que aqui viceja no perfumado jardim da Cidade Maravilhosa, para uma bibliotheca infantil, iniciada já na terra sertaneja – Januaria – no *Paranapetinga* (Rio de S. Francisco)!

Mais uma vez, profunda gratidão.

Tenho concluido.

**Manoel Ambrósio**, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas.

Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1935.

ns- mo nas  ria  res he, se-  er- bas tey im	poetas modernistas se modificam e dahi o ve- rificar-se que nos versos lidos se encontram todos os elementos de que se fazia a poesia classica, havendo apenas, actualmente, em jus- tificativa do modernismo, a dimensao absoluta dos versos de legua e meia.  O Sr. Prado Ribeiro apresenta á Academia o Professor Manuel Ambrosio, folk-lorista minei- ro, autor do "Brasil Interior" e membro do Instituto Historico, de Minas Geraes. E o Sr. Ambrosio, com o agrado dos presentes lê va- rias paginas de observação da vida sertaneja á margem do S. Francisco, com manifestação do folk-lore nas suas gentes.  O presidente pede aos academicos, em nome	rist ner pod que que  o c sen pal Já
---	---	---

\*4





## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

### Manoel Ambrósio e às gentes sanfranciscanas

*Porque, de fato, não há história sem seqüência, e do povoamento à penetração do vale do S. Francisco ficaram-nos depoimentos isolados, casos ou detalhes insignificantes. (Carlos Lacerda)*

**E**ste não é um estudo sobre a obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. Tampouco se trata de uma pesquisa historiográfica. Esta edição é, antes de tudo, a tentativa de dar a conhecer às gentes do São Francisco – seus barranqueiros e tabaréus – um pouco da história do povo desse “rio sem história”, como bem afirmou Vicente Licínio Cardoso.<sup>5</sup>

Em obra dedicada à memória do mestre Manoel Ambrósio, Carlos Lacerda<sup>6</sup> afirma que a vocação para a lenda e a credence *parece avultar mais no São Francisco do que em outra região brasileira, à exceção do Amazonas*. Tal vocação, alimentada pelo rico imaginário popular da região, é o grande tema dessa obra que ora reapresentamos ao leitor.

Foi quase com reverência que recebemos dos Ambrósio a incumbência de cuidar do acervo desse autor, até então guardado a sete chaves. Não obstante essa quase devoção, não sabíamos o que nos aguardava. Manoel Ambrósio – januarense que por reverências políticas passou a nomear rua de sua cidade natal e biblioteca pública – era, na verdade, *venerável figura de velho dedicado às letras, na cidade de Januária (...)*, como escreveu Carlos Lacerda, em 1964.

Dessa dedicação nasceu *Brasil Interior – Palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco*. Escrito em 1912, mas só publicado em 1934 pelas mãos do Professor Nelson Benjamim Monção, a obra compõe-se de doze lendas, treze narrativas e quinze contos do imaginário regional e universal que retratam o

*modus vivendi* dos sujeitos ribeirinhos em 1912, seguidas de um glossário que intenta elucidar os sentidos atribuídos a cada um dos termos.

E que não cause espanto o fato de esta edição ser trazida a público tal qual foi escrita em 1912 e uma vez editada em 1934. É que não empreendemos qualquer mudança em sua estrutura original. O registro ortográfico que decidimos manter retrata a ausência de um padrão uniforme de ortografia que vigorava entre os escritores da época, quando a necessidade de uma reforma ortográfica já se fazia sentir. Por essa época, além das variações fonéticas, o que fazia com que uma mesma palavra apresentasse formas gráficas diversas, muitas palavras eram escritas à semelhança do grego ou do latim, numa tentativa de se remontar à etimologia dessas palavras.

Segundo um estudioso da obra – Cosme Damião da Silva<sup>7</sup> – a escrita de Manoel Ambrósio é uma tentativa de conciliação de duas modalidades da língua: uma, que se espelha na norma culta; outra, que se reflete no dialeto caipira. Isso porque, no papel de narrador, o autor reserva para si a tradição gramatical; enquanto que na fala dos personagens ouve-se o *eco de um dizer próprio de uma camada da população cuja fala se pauta pelas características estudadas por Amadeu Amaral, a respeito do por ele chamado, Dialeto Caipira*.

Os leitores se depararão e se deliciarão com uma escrita que, além de peculiar, brinda-nos com um vocabulário pitoresco, mas tão comum aos ribeirinhos: neologismos, regionalismos, expressões idiomáticas tão bem incorporadas por Manoel Ambrósio, seja na posição de narrador seja na condição de personagem das narrativas. Ler esses contos e lendas é como ouvir, como ainda é possível ouvir pelas logradouros de Januária, o falar arrastado, quase cantado, do povo da beira do rio.

O que sabemos hoje sobre Manoel Ambrósio aprendemos no pouco que se escreveu sobre ele e nas deliciosas conversas com seus descendentes mais próximos. Visualizamos, nessas conversas envoltas em mistério, *homens vestidos de branco, de mãos dadas em forma de ciranda, protegendo o Manoel das balas que o queriam matar*.

O muito que nos foi legado faz parte do Projeto intitulado Centro de Memória, Documentação, Informação e Pesquisa Professor Manoel Ambrósio, sediado na terra natal do autor.

**Ros'elles Magalhães Felício**, da Universidade Estadual de Montes Claros.

Januária, em 22 de agosto de 2015.





## PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

### É hora de Palestrar!

**O** Sertão é categoria...  
O tempo passou, passou; eis que me chega à mão a obra *Brasil Interior: palestras populares – folk-lore das margens do São Francisco*. O Sertão se casa com o São Francisco e nos revela o “Brasil Interior”, o Brasil da Verdade!

Trata-se de obra escrita por volta do ano de 1912 e que viveu as aventuras do Sertão em busca de reconhecimento por outro Mundo, o Brasil Litorâneo, Centro excêntrico do Brasil, o Brasil pensado nos limites do Além Mundo! Mundo da ordem do saber credenciado! Escrita em 1912, somente mereceu a primeira edição no ano de 1934, possivelmente em louvor à idade provecta do autor. Na data da publicação, o professor Manoel Ambrósio se preparava para celebrar 70 anos de vida.

O folclorista e historiador Basílio de Magalhães se encarrega de narrar parte desse percurso. Então, reinava nos estudos de Folclore um nome ilustre: Sílvio Romero. Manoel Ambrósio imaginou que esse ícone da história da literatura brasileira e dos *Contos Populares do Brasil* poderia se interessar pela leitura e edição da obra *Brasil Interior*. Acontece que Sílvio Romero era um sábio nobre do século XIX; exibia diploma da Escola de Direito de Recife. Doutor ele era. Doutor credenciado, não deu importância aos escritos “espontâneos” de um homem do sertão, afundado no Salgado ou nos cafundós do São Francisco. Nem mesmo cuidou de devolver diretamente os originais remetidos e muito menos de redigir um pequeno bilhete para o autor. Ao tomar conta desse aparente desprezo, Basílio de Magalhães passou a desprezar também os feitos de Sílvio Romero e suas ambições. Em crítica aos *Contos Populares do Brasil* – Brasil! – Basílio comenta:

*Embora lhes dê o título [Contos Populares do Brasil] a aparência de tesouro de lendas de toda nossa vasta nacionalidade, quem os examinar a mais comezinha atenção verificará terem sido somente colhidos, e apenas em número de 88 (incluídas aí meia dúzia de versões tomadas ao o Selvagem, de Couto de Magalhães), a maior parte de Sergipe, berço de seu competente organizador, regular quantidade de Pernambuco, onde cursou ele a faculdade jurídica, e menos de uma dúzia aqui, na capital do país, onde passou o melhor de sua indefessa existência objetiva. (...) mais acertadamente houvera procedido Sílvio Romero, se lograsse a colaboração de outro idôneo cultor do nosso folclore, o seu comprovinciano João Ribeiro, e, juntos, enriquecessem as nossas letras, tão indigentes a esse aspecto, com uma coletânea de mais extensão e melhor arranjo, semelhante à italiana.*

[Canti e Raconti Del Popolo Italiano, 1871. [p.31-32]

O mau humor para com Sílvio Romero transparece ainda nessas ponderações:

*“Tenho informação fidedigna de que um meu conterrâneo, o Prof. Manuel Ambrósio de Oliveira, residente em Januária, organizou não pequena colheita de cantos e contos populares, ouvidos pessoalmente na vasta zona mineira do São Francisco. Remeteu-a a Silvio Romero, que, encontrando dificuldade na tentativa de dá-la a publicidade, a devolveu ao dono, por intermedio do diretor da Biblioteca Pública de Aracaju. Está, portanto, inédita, - o que é pena, pois de quem teve azo de examiná-la (o Sr. Urbino de Sousa Viana) sei que por ela pode averiguar-se a influência baiana no folclore daquele extenso rincão da terra dos inconfidentes.”*

[p. 34-35.] [MAGALHÃES, Basílio de. *O Folclore no Brasil*, 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1962. Primeira edição, publicada no ano de 1928. Imprensa Oficial]

Este comentário de Basílio Magalhães traz-nos informações adicionais. O Sertão do São Francisco se despertava para palestrar sobre seus próprios feitos. A Manoel Ambrósio de Januária somava-se Urbino Viana de Montes Claros das Formigas...

Ao ter em mãos “Brasil Interior” o leitor perceberá sua importância e atualidade. Com efeito, a marca principal do estudioso do Folclore é a atenção ao local onde vive e ao percurso que faz. Desde os anos 70, quando a Comissão Mineira de Folclore promoveu atividades em parceria com o, então, Conselho de Extensão da UFMG, vimos insistindo que o estudioso de folclore não faz

“observação participante”, mas “participação observante”. Esta é a marca da obra de Manoel Ambrósio. Narrar e sistematizar o vivido. Não se há de aguardar a atenção de visitantes ilustres como o que fez Donald Pierson ao reunir centenas de estudiosos para narrar as histórias do *Homem no Vale do São Francisco*<sup>8</sup>.

Ao afirmar que o estudioso de folclore participa e observa ao contrário de observar e participar, diríamos melhor hoje de “vivência atenta e sistematizante”, o que quer dizer que o estudioso de folclore não inventa um objeto externo ao viver. Se anda a cavalo, relata esse viver. Se é boiadeiro, ou tem um amigo boiadeiro, é essa conversa que é comunicada ao leitor ou ao público. O nome “palestras” empregado pelo autor não o coloca em lugar privilegiado, num tablado, mas no varandão, numa esquina de rua, no banco de praça, no largo próximo a um rancho, palestrando com quem quiser participar da palestra.

Resultado disso é que, em qualquer lugar que o leitor se encontre, ele se torna, também, componente da palestra. Exemplo: a primeira lenda para palestrar recebeu o título de “A mãe d’água”. O autor, logo no início, acena para uma brincadeira de crianças com tições à mão para atrair “vagalumes azuis” cantando:

Vagalume, lume lume,  
Teu pai sta lá,  
Tua mãe sta cá,  
Pereira de Souza!

Imediatamente, eu entro nessa palestra e canto:

Vagalume, lume lume,  
Teu pai, tua mãe stá qui,  
Vem tocá viola prá nós dançá!

Manoel Ambrósio nos convida a palestrar. Salto agora para a página 113, e entro na palestra intitulada “Rei do Rosário”. Narra-se o caso de um tal de Manoel Bogodó que fora “eleito Rei de Nossa Senhora do Rosário”. Grande honra, penso eu. Rei! Engano. Manoel, o Ambrósio, decifra o mal estar de se tornar “Rei”, mas do Rosário:

“Logo que disto tivera sciencia, enfurecera-se porque o festejo era de negros e ele mulato, doente de branquidade, manteiga de sebo, homem



da alta sociedade, estava no caso de fazer uma festa, porem condigna, do império; pois que, festa de negros não passava de um abuso de confiança, um desaforo intragável, um insulto directo e falta de consideração á sua pessoa qualificada.” [p.113, ortografia do original.]

Essa pura palestra merece anos de palestras em todas as rodas. Temos um “mulato” **eleito** Rei do Rosário. Esse mulato sonha com “Império”. Mulato doente de branquidade! Coisas da ordem desordenada do Sertão! A pergunta deste leitor começa com a interrogação: quem inscreveu esse mulato doente de branquidade para ter o nome colocado no embornal do sorteio para sua surpresa de ver-se eleito Rei? No meu mundo Diamantino, todo Rei do Rosário é um branco de qualquer cor, ávido de ser celebrado pelo reino dos negros de alguma cor preta.

Há outros confrontos do Sertão com o Mundo da Mineração. O conto do “Matuto” [p. 235], narra o caso de um que visita o Conselheiro – do império, homem de pura nobreza, industrial – Mata Machado nas dependências da Fábrica de Santa Bárbara. Temos aqui a expansão da ordem da mineração para o Sertão. Entro nesta palestra para me recordar de Aires da Mata Machado Filho. Obrigome a isto. “Mas, porém, todavia” entro nessa palestra obrigando-me a relatar casos e mais casos de “dar manota”. O Conselheiro oferece aposentos ao matuto que não sabe como se comportar num ambiente nobre. Retira todas as cobertas e lençóis da cama para poder dormir. “Chega seu Zé, chega Mané, chega Pedro e Bastião, que seu Juca vai contá o que viu nas Capitá!”

Palestrar com Manoel Ambrósio é uma prenda. Não foi à toa que professores universitários com formações tão diversificadas<sup>9</sup> se encantaram com essa obra. Fico aqui pensando. Quem não adquiri-la, está perdendo uma das maiores criações literárias e de estudo do folclore que Minas deu à luz.

Ao encerrar esses comentários sem fim imagino duas convocações. A primeira se dirige à família de Manoel Ambrósio e aos organizadores; à Universidade brasileira e a todos os membros fundadores do Centro de Memória, Documentação, Informação e Pesquisa “Professor Manoel Ambrósio”. Obrigação moral – no sentido kantiano – de publicar nesta série uma biografia completa do percurso de nosso Manoel Ambrósio e sua descendência. Relatos de História Social.

A segunda é de convocar a Comissão Mineira de Folclore (CMFL) para se empoderar, inaugurando um Centro de Estudos do **Brasil Interior**. Isto é mais do que necessário enquanto há tempo. Nesse percurso haverá surpresas já antecipadas por Basílio de Magalhães. Há uma Minas Mineira, Minas da Mineração; há também uma Minas Baiana que sobe o São Francisco configurando o Sertão Exterior; outra Minas Pernambucana em que se delineia o Sertão Interior – a outra margem. Feliz Januária que decifra os saberes ribeirinhos de ambos os lados. Há uma Minas Goiana, uma Minas Paulista, outra Minas Capixaba com marcas do gentio da terra, uma Minas Mateira do Rio Doce, Jequitinhonha e Mucuri. Manoel Ambrósio nos desperta para as muitas Minas de um *Brasil Interior*. Brasília é, certamente, a concretização desse sonho de um Brasil Interior. Nele se há de celebrar nossa diversidade sem o comando das desigualdades. Diversidade merece festas, Desigualdade celebração do luto! Diversidade determinada pelas desigualdades é puro louvor ao Deus Mercado – Pluto – e sua celebração somente pode ser encenada em palco de comédias...

**José Moreira de Souza**, da Comissão Mineira de Folclore.

Belo Horizonte, em 22 de outubro de 2022.







## PALESTRAS POPULARES

### LENDAS

#### A Mãe d'Agua

**O** luar clareava as praias do Rio S. Francisco por uma d'essas formosas noites, após os últimos dias de inverno do mez de Março. O caserio do arraial da Manga resplendia em uma penunbra de luz, tão alva, como uma toalha.

O vento murmurava fresco e suave nas copas verdes das gamelleiras e quixabaes, enquanto as violas sertanejas gemiam no terreiro claro e varrido do casebre do velho Hylário, onde soavam doces éccos de primorosas cantarollas, aos dansares fatidicos do pequeno povo.

A meninada garôta, n'uma algazarra alegre, cantando e abanando tições, attrahia dos marneis visinhos os vaga-lumes azues:

Vagalume, lume, lume,

Teu pai sta lá,

Tua mãe sta cá,

Pereira de Souza!

E de longe, de muito longe... dos serrados, das varzeas, das catandubas, das lagôas, das praias e cercanias enlugaradas vinham elles, os vagalumes, girando com suas estrellas, cahir no engano d'essas chammastraiçoeiras. Sentada em uma esteira de palha, estendida á porta da rua n'areia fria e prateada, dizia D. Monica a seus netinhos:

– N'outro tempo (que ja não alcancei), contavam os antigos que n'este rio de S. Francisco appareciam muitas cousas encantadas,qu'inda hoje dis'que tem, como: a serpente do Rio, a mãe d'agua, o caboclo d'agua, o cavallo d'agua, o cachorro d'agua.

Dis, que tudo quanto a terra tem, a agua tambem.

Dis, qu'um dia um pescador de nome Simão – Cornêta – chamado, foi lançar suas pindas e cordas pr'alem da bocca do rio Verde Grande, logar até hoje afamado de muito peixe e enormes surubins, maiores doque um home, o mais alto d'este arraial.

Cornêta morava na Manga Velha – dos Cachorro – chamada, em uma ióta que o Rio comeu ja la muitos annos.

Elle, muito pobre, pobre muito, meus netinhos, casado e com muitos filhos. A ne'cidade obrigara-o ir longe de casa. Despedira-se da mulher e dos filhinhos que ficavam com fome.

De cima do rancho de capim de capivara tirou o remo, apanhou as linhas e as pindas, encheu a combuca de iscas de mossum, benzeu-se antes de entrar na canôa e embarcou-se depois, rio abaixo n'uma tardinha. De uma banda a outra do rio tudo socegado! Os barrancos stavam que nem viva alma!

Do lado de cá, onde o sol se hia, os mattos das vasantes deitavam sombras no mei' d'agua. Do lado de lá, todo o cordão da matta, cobertode uma luz que na verdura parecia ouro em pó deluido. E de ouro eram tambem as areias das crôas, faiscando mais bellas do que estas onde nósestemo. Os passarinhos cantavam por toda a parte. Os passarinhos são os meninos do matto; elles tambem tem pae, tem mãe, tem irmãosinhos e vovosinha, como vocês tem. Quando elles cantam, falam, conversam, choram, riem e brincam, voando nos prados, nos ninhos, nas varzeas, nas campinas, nas ramagens nas flores.

Mas porem, Simão Cornêta descia. Ao passar pelas crôas, colhereiros grandes abriam as azas, côr de rosa, e voavam espantados, rio acima, para o sul. Bandos de gaivotas cacarejavam, acoradas nas praias rasascom os filhinhos e logo que viam aproximar-se o pescador, levantavam vôo e peneiravam nos ares por cima da sua cabeça, ora, atacando-o, ora, em um penoso xui! xui! xui!

E o pobre Simão lembrára-se dos filhinhos e olhará atraz.

Seu ranchinho e sua ia sumiam-se rente d'agua, no horizonte do pontal. La no horizonte um ponto branco se movia.

Era sua mulhersinha. Parando por instantes o remo, pensára muito e suspirára. Os colhereiros n'aquelle momento faziam rodas e pousavam, chegando por detraz d'aquellas bandas de resaca, allumiada pelos ultimos raios do sol, que tambem fazia roda e entrava nas serranias. Simão sentira um nó na garganta, mal contendo o sangue a queimar-lhe nas faces. Eram as lag'mas. Chorava. Largara o remo dentro da canôa; e remechendo a combuca de roupa, achara o cachimbo de barro, enchera-o de fumo, tirara fogo no arteficio acceso que foi o pito, soltára grossas baforadas de fumaça.

Duas horas depois, chegara elle ao logar do seu destino. Estendeu linhas e armou pindas. O tempo era bom.

Por alli encontrára outros pescadores conhecidos que deram-lhe boas noticias, e elle, confiado, esperou a felicidade; mas a felicidade não o quiz, não veio.

Nada pegara n'aquela noite. No dia seguinte, nada! Terceiro dia e terceira noite, nada! Estava quasi a desesperar o pobre pescador. Quando a quarta aurora rompera, resolvera elle voltar á casa. Morto de fadiga, fôra para a terra e adormecera em um rancho de um velho pescador como elle, e que se achava ausente. Horas se passaram.

Chega o dono do rancho; e, conversando com sua mulher, falava baixo afim de não despertar Simão, que, de mamparra, fingia um somno profundo!

– Pobre home! S'ea Maria! Pobre home! Tenho dó delle; tantos diase sem pegar um peixe só, e tem famia grande!

– E praque não pega, meu véio, Cyriáco?

– Umfum! m'ea véia! Praque não sabe.

– Apois, não é pescadô?

– É, mas não beserva das indromas do pescá. Eu tenho pena d'elle, praque

muito bão pai; mas porem, não posso ter dó.

– É, meu véio, seo Cyriaco, praque você não ensina elle, você que não ,percisa tanto?!

– O que? Eu?... pera cond'elle assobi me fazer guerra? Eu vejo e tenho visto muitos inzemp'lo no mundo; e por isso, cada um que curte seu fado.

Simão nesta hora atirou um ronco tão grosso que estremecera o velho pescador.

– Um! Maria! ronca que nem um bandeira!

– Eh! apois tem razão. Contos dias sem drumi?

– E fazeno cruís na bocca!

– Cruís na bocca?

– Ora, ora! E eu acho bão, Maria, é que você arrufe bem a panella, apois, cond'elle s'alevantá d'alli, é azul de fome, e fome de cachorro magro.

– O dicomê stá feito.

– E chega?

– Se chega...

– Antonce, bote qu'eu ja vou chamá elle.

– Mas, meu véio, você não ensina, intonce, o pobre home, eim?

– Kumkum! E dispois, nem qu'eu ensinasse, elle não arregistia a pantomia da mãe d'agua, antes de abotoá no pente d'ouro d'ella, qu'ella bota, meia noite fora d'ora, em riba da pedra lisa que hai no Peráo de Baxo. É preciso ter muita corage e levá uma bôa tora de fumo forte, pramode se jogá pa traz, condo se corre d'ella a todo o dá, praque ella não manca: vem em riba da gente.



E condo vem, ai! ai!... Eu que lhe conte... não é pra todo mundo! Este Simão?... este?... Ei! coitado d'elle! Finado Simão! Só da rebanada d'ella, é pá! qué!

– Mais, se fora eu, ensinava.

– Ist' é você; mas porem, cá cómmigo, não! M'ea véia, não conversa muito, que conversa muito acaba cá farinha da mesa.

Lenha verde

Não se accende.

Quem muito drôme,

Pouco aprende.

Simão deu um suspição profundo e o velho parou a conversa, gritando:

– Seu Simão? Êh! seu Simão? Simão fingia dormir inda mais.

– Ôh! seu Simão? berrou forte.

– Inhô? respondeu Simão, levantando-se com espanto. Inhô? Vancê me chamou?

– Uê! vancê hoje pramode coisa que não vai terrená? Que horas sãoesta?

Simão olhou o sol que afundava-se na outra banda do rio.

– É muito tarde, tio Cyriáco. Vou-me embora.

– Ô dispois que nois comê um dicomêsinho.

– Sim, tio Cyriáco; mais, não pesco hoje, não pesco mais, c'a muiémais os filinho stão m'esperano.

– E vai sem peixe?

– Vou sem peixe. Ah! Tenho stado muito infeliz n'estes quatro dia...e... so isso!

– Ja agora, sem levá alguma coisa? É bão attentá secór ó meno hoje.

– Nhor não!

– É bão! Pruque é de i, de mãos vasia?

– Não atemo ca sorte.

E Simão baixou a cabeça. Sentado n'areia, meteu-a entre os joelhos. O velho esteve contemplando um instante o desgraçado, teve impetos de contar o segredo da Mãe d'Agua; mas, com usura, callou-se, accrescentando apenas condoido:

– Antonce, vancê vai-s'embora?...

– Nhor sim! Vou esprementá seu conseio; porem, de lá mêmo vou

tirano, depois, eu sei que não pegarei nada.

O velho passou um olhar por uns varões de peixe gordo, e não teve coragem de oferecer um pedaço ao pobre. Suspirou, apenas.

– Eh! mais porém, pode pegá.

Depois do jantar Simão despedira-se. Tomando o remo e desatando a canoa, se fôra para o meio do rio a terrenar, e, descendo, sumiu-se no horizonte. Ao entrar do sol, o velho Cyriaco fincára matreiramente cada olho... assim!... para as margens desertas; mas não vira nem tomada, nem chérada de Simão.

– Sim, murmurára elle com ares de satisfeito á sua mulher; o Simão sahio ventano.

– E se por acaso elle não stivesse drumino e ovisse o que meu véio, seu Cyriaco, falou?

O Cyriaco estremeceu; e, aterrado tornou a olhar. Mas, a noite cahiu.

– Elle não saberia nunca do logá, qué muito differente do rumo quelle tomou. O depois, stavá com um somno de pedras, e tão pesado como uma barra de chumbo. É impossible tivesse ouvido; nem qu'elle sonhasse!

E contou, mirando, os grandes varões de peixe gordo.

– Deos queira, meu véio, seu Cyriaco! Mais também, elle stá tão despatriarchado!... distrisiado! ... barriga no fundo! Só hoje...

– Ora, você é muito inzoneira; coge me fais descobri o segredo.

Este tal Cyriaco era um arranjadão de tanto pegar e vender peixe; mas porém, muito usurave. Os outros pescadores o respeitavam e d'elletinham ciumes; falavam baixinho (aqui pra nós) que elle tinha famaliá e tinha tomado partes c'o cão. Fosse ou não fosse, Simão, que era muito mitrado, sabia agora do segredo do velho Cyriaco. Quando de todo escureceo, atravessou elle o rio, e, aproveitando a noite, beirou a outra margem a todo o remo.

A lua vinha apontando por cima dos mattos e as aguas tomavam uma cor de azul e neve. Alta noite chegára Simão na pedra lisa do Peráode Báxo, na ponta alta de um ióte, muito afamado nos tempos antigos, e onde o rio fazia um grande rebojo ao pé de uma ribanceira, correndo c'uma velucidade tal, que as aguas gritavam, cumo se fossem gente viva, brigando c'as pedras, cobertas de mangue branco.

Ninguém por alli passava sem risco de vida, mesmo praque o lugar era malassombrado. O pescador era corajudo; custou muito, mais, venceu tudo. Occultou-se bem nos mangues, segurou a canoa debaixo de escura ramagem, perto de uma pedra grande que á claridade da lua espelhava, de tão lisa que stava. E deixou-se ficar. Picou fumo, tirou fogo no arteficio, accendeu o caximbo e fumou muito para afugentar osomno, de olho vivo, sempre vigilante.

O luar stava que nem o dia. De uma banda e outra do rio era um silencio que mettia pavor. Só muito no fundo das vasantes as guaribas e os barbados



roncavam; e lá de vez por quando as jaósinhas cantavam muito saudosas: *traz os cavall'ahi?*

Por cima d'água, atravessando o rio, cahia do céu uma chuva de raios da lua, n'uma torre bella e as ondas brincavam, faiscando prata e ouro. Era pelo pino da meia noite. Uma rajada de vento correu de sul a norte, e foi morrendo... morrendo... Os criangús cantavam na floresta. Simão ouviu debaixo dos pés no fundo do rio a toada de um pilão: tan! tan! tan! tan! tan! tan! Um gallo também cantou três vezes e um cavallo d'água deu um guincho tão agudo, que estremeceu as pedras, sacodio asfolhas do mangal e as areias do ióte escorriam na correnteza. Nos abysmos do peráo começara então um rumor de falas de gentes e animaes, porem, tão distante, que Simão mal distinguia o que era.

Derrepente ouviu elle um canto. Ah! meus filhos! e que canto, como se não canta na terra e nem ninguém sabe cantar tão bem e tão bonito! Simão stava suspendido; que quando deu por si, sem elle saber como, vio apparecer em cima d'água uma casa como uma pasta d'algodão, de tão alva que era. Era o palacio da mãe d'água. Seus teiádo, unidos, cuma escama de peixe, eram de ouro; de ouro as janellas e portas fechadas, as paredes de prata polida. A lua cahia em cima e um clarão allumiava as praias, a vasante e a matta. Quem estivesse de longe diria que a lua estava se banhando no rio. Cornêta, quasi aterrado, escondia-se dentro da folhagem do mangue. O palacio perto d'alli stava. Elle suspirava: tanta riqueza e elle tão pobre; tanta riqueza onde elle nunca sonhára! Conhecia desde moço aquelle ióte; é verdade que d'elle ouvira contar-se tanta historia bonita que nunca acreditára, e agora aquelle encanto, aquella belleza ás horas mortas que nunca suspeitára! Cumo fôrater elle arregestido as panta formas!

Lembrára-se do velho Cyriáco, do seu segredo e murmurára lá comsigo: – Por isso é que o tio Cyriáco é tão rico e tão feliz! Ah! veiáco! Elle, com certeza vio o palacio... e quem sabe se também a mãe d'água? Se eu visse ella também! ah! se eu visse ella também! Ella é rica e eu sou pobre; se eu visse ella e lhe pedisse uma esmola, ella me daria o seu pente de ouro. Mal assim pensára, abriu-lhe uma porta do palacio, a que ficava rente d'água; de lá partira uma moça muito fermosa e veio nadando de mansinho... de mansinho... olhando, parando, escutando... muito sarapantada... para cima... para baixo...

Para cima o rumor fraco do vento e as estrellas do céu como uns fachos nas aguas mortas.

Para baixo, ainda o céu, e num cantinho do céu uma nesga preta de nuvem e nada mais. Tudo dormia: o céu, as estrellas, o alvoredo, as aguas; até o abysmo que não roncava mais.

A Mãe d'água assentou-se na pedra lisa, pertinho de Simão, embebido n'esta hora em tanta fermosura, esquecido de tudo mais. Não cansava de mirar aquelle rosto de anjo e os olhos de estrellas vivas. Alvo, da côr de leite era o seu corpo da cintura pra riba; pra baixo, era um peixe escripto com escamas de prata; de ouro eram as barbatanas, de ouro o cabo, de ouro os seus cabellos finos, lisos, compridos, occul-tando os lindros peitos e descendo cacheados até á cintura. Sua bocca, pequenina; pequeninas as delicadas mãos e os braços lindramente

torneados.

Quando ella se assentou na pedra lisa, Simão disse no coração:

– Ah! que mentira! É mentira qu’isto não é mãe d’agua; é antes uma santinha do ceo. E ajoelhou-se dentro da canôa.

A folhagem tremeu. A mãe d’agua olhou para a folhagem. Um pé de vento soprou, uma torre de nuvem espiava por cima da floresta, a lua empinou no meio do campo limpo do ceo azul; mas, tudo, tudo serenou. Quando serenou, a mãe d’agua tinha os olhos accesos como dois vagalumes dentro d’uma rosa; e os foi serrando de vagarzim, como se estivesse para adormecer para sonhar. Depois, abrindo-os novamente, d’entre as escamas sacou um lindro pente de ouro, e, repartindo os seus cabellos, penteou os ricos cachos, sarapintados de diamante.

O pescador stava louco... louco... fóra de si. O palacio, a mãe d’agua, o pente cobiçado... tudo era uma realidade e tudo ao seu alcance. E então, o pente!... o pente de todos os seus sacrificios!

Bastava levantar-se, dar um salto em cima d’elle, e seria dono de toda a sua fortuna. Semelhante tentação deu-lhe na cabeça e não resistio. Levantou-se de poimt’empé, apartando os ramos dos mangues. Ella nem suspeitava. Atára os lindros cachos com uma fita de escamas douradas; e, descansando o pente na pedra, pensativa... pensativa... foi cerrando os olhos, adormecendo. Simão, assombrado, imprudente, muito imprudente, de uma coragem monstra, esgueirou-se entre os ramos, fechou os olhos e deu um bote de trigue em riba do pente.

Ah! quem Deos pruvéra! Vi’ge Nossa! Praque elle fez assim!? A mãe d’agua deu aquelle grito agudo... doloroso, e mais de uma legua, rio afóra, se ouviu aquelle estrondo.

Quando rompeu a aurora, o ióte tinha desaparecido e nunca mais se soube, nem novas, nem mandadas de Simão Cornêta.

A mãe d’agua carregou elle pra casá c’oa filha d’ella.







## O Lobishomem

**H**oje na moderna, dizia Franklina á sua vizinha Leonarda, ninguém qué dá mais credico no lubisono.

– Nharsim! Isso mêmo! respondia a outra.

– Mas porem, hai o lubisono, cumo esta luz que stá nos allumiano, tão duro como osso; e Deos le livre e a quarqué de cahi nas garra d’elle, sem stá munido de uma bôa faca qué só de que elle tem medo, praque, assim mêmo, stamo prevenido... an! ai! ai!... não só é nêgo escopeteiro no pinguelo, in cumas geleiro no porrête. E no porrête antonce... é negrão!

– Sea Francolina, que qu’ancê stá dizeno?!...

– Pode o freguez jogá da forma que quizé, qu’elle stá lambido de devéra, non stá na duvida; apois, nem uma porretada pega n’elle.

– Ora, vancê ja visse?! uá!...

– E alma de fogo?

– Nharsim! isso mêmo! alma de fogo, moça? Pr’alma de fogo, só stano descuidado.

– Que stá dizeno, sea Francolina, não me diráes? Ora, veja, home!?

– Sea Lunarda, eu que lhe conte: o bixo é encantado.

– Kenkem, sea Francolina!

– O finado fallecido, meu marido, seu Kelemente Raxadô (Deos te chame n’alma, foi em vida, não em morte, não te sirve de pena), era umhome de corage e quebrou o encanto de dois lubisono; um foi de um primo meu, a pedido de uma tia minha que pedio chorano a meu marido. Essa tia minha tinha seis fios home todos macho; pod’crê, é mêmo qu’ancê está veno.

– Nharsim! Tudo machim! Benza Deos! Impô!?...

– Todo o mundo e nois tambem arrequeria ella que, condo sentisse prenhã de quarqué creança, fizesse logo promessa de botá o nome de Eva, pramode o menino que tivesse na barriga virá femea, sinão havéade virá o bixo, cumo sem duv’da. Mas, porem, sea Lunarda, m’ea tia quebrou páo n’uvido; nunca deu credico, e conde sinão conde... pan! nasce um menino macho, sem ella fazê a promessa, cumo s’ensinava.

– Kenken! e pan! virou o bixo logo?... Não me diraes?...

– Ja lhe conto. E vancê vê, conde a gente não s’emporta c’a premes sa, assim cumo acontece c’o lubisono, acontece c’a bruxa.

– Isso mêmo! ora veja home?!

– A muié que pare incarriado seis fia femea, condo é pra tê as sete, bota logo o nome de Adão, tudo trocado, sinão a menina vem, e logo sahe bruxa. Assim que chega no sete anno vira aquela barbuletona, entra p’la fechadura da porta da muié parida e xupa o embigo das criança que morre c’o mal de sete dia, conde a parteira não é bôa mestra e esquece de botá a thesoura aberta debáxo da cama da parida, onde a criança nasce.

– Stá veno? Ora dasse! Veja que furdunco do diacho!

– Ora bens, cumo eu ia contano de minha tia...

– Nharsim! stou lhe óvino.

– Logo que ella teve morgado, todo mundo disse logo: esse é o lubisono. O menino foi cresceno, se poz rapazim, e vio-se antonce a deferença d’elle e os outro irmão. E a gente sempre de ôio co’elle.

– Assim mêmo! ué!

– Andava pru fora toda vida muito munzuado, marimbudo e vivia p’los canto muito triste.

– Eh! pô! Veja so, s’isto não seráes... uê!...

– Eu sump’e dizia a meu véio: Kelé, meu véio, Deus não me chame por testemunha; mas porem, este menino... fum! este menino ja stá, mas, é virano o bicho.

– Quá, moça, me respondia elle: este menino o que é, é doentio; o lubisono d’elle é o prato grande – a muita terra qu’elle come. É devoto.

– O que? Este menino não come nenhuma terra: a terra d’elle é os bacurins aeios.

Não é não; e aindas que fosse, muito que bens: era sina qu’elle trôve, e cond’a gente nasce co’ella, só o barro! Tem de cumpri.

– Eu me calei.

– EH! mêmo.

– Meu véio era muito resmelengue do teimoso, coitadim!

(Deus perdoe teus peccado, não te sirve de pena); mais eu já ouvia seo andá rosnano nas milodença.

– Ora é pô!

– Um dia minha tia chegou la em casa p’la porta a dentro n’um planto de chôro, porcurano seu Kelé. D’aterrada stava branca que nem cêra de defunto e tremia que nem varas verde. Foi antonce que contou que apanhou o fio drumino mei-dia ca bocc’aberta; espiou e descobriu um fiápo de baiêta, out’o de couro crú e outro de cabelo de porco macho nos dente d’elle. Ja de pr’a menhã elle não tinha armoçado e stava se quexano de uma dô incausada na bocca do estambo, cumo



dô de ventusidade. Ella, pans! deu um gomitoro e elle, vapo! bebeu! Ora, não teve que vê. Dahi um instantim... êta Nossa Senhora! sea Lunarda; oia baieta véia, bacurins, garra de couro podre, molambos e porcaria da parte de fóra!?

– Ora s’isto não seráes a tentação?

– Isto foi n’uma sexta-feira de coresma. Seu Kelé só antonce é que deu credico, assim mêmo pru sê mea tia, e premetteu a ella de quebráo encanto do menino. O finado fallecido éra muito treiteiro e sabia de muita reza forte; de maneiras que, foi lá vê o menino, rezou elle todo, mas porem, ja de nada valeu, que o encomb’do do encanto stava muito passado. Ora muito que bens! Nessa sexta-feira, não; mais, na out’a o menino inventou de drumi cedo. Meu marido, seu Kelé, stava avisadoe botou espia no cabra.

– Nharsim! assim mêmo!...

– A noite era de escuro. Panhou elle antonce, um gavuzão qu’elle tinha, debruçou no hombro e sahio. Entre elle e minha tia tudo combinado. O gallo stava p’ra rachá o bico. O menino que drumia no mei’ dos out’o, n’um couro de boi, accordou, lavantou a cabeça, oiou em roda... steve... steve... steve... tempos esquecido, assumptano. Acabou de alavantá e foi péemtepé... péemtepé... abriu sem baruio a porta do quintali, tirou a camisa, foi no poleiro de galinha, rollou nú no chão pra lá, pra cá, pra lá, pra cá e correu pro xiqueiro dos porco e metteu-se no mei’ d’elles. Os porco puzero a grûn! e elle rolou na lama; que conde sinão conde, Sea Lunarda, sortou aquelle cachorrão preto dos óios vremeio...

– Te desconjuro! Kuk! Kuk! cruz! S’isto non... xém! xém...

– ... cuma braza de fogo vivo, cum cada duas oreia que batia qui nem matraca. Que conde meu véio quiz acodí pra quebral-o o encanto, cumoelle achou... deixa!

– E isto não seráes pru arte do xujo, Sea Francolina! Uai!

– É cumo stô lhe dizeno. Umfum! N’é d’hoje qui nem poeira! Ja elle vio, mais, foi os grito dos bacurins e o roncado da porca do vizim e a cachorrada que batia atraz d’elle n’um baruião qui era aquelle horrô.

– Sea Lunarda, este menino só seno fio de capêta, praque os fio do capêta é que é desta opposição.

– Pera vancê vê! Meu véio, aqui, morreu mão no porrete, botou-lheoutra tocaia n’out’os bacurins qu’elle sabia, e sem elle esperá, debruçou-lhe o porrête e rachou-lhe mali-mali a cabeça. Logo que fêis sangue, stava quebrado o encanto.

– Êrre damnado!

– O menino, antonce, mea sinhá, que lhe conto? ajueiou-se todo e deu mil agradecimento a meu véio e pediu-le pul’amór de Deos que não contasse a ninguem, e que esperasse por elle alli mêmo que elle ia em casa buská um agradim pra elle.

– Meu véio cahio na heba e ficou, mas porem, de mamparra, na treita.

– Nharsim! Stá se veno e alhas qu'é cum'ancê stá dizemô mêmô... natreita, c'as lodaça do menino.

– Oxente! Stá bom! Elle de ladino que era (Deos te chame n'alma, não, te sirve de pena, foi em vida, não em morte), tirou o gavuzão, em bruiou c'oelle um toco de pau que alli stava, tirou o chapeo da cabeça e pois na cabeça do toco e s'escondeu.

– Nharsim! De escondê mêmô! Oxente! Quá...

– Dahi um pouco, m'ea sinhora, chegou o menino c'uma lazarinona do finado falecido pai d'elle, que Deus chamou do zelão cardico, levou molas a ribas e pan! arrivou fogo no tôco, pensando qu'era meu véio.

– Quis marvado, quis tocudo!

Stá o presente qu'eu te truve, messegeiro de tolo los diabo! qu'é pramode você non sê abiúdo, nem lutrido, nem cahi n'outra d'andá s'emportano ca vida aeia, desgraçado!

– Ih! quis macóta! macumbé!?

– Eh! mas porem, meu véio non tutubiou. Seu Kelé pulou n'elle:

– Ah! severgonho, lubisono de tolo los diabo! Antonce, est'é qu'é o presente que você me trouve, cachorrão, desavergonhado, este ... aquelle! ... Espera, corno, qu'eu te faço as barba! E caio n'elle que disse as do fim; passou-lhe um sabão, um lavaé, que nunca mais virou lubisono.

– Fum! Tu topou, tamancudo! Bem feito! pra não andá mais zanzarano e bongano.

– Poi'z'é! Moça, gentes ruim não so cae, in cumo darruba os out'o.

– S'é qu'é devéra!

– Cum nois mêmô ja se deu d'uma feita out'o causo (mais isto é segredo, praque ficou em segredo inté hoje; e emboras que meu véio morreu, eu não quero que ninguem s'aba ispramentes os messegeiro, lingua-quente d'essa terra); mais porem, cumo eu ia contano...

– Nharsim!

– É que nós morava n'umas tapéra véia que nos dero pra morá. Keléera muito trabucadô da vida; botou uma rocinha que tinha de tudo. Eracumo agora, na coresma. Nois criava uma porcada, onde havia uma porca grande... porcona por aqui assim e que era um risco. Pario uns déis leitãosim que era um mimo da nossa estimação. Dias ô dispois, pegou os bacurim a sumi de um a um, e ja stava coge pu la metade e noispensano qu'era bixo do matto. Ora muito que bens! Vancê vai veno.

– Nharsim. Stou pono ruparação.

– Nois morava só e muito longe de gente. O vizim mais perto era demeia

legua, um tal Plasto, Candinha chamado. Eu andava damnada de m'ea vida, e seu Kelé, meu véio, nas pimenta, comeno brasa prumode os leitãosim.

– Eh! stou ruparano.

– Moça, so s'ancê visse; uma coisa é vê, out'a é contá. Fazia pena. É o mêmo qu'ancê stá veno.

– Toda noite de sexta-feira era aquella certeza.

– Ora veja, home!?

– Conde nois assustava na cama, era ja p'los ronco da porca e os grito de um bacorim no xiqueiro, xambuqueiro, é verdade, mais porem bem feito, de perposto, bem seguro. Um dia n'uma sexta-feira (foimêmo cedo... cedo), nois tinha deit'iado n'aquelle estantim, condo o alarme se deu.

– Lá o diabo espatifou mais um, Kelé!

– Este diabo stá caçano, mais porem, eu seio o que é; é ja vou la fóra. Cadêl-o o meu porrête?

– Stá hi no canto junto ca bassôra.

– Vai buscá. Dá ca-lo.

– E sahio; mais porem, vortou logo, pruque a porca stava azogada e não deixou elle encostá.

– Ah! stava escarosa!

– Cum rezão; apois de minhãs contou-se um bacorim de mêno.

– Ora vancê não dassel!?

– Na sexta-feira seguinte meu véio arrumou tudo muito cêdo; quemquer que é, disse ele, hoje vem, e eu, ou escagateio o diabo no porrête, ou fuma pro diabo na faca, ou tosse pró inferno no xumbo, nam tem reré nem corda de rebeca. No se pô do sol arranjou elle, antonce, uma moita de fôia, e assim qu'escureceu, se metheu dent'o, debáxo. Gentes,não mancou!

– Nharsim!

– Conde os treis cruzêro, os treis rê magro, as treis Maria, cas treis guarda e o guardanapo de Santa Pelonha raxou no ceo, e a cova de Adão e Eva, o sino, ca barca de Noé co cruzêro grande se sumio, Kelé, vio aquelle vurto sartá o xiqueiro. A porca, que j'andava muito zamboada, deu aquelle ronco que chegou a estrondá n'aquelle mundo, e o bixo, mais ligeiro do que as hora, estraflagou o bacorim n'um proviso.

– Nharsim! nharsim! ora veja home!?

– E Kelé arribou-le fogo!

– Mãe de Deos!



– Aquillo foi fute... pá! Cahio, quetou que nem batata, ficou que nem toicim no sacco. Eu só uvi Kelé dizê: morreu desgraçado! Toma bacurim! Custou elle antonce, entrá no xiqueiro pra reduzi a porca que estava furiosa, rasgano, comeno o vurto. Kelé chamava: mulata! mulata! e nada! Batia o dedo (tic! tic! tic!) Socega! Col socega, nem Mané socega, col nada! O *non Sê quizera* da porca stava damnada, avançava como um bixo bruto nas estaca e batia os dente que chegava faiscá fogo.

– C’ren Deos Pad’e! Senhora do Livramento!

– Elle antonce me gritou que eu trouxesse uma candeia. Eu levantei-me. Botei a saia a tiracó. Stava ventano muito e foi-me perciso fazê umtrucidão assim da candeia pr’aregesti o vento.

– Traga um mocado de mio tambem, me gritou elle! Enchí uma cuia grande de mio, peguei a candeia contra o vento, cheguei no xiqueiro chamano a porca que me conheceu e socegou logo; mais porem, gemendo de condo em condo.

Despejei a cuia do mio no coxo e corri a candeia pra vê o bixo. Ah! Mea senhora, não lhe conto. Que me diz? Botei a bocca no mundo: Vi’ge Nossa Senhora! meu véio!

– Que é Francolina? que espanto é este?

Sobe cá! Qué ta teimão condo Kelé assobio ficou branco que nem parede caiada: stemos perdido, méa veia! É um lubisono, que é o fio do nosso visim o empalamado, desbilibuido que passa tolo los dia de vês em condo por aqui. Na verdade era o moço que no cabo de perdê oencanto, endureceo os lóro, morreu c’o bacurim na boca.

– Emkêm! Coitadim! Que sina! Nharsim! Já troxe a sina!...

– No contenente ahi nós cavemo um boraco muito fundo dent’o do xiqueiro e á toda pressa enterremo o moço. Rapemo o vestige de sangue, botemo o cocho em riba do logá, cobrimo tudo ca lama e meu véio bancou na mesma hora pra villa, pra casa do nosso patrão que era um home estabelecido, de muita fama. Foi se valê d’elle e contou tudocumo se tinha dado.

– Assim mêmo.

– Antonce, elle que tambem sabia do moço e que já desconfiava qu’elle virava lubsono mêmo, e andava soffreno prejuiz e não pouco, de bacorim tambem qu’elle comeu, disse a Kelé que aquilo não era nada. Com certeza haverá de si dizê nos primêros intrópe qu’era elle; mais porem, qu’elle batesse o pé, negasse tudo semp’e, e em todo causo, pra que não ficasse assim, apois a gente não sabia o que havéra de succedê mais adiente, elle ensinou a Kelé um geito. E assim Kelé fêis.

– Cuneffeito! Nharsim!

– D’ahi treis dias nossa casa, que era um caitó, foi cercada pela justiça

cum sordade. Ja vi gente, mea Lunarda! E nois fumo preso!...

– Enkem! foro preso!...

– Apois fumo. Logo enchêro que viro Kelé matá o moço, que Kelé tinha rêxa véia c’o elle, que mandaro elle comprá um gumitoro pra mãe d’elle, e condo esperava elle, uviro um tiro, meia noite fora d’hora no rumo de nossa casa, e elle na casa d’elle não chegára. Que fôro na Villa indagá do sujão, la onde elle tinha comprado o reméido. O Sujão, arrispitivo, disse qu’era verdade; e da villa batero estrada fóra nas pizada do moço inté no nosso terreiro; e portanto, não padecia duv’da; nois sabia e nois dava conta d’elle, ou ia preso pra cadeia de galé da l’a de Farnande.

– Pra l’a de Farnande!?

– Pra l’a de Farnande, m’ea Lunarda! Havia muitas tistemunha de vista in cumas viro fumo nós. O juiz, nosso patrão, fêis que nos apertou muito; e antonce Kelé cumfessou que na verdade tinha dado um tiro n’aquella noite, mais porem, não no moço, nem ni pessoa argûa; qu’elle pissuia um cachorro de estimação e o dito cujo cachorro stava cabano c’uns leitãosim qu’elle criava e foi perciso matal’o. No mais, tudo calunha que stavam imputano; era puro impute.

– Isso mêmo.

– E este cachorro? proguntou o juiz.

– O cachorro, Vó Senhoria? Aqui, méa muié, que si pôis a chorá pra mod’elle, prueque estimava elle muito, enterrou ele. Santo Deos! Praque Kelé diss’assim?

O pai do moço, os parente, a justiça, mais o povaião cahio ni nois pra mostrá o lugá. Nêsse contenente chega um sordado e diz a seu juiz:

– Vó Senhoria, alli no xiqueiro tem uma sepultura de fresco. Kelée eu fiquemo coge morto. Kelé me ôiou e eu ôiei kelé, me apegano com tolo los santo da côr do céu. Tudo correu pró logá e nós fumo cum seu juiz.

Condo la cheguelo ja stavam cavano. E cavaro ... cavaro ... cavaro! O causo ja stava de dias e tudo tapava os nariz co mêdo da catinga da fedentina do moço. É aqui! é aqui! Tira o moço! Elle st’aqui, é elle mêmo, tira o moço! Cava! cava! tudo dizia. E o pai, cos parente, c’os irimão e mais gente derramava agua, chorava a Deos dará. E os insurte que nós levemo? ah!...

– Sim, sim! mêmo? pois?

– Pragas dos ceos á terra! Nunca vi tanta praga de tremê as carne do corpo.

– Vancês se viro e não contaro! Nharsim!

– Fum! ai! ai! nós nos vimo n’esse dia; stavam cavano, aqui condesinão conde arrancaro o cachorro có bacurim, já tudo pôd’e, fedeno.

– É mentira! disse o pai; o menino stá mais pra baxo. Cava mais. E

desandaro a labanca. Cava, minha gente! cava qu'eu pago caro; tenho dinheiro, e quem descobri, ainda pago uma grugêta.

– Col descobri, nem cava, seu Plasto! acodio seu juiz. Antonce, eu serê moleque de canguixa, ou quarqué cangoxeiro seu, pró senhô me aballá de mea casa, tão longe, pra vim vê se desenterrá cachorro, o senhô que me agarrantio seu fio stava enterrado mêmo e que foi este pob'e home mais a muié que o matou-le, e que seu fio não virava lubisano? Capadosco?

Ai! mea senhora, praque seu juiz diss'assim!?

O Plasto, que tinha muito óid'o d'uvi se falá que o fio virava o bixo,eim? ficou damnado, suberbou nas barba do juiz, gaguejou e deu uma gallegada:

– Cum licença da palav'a, seu juiz! É mentira de Vó'Senhoria qu'eununca lhe disse que meu fio virava ... Stá me chamano capadosco? Ca.pa.dos.co! é elle!

Ai! meu Deos praque o home falou simiante barburidade?! Seu juizcahio n'elle que disse las do fim.

– Desavergunhado! O individe rapacuia, pé rapado de todo los dia bo! Não seio ond'estou que não te prendo ja cum esta cambada de teosfio, teos parente, caguleteros, pornoscas, mentirôcos e atrevidos. Que desafôro! Safa de minha presença d'aqui pra fóra, negrada, tropa de nó cego, de cascabuio! Sordade, uficiás de justiça, de promtidão! Piza pras tuas casa canaias! E pio! eim? Nem tunge, nem munge! Acabou!

Gente, o Plasto murchou!... e o povão sahio tudo de cabo molle, resmungano:

– Eh! pitou! O Plasto pitou, coitado! Cogé que bamos tudo pra cadeia! prum trisco!

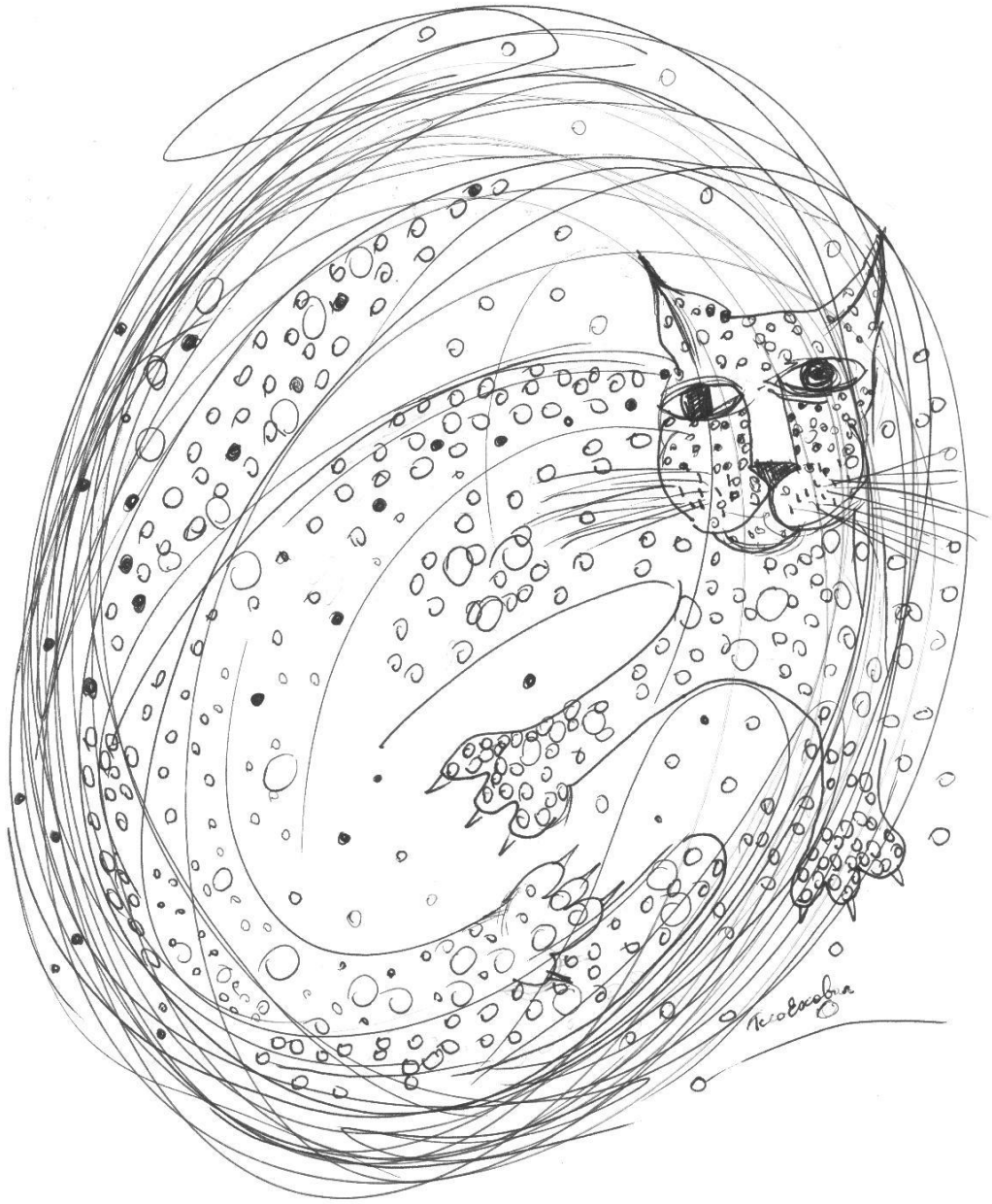
– Nharsim! Apois cum'és que foi botá seu juiz de mentiroso?

– Pra vancê vê! ... Gentes despejado, malludos, conversadôs, gentescheia de prebas ... vai jogá puia com seu juiz!?...

– Um! Nharsim! E acabou de concului?...

– Ora! ora!







## A Onça - Borges

**J**a ninguem se lembra mais do velho Guedes, fallecido, há uns bons 25 annos com quasi cem de idade. Contava com gosto, como um dos mais antigos homens do seu tempo, suas velhas e xistosas lendas como sorriso e a simplicidade de credula creança com limpeza e graça taes, que não era muito possivel a qualquer tentar uma duvida que sahissede sua bocca. Assim, em dias de bom humor, de pachorra e minuciosi dades entre amadores de tradições, costumava contar uma das suas e cuja palestra ainda que um pouco disfigurada no fundo, todavia, corpo risava-se por assim dizer em suas palavras sérias, calmas, inteligentes e inflexiveis.

– O Borges, de quem fui discipulo, dizia elle, era um vaqueiro ambulante, mysteriosamente apparecendo por fazendas em occasiões de difficeis vaquejadas em que pintava proezas admiraveis. Nos sertões do norte mineiro d'elle se fala ainda com essa crença supersticiosa cheia de infancia e desalinho, marcando datas, logares, perigos immaginaveis, quasi impossiveis, salvando gerações, vivendo de todos e por toda a parte, sempre o mesmo, inestinguivel. Franzino, mulato de mediana estatura, pouco edoso, falando pouco e muito descansado, sempre vestido de perneira e gibão, cavalgando eternamente uma egua muito feia e magra e occultando a larga fronte, olhar expressivo e barba espessa e comprida sob um grande e desabado chapéo de couro – tal a figura symphatica do Borges. Quasi nunca era procurado, porque, bohemio dos campos, sua residência certa ignorava-se.

Amante de empresas arriscadas, maximé vaqueanas, sua presença dir-se-ia infallivel onde e quando menos se esperasse. Fôra, pois, n'um desses apertos, dizia o Guedes, de famosa vaquejada nos sertões do Urucuia, em uma das abastadas fazendas d'aquella região.

Vaqueiros os mais destemidos e avalentoados das redondezas de mais de doze leguas, haviam-se internado por dias em um campo quasi impraticavel, varejando-o em todas as direcções; mas, o gadame alevantado e bravio inutilisava os mais ardentes esforços. O Fazendeiro, julgando o numero insufficiente, lançara um convite geral pelas circumvizinhanças a todo o individuo que soubesse manejar bem uma aguilhada para ajudal-o, e esperava esse povo com impaciencia. O dia estava marcado, annunciando-se tambem, seguindo o costume, um grande jantar. A noticia correu mundo. Sem demora, bandos de vaqueiros e outros populares, batendo a poeira das estradas, uns, a trote largo em fogosos cavallo, de pé, outros, com sellas á cabeça, acodiam ao chamado.

Entre elles alguns conhecidos do fazendeiro, e muitos não.

A casa borborinhava em uma festa de cumprimentos, palavreados, ditos xistosos, cantigas, arrumações e concertos de arreios, chelenas, aguilhados, perneiras, gibões, etc, etc; n'uma promiscuidade fraternal.

– Tres horas da tarde! Exclamára naquelle dia o fazendeiro Antero Argollo – assomando á porta; quasi hora do jantar, minha gente! Vocês hão de desculpar-me o que vou dizer. As atrapalhações e vexames temsido taes que, por esquecimento, vai faltar-nos hoje o melhor da festa – uma pinguinha! Lembrei-me d'isto, mas, muito tarde. A que eu tinha acabou-se; e agora, paciencia! Vou neste momento despachar um camarada para o arraial do Capão Redondo; e como d'aqui la grozam-se umas boas quatorze leguas, só amanhã.

– Não senhor! hoje mesmo, se V. S. quizer. Eu vou buscar a cachaça.

– Como? perguntou admirado o fazendeiro, n'um arrebatado movimento de espanto e incredulidade.

E o vaqueiro repetiu fria e pausadamente sem pestanejar:

– Se V. Sa. quizer, eu vou buscar a cachaça e... pro jantar; accrescentou. O fazendeiro mirou o todo d'aquelle homem de alto a baixo e sorriu-se.

– Ora, homem, se o jantar está quasi a tirar-se e d'aqui ao arraial distam quatorze leguas, como ir o senhor buscar essa cachaça? É um absurdo. Só de um doido.

E repetio. Só mesmo de um doido, de um maluco.

A vaqueirada despejou a motejar. O vaqueiro baixou por instantes a cabeça, como se humilhado, e subito, fixamente fitando o fazendeiro, replicou no mesmo tom:

– V. Sa. me dê o garrafão e o bilhete de ordem.

– Então quer?

– Vou!

– Homem de Deos, não se illuda. O Senhor não reflectio bem, ou não quiz ouvir melhor. D'aqui ao arraial veja que são quatorze leguas. Ida evolta vint'oitto! Como forasteiro que é, nem de rumo sabe o Senhor.

Não se illuda, pois. Quer escutar? Senhores vaqueiros que me ouvem, quantas leguas d'aqui no Capão Redondo?

E uma voz geral se levantou do immenso povo: quatorze!

– Já vê que em nenhuma hypothese jamais arriscaria uma apposta, ainda mesmo que valesse uma fortuna, para chegar aqui amanhã com hora marcada e no melhor dos meos cavallos, quanto mais para um jantar que está cheirando e ja de toalha á mesa.

Todo o pessoal tomou o partido de Antero, procurando dissuadir o imprudente; porem este, imperturbavel como sempre, retrucou:

– Mas V. Sa. se quizer, pode entregar-me o bilhete e o garrafão. Nada mais dente de uma teimosia inexplicável. Antero, homem de rasgos, n'um ímpeto de admiração, indagou-o ligeiramente do nome.

– Ventura, creado de V.Sa. para o servir.

Sem mais demora o temerário e impertinente fora satisfeito.

– Pois bem, Sr. Ventura, visto querer buscar essa cachaça para o jantar, traga-me um garrafão de vinho. Aqui tem a ordem ao meu compadre Tiburcio e terá cincoenta mil réis se chegar á hora do jantar, comoaffirma e parece-lhe.

– Sim, Sr. V. Sa.; foi toda a resposta.

Tomou Ventura o seu animal, atravessou o pateo e a trote manquejante e desengonçado partio, tendo atado cuidadosamente ás costas o garrafão. Assim que viram-no sumir na orla do matto proximo, retalha ram de motejos aquelle pobre louco.

– Aquelle tira leite em onça.

– E mama.

– E poja, ambos os dois: elle e a egua d'elle.

– N'essa heba elle não cahe d'aquella tijella que arubú não qué mais.

– De certo; querê cumo, se a pobre egua vêm cos dente de fóra que nem terra come. Não vi aquelle pobre animal comê hoje um fiapo de capim.

– Aquella não come mais capim.

– Só se fô capim de egua!

– D'egua mêmo, apois de que será mais?

– Vai dá couro ás vara no camim.

– Pobre egua, aquella nunca teve tempo de coçá nem de si ri.

– Nem corage.

– Ora, um gambá cheira outro: quem vio o dono, vio a dona; deixa la que elles quando se encontram elles se entendem; elle mesmo é que sabe se o badoque d'elle bota longe. N'esse interim, um escravo anuncia o jantar, cortando de vez a troça.

– Mas, minha gente, não me dirá donde sahio esse freguez? Indagou Antero.

– É verdade, resmungou um dos presentes; freguez theba! mas, não é nosso conhecido, nem se sabe de que banda veio.

– Estou seriamente interessado por esse individuo tão singular. Parece um varrido, não tem duvida!

Instantes depois, seguia-se o jantar. Os numerosos convivas tomavam seus logares; uns entravam, enquanto o escravo que andára a chamar outros mais



distantes ocupados em mistéres diversos, annunciára – sim senhor a chegada de mais um vaqueiro.

– Bem! muito bem! mais um batalhador, Antonio! Quem será? Não o conheces?

– Não seio, nhor não, Yoyô. Quem quer que é stá apeiano na porta cum garrafão na cacunda.

– Com um garrafão ás costas?

– Nhorsim!

– Algum vendilhão de cachaça a retalho! Que fortuna! Ah! se eu advinhasse!?

Nesse instante a lembrança do Ventura passou-lhe pelo espirito.

– Qual! pensou elle; que esperança!... Não pode ser; se o for, voltou do caminho; se voltou, não quero loucos em meu serviço. Despedi-l-o-ia immediatamente se tal acontecesse. N’essa luta de pensamento, indagou duvidoso do escravo.

– Antonio, reparaste bem este vaqueiro?

– Ruparei, sinhô.

– Não será um dos nossos que d’aqui sahio, ha poucos instantes comum garrafão pro Capão Redondo?

– Ahi stá, Yoyô! Não seio; não me achava á hora; mais é um vaqueiro, amontado n’uma egua magra.

– Que?! É este mesmo.

– É elle mesmo V.Sa. Desculpe-me vir entrando sem sua licença. Euestava receiando de que V.Sa. já estivesse jantando; porem o tracto... tracto! Aqui tem sua encommenda; creio ter chegado a tempo.

O fazendeiro não sabia que responder. Recebendo o garrafão, examinou-o detidamente. Era mesmo e estava lacrado de novo.

– Ventura, desculpa-me a franqueza – então o Sr. foi ao arraial do Capão Redondo, quatorze leguas?!

– Pois não fui? V.Sa. quer maior prova, duvida? Se duvida, quebre olacre e veja se isto é vinho ou cachaça.

– Não sou capaz; mas, n’este caso o Sr. assombra-me.

– V.Sa. não se assombre de tagarellas.

– De tagarellas?

– De tagarellas. Quero dizer que um homem do seu quilate não deve admirar-se de cousa alguma d’este mundo, onde tudo é possível.

– Nem tudo.



– No possível, entenda bem, assim, como n'este caso tão simples.

– Tão simples!?!...

– E natural! Deslacre o garrafão.

– Eh! estou vendo com os meus próprios olhos! A vaqueirada trocista perdera a fala e a graça de todo, e agora pasmava-se de bocca abertan'um frémito de admiração e respeito supersticioso.

– Só seno obra do cão.

– Isto mêmo. Este home tomou partes co'xujo. Cruz! cruz! cruz! tres vês! Eu te desconjuro. Credico em cruz e azavêso.

– Queira Deos não seja elle o prope Luçofé! Ave-Maria, Ave-Maria! Cruis! pé de pato! Vai-te pro máo Fridurico!

– Bamo-z'a vê premêro; botemo pra sumptá: se aquillo não fô vim, será aloá que dis'que o capêta pois pros massonco, no dia de quinta-feira maió e antonce se vê logo que o catingão d' enxofre levantá já, apois, não manca!

N'esse instante o fazendeiro, abrindo sua bella bolsa de couro, passava ao Ventura cinco moedas de ouro no valor de 50\$000.

– E um pingo do vinho tambem; pois não tive tempo de proval-o, disse o Ventura, rindo-se.

– Pois não! com muito gosto; mas, á mesa, que o jantar nos espera. Deslacrrou-se o garrafão.

Um cheiro suave tresandou pela sala, e o primeiro copo, a transbordar, foi entregue ao Ventura que promptamente o despejou á saúde do fazendeiro, accrescentando mais estas duas letras:

– Já vê V.Sa. que tudo isto não é, não pode ser obra do cão; não é aloá do capêta, nem tem catinga de enxofre. É bem bom este vinho, concluiu, estalando a lingua de gosto.

– Ah! ah! ah! entreolharam-se resmungado, dois dos maldizentes de inda a pouco.

– Inté que esse home é adivinhão.

– O mió da festa é não se falá mais no arrispitivo, praque n'este rijume o home é um perigo.

– Nhôsim! E alhas qu'é isso mêmo. Nessas inculumensa é bão se calá mêmo.

Nesse interim, ouvio-se a voz de Antero: – Senhores, vamos jantar que está esfriando.

Emquanto vaqueiros e populares precipitam-se para a mesa, Antonio, o escravo de que falámos, é despachado secretamente para o arraial do Capão Redondo.

Correo alegre o festim e de nenhuma outra cousa mais se falou, sinão d'aquella estupenda esperteza do Ventura.

A noite entrára na mesma toada. Ao romper da aurora todos se admiravam ver o Ventura já preparado, esperando a ordem de marcha.

Gente, que home dos diachos! Em que hora foi ao campo, pegou e arriou este animalé? Indagára um.

– E outra cousa, notára tambem outro; aquella birivana p'la tunda de vint'oitto legua que comeu honte, não dá conta do serviço hoje. N'é mais egua de ninguem.

Com este dito concordou o fazendeiro que logo entendeo ser de bom aviso, appressando-se em falar ao extraordinario homem.

– Sr. Ventura, disse elle; queira desculpar-me. Ha dias fizemos nósuma sortida pelo campo, porem, em pura perda. Hoje torna-se necessario um serviço bem feito. Este seu animal, se bem invejavelmente forte,viagou muito; pode não dar conta do recado, ao que parece-me. Temos animaes possantes e descansados alli na manga; escolha-os á vontade.

– Não preciso, não senhor; aquillo de meu animal ja é de natureza e costume.

– Bem; não quero que haja reparos.

– Sou incapaz de pensar em semelhante cousa.

Calou-se o Antero. Traquejado e intelligente creára sem querer sem sentir uma especie de respeito e sympathya pelo Ventura, se bem que muito desejoso de experimental-o ainda. Restava-lhe uma duvida, mas,a hora estava dada.

Vaqueiros os mais afamados, anciosos de se mostrarem, ganhando applausos e confianças geraes, (e o que é mais) invejosos e despeitados com o Ventura, algazarravam apressados, ensilhando os ligeiros, fogosos e adestrados alazões, pretos, mellados, ruços, que, escarvando a terra, impacientes olhavam para os ermos, nitrindo sob os freios. Mal foi dado o signal, desapareceram n'uma disparada; somente Ventura o ultimo a se afogar no turbilhão de poeira que escurecera a entrada para o campo e ninguem mais pensára n'elle. Vaquejada penosa e difficil. Gado, bravissimo. Os logradouros espalhavam-se longinquos por emaranhadas catingas, carrascos, alpestres, catandubas, vasantes, alagadiços, bamburraes e serrados sem conta. Em ordem de uma batalha invadira-se o campo, como melhor meio de reduzir o gado em maior numero e evitar d'est'arte maiores fadigas. Bellissimo espectaculo de atrevidos lances vaqueanos por invios mattos da floresta virgem, onde trovejavam bois ás centenas, arrancados á viva força de proezas invejaveis!

Aqui o gadame, muitas vezes depois de reunido em magotes varios,de repente se esparramava; acolá custosamente se o reunia; mais além apertado, espantava-se furioso, e mugindo terrivelmente, disparava.

Não obstante, valentes touros, acoados, escarvavam a terra, limitada de signos samões, traçados por *sympathias* pelos vaqueiros mestres. Uma vez dentro desses mysteriosos signos, os bravios e livres filhos da floresta urravam sem tranpol-os, quaes se atravancados em fortissimose impenetraveis curraes.

Os vaqueiros novos embriagavam-se d'essas magias, aprendendo e assistindo a muitos touros derribados de rancor, enfezados, outros morrendo estripados em lances de eminentes perigos. Declinava já o sol d'esse dia de porfiada lucta. Duas horas de descanso foram necessarias. O trabalho ia bem regular, embora o gado a reunir-se estivesse em começo.

No descanso entre assumptos varios de que se trataram, um facto extraordinario se commentára: o Ventura não apparecera.

Um dizia: – Eu o vi coxillando em tal parte.

Outro: – Stá dano de mamá á vara de ferrão no fundo d'esses carrasco.

Outro mais – Eu topei elle mais a frepella delle botano gunzo pros arubú.

Aquelle: – Um borra-botta; elle andá, mas, é imbodando só. Pabulage de vaqueiro, quem não sta veno?

– Embodando e botando gunzo pros urubús, eim? interrompera o fazendeiro, cortando as garras da malidecencia; vocês não estão satisfeitos com a licção de hontem? Deus queira, não sejam vocês a levarem o seu gunzo e o da sua egua. Deixemos de chalaça.

– La agora, ist'é qu'é; confirmaram muitos inda que dubiamente; alguns, porem, prosando roncavam nos peitos:

– Quem é elle?

– Tem poucas carne nos quarto.

– Elle, mais egua d'elle.

– Isto de viagem são sampathia.

– São pauta.

– Todo mundo sabe d'isto; retrucou em seguida um machacaz de vaqueiro; cada um tem seus agigo: eu por imzemplo não faço isto, mas porem, faço outras quelle n'e capais.

– Olha! reprehendeu o fazendeiro.

– É cumo stou lhe dizem, meu patrão! Viro cupim, viro fôia, viro tôco, viro tirira no mei da estrada limpa; e se o moleque de devéra não fô mêmo d'esses marticulado, escopeteiro, apois, credite V. Senhoria, qu'eu vou torano e deixo elle na varge, mamano na Paula. E tomo muitodos que aqui stão pru testemunha.

Algumas vozes: – É cacundeiro mêmo. É o malhó cacundeiro d'este sertão; não tem outro. Até hoje sta só; é o mest'e dos mest'e dos vaqueiro.

– Um! um! um! Oh! Oh! cambada de gente bêsta! Cruz! Maria!... Aquelle

outro como é um pornosco, um canaia muito grande Patacoada só! Mentiroso! Aquillo mente que acôa cachorro!

Assim murmurava baixinho um rapaz desabusado, denominado Zé do Matto, referindo-se ao tal mestre dos mestres.

O Antero gostára muito do dito xistoso do Zé do Matto e desafogou-se n'uma estrondosa gargalhada que desapontou bem aquelle palavrea do inutil, gritando em seguida:

– Senhores, vamo-nos embora; enterremos o pé devéras, ou nada faremos hoje. E a lucta recomeçou com mior esforço possivel; mas, desde logo percebeu-se um desespero geral.

Touros encurralados e que maiores sacrificios custaram, haviam transpostos espheras e signos samões tão afamados do Urucuia, traça das por magicas aguilhadas. Caso virgem! Tudo perdido!

– La vai uma! xasqueou o Zé do Matto ao fazendeiro, que pensativo conservava-se silencioso.

O Tal mestre dos mestres enciúmodo e comendo-se de despeito, rangiu os dentes e alguém ouvira-o resmungar:

– Aqui hai dedo de mais!...

– Descambava agora o sol para os chapadões e serranias azues, e a tarde, tarde esplendida, entornava-se vagarosa e solemne, derramando uma poeira de luz e ouro sobre a floresta. Finda a campanha por esse dia, contentando-se todos com o pouco que pouderam a custo arrebanhar pelos caminhos. A's ave-marias chegavam e assim entravam no grande pateo, curraes, mangas, tudo atarracado de gado n'uma berraria deliciosa.

Todos estacaram-se maravilhados e mais ainda o mestre dos mestres dos vaqueiros, vendo no centro do curral grande os bellos touros bravos, os mesmos que prendera com suas sympathias.

– La vai outra! disse rindo-se o Zé do Matto.

– Eis aqui grande parte do meu gado! exclamou o Antero n'um assomo de entusiasmo. E rompendo a custo a massa enorme, contornando o pateo chegára té á porta; e sem apeiar-se, indagára dos escravos e de sua familia por aquelle feito, impossivel quasi.

Responderam todos, tambem cheios de assombro, ter sido o Ventura.

– Ventura? Ventura só... ou...?

– Ventura! sem mais outro.

– Desde quando aqui chegou?

– Desde o meio dia.

– Meio dia?!...

- Meio dia!
- Onde está elle?
- Lá no rancho dos vaqueiros.

Não se deteve o fazendeiro, que n'um verdadeiro transporte de alegria, procurando o Ventura, cheio de agradecimento abraçou-o.

- Ora, não há de quê! disse este, rindo-se.
- Ventura, exija de mim tudo o que o Senhor quizer e ver que esteja ao meu alcance.

– Nada e tudo V.Sa. simplesmente sua amizade. Eu pensava que seugado era bravo mesmo, qual se me dizia, e não fora assim. Ah! é uma bôa manada de carneiro; foi tocar-se e tudo seguiu caminho dos curraes. Ficou um restinho que nada vem a ser. Isto a gente vai buscar amanhã. No mais acontece que essa meninada não sabe trabalhar.

– Ventura, não basta minha amizade; ja eu não sei como agradecer-lhe, tão emprazeirado estou pelo que acabo de presenciar em minha vida; longe d'aqui ninguém acreditará em semelhante facto. Dou-lhe o terço dos rendimentos de minha fazenda se o senhor quizer ser meu vaqueiro.

– Qual! isto nada quer dizer, desculpe-me; V.Sa. admira-se facilmente de tudo. Se eu não fosse tão occupado, com certeza acceitaria sua proposta.

E Ventura, como esquivando-se ir mais adeante, cortou a conversa:

– Olha, o cargueiro que V.Sa. mandou ao arraial vae chegando. Antero ia protestar não ter despachado cargueiro algum; mas, não se animou.

Ventura n'este momento tomava proporções de um gigante e dominava-o. Parecia de tudo saber.

Com effeito, era Antonio, o escravo que, como vimos dirigira-se secretamente ao Capão Redondo a mandado do seu senhor, a quem agora entregava uma carta, cuja obreia partira elle com a maior presteza.

Olhando a firma e reconhecendo-a real, detidamente lera o conteúdo: isto é, seu compadre Tiburcio scientificava-o ter recebido e immediatamente despachado o seu recado. Que o portador fôra um vaqueiro de nome Ventura, assim, assim, de tal forma e estatura, montando umaegua muito magra, que d'alli partira cerca de quatro horas, mais ou menos, da tarde e o desculpasse finalmente não ter escripto por occupaões e ter o portador accusado muita pressa, etc. etc e tal. Concluida a leitura, não se conteve o Antero.

– Ventura, estou plenamente satisfeito. Convido-o desde já para to marmos juntos um copo de vinho.

– Acceito-o pela bondade de V.Sa.

Ora a noticia logo correrá de bocca em bocca, concordando-se que aquelle homem não era um *caxicoló* qualquer, nem mesmo um vaqueiro vulgar.

Seria antes um ente sobrenatural, talvez a alma d'algum finado vaqueiro em penitencia pelo mundo, e dahi muitas lendas e historietas do genero que surgiram entre aquella gente credula, supersticiosa.

E, alma penada, genio, ou quer que fosse, o Ventura, alvo de acclamações, sentou-se ao lado do Sr. Antero em um lauto jantar, comeu a valler e sobriamente virou o seu valente copo de vinho, correspondendo a um brinde do dono da casa.

Só um individuo não gostára de toda aquella festa: o mestre dos mestres.

– Ei! ria-se a bom rir o Zé do Matto, eu bem dizia. Já tu topou a fôrma do teu pé, malludo, surrão de embira!?

Um collega indagára á socapa:

– Que é?

– Que é?! Você ainda progunta? Pois não vê que o tal mestre dos mestres está todo dalli enfesado?

– Ah! sim; agora é que noto. Que cara de quem comeu e não gostou! Que será?

– A pauta d'elle, homem, foi hoje quebrada!

Este murmurio correu em toda a mesa; mestre dos mestres, exasperado deu partes de doente, retirando-se. Em seu cavaco, apesar da opinião geral em contrario, o Ventura não passava de um grande feiticeiro, sabedor da mandraculas; e com certeza, agora, mais que nunca, tinha tomado partes c'ó cão; por isso é que dera conta d'aquella viagem impossivel, e arrebatára, reduzindo com rezas fortes, todos os touros que elle com trabalho amarrára, conduzindo-os por artes do capeta tão facilmente aos curraes.

Bem! Toda a noite em festas!

Amanhece.

Ventura que até então não se aventurára á menor palavra de contestação ou de enfado, pretextára uma doença qualquer; porem, falando sempre em ir tambem ao campo. Sabedor disto, o fazendeiro esforçou-se para que Ventura tomasse um descanso, pois, muito trabalhára.

– Vou, disse elle. É necessario; existem touros em diversos logradouros e careço dos serviços de todos os companheiros.

E uma voz geral ecoou:

– Estamos ás ordens do mestre Ventura!

– Mas eu não sou mestre. Como ia dizendo, quasi não podia ir, porque um maldito rheumatismo atacou-me esta noite...

– Oh! neste caso, atalhou Antero, deixemos o campo para amanhã,

mesmo porque é necessario accomodar ainda o gado que anda por fora das mangas.

– Não se encommode V.Sa.; o gado que o senhor vê, não sahirá d’aqui para parte alguma. Vou ao campo porque quero acabar com este serviço. Tenho um tracto certo com uma pessoa a quem não devo faltar. E virando-se para o mestre dos mestres, pedio-lhe o favor de ir buscar o seu animal, accrescentando com certa amabilidade: não lhe dá trabalho, não; ouviu? É um favor que fico a dever-o. Toma a brida e é quanto basta. É uma egua muito mansa, estou d’aqui quasi enxergando-a. O senhor volta já.

– Sim, senhor! respondeu contrafeito mestre dos mestres; com muito gosto!

– Ficar-lhe-ei muito agradecido.

Mestre dos mestres correu ao campo, virou-o, e revirou-o, remexeu e esquadrinhou toda a moita que viu, todo o taboleiro visinho e voltou de mãos vasias.

– Não achei!

– Não achou como?

– Não achei a egua em parte alguma.

– Homem, comeffeito! Olha lá? e apontava para o campo: la está ella! A vaqueirada olhava para o rumo apontado, sem nada divisar.

– Nenhum dos senhores está vendo-a?

E todos se calaram, entendendo que o mestre dos mestres não queria servir de creado. Muitos se offereceram para buscar a egua.

Ventura agradeceu por ter pedido ja a seu amigo, e este de bôa vontade se prestára áquella fineza. Não quizera papel feio, portanto.

– Não é porque não queira, disse elle, e sim porque não encontrei em parte alguma seu animal, apesar de tel-o procurado muito aqui nos arredores.

Em todo o causo, irei segunda vez. E foi e nada. Embirrado, tentara terceira vez com os mesmos resultados.

Eh! exclamou Zé do Matto, vendo-o chegar: voltou c’uma mão na c’ronha e outra no traquête.

N’este momento todos os vaqueiros se aballaram em busca do animal; mas, Ventura os deteve.

– Não consinto tamanho sacrificio por uma cousa de nonnada. Eu cuidava que esse amigo era mesmo mestre dos mestres. Agora, vou eu mesmo. Esperem-me aqui. Faça o favor dar-me esta brida?

Mestre dos mestres entregou a brida, já muito desafinado.

N’um abrir e fechar de olhos Ventura desaparecera entre uns arbustos,



e á vista de todos entrára no pateo, puxando a egua, sellando-a immediatamente sem mais palavra.

Mestre dos mestres roia um ferro e arrastava um couro desgraçado; porem, cego de orgulho, não se dava ainda por vencido.

Arrastou sabenças deante dos companheiros que d'elle riam e do seu desprestigio, portanto. Dada a hora, novamente partiram. Ventura tomou o rumo de um logradouro, onde de vespera deixára preso um dos mais valentes e bravos touros da fazenda, e ao aproximar-se do logar advertio:

– É alli e d'aqui se o vê bem.

O matto, em forma de um curto bosque, abria-se n'uma linda clareira, cujo pó revolvido, espalhava-se fresca brisa, recamando-o na folhagem como um fluido aereo, ferido pelos raios do sol.

– A maré está subindo rapaziada! Quero ver a madeira rolar! exclamou Ventura com entusiasmo.

Na verdade um enorme touro, escuro e reluzente circumvoluia na estreita planicie, escarvando e estremecendo a terra com seus mugidos de féra. Houve um momento de indecisão para atacal-o; mestre dos mestres vio isto e não contou fiado.

– Não vá não, senhor! Não vá que ja o vi fedendo! gritou Ventura!

– Veja tatú pra que cava e o diabo cumo attenta!... ôh! defunto feio! gracejou Zé do Matto. O perigo era evidente e a vaqueirada gritou tambem aquelle louco; mas, o soberbo não quiz escutar, não esteve pelo aviso, arrojando-se a todo o gallope para o abysmo.

Mal transpõe o signo vaqueano, largamente traçado em torno do touro, este o investe de tal maneira rapido que em poucos segundos mestre dos mestres e o seu cavallo embollam-se na mesma poeira. Morre o cavallo, e o teimoso escapa-se, acodindo-o em tempo Ventura, a quem agora deve a vida. O touro conteve-se dentro do signo, não ousando atacar, nem tampouco transpor a mysteriosa barreira. Venturafingia-se agastado.

– Ahi está. Se eu bem disse, melhor sahio. Cahio redondo! Eu não quero mais isto; este vaqueiro é muito presumpçoso e pabulagem o come de uma assentada.

E, apeiando-se junto ao signo, sacou do pé uma das esporas e atirou-a contra o touro. Este curvara-se immediatamente tão manso, como um cão aos pés do seu senhor.

Ventura, estendendo a dextra, foi direto á féra, batendo-lhe no dorso tres pancadinhas: – Socega!

Voltando-se para os campanheiros, prohibio-lhes terminantemente atacar os demais touros que dalli por deante apparecessem presos. Em busca de



outros logradouros, repetio elle as mesmas façanhas com igual precisão por diversos sitios, aqui atirando a ultima espora, alli uma pedra, e acolá um pão, uma folha verde, alem o chapeo, o gibão, o chicote, a aguilhada, um ramo qualquer, conduzindo, emfim, sem o menor inci dente aos curraes, esse bando selvagem e perigoso.

Finda a vaquejada ao declinar o sol do meio dia.

O mestre dos mestres já desabusado, fora o ultimo a chegar á casa pela tardinha, envergonhado, confundido, com a sella á cabeça. Arrian do a carga, procurou o Ventura.

– Vancê me queira perdoá. Seio que lhe devo a vida, abáxo de Deos evenho lhe agardecê; pelo que, eu e todos nós temo visto e ouvido, indêsna que Vancê aqui chegou, só se pode se dizê que Vancê é o Borge de fama.

– Não tem que agradecer, respondeu Ventura, tranquillamente rindo-se e do mesmo modo acrescentou:

– Sou simplesmente – Borges –, porem, sem fama, um criado para o servir. A estas palavras mestre dos mestres ajoelhou-se, pedindo perdão.

Zé do Matto não se conteve:

– Êrre diabo! conheceo mallungo?!

Quem puxa folle é ferreiro.

Ferreiro é quem puxa folle.

Você foi de cabo teso,

Mas, voltou de cabo molle.

Houve uma gargalhada geral.

– Eh! Só Deos pode ser o mestre dos mestres. O que te fiz foi muito de proposito para arrancar-te a soberba que daria cabo de ti, quando menos esperasses. Levanta-te que não sou santo! Como te chamas?

– Me chamo Sarapião, um creado de Vancê.

– Já o sabia. Contenta-se com isto só, e não caia mais n’outra!

– Nhorsim! Nunca mais!

Qual se vê a descoberta do Borges fora um grande acontecimento: fazendeiros, vaqueiros, camaradas, escravos e outros popuares cercaram de atenções aquelle homem famoso em todo o sertão e que, envolto sempre em um mixto de lendas e de incertezas alli estava em carne e osso.

Quizeram detel-o por mais tempo, porem, recebido o seu salario,

retirou-se no mesmo dia, indo pernoitar, muitas leguas d'alli em casa de uma viuva muito rica d'aquelles arredores e cujo marido fallecera depouco tempo.

Borges não fizera tracto algum, como dissera antes ao Antero: mas, sabendo que essa viuva estava quasi a enlouquecer por ter-lhe desaparecido um cavallo da estima de seu marido, muito de industria la se foraarranchar.

O vaqueiro da fazenda, bem como aggregados escravos e particulares noticiavam que o tal cavallo morrera n'uns atoleiros, delle restando apenas ossadas: mas, a viuva, obstinava-se em crer o que de facto era verdade, promettendo duzentos mil réis a quem d'elle desse conta.

Apezar disto, a promessa nada adiantára.

Na opinião da viuva o animal estava bem vivo; no mais, sabia que queriam roubar-o, e aquella gente visinha andava a usar de patranhas. Aquella teimosia, filha de um pouco de loucura, bem pronunciada pela perda do marido, tolerava-se.

Desculpavam-n'a.

Grande, portanto o seu regosijo pelo apparecimento do Borges, dando-lhe noticias do cavallo, que segundo affirmava, estava vivo e bem vivo.

– D'isto bem eu sabia. Esta corja come o meu dinheiro, engana-me, ainda em cima quer roubar o cavallo da estima, que foi, de meu marido; pois, se o senhor o trouxer aqui á porta, eu sustentarei o que já disse. Darei os duzentos mil réis.

– Pois, sim senhora! Eu quero somente o prazo de... até amanhã.

– Depois d'amanhã, se lhe convier; contanto que o senhor m'o traga.

– Póde ter fé em mim, que elle virá. Conhece-o bem a senhora?

– Ora se o conheço! Como as palmas de minhas mãos: Desappareceu da estribaria e até dias que foi hoje.

Borges retirou-se.

Na manhã seguinte, como promettera, eil-o á porta da viuva, trazendo pelas redeas um bonito e lusidio castanho escuro. Reconhecendo o animal de tantos cuidados e sacrificios a fazendeira e rica senhora derasaltos de alegria; sem mais tardança, cheia de agradecimentos pagára ao Borges os duzentos mil réis em prata e ouro, alem de alguns presentes que, embora recusasse-os, fôra obrigado acceitar.

– Agora que está a senhora livre do susto de perder seu animal, vou-me embora, disse o Borges. Recommendo-lhe muito que, quando for ao meio dia, se este animal sentir sêde, mande dar agua e laval-o; quem fôr tractar d'esse serviço, de modo algum (veja bem o que lhe digo), de modo algum tire-lhe a brida que tem. Até que por hoje não precisa elle comer; e adeus! até outra vista!

– Até outra vista! Hontem, quando o senhor aqui chegou, conversámos;

mas, foi com tanta pressa que esqueci-me... passou me pelo sentido de perguntar...

– Pelo meu nome, não é assim?

– Sim senhor! isto mesmo!...

– Meu nome, senhora dona, é Firmino; mas, me chamam Firminão.

– Mal applicado! O senhor é pouco fornido... pois, senhor Firmino, eu aqui estou e estarei ás suas ordens.

– Reconheço, minha senhora, e não dispenso o favor.

– Onde o senhor móra, aindas que mal pergunte?

– Pergunta muito bem, senhora dona! – Meio do Mundo!

– Meio do Mundo!?... É fazenda?...

– Sim Senhora!

– Meio do Mundo!... Que nome exquisito! E murmurava ainda quando Borges ja estava longe, cavalgando sua egua magra. Reposta qual se de um sonho, chamou um escravo, mandando-o conduzir o cavallo para a estribaria.

– Amarre-o com a brida que tem; não n’a tire! Vá, depois, chamar o vaqueiro. O escravo cumprio a ordem da senhora, e, instantes depois, o vaqueiro, bem como todas as pessoas de casa e da vizinhança, certificados do occorrido, presurosos foram ver com os proprios olhos a inacreditavel noticia. Comeffeito, o cavallo, o mesmíssimo em carne, osso, côr e ferro do seu dono!

A viuva não cabia em si de contente, alisava e mirava-o, attribulada de penosas recordações, repassadas de lagrimas.

Chamando de novo o escravo, fez-lhe com severidade as mesmas recommendações do Firmino: – nenhuma razão!

Ao meio dia, porem, subindo de ponto o calor, o animal sentio-se vexado; disto avisada pelo escravo, ordenou que este o lavasse á uma aguada proxima e não tirasse de forma alguma a brida.

Assim o fez; mas, uma vez alli, morto de sêde o pobre animal não sorvera a menor gotta d’agua. Tolhia-o absolutamente a brida, e tal suainsistencia, que o escravo teve dó e affligio-se muito. Contra a ordem que tinha, imprudentemente livrou-o d’aquelle estorvo; mas, sob um grito de assombro!

Em um instante desaparecera o bello animal e a seus pés, n’um dismantêlo ruidoso, tombára n’agua o esqueleto completo do cavallo de sua senhora. Voltando de carreira á casa, fielmente referira todo o occorrido, não só á viuva, como ás demais pessoas da redondeza, que, appressadas, dirigiram-se ao local. Uma vez diante da realidade, exclamára a desditosa:

– Diabos te levem pros infernos do teu Meio Mundo, Firminão! ladrão de todos os diabos!

E de factos como estes, incriveis, extraordinarios enchia-se o sertão; por

exemplo: a mudança de um bosque para logar diferente, pescas de peixes em paragens absolutamente seccas, etc, etc. Por muitos annos sem outra cousa mais se falára sinão no Borges. Um dia a tiros e chuços uma onça, que zombára de todos as esperas e ardis, morria em um grande fojo, aberto cautelosamente á porteira de um curral de fazenda. E essa onça, terrivel, devastadora, fora reconhecida: – o Borges!

Pastoreava uns gados o famoso vaqueiro por uns desertos, onde se embrenhára com um auxiliar seu discipulo e amigo. Cinco dias eram decorridos e elles mortos de fadiga, de fome e sêde. Exhaustos e sem tempo de tornar á casa por muito longe, appertava-os mais e mais a penuria.

Borges era forte e destemido; queria alem disto experimentar e ao mesmo tempo preparar seu discipulo, que não primava muito por aquellas qualidades.

– És muito fraco, meu rapaz! Tenho dó de ti. Sentes muita fome, não é assim! Coragem! Aprenda ter coragem! Agora mesmo vou matar aquella novilha gorda que alli vês; terás occasião de testemunhar uma das minhas, e porque te estimo e muito, quero ensinar-te o que ignoras. Vou tornar-me em uma onça canguçu; sangrarei a novilha; beberemos depois o sangue e não faltará mais carne bôa fresca, secca e gorda. O discipulo arregalou muito os olhos.

– Não te admires, se promettes-me não ter medo, tanto melhor; provar-te-ei o que disse, e para que não duvides um instante, espere um pouco aqui. E entrou para um serrado, onde demorou-se algum tempo. O discipulo tremia, apesar da muita confiança que depositava no mestre; parecia-lhe vel-o surgir na verdade, como onça, daquelle antro.

– Toma este maço de folhas; agora, você vae ver-me, mas pura onça. Matarei, como disse a novilha e voltarei para você com a bocca muito aberta. Nada de mêdo, moço! Aperte bem este maço de folhas na mão, e quando me dirigir para você, sem deixar cahir uma só, tire do meio estafolha (e indicou-a); colloque-a na minha lingua sem demora e eu me transformarei logo. Se você não tem coragem, seja franco; do contrario, não me arriscarei a semelhante sacrificio. Entrou Borges segunda vez no serrado e não tardou que d'elle saltasse um disforme cangussú, que, investindo o gado, derribára a mencionada novilha, sangrando-a n'um volver de olhos. Saciada a sêde, escancarou as fauces o cangussú em busca do discipulo. Este, tomado de pavor, de ha muito fugira a todo o pasmo.

A onça o perseguio por toda a parte durante muitos dias e sem resultado. Caçadores que andavam por longinquas e ermas espéras de veados e antas, muitas vezes falavam de uma onça singular que conversava a sós nos desertos. Dizia-se que era mentira de taes caçadores.

Em breve, pelas fazendas apparecera uma terrivel mortandade de gados. Uma onça descommunal, atrevida e valente assolava essas regiões atacando curraes que os não haviam seguros em parte alguma, até que tragicamente viera

cahir e acabar-se em um desses, de modo porque sabemos, sendo reconhecida n'esse dia pelo discipulo traidor que, pezaroso assistira ao triste desenlace. A onça depois de uma luta desesperada, conseguiu transpor o fojo que lhe fora preparado; mas, para morrer atravessada nos chuços, zagaias e muitos tiros certos decalvinas. Naquelle duro momento, contava-se, que ao dar com os olhos no ingrato discipulo que alli se achava entre os matadores, soltára um terno e prolongado gemido que nada tinha de selvagem, seguido do ultimo suspiro.







## A Mulla sem cabeça

**A**rrunego d'aquella que, dizem, eu não seio, não juro, qu'ê, mulla de pad'e, Kuk! Kuk! Kuk! Kuk! Kuk! (guttural) Cruis! eu t'arrunego treis vêis! Cruis da bracafusada, da encrenca da tua pantaforma! Euso seio dizê qu'era n'um dia de sexta-feira de corésma. Era bem tarde já. Eu e mamãe, nois tinha cabado de chegá em casa, ô dispois das encomendação das arma. Nois é vinha de carreira, coge mortas d'assombrada. Mamãe, coitada, esta cahio na porta da rua, de bruço, que nem genipapo maduro, em conto eu destrancava a porta. Entrou arrastada nos meus braço, tremendo cumo varas verde, cansada em tembos de deitá a arma p'la bocca. Non vê, que conde acabou-se c'oa encommendação, qu'era na rua de riba no cruzêro da Bôa Morte, cada um dos companheiros pitou seu fumo e tomou seu rumo e nois tambem tumemo o nosso. E nois é vinha puxano muito e nois morava longe no fim da villa.

Malli fiquemo só, condo uvimo uma matinada qué vinha da rua de riba, e mamãe disse logo:

– Minha fia, queira Deos nois não temo hoje córqé branquifeste! E eu fiquei logo me temblano, sipono o que seria. Mêdo, que Deos dava! E puxa que puxa! Puxa qu'e puxa! Tira que tira! quisape, quitrape!... que a arma stava pra sahir pla bocca! E o trem lai vem e nois demo pra corrê. Panhemo nas mão os xinello, botemo a saia pla cabeça e mettemos o arco. E o trêm atrais de nois! Pramode coisa que nos vio, e avançou c'uma tribusana, c'aquella bateria que chegava a tremê a terra. Eu não sabia o que era; mamãe, antonce, foi quem conheceu de longe.

– Minha fia, stamos perdida! E eu pensei logo qu'era difunto.

– Aquillo é a mulla sem cabeça, disse ella, parano. Não corre mais não, qu'ê mais pió. Deita-te de bruço n'areia, cobre bem a cabeça e esconde as unha dos pé e das mão. Se ella vié e nos cherá, não tem nada.

– Mas, mamãe a tribusana é grande, l'évém aqui perto... e pramode qu'ê duas tribusana?...

– Cala bocca, menina, deita! por Nossa Senhora!

A lûa stava quilára que nem o dia! Conde nós fumo deitano, a tribusana parou coge perto de nós n'uma encrenca... fim! ai! ai! Era duas mullona.

Vinha tinino aquella ferrage, n'uma latomia, c'uma pantomia que fazia horrô. Eu acho que uma sentio o bafo que o vento trazia da outra, e por isso foi que uma parou, esperano. A outra, a de riba, nam mancou! Foi chegano e aqui no



contenente arribou-lhe uma bardelada na outra, que foi de quarto abáxo, que chegou escanchá. E trancáro uma briga que fedeu chamusco, aquelle fedozão de enxôfre. Eu arribei bem, antonce, a ponta do lançó da encommendação pra vê. Uma bruziguiada do inferno! Coge qu'assombro, condo fui dano c'os oios na bixa.

Era patada e dentada que sahia aquellas lasca de fogo! Arreparei bem as duas porcona, as duas mullona, cada qual có duas estrella na testa. Era fogo só! E ellas, papú brucutú! papú brucutú! Dava roncós e rinchava que parecia dois bixos feróis, dois diabo em pessôa. E batero ferrage!... batero ferrage!... brigaro horas larga, que cum poucas o gallo cantou.

Aqui, cond'o gallo cantou, apartaro a briga, e uma correu pra riba, outra pra báxo, que sumiro n'aquella mundaça.

Antonce nois lavantemo; e, pernas pra que te tem?

Cheguemo em casa pra morrê, e o trabaio malhó que deu-me pra socegá mamãe?

Conde nois stava pra deitá, batero na porta cum força.

– Quem bate?

– É de país.

– De páis quem?

– Eu, fulana!

– Ah! Ah! ah!

Mamãe, que, por inlivia, sabia mais ó mêno do causo, me coxixou-me em segredo, pondo os dois dedo na bocca.

– É dona fulana. Ella é que é a mulla sem cabeça que nós vimo.

– In cumas, mamãe? proguntei eu por aqui assim indimirada e báxinho: d. fulana!?

– Não quero vê promoves, eim? Tu fais que não vê, que de nada sabe; eu vou abri a porta e tu não te alavanta, nem pru sonho. E sahiu e foi abri a porta.

Eu, pan! fiz que stava drumino e roncava... de mentira.

Mamãe destrancou a porta e conversou báxim qu'eu não uvi. So uvi mamãe dizê: não tem ninguém.

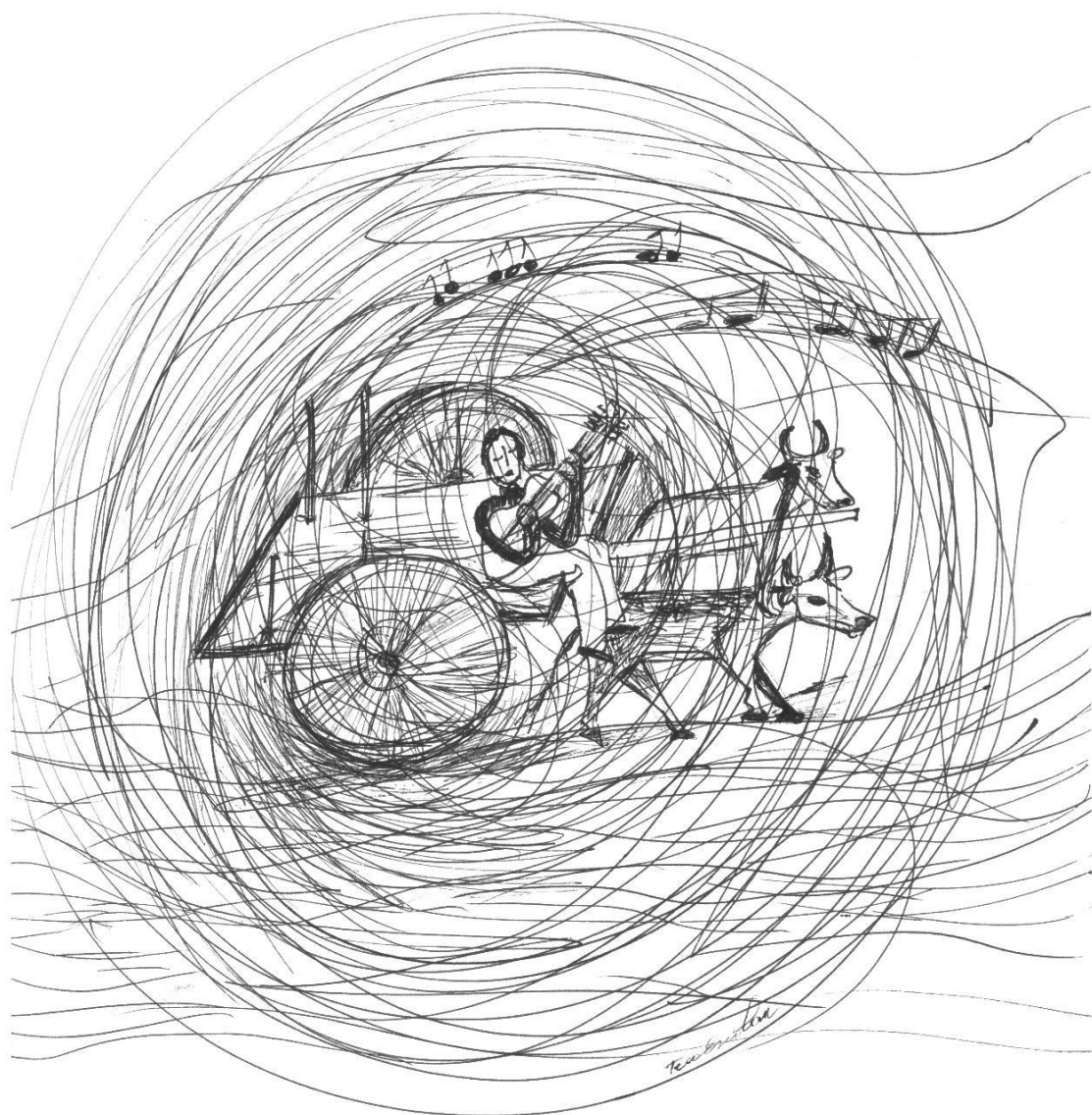
A muié entrou gemenó; stava que fazia last'ma. Oia? Cada lápo d'est'amanho... no corpo todo! A outra mula era valente, e eu acho que trazia navaia e era d'outra freguezia.

Comeu a outra em vida que não mancou e coge a mata. Nam foi nada; subiu pra riba da cama e debáxo de muito segredo (aqui pra nós), o vigáro, ô dispois do causo passado, que soube, veio in nossa casa, horas morta, e levou antonce pra casa d'elle a tal fregazona d'elle. An tonce, conde se proguntava, se dizia qu'era catharrão cum feverão. Ella, se maldizeno, contava de semp'é á mamãe a sua sina.



Coitada! tinha uma má sina. Muitas vêis quizera largá o pad'e; mas porém, a sina d'ella puxava, e ella, que só dava pr'aquillo, não tinha remeidos a dá. Hoje ninguem vê mais disto (qu'indas hai)! mais, n'outro tempo, cumono meu, era um risco! Deos amostrava muitos inzemplos. Ainda hai a mulla sem cabeça; custa muito, mas porem, hai. Essas cousas de Deos umfum!... ninguem deve marmurá. Mamãe veio sabê, ô dispois muito tempo, qu'essas gente são iscommungado. O pad'e que se mette c'oa vida d'essas tafula, desneque alevanta da cama, o premêro Deos te sarve e o premêro pilosiná é iscommungá ella sete vêis, antes de rezá. Con do reza o breviario, sete; antes de carçá o xinello, sete tambem, qu'é pra leva pra greja a fulaneja debáxo dus pé; antes de começá a missa sete; sete antes de tocá na pedra della; sete ante o prémêro donozobisco; sete no mei' da missa; sete no alevanta do Senhô; sete antes do cale, sete ô dispois que acaba a missa. E tudo isso em sete coresma elle é obrigado a fazê. Que conde interá as sete coresma e sete sexta feira, na béspe, é hora da fulana, a tafula, virá a tal mulla; sem ella esperá (n'uma sexta feira é que começa); chega cuma doida no monturo, tira a roupa toda, põe na cerca, esfrega pra lá, pra cá; que cum poucas non tem que vê; rompe na mundaça aquella bixa!... Sete freguezia! Tem de corrê o fado sete freguezia! Quem qué pega uma mulla d'esta, stano de tocaia, é accendê uma vella branca benta, si tem corage, pruque o causo é feio e escaroso. Vem batê em riba, non tem que vê; mas porem, é muito riscoso. Só a ferrage d'ella... unfum! ai! ai! Os óios nosso c'oas unha é candeia pra ellas. Condo se qué sabê si uma tafula stá virano, panha-seum caco de teia e cobre o rasto della n'areia, cond'ella vai pra missa, efica-se de mamparra até que ella vorta pru onde já passou. Retira-se ô dispois, o caco que é de se vê o rasto de um burro ferrado. Custa muito virá a mulla, ispramentes as que não se chama Anna. Estas vira de sete anno.







## O Carro que canta

**M**aria da Cruz! Ah! Maria da Cruz!  
Canta o teu carro ainda no fundo d'água?

Há uns bons trinta annos dizia convicto o preto velho José Theodoro ( e com elle ainda o povo do arraial):

– Canta! E praque não canta?

José Theodoro com sua cabeça adoravelmente branca, qual se n'ella trouxesse eternamente atado fino lenço de alvíssima cambraia, era então um nonagenario parlador de feliz memoria e espirito vivo, forte ainda no labor da vida.

Reverenciavam-n'o, porque quando falava, quasi um seculo emergia-se da sombra, encarnando-se em suas palavras autoritarias, sizudas, de uma firmeza inaballavel e ingenuidade taes que affrontavam ao ouvinte o mais desabusado.

Velho africano de cara lanhada, oriundo das antigas senzallas da famoza senhora e dona das Pedras do Padre (Manoel Cardoso) ou Pedras de Baixo – Maria da Cruz, a inconfidente de 1736, José Theodoro era o patriarcha do povoado.

E quem o idiota para contestar isto ou aquilo que elle falasse entre sua gente? Pol-o em duvida, correria o risco de passar por um impostor de marca maior, olhado logo com máos olhos, porquanto, dizia-se que o velho era apreciado até de altos personagens que em sua casa procuravam hospedagem, com o firme proposito de ouvil-o, e para isto vinhamde longe. Esta fumaça e fama ennevoavam a envaedecida imaginação e amor proprio do africano a ponto de tal, que era um gosto vel-o tirar dobolso da calça o seu cornimboque de chifre de bode, atarracar as ventas com duas valentes pitadas de torrado, limpar os raros bigodes com o respectivo lenço de alcobaça e repetir com insistencia:

– Nhorsim! O carro canta, sim sinhô, todo dia que chega as horas morta da noite.

E dest'arte Carlos Ottoni e outros tiveram que registrar lendas do José Theodoro com suas phantasias, que, como as demais com que mimoseava os seus hospedes, começavam sempre por esta:

– Maria da Cruz, era tão grande, tão rica, e tão pudorosa, que chegou attestá seu thesouro com o do Rês de Portugá. De uma feita ella levantou aqui um baruião de tal modo perigoso, que condo o Rês soube, mandou prendê ella cos cumpanheiro por inveja de seus teres, e tomou-lhe tudo, arrasando a casas, deitando sal em cima, acabano c'os escravo, qu'era que nem chuva, e bens cuma as terra e gado do campo; ella, na corrente, marchou pra la das Cobras no Ri' de

Janeiro e la morreu na cadeia. Tudo isto pruque fôra muito má. Muié d'estouroe d'esparro, pabulona! Seus escravo e camaradage não tinha descanso; trabaia nos domingo e dia de guarda. Nunca houve missunaro, nem pregadô que não mardichoasse ella, mais ella nem mimba! Pouco s'emportava, não fazia causo! Nunca os escutou. E os missunaro cós pregadô dizia:

– Dêxa-t'está, Maria da Cruz, que quem vivê verais o teu fim! Tempos é de vim que quem por aqui passá, é de pruguntá: – Antonce, cadêl-a a dona Maria da Cruis? E ninguem é de arrespondê. Tu trabaia nos domingo e dia santo e não houve conseios; mas porem, tudo quanto é teu é de rendê cuma correia no fogo. E dito e feito. Se bem disse, mió sahio. Todo o povo marmurava e se quêxava p'uma bocca só; a escravatura morria nos açoito e no trabaio. Um dia de domingo na hora da missa um carro é vinha entrano n'esta pavação, cantano c'uma toada muito triste, carregado de tachos grande de fornaia e outros de cosinháangú pros negros.

Aquillo já era por luxo e mangação qu'ella fazia.

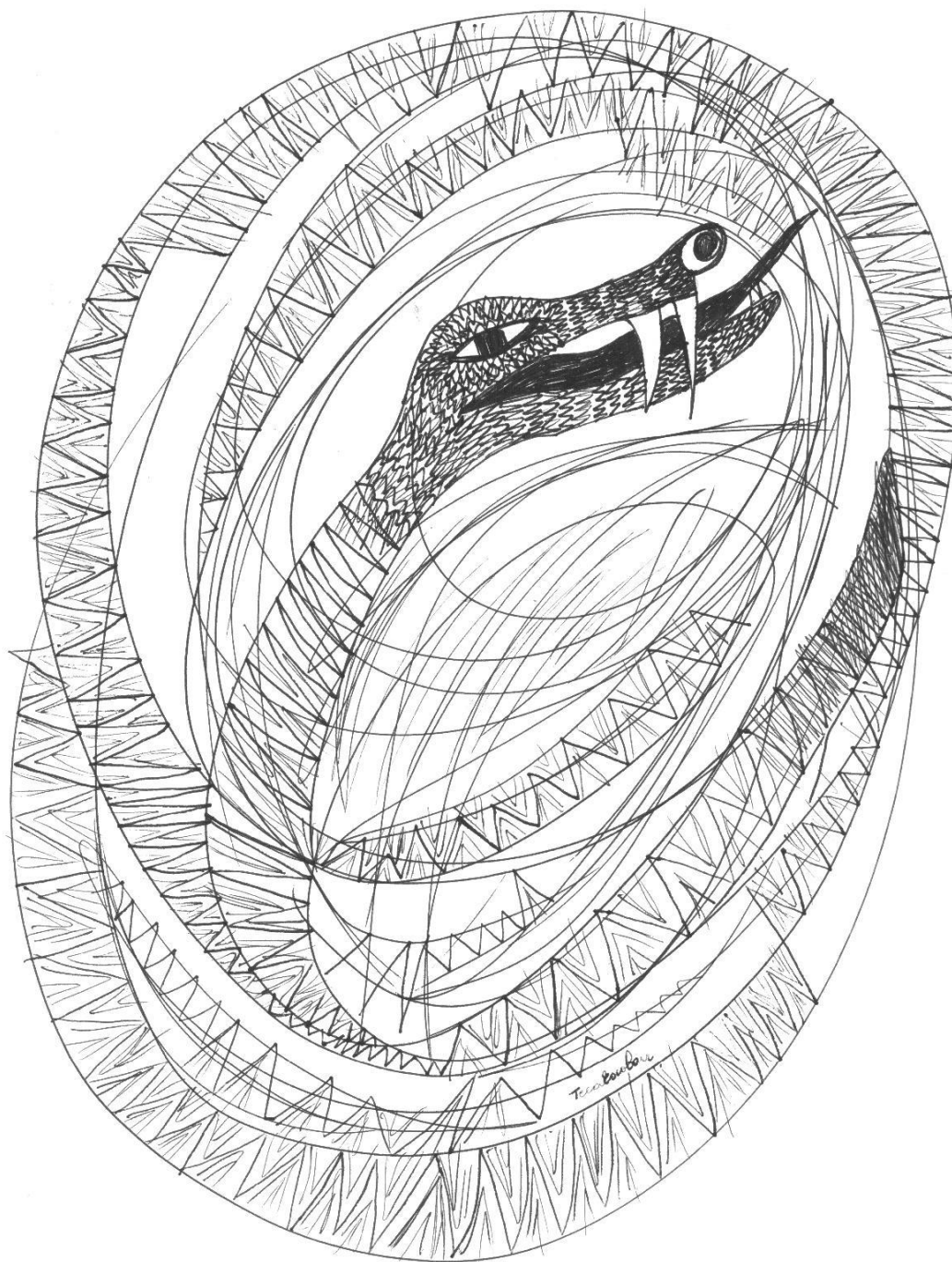
Ora, o povo qu'havera de dizê? E se fosse dizê, abri a bocca se cór o meno, tudo panhava, apois ella não era de caçoada. O pad'e vigaro da freguezia n'aquelle estantim tinha feito uma preba pramode os trabaio de domingo, que Deos dera os domingo pramode se descansá, e quem assim não purcedia, abusava, era mal assucedido, por isso se via muitas fortuna arruinada. Maria da Cruz achava-se n'esse dia na missa; mas porem, c'um muxôxo nem fé deu d'aquillo. Na hora em que o pad'e vigaro alavantava o Senhô, uvia-se aquelle baruião!

Que foi, que não foi, acode, acode, quetá, tei'-mão!? O povo enterrou os pé de dentro da grêja, mas porem, já foi tarde. Os boi arrancáro, dispararo de dentro do arraiá n'uma carreira medonha e tão medonha que não houve ôa-ôa, nem ação-ação! Derrepente se fez aquelle fécha- fécha adiente, mas porem, tudo bardado. Os boi, carro, c'os tacho tudo, c'o escravo, carreiro, c'o tudo atacou e tafuiou plo fundo do rio a dentroque nunca mais se teve notiças d'elles. Um anno ô dispois, Maria da Cruz era presa nas corrente pra la das Cobra no Ri' de Janêro que o Rêstinha mandado prendê ella.

Isto ficou servindo d'inzemplo.

Passa annos e annos; cond'é la um tempo a gente do arraiá e nois tudo ouve, horas morta, inté dias que é hoje, o carro cantano no fundo do rio e vai desceno aguas-abáxo c'o escravo tocano os boi.







## A Serpente

**A**serepente do Rio de São Francisco, dizia um velho barranqueiro, é uma real'dade! Não é dos meos tempos; é dos antigo, os prémeiros habitante de G'. Nos tempo do mest'e de campo nas santas missão de Frê Biatino. Este Frê Biatino era um pad'e de bôa vida, mais que ninguém sabia. Stava-se carriano pedra de uma legua e mais pramode se dinificá outra egreja, pruque a que ficava no suburque do povoado não prestava. Elle em pessôa é quem triminava o serviço que havia bastantes anno que ninguem s'atrevia a concului, pruque era sabido: mettê a cara c'a obra... pan! morria n'aquella certeza.

Os ufriçias não s'astrevia mais. Uns intisicava, outros cahia de mulestra *supra*. Um que quis se amostra de valente, este endoidou e enlo cou de tal modo, que correu pro rio e nunca mais appareceu inté dias que foi hoje.

No vê que a ingreja era na berada do rio; lavatou-se os inlicercio sem ter nada; mas, conde os paredão subiro inté certo ponto, d'esse cujo ponto antonce, se descobria um reconclo que o rio fazia e desse dito cujo, em certas hora apparecia dois bogaio tão acceso, que uma estrella é moleque pra paracê c'o elle em riba d'agua.

Infeliz do que botasse os óios pra lá! Já era vóis que em outras era muita gente alli tinha se sumido, em bens cuma muitos canoeiros e animás.

De tempos em tempos um ruge-ruge c'uns estrondo n'agua fervia as mareta do peráo e a terra tremia querendo s'afundá'. Se dizia que eraos bixo d'agua brigano c'os peixe brabo, c'as coisas encantada qu'esterio inté hoje tem. E os tempo ia se passano e a ingreja cahia no esquecimento, conde o santo missunaro Frê Caetano tomou conta do serviço.

Logo qu'elle metteu cara e arribou c'a obra, vio-se logo a deferença. O maderame foi cortado em deversios logás, mandado por elle: portas de tal parte, janellas de tal outra, mad'e d'outra, cruzeiro d'outra, areia d'outra, em bens cuma, pedra d'outra, cali d'outra também e tudomais n'essa cumfirmidade inté acabá. O missunaro era santo mêmo. Um home, na occasião que se tirava essas pedra, foi machucado no pé por umas d'ellas. Carregou, dispois, a canôa e foi o premêro que chegou no porto, onde se achava o pad'e pra sisti desembarcá as ditas pedra e mais mistriás. Stava elle tirano e foi tirano e foi conde sinão conde, disse por aqui assim o pad'e por essas palav'as, apontano pro fundo dacanôa:

– Meu fio, tira aquella pedra e supara ella práquelle ladro.



– Uai! Pramodes que, seu pad'e mest'e?

– Pruque ella é do diabo, fio! Oia teu pé cumo stá machucado!? Você xingou ella, não é verdade?

– Sim sinhô.

– Apois? Não sirve pro trabaio.

Ora, isto foi um horrô pro povo e foi antonce que se vio que o pad'e era de bôa vida, estordenaro mêmo, apois não comia nada que padecesse morte. Cond'era hora do sermão, a gente via elle sahi de casa, sumi no mei' da rua, e conde se percurava elle... ei! n'é de'hoje seu pad'e, qu'elle já stava no pulp'to! E ninguem via prudonde elle passava. Se caçava elle no pulp'to, elle já stava veio... frio... em casa; se caçava em casa, elle já stava dahi uma legua no serviço das pedra. E sem faze fartae sem dá pru fé, apparecia no servicio da madeira, duas pra treis legua. Ora, um pad'e assim, que fazia d'essas passadage, não tem que vê: era inziminado. E de maneiras que, cumo eu ia dizendo, conde acabou-sea ingreja, dise elle um dia ao povo que elle não dizia aonde, nem conde, nem conde não; mas porem, que todo dia de sabb'do pra domingo o povo rezasse reunido n'aquella ingreja, apois elle sabia que por alli morava uma serepente braba que elle tinha marrado com um fio de bar ba d'elle; que ella ja stava cheia de penuge e não tardava a criá aza. Se chegasse a criá e sahise se cór ó meno ca cabeça de fora, so co urro della arrasaria sete cidade cóos seus pavoado em tres dia. Qu'ella era moradeira dentro do Rio São Francisco. Toda las vês que o povo rezasse o ufriço de Nossa Senhora, havéra de cahi uma pena das aza d'ella.

– O'ia lá! disse elle, no dia de despedida; Adeos! Inté dia de juiz! Se a serepente sahi, só dois irimão mabaço é quem é de mattá ella pro tempo adiente, e um dos irimão matará o outro, e o grito da serepenteé de estrondá no Rio todo de São Francisco. E o povo chorava cumo criança bateno nos peito: misericórdia, seu pad'e mest'e!









## O Menino e o Dourado

**E**ste mêmo pad'e missunaro pregadô d'uma feita abrio santa missão n'um certo logá da beira do Rio e logo no premêro dia disse elle que hia amostrá um inzemplo nunca visto, um phenonco!

Antonce, uma moça tinha-se perdido e parira um fio macho; mas porém, cum'era de gente grande e rico das premêra famia do logá e não quereno que sahisse a lume o negoço, assim que a criança nasceu, ella, veno que aquillo era um escandêlo, pan! atacou-lhe o fio n'agua den'do rio. Um dorado, que alli morava deu có menino e abocou-lhe, mas não engolio. Já fazia corenta e tantos annos e ninguém sabia do causo, conde este santo pregadô abrio a santa missão, em dita cuja missão se achava a dita moça que amarellou-se toda logo que elle dissera por aquellas palavras:

– Inzeste por aqui uma mãe desnaturada que, pru vergonha e pru mardade pario um fio macho e jogou elle no rio e calou-se a bocca, prue era de famias rica.

Aqui se tem o bocave de se dizê que Deos não s'emporta cás coisasd'este mundo. Coitadim d'este e d'esta socapada que assim pensa, prue ó meno este crime Elle vio e não quis que a creança morresse. Ah! mãe intife e embosteira, tu é de pagá este peccado graduado. Teu fio stá vivo. Deos botou um grande dorado, o malhó monstro do rio no logá do teu crime, e elle trevessou o menino nos queixo e assim anda có elle vivo pra riba, pra báxo. Alli, apontou elle do pulp'to pro rio, hai uma pedra onde descansa elle esta creança, em conto come algũa coisa; não pára nunca e nunca deixa os outro peixe encostá no menino. Bate em todos e gira d'um pontal a outro. A creança stá véia já. Já é home feito, maduro, mas porém, não cresce. Stá do mêmo tamanho cumo nasceu mas, porem, os cabello branco stão pareceno.

Agora, em nome de Deos eu convido a todos os que me ouvem pramode i no rio có migo, qu'eu quero amostrá c'uma vela benta, accesa, este dorado, qu'eu vou chamá a elle e tomá o menino d'elle pra s'entregá a sua mãe. Vou já amostrá e quem quizé vê, me acompanha.

O povo que já sabia da fama do pregadô, arrancou assombrado, las timano e chorano misericorda, cortano nas disciplina, inté qu'elle teve dó e subio pra riba do pulp'to e abrandou o castigo do céo, apois n'esta hora que o missunaro falava as estrella corria, cruzano o ceo com pavô tali que chegava a terra tremê.

O povo cahio na penitência a dôe, inté que acabou-se a santa missão. A moça se converteu e dis'que virou santa; mas porém, inté hoje, no dito cujo logá, horas morta, se ouve um trovão no fundo do rio: – É' o dorado brigano c'os outro peixe pramode o menino.







## O Caboclo d'água

**C**abocolo d'água, rollão ou bixo d'água, tem-no visto e creado a phantasia ardente do sertanejo dos valles do São Francisco por seus pescadores e habitantes das férteis e verdejantes regiões do norte, vagando, ora á mercê das voluptosas águas, perseguindo canôas e balsas, ora espreitando embarcações em horas silenciosas da noite enluarada, quando ancorados no fundo das reças ou margens de grandes ilhas.

Mora sempre nas ribanceiras mais profundas, ermas, socegadas. Seu corpo é monstruoso com as proporções de um gigante descommunal. Visto ao luar, caminhando por alvas e prateadas corôas, semelha-se a uma casa grande em movimento. Sua cabeça é disforme e tem a configuração de um rodeiro de carro de bois, quando parada á tona d'água, ou della surgindo inesperadamente, se espia o canoeiro ou viandante descuidado para o engolir. Todos temem e respeitam suas pousadas tenebrosas, sem cantar ou falar, tossir ou espirrar, sem muita bulla, quando remam, resvallando sobre as ondas. O cabocolo ou bixo d'água anda só; raríssimos os que já viram o caboclo e não poucos os que se pressumem sinceros positivamente isto affirmam. Para evitar suas ciladas, quem viaja para longe, sosinho, e tem de arrostar temerosas travessias, finca sua faca no fundo da canôa e o monstro que isto advinha, de forma alguma accomette o transeunte, limitando-se quando muito seguil-o á grande distancia.

É caprichoso e vingativo, tomando birra com qualquer vasanteiro, não podendo agarral-o facilmente, na ocasião das enchentes grandes, roe furiosamente a base dos barrancos, quebra formidaveis barreiras, abre solapões profundos, devasta ilhas e margens até derribar o rancho, beira-no chão, do desditoso; depois, satisfeito, qual grosso tronco de arvore bôia parado, ou então resvala pelo meio do rio. Se alguém, por engano, d'elle se aproxima, some-se aos poucos, ou então com grande estrepito, levantando alterosas ondas, submerge-se nas profundezas dasaguas. Muitas ossadas que se reputam antediluvianas têm sido encontradas no S. Francisco e o povo sempre o mesmo na sua infancia não cessa de afirmal-os restos mortaes de algum finado bixo d'água.









## A Zellação

Quando a estrella corre e desaparece alem, é ella, é ella... a zellação – a *serpente* mãe do ouro vivo, encantado.

Para quebrar esse encanto, o feliz que a encontrar, se souber, cortarão seu dedo e com coragem deixará cair sobre ella um sangue virgem, ou conduzirá aquellas paragens um filho pagão de idade de sete annos.

Formosas as tardes do sertão, quando o sol despede-se n'um saudo-so adeos! á natureza!

Numerosas selvas, illuminadas n'uma poeira alaranjada e scintillante, alinham-se nos valles d'uma visão celeste radiosamente bella, eternamente verde. Que profundos ceos e dentadas serranias, que phantasticos, gigantescos e aereos edificios d'essas nuvens, emergindo-se do seio dos horizontes claros, calmos, extensos, magestosos, infinitos!

Das regiões do ether, d'essas curvas descambadas de selvas e montanhas, rollam bravias ondas de luz, de purpura e de esmeraldas.

Tem alma o prado, o carrascal murmura; e, ramalhando o arvoredado, estasiados acordam os eccos d'essas mansões sonhando.

A campina, o marnel, a catanduba, o alpestre, brandas águas cantando em catadupas, espiritos contemplativos dos estuarios, grandeza e immensidade divinizam transfigurando eternas solidões de rumores vagos, de sentidos idyllos, de balsamicos ares, de perfumosas auras, de floridas brenhas, de harmoniosas entranhas.

E porque tudo isso expressivo e santo n'esses remansos de paz, de exílios e de amores, creou Deos esses cantores solemnes, povoando de maravilhas sempiternas esse vasto templo, cujo zimbório beija o azul do mais formoso dos ceos.

Como que o mundo tem um coração que palpita.

No visu d'esses paineis adoraveis de magnificencias indescriptiveis, d'esses labores inefaveis, indefinitos, colorados de auroras e de crepusculos, de sombras e de luz, de flôres e de invernos, de outomnos e de verões, viva e emocionante surge a grande voz da natureza.

Mysteriôsa, estronda e repousa em seus segredos.

Tudo o que sente fala; o inanimado assombra, vestindo uma roupa-gem

nova de deslumbrante aspecto.

Soberana desce a noite dos ceos, enquanto as trevas assoberbam-se dos valles.

Que de crenças risonhas e sedutoras emballadas ao ardente fogo de uma poesia tão doce, quanto inspirada e peregrina!

Virgens filhas das antigas tabas, não mais as lendas de suavíssimos aromas aos esplendores das constellações dos luars côr de leite e de neve, deluidos em torrentes de luz por esses frontaes agrestes, onde para sempre dorme o teu curupira!

Ao canto das caliangús – eternas arias da solidão – essas memorias evocam cristalinas nenias, branqueando alem.

Luminosas e fugaces coruscam estrellas – grossas lagrimas de fogo millenarias, escorrendo das faces do firmamento; e, riscando a negra placidez das noites, vão de morro em morro, por valles e serranias sacodindo a terra, scindindo as cristas das montanhas azues.

Tempos de *anhangá*! Caapora e Jurupary – fumarentas visões de invios ermos, lendarias eras viram-nos outr’ora errantes, fugitivos e apavorados sob grossos troncos das florestas.

Porém, seculos desdobraram-se para o remate de tantas maravilhas.

Bravias almas se foram e já não batem corações desfeitos.

Profundo o silencio na mataria virgem onde nas cúspides agrestes branqueiam ossadas ao clarão dos luars e os ceos porejam lagrimas ardentes.

E quando uma dessas bagas coruscantes tombam d’além, ouve-se ainda um frêmito ingênuo que a civilização ainda não pode extinguir:

- E’ ella... é ella... a zellação, *serpente* mãe do ouro encantado, a cobra de cristas de fogo a sumir, mudando, afundando-se nas solidões das montanhas.









## Audiencia do capêta

**V**ôr-lhe contá um causo succedido.

O causo é o seguinte e o seguinte é este:

Vivia n'outros tempo no sertão um casal, cujo casal vivia tão bem, que nem Deos c'os anjo. Causava inveja a todo o mundo de arruparado que andava. Vai, sinão condo, pareceo em casa uma rataria, que era ratopru castigo, rato pru ribas do tempo, que não houveras mãos a medi.

Roupas, comestive... tudo destroçado, inté os dono da casa j'andava cós pé roído e sem podê acha um remédio pra simiantes praga em tembos de fica, marido e muié, tudo paiêta, ambos los dois. Um dia pariceu na dita cuja casa um gatim preto, muito gordo, muito esperto, e começou logo a faze muita proeza, matano e fugentano os ratos. Ora, marido e muié ficaro num contentamente có gatim que não tirava elle da mão, alisando: meu gatim práqui, meu gatim prácolá. Era mêmo cumo um fio, tanto o amô cá da estimação. A casa, que andava n'uma tribusana, n'uma trevoada de malassombrada, stava socegada.

Um dia o marido fêis uma viagem e a premêra recommendação pra muié é o gatim. Assim qu'elle sahio, o gatim desapareceo. A muiécoge ficou doida. Percurou o gatim pru toda parte, remecheo pru todo los canto, inté plos vizim, e gatim de minh'alma. Dias ô dispois, chegao marido e a premêra coisa que pergunta é o gatim. Contou-lhe a muié o causo succedido. Ella inda falava, e foi conde sinão conde, sahio o bixim de dentro do quarto de drumi, e miano piadoso, veio correno topa c'o senhô, que, logo sentido, ficou muito aborrecido, veno o pobrezim esquileto de magro, de fome que stava c'o colete apertado.

– Oras stá seos cóidado; muié! Disse o marido. Tudo isso é pruke sahi de casa, e você não fêis causo d'elle.

– Eu approvo cá visinhança toda, marido, em cumas elle não se achou em parte alguma. Andei de codío atrais delle...

– Apois bem! Stá veno ond'andava nosso gatim? Não me caia n'ou-tra con'd'eu viajá. Quem tem um bixim assim, n'é pra se tratá tão male. E d'esta vêis se passou-se.

Gatim continuou nas proeza e foi cresceno e cada dia engordano mais. O dono da casa que era muito resmelengue, mais muito trabucadô da vida e muito piritimo nas trabulança, teve que gira n'outra viagem d'ahi a tempos, e novas recommendação á muié. Cumo da premêra vêisassim conteceu da segunda, logo que o home chegou: mas porém, d'esta foi um babábá dos meos peccado, que coge c'a

muié apanha no séro.

Acóde, acóde, aquéta, tei mão!... sempre os visim appalacáro o baruio. Jáhi as coisa anda azêda: um rem-rem-rem hoje, um zum-zum-zum, amenhã, um dirê-tu, um dirê-eu, que virou um cataçá d'uma intriga dos diabo.

Nova nicicidade d'outra viagem e nova recommendação e logo co principosto de, se não achasse o gatim cum'elle déxava ella lhe pagaria muito caro.

Ora, se bem disse, mio sahio. Gatim cahio no matto, virou tirira, logo que o home sahio. A muié, coitadinha, virou, remexeo, féis promessa aconto santo houve, escogitou por conto boraco das redondeza e vizim, responsou Sant'Antonio, percurou, indagou, revirou... e nada. Chega o marido e lá de longe foi logo, antes de sodá a muié, proguntano por aqui.

– Cadêl-o, meu gatim, muié?

– Nosso gatim, meu marido...

Não acabou de falá, que o gatim, sahino de den de casa, coge de rasto foi miano piadoso s'enroscá entre as perna do seu sinhô que acabava de s'apiá. Stava coge espirano de magro e de miséra. Antonce, o home não contou fiado não! Metteu-lhe o chicote que trazia na muié, deo-lhe pancadas de cego, féis artes de cabeça, quebrou-lhe um braço, abriu brechas na cabeça e espancou a coitadinha promode a bestage do gatim. Passou-se. Dias ô dispois do baruio, o home arrependeu-lhe de te purcedido assim, e envergonhado, s'apaxonou... elle que vivêra tão bem co sua muié! Inventou por isso mêmo, outra viagem; mas, desta feita, com tenção denunca mais bota pé em casa.

Arrumou o sacco e mettem cara na mundaça adoidadamentes. Ora bens!

Nesse dia viajou elle sem pará, de banzativo que andou, chegando muito tarde da noite dabáxo de um pé de páo ramaiúdo, que não teve tempo de vê quis páo era uma bonita gamelleira. Encostou o sacco na raiz, e cansado, alli se ficou inté muito tarde; e sem somno se mardisse comsigo da sua iniglente sorte.

Que conde sinão conde, repentino chegou aquella coisa, cumo um pato: vão!vão!vão!... xuá! em ribas na copa da gamelleira, e quetou. D'ahi mais a pouco outra, dahi mais outra e outros mais.

E começaro a conversá muito baixinho, de sorte que o home não entendia bem o que era, nem vê o que se passava, pruvia da escuridão. Aqui o camim fazia uma encruziada, e vio elle antonce que aquillo eraa odiença do capêta. Que cum poucas chegou mais um c'um baruião. Era o maiorá. Stavam esperano por elle. E ferraro logo na conversaçãoque se uvia:

– Que fizeste hoje?

– Eu attentei hoje um fio cá mãe.

– Ora, ist'é nada. São peccado que o home perdôa; nada fizeste; e você?

– Eu arranjei uma briga, onde houve muito tiro e muita facafóra, cabeça

rachada e muito sangue.

– Sempre servio, mas porem, não são coisa de muita importância. Sempre o home perdôa. E você?

– Eu arrumei sempre uma calunha entre dois compadre co duas comadre e um fio que ficou muito espraguejado, praquê bateu no pai.

– Esta foi bem bôa; mas, são coisa... e o home inda perdôa. E você?

– Eu estou attentano um resadô c’uma resadeira, in bens cumo um moço c’uma moça que já sta pra cahi... fugino.

– Bem! bem! continua. E você?

– Eu stou trabaiano c’um usurave que já roubou metade d’uma fortuna.

– Ah! sim, bem feito! bem feito! Sempre o home custa perdoá. E você?

– Eu stou cadijuvano um jogo c’umas bebedeira qu’ê de nos trazete muito lucro.

– Muito bens! Trabaia, inséste mais inté o fim. E você?

– Eu sempre arranjei um que soliciou pru suas mão.

– Oh! Um caçadão! E você?

– Um hoje me vendeu-me a arma delle e me passo-me o arrecibo, escrivido có sangue delle, paramode ganha uma demanda e pula n’uma boa fortuna.

– Muito bem! Merece um plemo. E você?

– Eu fis dois s’esfaquiá e se matá n’uma briga pramode uma herança, e o que ficou cum herdeiro era outro.

– Bens! Você é de tê um plemo. E você?

– Eu stou garrado cum frequêis que sta comeno um orpho em vida c’uma viúva.

– Muito estimo. Ist’ê uma maravia. E você?

– Eu virei um home casado e stou reduzino outro que está coge virado, de encasinado que stá.

– Forgo muito da nutiça. E você?

– Eu arrumei uma rua de muié que são nossa e que nos stão dano muita gente boa.

– São gente resmelengue: conde qu’ê, qu’ê mêmo. Muito bens; e você?

– Eu tão somentes arrumei um que se casou duas vês. As muié são viva.

– Ah! esse são nogento. Já seio. Vôr mandá apariá a cama delles. Emtodo causo, muito que bens! E você?

– Eu fiz um juiz dá hoje uma sentença injusta. Ilai muita castionação. O baruio é grosso, morre gente!

– Berabo! São dos que o home tem óido. Bens! E você?

– Eu, coge nada. Hai muitos anno qu’eu ando de premenentes na rabada de um casá, que segundo se fala na língua delles por lá, vivia cumo os anjos no paraiz...

– Deixemo lá disso. Issaqui não se fala. Negócios de paraiz é pra la cum elles; mas, bamo:

– O negoço stava diffirço e eu já stava dexano elles de partes, condo aconteceu a casa de enchê de rataiáda. Eu, pan! pruveitei e virei umgatim e acabei cóo rato e me tornei-me um gatim d’estimação.

O home qu’é muito giradô, conde sahia de casa, logo mil recommendação fazia a muié. Eu, antonce, se me sumia e só parecia condo elle chegava de viagem. D’ahi começou um desaprecate entre ambos los dois, o marido sempre jurano a muié. A príncipe eu era gordo, maistodas las vês que elle chegava me achava tocano nas espinha. Na derradeia viagem eu fiquei que pareci tão magro, qu’assim qu’elle foi me vendo-me, rompeo logo c’oella, deu-lhe muitos tabefe e chicotada e cum pão soccou-lhe muitas porretada, quebrou-lhe um braço, rachou-le a cabeça, arrumou a trôxa e ganhou os páo na mudança, largou-le pr’uma veis.

– Qui debedabo! Berabo! muito bens! muito bens! brabo! brabo! Ora viva! Ist’é qu’é diligença e sabê fazê as coisa. Terá um grande plemo conde acabá có serviço.

Aqui o gallo cantou: cacariocô!

– Escuta! disse o maiorá. Quis gallo é esse que cantou?

– E’ o gallo pedrez.

– Cacariocô!

– E’ o gallo china.

– Cacariocô!

– E’ o gallo musgo.

– Cacariocô!

– Esse outro?

– E’ o gallo preto das canella amarella e a crista de serra.

– Está cabada a odiença. Alavanta a cumilidade! Houve antonce um tendepá de conversa e cada um foi sahino: vão! vão! vão! vão! ... cumo tinha chegado. Nisso o home que stava debáxo da gamelleira tinha óvido tudo.

– Accão! seu méco! Ah! é assim, eim? Stá bom!...

E arrumou outra vês a troxa e cortou pra casa, onde chegou de manhãs hora d’almoço brabo.

A muié, logo que o vio ficou muito indimrada e foi logo arrecebê elle

c'oa mão na tipóia; mais porém, adiente d'ella correu o gatim miano muito, mas piadoso do que das outra vês.

O Home apanhou elle, alisou elle e botou, ô dispois, no chão; mais porém, o gatim inrestou c'o elle, miano... miano... enroscano po las perna d'elle.

– Muié, ocê ja deu dicomê a nosso gatim? proguntou elle c'a cara muito enfarruscada e percurano já um páo.

– Não! home. Ja le tenho dito muitas vês que elle se some, logo que você sahe.

– Se some! eim? Apois, eu te torno amostrá e é já.

A muié veno o perigo, correu chorano; e elle apanhano um bom porrête, desandou com ança, mas porem, na cabeça do gatim, que deu aquelle estouro que fedeu enxofe pru treis dias.

O dispois, foi elle, antonce, contá a muié o causo succedido da gamelleira da encrusiada.

D'aquella data em diente foi elle vivê bem com sua muié, cumo d'antes era.







## O bicho-homem

**N**o fundo das mattas virgens e encostas das escarpadas serras de São João das Missões de Januária, segundo lendas antigas, morava o bicho-homem. Rezavam ellas que em tempos primitivos, dezenas de índios caçadores e melladores d'aquella aldeia foram por elle devoradas.

Diziam-no um gigante tão alto, que sua cabeça tocava às frondes das mais altas arvores, tendo um só olho, um pé só, pé enorme, redondo denominado por isto de – pé de garrafa.

Affirmavam que em eras não mui remotas, um dia pela estrada real appareceram as pegadas extraordinárias jamais vistas, de uma creatura humana.

Mais de vinte cavalleiros infructiferamente seguiram-nas por muitos dias.

A idéa e o perigo de encontrar-se o bicho-homem os dissuadiram da empreza. Não poucos attestavam tel-o visto, pintando-o em cores vivas e tão vivas, que nunca mais na aldeia essas se apagaram da imaginação aborigene.

De tempos em tempos succedia que lenhadores, caçadores e melladores, amedrontados e escarreirados das brenhas e carrascaes aos gritos do bicho-homem, alarmavam a aldeia.

Esses gritos eram horrorosos; e se um dia por desgrça, sahisse o bicho dos seus esconderijos nas montanhas, bastaria um só para arrazar o mundo.

Sua existência estava povoada por signaes de seos dedos monstruosos e aguçadas unhas, lanhando as terras vermelhas e pedras das paredes dos altos montes, os escalavrados côr de sangue das ladeiras íngremes e mais que tudo os pedaços de sua longa cabelleira que de passagem deixava-os pendurados nas ramagens. E aos bocados apanhando-os juravam tanto por sua existência, taes a certeza e a convicção d'essa verdade, que as gerações modernas nunca mais a esqueceram.

Um dia, em 1893, em demanda do arraial do Jacaré, ribeirinho povoado do São Francisco, fronteiro ao grande morro do Itacaramby, chegára de carreira uma tapuia das cercanias, conduzindo três filhinhos.

Alli entrára desvairada, gritando, pedindo socorro, bradando misericórdia. Cercavam-a, indagando a causa.

Era o bicho-home que gritava na floresta, tendo descido as montanhas; que lá vinha errando e o mundo estava pr'acabar.

Que bem diziam os seus antepassados!...

Ella e muita gente sua tinha ouvido os seus horrores.

Por essas catingas, apontava ella, estirando a dextra, em busca da beira do rio, muito povo, muito povo correndo!

Causava lastima ver-se o estado triste, desesperador, dessa pobre creatura em desalinho, roupas em tiras, olhos esbogalhados, apontando sempre quase louca em rumo as montanhas interiores.

– Ah! o bicho-homem! Ouvi gritar! E’ horroroso! é horroroso, Virgem Mãe do céu!

O povo olhava attonito para o fundo escuro das selvas, onde, a um canto ao norte, se alteiava o dorso gigante do Itacaramby.

Estaria, porventura, o monstro ao detraz do fabuloso e visinho monte?

Existia a lenda.

De facto, seria verdadeira a historia do bicho-homem?

Seria mentira d’essa cabocla e devéras andariam outros correndo, amendrotados como ella?

– Uai! uai! uai! uai! ai! ai!... ô! ô! ô! ô!... ai! ai! ai! ai! ai! ai! uai!...ai ai ai ai! ô! ô! ô! ô!... bradára d’esse instante forte por mais tres leguas em torno um grito formidavel, de ferro, realmente pavoroso de lastima, alto, profundo, immenso, aterrador e pungente, valle em fóra – o apito da vaia, descomunal, vagabundo, peralta, desmantellado, gracista, mettido a sebo e pedante, do vapor “Rodrigo Silva” de passagem por aquelle porto.









## Caapora

**U**m caboclinho encantado, habitando as selvas; e, como o bicho-homem, tendo o pé redondo – de garrafa – cocho, com um olho unico no meio da testa, cavalgando sempre um porco selvagem, por silenciosas e remotas brenhas.

Tem commercio com caçadores famosos que dão-lhe presentes de fumo, cachaça e baiêta em troca de quantidade de porcos que desejar matar, n'essas manadas ou varas por elle conduzidas.

Uma vez estabelecido o convenio, o feliz caçador tem caça á vontade e usa descrecionariamente d'esse privilegio. Os que não o possuem, encontrando o caapora e sua manada, perdem o seu tempo, palavra e chumbo; porquanto, os porcos que cahem vasados e espatifados pelas balas, se levantam incolumes, resuscitados, ao contacto do focinho do porco que aquelle cavalga.

Isto acontecendo, pode o caçador imprudente, e inexperto retirar-se. É debalde! A caçada está perdida!







## PALESTRAS POPULARES

### NARRATIVAS

#### O Tres Bundas

**E**m certo dia do mez de Setembro do anno de 1835 o povo do Salgado (Porto) convergia de diversas ruas para a direita hoje “Matta Machado”, apinhando-se nas calçadas, agrupando-se nas esquinas e beccos para ver um numeroso sequito, em cuja frente marchava um negrão agigantado, roliço e de singular musculatura. Com um andar magestoso imponente e grave, mais parecia um general a frente de um exercito, do que um commum cidadão. Teso, qual um esteio, sem prestar attenção para a direita ou para a esquerda, alheio a todo o movimento em torno de si, avançava de olhos fitos na immensidão da rua á fóra seguramente com alguma idéa fixa. De sua cinta, grossa como um pilão e amarradaqual um colchão, a descoberto por um escarneo, num desafio, pendia um comprido e afiado punhal do Rio de Contas, cruzando largo currião de couro, estirado de grassos cartuchos. Sobraçava curto clavinote de cavallaria – o bodinho – esmeradamente polido.

Sem casaco, dentre a camisa alvíssima, de algodão e desabotoada mostrava o largo e cabelludo peito. Tinha um olhar de gavião, intelligente, scintillante e rapido, nariz aquilino, fronte esparsa, escondida sob as amplas abas do chapéo de couro, cabellos corredios, cabo verde, voz clara muito forte, gesto decisivo, um todo de valente e de jagunço, pouca barbae moço ainda com seus vinte e cinco annos. Corpo pesado mergulhando no pó da rua uns pés monstruosos, mettidos em alpercatas reviradas, vigorosamente do chão levantava, deixando atraz de si, uma camada de poeira a cahir sobre a multidão que o acompanhava. O povo, sempre phantasista e amigo de novidades, ao novo Hercules cognominára de – Tres Bundas – , que por todos esses requisitos era levado a presença do delegado Souza, velho portuguez, residente na extremidade da villa, á rua antiga das “Laranjeiras”, onde chegára o gigante. O salão do Senhor delegado encheo-se de curiosos. Escoltados por bate-páos, o Tres-bundas havia sido intimado de ordem da autoridade para o seu passaporte. Não se encommodára nem mesmo fizera caso de intimação, respondendo somente que logo mais iria apresental-o; porém, os recadeiros, desempenhando o seu papel, insistiram; e elle, hospede do lugar, pois contava apenas quatro horas de estada, nenhum outro remedio restara-lhe, sinão ceder.

– Como os senhores querem que eu veja mais depressa do que desejava a cara do senhor delegado, bamos lá. Estou muito cansado de viagem, é bem verdade, mas porem, não tem nada. Sigamos!

Ora n’aquelle tempo, intimar-se d’aquelle modo a um individuo era um perigo; dar-lhe voz de prisão, uma sentença lavrada, um alarma; mettel-o na cadeia, uma ameaça em regra, a represália, a morte enfim, como remate para o padecente, porque quase sempre o desforço pelas armas era a mais segura e infallivel cartada. Tal a lei social da epocha. E disse bem avisado o Tres-bundas.

– O Senhor é que é o Tres-bundas afamado que ha tres dias aqui chegou sem apresentar-se á minha autoridade? rompeo com imponencia e poderio o delegado, olhando com desconfiança o petrecho bellico do Bundas.

– Eu não tenho esse nome, senhor delegado! Chamo-me Francisco e aqui cheguei ha poucas horas, apenas.

– Francisco ou não Francisco, Tres-bundas ou quatro bundas, chame o diabo, não quero saber. Estás bem sortido!

– Sim, senhor! Sou eu mesmo, o Tres-bundas, como o senhor diz, como quizer.

– Não quero conversas, nem desaforos na minha sala. Qu’ é do seu passaporte?

O assoalho gemeu sob os passos do gigante, avançando rápido para o delegado que se conservava á distancia um pouco aterrado.

– Senhor delegado, eis aqui o meu passaporte! trovejou o interpellado, apresentando o clavinote com a esquerda, apoiando resolutamente a dextra sobre o cabo do seu terrível punhal.

– Prendam este atrevido! Mettam-no na cadeia. Isto não passa de um jagunço, de assassino, de um malcreado; bradou o delegado fulo de ira, mas, no fundo, portuguezmente segurando as calças.

– Manda prender-me? Sou criminoso?

– Mando! e porque não? Ainda ousa perguntar-me! Nem mais uma palavra, sinão o mandarei passar pelo pelourinho.

– Pode prender-me, mas...

– Mas o que?... Ademe, senhor! Psiu!...

– Mas, bem preso, bem seguro; porque, se eu sahir da cadeia, eu o mato!

– Pois, não tem duvida. O senhor ficará bem seguro, conforme sua recommendação. Prendam-no!

– Estou entregue; mas, ninguém me toque. Onde é a cadeia? Bamos ver la essa droga.

Bate-páos e o povo levam o preso, evacuando a sala.

– Official de justiça? bradou o delegado; vá ao Santo Antonio, no Amparo, em casa do sargento-mór Serrão, traze-me a *Negrinha* para esse miseravel; enquanto você volta, algeme-o bem algemado. Serviço bem feito! eim? Bem feito! Sinão, serás demitido.

– Sim, senhor, V.Sa; vou já.

O official correu á cadeia; depois de cumpridas as ordens da autoridade, seguiu para o Amparo, e da fazenda de Santo Antonio com o auxilio de quatro escravos, trouxera a tal *Negrinha*, pesada e grossa corrente de ferro, o terror dos escravos e criminosos de empenho.

Como vimos, o Tres-bundas curtia as agruras da cadeia, onde dera entrada ás onze da manhã.

Dispensado do pelourinho por medo de uma luta certa, sem comer, nem beber, la se contorcia nas algemas, tendo os pés ao tronco. Com requintada crueldade da pragmática official cahio-lhe em cima a monstruosa *Negrinha*, ficando o padecente quasi impossibilitado de mover-se em meio de dores atrozes que supportava, sem um gemido, sem uma queixa. Dobra-se a guarda. Vigilancia absoluta, terriveis ordens no caso de uma evasão ou a menor resistência. Preso á vista, mas, incommunicavel. Desarmado, não havia perigo algum de que receiar-se. Todo o dia, toda a noite nenhum incidente notavel; ao amanhecer, porem, a prisão, que fora especial, estava sem effeito. Carcere limpo! Algemas, *Negrinha*, tronco e suas precauções, tudo por terra! Do Tres-bundas, nem poeira! Divulgada a evasão do preso, sobremodo aterrou-se o delegado que, com empenho, mandou procural-o, e d'esta vez a diligencia levava ordens terminantes de o matar.

Organisada uma patrulha forte e de confiança, buscou-se o Tres-bundas por toda a parte da villa. Desencontradas as opiniões! e a mais corrente concluíra: que em maós lençoes achava-se o senhor delegado, mórmente após a formidável proeza do evadido. Na verdade, o delegado tremia de assombro. Portuguez de velha tempera, commodista, nem por isso primava pela coragem, centuplicando o perigo de sua vida, umpouco exagerando-o com cores negras.

– Não! não é possível; dizia elle. Isto não pode, não deve ficar assim, ou eu não serei mais delegado. Este miseravel apparece de um instante para outro por detraz de qualquer pedra, de qualquer páo, de qualquer porta, mesmo da minha casa, da rua, do becco, da esquina e sem ser visto... eim?... E era uma vez o delegado, o pobre Souza! Sei que não estarei garantido, enquanto esse diabo de Tres-bundas do inferno não estiver em meu poder.

Ah! Só sei que morro desta vez. Carradas de razões cobriam o delegado. O Tres-bundas, evadindo-se não se occultára. Armando-se de novo, divertia-se bebendo e jogando dahi á uma légua no arraial do Amparo. Sabido que foi o seu paradeiro, Souza preparou um pessoal escolhido para a captura, confiando a direção dessa empreitada a seus validos José Felipe, Santa Rita, Antonio Ferreira e outros bate-páos com o respectivo meirinho á frente. Esse apparato official ou



policial chega ao Amparo e cerca uma casa onde achava-se o tal criminoso, como se dizia, ao entrar do sol.

Uma vez em presença do gigante que de nada suspeitava, o meirinho, tomado de panico, bem como toda aquella patrulha, nenhuma formalidade cumprira.

Como ainda hoje são das boas normas da justiça bugre e sertaneja, a leitura do mandado de prisão encerrou-se n'uma violenta descarga sobre o Tres-bundas e seus comparsas do fogo, alguns dos quaes ficaram feridos, escapolindo quase todos no meio do alarido infernal que aquelle acto provocára. O Tres-bundas, sabendo que tudo aquillo resumia-se na sua pessoa, agil como um tigre, arranca com um pontapé a porta de um quarto ao seu alcance. Um arcabuz, que de novo comprára, estava encostado a um canto extremo da sala, e elle, sem tempo de apanhal-o, agora defendia-se a custo do chuveiro de ballas com a fragil trincheira da porta, com ella manejando e apparando certos golpes de morte.

– Não tem nada, negrada! Vocês hoje vão saber como se ataca um homem á traição, molecada!

E urrava como fera o Tres-bundas.

Cahe pra cá, negrada!

– Entrega, negro, tição de Jurema! gritavam os atacantes.

– Morre um homem, mas, não se entrega! Esfarrapo já esta porqueira.

Cerrou-se o tiroteio. O Bundas vio quasi tudo perdido. A defesa tornou-se arriscada e não havia meios de evadir-se; conhecendo a intenção malevola de seus inimigos, tentou morrer como heróe. Dobram-se as descargas e nada se consegue. O mêdo barateava a valentia dos beaguins policiaes. Destaca-se Santa Rita, salta o quintal de achas da casa e corajosamente penetra no interior desta, desfechando á queima-roupa um formidavel tiro de bacamarte no Tres-bundas no momento em que este, arremessando, qual Sansão, a porta sobre seus inimigos, derribava a muitos d'esses que ousavam approximar-se-lhe; e alcançando de dois saltos sua arma predilecta, metteu-a no rosto para o primeiro tiro. Não tivera tempo para isto, rollando no chão, atravessado por uma balla certa que esbagara-lhe o craneo. Assim acabara aquelle extráordinario homem.









## Paz e sacrilegio

**G**ato e cachorro – em permanente discordia, curtia amargurados dias certo casal, que longos annos, emquanto pobre, lográra a mais ditosa harmonia conjugal.

O trabalho honrado proporcionava-lhe pela perseverança alguns tons de fortuna, cujos fructos confortaveis, mas abusados, degenera-ram-se com o correr dos tempos.

Viera o luxo e com elle a dissipação, a molleza, a pose de rico, a peste da finura, da fidalguia, da soberba, do orgulho – a lepra da vaidade.

Não tardou para o esposo a degeneração de costumes pelo resfriamento de sacros deveres, abrindo-se a pouco e pouco uma valvula para a luxuria – sepultura e ponto final para o periodo dos sentimentos nobres.

Nascera desse ruim parto a *chacara*.

Chacara é uma expressão sertaneja, expressão pomposa e classica da epocha, o requinte do mundanismo, o valha-canto da immoralidade aposentada, trincheira da morte, latrina ou xiqueiro devastador da honra para onde se convertem o orgulho da carne, a coragem desabrida e vertiginosa do vicio e o enterro da vergonha, desta mascara negra intitulada – fraqueza humana – sempre invocada, quando para tal fim.

Monturo, ou esterquilinio contemporaneo de todas as épochas e logares, cultos e incultos, affronta perenne á sociedade, á família, no fecundo seio da humanidade assim permanece, traiçoeira e impune, quanto obstinada e ruim, imperiosa, reprobata e degradante, escarnecendo a Deos e a innocencia. E' um sorvedouro em cujas bordas íngremese vertiginosas não penetram as scintillações do céu e a flor da esperançase enregelha á mingua de um doce raio de aurora. Manta sebosa e podre do espírito rebelde e transviado, que della faz sua couraça invencivel, inexpugnavel, incapaz de enxugar duas lagrimas sinceras, essa trapeira do odio, da impiedade, da inveja, da entriga e da desonestidade, desconhece a compaixão.

E' o ninho maldito, dissimulado, desprezivel, onde são alvejados de exterminio os dons mais sagrados do infortunio conjugal. Insensivel como a pedra, ella respira um terrivel egoismo; ninguem puro. Todas as honestidades do mundo são gretadas de maculas e a humanidade em geral com o manifesto desprezo de Deos é contemplada como um charco immundo.

Tal a chacara, o posto avançado da immoralidade e da desordem, tolerada a despeito de todo os correctivos sociaes. Soffria assim o jugo de uma

dessas scenas escabrosas o casal a que nos referiamos.

A mulher constantemente revolvía-se n'um verdadeiro inferno de máos tratos do marido, o renegado da devassidão. O ciúme, unido ao receio de tornar aos antigos e possiveis dias da pobreza, ou da miseria sem arrimo, levára a desditosa esposa a rasoaveis extremos contra os desatinos do marido infiel; mas, toda a ternura se nullificára ás margens do lodaçal intransponivel. N'essa conjuntura entra-lhe um dia pela casa uma vizinha, sua amiga, que condoída d'aquella desdita aconselhára:

– Ora, Durcelina, é necessário acabar com isto; até quando soffrer? Não foste creada para as condições em que a vejo, toda espancada, desprezada, aguentando o que cachorro não quer. Se você acceitasse meu conselho, melhoraria tudo isto, pelos exemplos que tenho visto e que são muitos. E' um sacrificio; porem, tu verás se o que eu disser e se tu cumprires, seja ou não uma verdade.

– Calusinha, se você acha que minha vida possa tão depressa melhorar assim, farei tudo o que achares de bom; mas, desde já duvido muito; não creio. E' impossível a reforma de meu marido. Já não o supporto. Exgotou-se-me a paciencia. Meus soffrimentos, meus desgostos são de tal ordem, que a morte para tua amiga seria um allivio. Sim, quero morrer, hei de morrer.

– Morrerá como todos nós, porem, não assim demasiado.

– Que queres? Ver-me acabada d'esta sorte e hoje cortada a chingo-te!?... é demais! Nunca fui tão desgraçada!

– Na verdade; mas, ha um remedio que lhe ensinarei, infallivel, infallivel!

– Vejamos; não conheces Victorino, esse miseravel!

– Deixa passar esses quatro dias; findos os quaes irá confessar-se e logo que receber a hóstia, prende-a debaixo da língua; quando o padre retirar-se, esconde-a em uma caixinha de vidro bem limpa que de antemão seja preparada. Aceia bem o teu oratório e n'elle guarde e adore todos os dias o Santissimo Sacramento. Tudo se tranformará, te afianço. A martyr ouvira, com effeito, aquelles conselhos e não tardou muito fossem os mesmos postos em pratica. Opera-se em parte o desejado milagre.

Cessam os absurdos. Repentinamente o Victorino torna-se mais humano para com a mulher, que esperançosa, sorria de contente. As promessas de sua amiga realisavam-se a pouco e pouco, e animada por ella, suspirava pela completa idealisação de seus sonhos: a queda da bastilha da crapula – a chacara, onde, todavia, um facto bem notável se passava, se bem que ainda de pé.

A murubixaba do transviado, vaidosa, arranjada e muito cheia de si, enfasiava-se do amante, ao mesmo tempo que procurava um meio de desvencilhar-se d'elle, exigindo-lhe certa vez um sacrificio.

Sempre satisfeita nos seus menores caprichos, avançou um pretexto

para os primeiros ensaios.

O Vitorino era um d'esses figurões de *sympathia* bem pronunciada, ciumento, obstinado, peccador incorrigivel, em cuja fronte, atacada de perfume e de algumas sombras de correias, ponteavam duas pequenas verrugas, em nada deformando-lhe o rosto, porem.

Achára a tal serigaita que aquillo era um enorme defeito e que elle, o amante, poderia ser o mais formoso dos homens sem aquellas *asqueirosas verrugas*. O vaidoso escuta o canto da megéra, empunha a navalha, e, barbeando-se decepa as verrugas. Com rapidez incrível o desgraçadogeme em pouco tempo com um terrivel cancro, que alastrando-se, rói o tal formoso rosto, prostrando irremediavelmente perdido o delinquente.

Progride a feia e profunda chaga, resistindo a todos os medicamentos conhecidos, exhallando insupportavel máo cheiro. A marafona ennojou-se logo d'aquella podridão; quiz, de combinação com um segundo amante, desembaraçar-se do primeiro, inventando doenças graves, fingindo ataques e exigindo, portanto, ir medicar-se longe dalli. E ataques e mais ataques todos os dias, até que em uma dessas miseraveis astucias definitivamente repentino fallecera, sendo-lhe recusada sepultura sagrada por seos crimes de escandalo.

Apavora-se o Victorino com aquella morte inesperada; agora, comido de remorsos, resolve abandonar a espelunca e tardiamente corre á casa da esposa que o recebe lacrimosa ao ver aquelle estrago. Tambem a pobre senhora de ha tempos andava consternada. Consummado o sacrilego conselho da sua amiga, como vimos, sobre o SS. Sacramento, cumprira ella á risca as prescripções recommendadas, quando um dia ao abrir a porta que dava para o santuario, por essa escapára um clarão rápido, tão distincto, que não era possível confundir-se com a luz do dia. A principio não prestára muita attenção. Seria quando muito uma illusão; mas, o facto repetira-se por diversas vezes, após um exame minucioso em toda a casa, desde o telhado. Não havia engano; o clarão partia do nicho. D'ahi o sobresalto da falta commettida. Fôra chamada a tal visinha e amiga que, interpellada, nada poude resolver. O *zum zum* deste mysterio fôra parar aos ouvidos do Sr. Cura. Este, tomandoas precauções que o caso requeria, dirige-se á casa d'aquella senhora, que, confessando-se novamente, tudo expondo com a maior limpeza, justificara sua ignorância e boa fé na pratica d'aquelle sacrilegio.

Perdoou-a o bom Cura, notando-lhe porem, o risco que correra; providenciando, d'alli retirara para a egreja a sagrada particula. Dois dias depois deste facto, então volvia de uma vez ao seu verdadeiro lar oseu esposo, porem, para acabar miseravelmente, um mez após.







## Paulo do Santo Antonio

**O** Paulo do Santo Antonio!... creoulo ainda moço, alto, magro, muito vivo, muito espigado, canellas finas e compridas, conversador e incorrigível tocador de viola.

Lavrador e casado trabalhava sol a sol toda a semana, mas, em vindo o sabbado, não havia fadigas de enxadas ou de machado; Paulo encordoava o pinho; e, contra a vontade da mulhersinha, la se escapolia parao arraial visinho, o Brejo do Amparo, onde amanhecia nos batuques e na pinga, perdendo quasi de sempre a segunda-feira, abatido das resaccas.

De uma feita sahira o Paulo arranhado em uma rusga da rua da Taboca, n'um *fecha-fecha* de porretes de que milagrosamente se escafecera pela ligeireza de suas canelas voadoras.

Para logo aborrecera-se do arraial; e como não soffria estar parado, irriquieto *impiticara-se* com a monotonia do rancho, da roça, dos ralhos da mulher, do chôro das crianças.

Embizerrava com tudo isto, não se conformando com aquella vida – vida de cachorro morrinhento – dizia elle.

Precisava de expansão, mudar de rumo, portanto; mas mudar de rumo era tactear na incerteza.

O jogo era duro; e, necessario ensaial-o.

Pensou, pensou muito: e, achando sahida, escolhera o campo: a Cidade! Custava o sacrificio de duas leguas: um de ida, outro de retorno e tudo na mesma noite.

Entrado em tentação, a tentação vencera-o.

E decididamente a caminho por uma clarissima noite de luar. D'essa primeira viagem gostára muito.

E como quem gosta, torna, com a alma cheia de doces illusões, nessas noites deslumbrantes de luz, de casas, de ruas, de borborinhos, de comparsas, sucias e pingas á farta, naufragara-se em mar de rosas.

É verdade que aguentava a xurumella da mulher:

– Seu Paulo pr'aqui, seu Paulo pr'alli, *qu'eta* seu Paulo! Socega, *tei mão* seu Paulo!

E seu Paulo não attendia.

– Tu stá tomano *se bêsta* cummigo? Dizia ella; eu ainda te largo pramode tua cachaça.

Um home tão sáudio que era, e agora chega andá istrisiado, e só de cachaça, siou!

Toda sumana é só *pererê-pererê* pra cidade c'a viollla no peito e abri o boé da *non sê quizera* da... Fum! Dexástá!

– Dexásta o que? Ei-ei-ei! Stá bom! Dexemo de prebas! Já tu começa, cós teos proverbio!...

Hai quem sipurte isto? Eu é de andá toda vida amarrado ni tua saia?

– Não anda, mais anda na rabada de Variado, mais Ventania, Come-feio, Antonio Gallinha, Julo Miséra, Zé Zagaia e Gangolim, esses canaia tudo, corja de nê'gos braburús.

– Ora vancê non dasse?! Quem é que pode co essa ladainha de todos los dias? Vou prueque quero. N'é de t'ea conta!...

– E' bem de mea conta! Nunca vi homes casado, pai de fio...

– Ei stá bom! Tu não me quijilla!

E amuado entre os dentes:

– Mió que tu fosse pintiá essa passoca que está toda isagandanhada!...

Depois com força:

– Cala bocca! Cala esta bocca, dexemo de parroxêdo, deixemo de sastifa. Uai! uai! uá! uá! Ist'inté que é um desaforo! uá!...

Ora que é um phenonco esta muié entupi esta lapa, siôu! Quis preba!

– Que é? É isso! Nam tem que miguelá os zóio assim pra mim não.

É isso mêmo.

Voceis tudo é um gambá que cheira outro. Tu não larga cachaça não? Apois eu te largo. Te corto as escuma non stá na duvida. Tu anda muito odacio! Dzaforo!

– Odacio anda você e dahi, dahi! Dahi não te rependa da rebordosa.

– Quis rebordosa? Rebordosa é o bispote que você é de xambecá. Ó dispois, dispois ! Tu não sahe c'a mão na dô. Dexástá qu'un dia tu é de achá quem te levante a espinhela.

– Ora, tu não me attenta.

Conde a gente anda engerocado cuma, eu, não aguenta *cerca-lorenço*, nem *dirê-tu*, nem *dirê-eu*. Cala esta bocca!

– E quem é você pra me fazê calá a bocca, capadosco, caguletero, c'o essa tropa de cascabuio de pracata.

– Veja o cão cumo t'atichá!

– Que cocê qué tomem, qu'é cocê stá intendeino?

– Me respeita! Veja lá cum quem tu stá falano!

– Falano... que! Gente! Quem é você?

– Quem é você tomém? quê que você é?

– Móléca!

– Moleque é um Cuma tu! Oia!... Va muito á m...(estirando a lingua).

– Pra você! Malcreada!

Pra você! (estirando segunda vez a lingua).

– Não seio onde stou que não te arrumo um diabo?!

– Arruma! Arruma! Mexe co o pé dahi, meu nêgo! S’eu não te travancá uma navaia, não me chame gente.

Sê besta!... Vem pra cá! Vem!... Tu qué tumá pagode cum migo c’um trinxete cego? Vem! T’infino a navaia!

– Fum!!... fungou o Paulo.

Eu não te enxergo! Eu não te enxergo!

– Eh! Tem razão. Cachaceiro oia pro céu? Porco oia? Em conto tu bebê, tu passa má cummigo. Eu te juro! Nem um c’um, nem outro c’outro.

– Apois eu não ia bebê mais não; mais agora é qu’eu bebo, agora é qu’eu vou bebê! Eu t’amostro!

– Mostra que? funil! Bebe, dorna! Bebe dorna! Bebe inté morre de cachaça, diabo!

– Tu stá damnada hoje, e eu nem mimba! Nam stou pra me estamaguá. Iss’é qu’é. Temos agora a muié mais o marido botano mattos a báxo!...

Eh! pois não!

E Paulo, riscando paxorrentamente as unhas nas cordas da violla, repetio com ella um estribilhosinho com que mimoseava de vez em quando a pobre esposa, aborrecendo-a a cuspir grosso para um lado:

Carrap! Dum!

Cachaça

Inda mata

Um!

E continuava:

(Primeiro)

E você, condo começa

A falá da vida aeia,

Prinsipia na lûa nova



Pra caba na lûa cheia.

(Segundo)

Mea muié  
e meu cavallo  
Lançando n'um poço fundo...  
Eu tirano meu cavallo...  
Muié não farta no mundo.

(Terceiro)

Cala bocca, méa muié!  
Dêxa de muita baderna;  
Agora mêmo é c'ô vou,  
Pois muié não me governa.

E de violla afinada, zás! – pés largos no caminho comprido – a encontrar com os companheiros da pinga.

Assim que sahia, a mulher ficava comendo fogo e lambendo brasas a bradar:

– Diabo! Mod' coisa que and'arado mod' cachaça!...

Vai, non sê que diga! Corre fado co'essa tropa de bruburús esmollambudo, quinta-feira de beb'dos.

E dahi tu não fica, descarqueado.

Tu só qué anda co'essa suça de recilinga, trapudos, isignifite!

“Muié não te governa.”.. hum! hum! hum! hum!... pode fazê pouco causo; sempre te conheci co'essa viola e essas lodaça! Eh! quem tem o matte, dá o zape. Déxasta, diabo, que cá te espero.

Arre! que ando que não posso mais. Ando mei doente, e pru ribas, inda guentá cachaça d'este home... vancê não dasse?!...

Tu vai pra cidade; e se tu cahi no pote, eu... nem mimba!

Emquanto isso, o Paulo estava longe e entrava no seu paraizo de noites enluaradas; era o seu delírio, entre amigos gastar o cobrinho nas tascas, ruando abaixo e acima, parolando, bebendo, tocando. Assim passava essas temporadas de luz branca e poesia.

No escuro, não! Era outro homem. Tinha medo, não apparecia; mas, apenas o manto azul do céu enchia-se da gloriosa luz, o Paulo era aquella garapa.

E pintava o *sette*.



A mulhersinha não mancava, ralhando umas vezes, pedindo, supplicando outras.

Qual o que! Paulo era de pedra: surdo, teimoso, encaprichado pelo vicio. Não attendia, não queria ouvir conversas e piorava.

\*\*\*\*

Um dia... ah! dia memoravel! o Paulo, como de costume, arrancara-se cedo do Santo Antonio depois de uma turra malcreada.

Longe do berreiro domestico, o bohemio respirava mais livremente. Chegando ao alto que domina a cidade, ao fundo, e vendo a brancura resplandecente das águas, atravez do rumor longínquo do anoitecer, sentou-se ao barranco da estrada, afinou a violla, e levantando-se depois, em poucos minutos triumphalmente entrára, desandando apaixonados toques.

A violla, conversava, gemia.

Em breve achou-se no meio de excellente companhia de bebedores.

Depois de um rega-bofe, campou o bando pelas ruas a passeiar, parollar e beber.

Bem tarde já, quasi uma hora da madrugada!

Alguns dos companheiros, sentindo-se de cabeça ruim, tiveram a prudencia de se escafederem, atormentados de somno, outros de cansaço ou de qualquer cousa, e afinal, o Paulo ficára só; porque quando embriagava-se, era insupportavel e seu pinho pendia o feitiço de arrastar os outros pela insolencia de desmedida valentia cachaceira.

E das insolencias do Paulo todos se temiam, escapolindo aos poucos até os mais intimos; de sorte que, de todo desamparado e completamente bebado, achou-se o folião alli pelas alturas, onde hoje é o caes da cidade.

Naquelle tempo não existia esse absurdo montão de pedras e caliças sem sciencia, architectura, nem esthetica nos barrancos do São Francisco.

Nesse lugar estava então plantada uma immoral comedoria annual, cognominada – cáes de páo.

Nas madeiras ou travamentos do cáes de páo o Paulo, não podendo mais aguentar-se, sentára e foi o bastante.

A maldita embriaguez dominava-o completamente; e, uma vez sentado, deitou-se tambem e instantes depois roncava o bom roncar.

Vadios, por troça, ou algum larapio por necessidade, dando com elle neste miseravel estado, sem mais demora despem-no, levando toda a roupa e tambem a preciosa violla.

Rompe o dia e começa a vida activa da cidade. Passam transeuntes.

Uns se esquivam, outros murmuram, estes avisam á policia, aquelles se estacionam, rindo do espectacular escandalo.

Apparece o sol ao nascente, subindo as cumiadas fronteiras das montanhas do São Felippe.

A brisa fresca e um raio de luz matutina em cheio batem na fronte do ebrio que desperta com espanto.

Tudo perdido.

Havia ainda um recurso de salvamento: correr para o rio, metter-se nagua até que apparecesse uma alma compassiva.

Não se lembrara disso, porem; e pensára na fuga e forçoso fugir a todo o panno, correr para a casa, uma legua distante!

Já uma vozeria de garotos em torno de si a vaiar:

– Olha um homem nú! Olha um doido!

E Paulo não contou fiado.

Levantando-se de carreira debaixo de um alarido infernal, atravessa o largo da igrejinha e ganha a esquina da kilometrica rua – Matta Machado.

Atraz de si vinha o mundo abaixo:

– Fiau! fiau! Olha o doido! la vai o doido! Paulo voava sem achar uma porta amiga.

De lado a lado da rua uma pancadaria de ensurdecer: portas e janellas batidas com estrondo: e vozerios – oh! doido! oh! doido!

Trillos de apitos soavam.

Policia ao encalço do Paulo: pega! pega!

E esses apitos feriam os ouvidos do infeliz.

O panico de uma prisão certa dera-lhe asas e elle abrio o *chambre* com vontade.

E o *pega-pega* la vinha a lamber-lhe as plantas mal impressas no arenoso caminho.

Uma columna de poeira cahia-lhe dos calcanhares velozes, electricos – remedio unico.

Dobrando a esquina do Ricardo Lagoeiro, hoje da Escola Normal, outra rua intão inda mais comprida e mais populosa sumia-se na brumada distancia; mas, não havia tempo a pensar nisto, nem a perder.

A salvação unica era aquella; e por isto avançara linheiro na vertiginosa carreira, sob a mesma tempestade de gritos, de trillos, de estrondosde portas, n'uma confusão esmagadora.

Ninguém se atrevera detel-o nesse trajecto, de uma verdadeira via da amargura mais de tres kilometros do arranco.

Uns clamavam: – coitado do doido!

Outros indagavam: – quem é?

Uma cachorrada também corria, ladrando, quase a lambê-lhe as plantas.

Uma sucia de desocupados enchia o trânsito por onde elle passava – Mazeppa de pés no chão, de olhos esbugalhados, de ventas abertas, affrontado espavorido, vento a tinir nos ouvidos, ilusão desfeita, intragável realidade...

Negocio feio!

O desatinado não podia evitar encontros, olhares, caras cómicas, aterradas, gente correndo de todos os lados e para todos os pontos; uns para vel-o passar, outros evitando-o.

E o coitado, em desfilada, na infundável rua que desembocava para os matos e estrada real que iam ter ao Santo Antonio.

Estava a safar-se.

Uma vez fóra da cidade, poderia esconder-se na catinga; mas, o medo da soldadesca, cujos kepis reluzentes pareciam voar atrás, como n'uma visão phantastica, dissuadira-o disso, não conseguindo parar, nem torcer, nem tomar alento sinão em casa.

A mulher do Paulo, a essa hora, rodeada dos filhos, esperava-o afflicta, não vendo-o chegar até a meia noite.

Pensando, e com razão, em mil contratempos, especialmente os da cadeia, permanecia de olho vivo na estrada.

Passára a noite em claro; e, atordoada da vigília, sondava a verdura além dos matagães, rumo a cidade, quando ao vermelho do caminho se desenhara uma figura a correr.

Ella, escancarando a bocca, murmurou:

– Mais que é aquillo?... que marmota é aquella? Eim? Moço que é o xujo? Aquillo?... aquillo é o... Cruis!! cruís!! Cruis!! te desconjuro! Aquillo é o ca... pê... t...

Mas a distancia era enorme e o sol batia-lhe de chapa no rosto.

Fazendo sombra com a mão, novamente examinou.

– Stou em eitas. Lá vem alli uma gente correndo. Meu Deos, seráes seu Paulo?

E numa especie de espanto e de consternação;

– Ih!... e é! ora se é?! O coração sta m'e contano. Vi'ge Nossa Senhora! E' seu Paulo mêmo!

Cumo é vem alli todo esbaforido! Que aconteceu meu Deos?! Hoje é dia.

Eu bem stava duvinhano!...

Alguns vizinhos e colegas de trabalho n'aquelle momento alli chegavam.

Vinham convidar o Paulo para um serviço de muito interesse.

O desventurado não contava com isto; e portanto, vendo gente á porta de sua casa, cuidou serem soldados a sua procura, e torcera para um atalho que ia dar a uns brejos.

Reconheceram-no.

– E' Paulo! é Paulo!

– Que horrô!... exclamou a mulher.

– Paulo! Paulo! ôh seu Paulo? gritava ella.

Que Paulo, qual nada!

Paulo mergulhara-se num canavial, onde fora encontra-lo a esposa todo escondido, envergonhado, debaixo de um folhiço secco e podre, rasgado de espinho, atarracado num tejuco e enlameado dos pés a cabeça.

Só então, a muito custo lavára para se vestir e vir para a casa, isto com diffículdade, varrida da idéa a visão dos soldados.

Ah! nunca mais violla.

Paulo levou uma bôa temporada sem querer sahir de casa sinão para o trabalho.

Cidade?!...

Ah! isso nunca mais e nem dindinha!





## Dom Juan

*De um e outro lado da esquina.*

**D**. Joan!!...

– Cê já vio typo mais desgraçado, mais escaroso de se vê, mais porco, mais xujo, mais fedorento...

– ... mais senvergonho...

– ... e misarave, que o sol cobre n'este mundo?

– Toda famia que se presa, deve arrumar-le a porta na cara, prueque isto é a pestia viva, bulino ... em pessoa.

– E eu lhe digo outra: se elle, que é muito odácio, cahi cá no meu monte, faço c'ó ele pió, do que fizeram esta noite.

– Ué! Hai alguma coisa, então, qu'eu não sába?

– Oxem! Se hai! Antonce, cê não sabe?!

– De que? Pod' crê que não seio.

– Oxente! Não stá veno elle c'oa cara toda empollada e c'os bigode rapado?

– Um! e quis bigode mal feito!? Não tinha ruparado; mais, elle nunca fêis bigode...

Eh! mais ahi é que stá o xiste.

– Oxente, oxente! xiste cumo? Vai veno que ahi tem areia.

– Areia, eim? ... O negro d'esta vêis dansou na corda bamba. Apois, não foi elle que cahio na heba de s'embráfustá cá muié do Escofano?

– Stá doido! ... Cá muié do Escofano?

– Pod' zê.

– Ah! ladrão! Muié ducada, bonita, branca ... Quis safado!

– E logo quem? ... Ih! ... O negro stá atrivido de brinquedo?

Eh! elle stava pensano que todo tempo são um...

– Da Xiquinha Taboca, da Luiza Siéba, da Joanna Capanga, da Fostina do Angú, da Sabina Paôco, da Pinto Pellado, da Sem-Sal e Sem Gordura! Diacho! ... de tantas que não me alembro e que elle pôis na disga!?

– Da Ogena Cigana, home, da Zabé da Thatonha, da Sinharinha,

d'Antonha Fogo, da Maroca Mumbuca, da Ritinha Roxo, da Saia-Frôxa...

– Stá bom! stá bom! Já chega! Basta! Desta vêis elle pizou no gró e a porca sahio mal capada. Uai! muito tempo qu'elle andava azocrinano os uvidos da muié cás modinha sebosa d'elle, e pan! um dia dia deu no vinte. Entende? A muié, pan! botou nos uvido do marido. Vá veno tatú pra que cava!... Concertaro as coisa, de maneiras que, o bixo entendeu que o negocio estava fixe mêmo, essa noite, cedo ainda, sartou elle o muro qu'é mystico e esperou n'agua furtada...

– Inhôr não! Não ataiano seu perposto honrado que adiante vai, a lazêra da porquêra d'essa sezana do causo succedido se deu-se d'outro modo: dis'que o Escofano, de mão frojada, ja de mamparra c'a muié, inventou uma viage; e passano p'la porta do cabra, se despedio-se delle. Elle antonse, pruveitano da casião, entrou p'la porta a dentro e se foi se tê no quarto de drumi. Intamos que, conde apanharo ellena ratoeira, fecharo a porta da rua e accendero candieiro de gais que quilariou a casa toda.

– Ah! a modes qu'é isso mêmo. É eu que stava intrepetado... É que me contaro...

– Poi'zé! N'esses intropete, a muié entrou no quarto, trancou pru dent'ó e cendeu o candieiro forte de gais. O bixo estava á flóres, estirado, de pé espaiádo... no camão lorde, que conde sinão conde, o Escofano butuou n'elle! Que qué o senhor aqui? N'um proviso abrio-se a porta d'um quarto e quat'ó carabina cahiro escancarada no peito do moleque.

Era dois irimão do Escofano e mais dois cabra bão, cavereiros!...

– Se dá um grito, se fizé a menó acção, stá torado, negro!

– Mãe de Deus do Rosaro! Stou perdido! gritou o semvergonho, cahino da cama no chão, fazeno todos os effeito.

– Seu Escofano, não me mate. Sou um desgraçado.

– Tu é um desgraçado?

– Acabemo c'ó esse diabo, c'ó esse infame. Escofano! Retira-te d'ahi, ou sangra logo o diabo.

– Sangra! dissero os quat'ó. A coisa stava feia.

– Escôia, misarave, cagulétero, cum qual dessas duas arma tu qué morrê, disse o Escofano, apresentano um punhal e um resorve de Braulinho, este já enfiado na bocca do cabra.

– Ai! stou morto, meu Deos! Mãe de Deos! Ai! sea dona F. me vala pela mór de Deos!

Escofano, ajueiou a muié; não mate este misarave, este infeliz, semsorte! Não te bote a perdê c'um vasia tão ordinára, meu marido!

Retira-te! não me peça! Quero hoje desabusá este cachorro; se elle n'unca encontrou um home, depois elle topa c'um e é já.

– Escôia, bandido! E deixa de mixolena! E deu-lhe c’o pé.

– Escofano, não te emporcaria c’o este fedorento. Isto é tão xujo, que não presta pra morrê. Pela mór de Deos!

E Escofano retirou o resorve da bocca do bixo.

– Sim, não o mato, mas, este negro nicissita de uma licção. Vê estesamigo, desgraçado? Nenhum te tocará; stão aqui pra garanti o qu’eu fizé.

– Castra este corno! alembrou um.

– Bem alembrado. Bamos a isso! ... Corta essa farrambage. D. Juan tremia c’umo um covaldo e se despejou n’uma lodaça c’umas lamura n’uma lazêra, se valendo-se da muié do Escofano. Na verdade que o mocado era escaroso de se levá.

– Antes porem, de se fazê o benefirço, aqui tem estes dois bijete: esta parmatora e este chicote. Escôia, sem perda de tempo! anda! anda!

E o safado escôieu o páo cedrado.

E o Escofano não mancou; arroxou-lhe o páo, bonetim! E o cara depau, caradura, apparou calado seis duzas de bolo de pé atrais.

Passe o arrecibo agora, moleque. E o recibo foi passado.

– E passou recibo?

– Mais cedo do que as hora. E elle que não passasse! E foi isto só?

Escofano buteceu os óios n’elle:

– Agora, praque esse bigode nessa cara lavada, cara d’égua? Bamofazê isto.

E com ganança o garrou os bigodame e cortou elles c’os punhal, coge esfolla a cara.

– Não se castra esse miserave? Proguntaro os irimão.

Estou satisfeito, meus amigo! Não perciso mais. Saia da minha casa pra fóra, leproso!

D. Juan se concertou-se. Stava todo borrado. Ia sahi, mais porem foi detido.

– Sim, aqui não é casa de barbeiro. Pague 500\$ dos teus infames bigodes que aqui fica.

E o negro pinxou pra li o cobre, pedio descurpa e segredo, pizou duro e panhou chão, depois de levá umas bôa lamboroda de chicote.

– Êta, diabo! sahio quente!

Oxente, oxente! Comeu fogo! Gunitório de vápo, n’é graça! Ante se morrê!

– Morrê? Morrê que! Home! A modes qu’é besta!?... Intão, o home estamaguado cumo elle estava, abercano de devêra mêmo um sujeito, inda deixa elle castioná? Sabe lá que é um home abercado?

– C'é qu'é devéra?

– Inté qu'elle foi muito feliz com esse *parrampampam* bem feito.

– Eh! O Escofano é menino de frê Kelemente. Sabucou o negro emregra. Que branquifeste do inferno!

– Oxente! Stá bom!... Tomou muitos pescoção... soletrou kankão asavéso.

– Nunca mais cahi nessas pitolanças.

– Adio! Isso não se discote, mais também não se impreve.

– Não impreve?

– Qual home! Aquillo é um sujeito da cara dura, d'uma progena desgraçada. Todo mundo já sabe que fôro de peia no vurto d'elle, que chega stá empollado, e elle anda dizem que é sangui novo espaiado e que os bigode foi doencia de estribute que deo!...

– Quiá! quiá! quiá! Quiá! Hom'essa! E agora?...

– Agora anda cumo jumento sem mãe p'la casa dos findingas delle.

– Um diabo véio, sovado de taca e que não toma mais preceites de gente, nem juiz!

– Sim sinhô! Este mundo stá perdido. Todo individe que tem mãos costume e chega a pissui uma lambugesinha de quarqué coisa, os pais de famias deve andá cá mão no pinguélo do gatio.

– Ahi é c'ô stou! O dispois das peiadas que comeu de maromba, o severgonho anda falano em mudá de terra.

– E só mudano! Mas pore, mudano de cara.

– Mudano que? Creatura! Aquillo é pramode vê se a gente se desconversa delle e da tunda da bôa licção de todo home de bem. Aquilli não vai em terra de ninguem; morre na peça. Quem qué perto de si aquella disgracia?

– A pistola e o braulinho do Escofano.

– E as pelherma delle.

– Ou alhas, isso! E oia o diabo cumo la vai passano...

Falá do máo,  
Perpará-lo páo.

D. Juan (do outro lado da esquina):

– Ah! cambada desgraçada. Por todo canto falam de mim. Mentira! Por Jesus Christo, Deos vivo, juro que tudo, tudo é mentira.







## O Corrêinha

**T**errível criminoso dos contrafortes das montanhas azues do Espinhaço! Sem conta as mortes e depredações por fazendas, estradase povoados! Noticias de tuas façanhas varavam o sertão, sombrias e sinistras, iguaes as de Lucas da Feira. Typo de desordens, ao serviço de quem mais desse por mesquinhas vinganças e tantas que abundam por este valle de lagrimas, esse demonio tinha protectores. Traíçoeiro como o jaguar mosqueado, astuto e máo como o cascavel, seus botes eram infalliveis para desafinar qualquer rusga, uma demanda, um pleito eleitoral, uma injustiça, emfim. Só o seu nome constituia uma ameaça. Ai! do infeliz, uma vez atormentado por uma jura, um reflexo ao longe do olhar do Corrêinha! Para os covis d'essa féra, tôrvos ... tôrvos sempre os horizontes! Sobrelinhavam-se as florestas, desdobravam-se os ignotos caminhos, e, rareando a athmosphera affloravam-se sob o azul dos céos, as tranquilladas cumiadas das serranias n'um deslumbrante painel e em todos esses visos d'uma solemne e mysteriosa magestade, emergia-se a sombra sinistra a luciferanea catadura do bandido palmeador dos desertos, revolvendo a imaginação popular com suas proezas.

Uma d'essas enchera de consternação um dos famosos e povoados sanctuarios do sertão, onde o monstro surrateiramente penetrara, semeando a morte.

Pouco tempo havia que no arrail D. estabelecera-se um negociante, trazendo de longe em sua companhia uma senhora com quem convivia clandestinamente, segundo as *bôas linguas*. Em certa occasião chegára á esta casa commercial um positivo a tractar de negocios importantes. Ausente o negociante, recebera-o a mulher com o agasalho convenienteda hospedagem. Era noite. Após o jantar, conversando ligeiramente em cousas triviaes, o forasteiro accusou, por fim, estar bastante fatigado, necessitando de repouso, porquanto, desejava partir cedo, visto, não terem encontrado o dono da casa e não poder esperal-o mais. Não havendo creados de sobra, ou porque estivessem occupados os dois unicos que existiam áquella hora, foi a senhora preparar a cama em um dos quartos da sala de visita; e no momento em que se achava toda distrahida n'esse trabalho, repentinamente cahira sem dar um grito, varada por um punhal. A hospedagem estava recompensada. O miseravel estendeu a victima na cama, limpou em suas vestes a arma homicida, apagou a vela que allumiava o quarto, fechou as portas do corredor

para a sala e a da rua, trancando-as e retirou-se.

Ao sahir do povoado, bebeu muita cachaça em uma taberna, palestrou pouco e deitou viagem.

A' uma altura do caminho, porém, pareceu reflectir um pouco e immediatamente retrocedendo, dirigio-se ao santuario, onde com chaves falsas penetrou, demorando-se cerca de duas horas. Pela manhã do dia seguinte, um cavalleiro que se aproximava do arraial encontrára um individuo descansando em plena estrada. Era o assassino. Onze horase tanto quasi meio dia! Este, assim que vio assomar o cavaleiro, levantou-se, concertando a cinta, apalpando-a bem. Esperou-o; e sem perder tempo, fêl-o parar.

– Indas que mal progunte ao patrão, donde vem V.Sa. e para onde vae?

– Pergunta bem. Venho de perto da cidade V. e dirijo-me ao arraial proximo; sou romeiro, vou ao cumprimento de um voto.

– Romeiro! (resmungou); e a graça do patrão?

– Geraldo de Britto, um seu creado.

– Creado de sua pessôa. Não servindo de encomb'do o patrão conhece e pode dar-me noticias de um negociante d'aqui do arraial de nome Santos Carváo?

– Ah! se conheço?! como as palmas de minhas mãos.

– Em que ponto o S. deixou elle, pois disseram-me que não tarda a chegar aqui?

– A chegar por aqui!? Coitado! Aquelle é um infeliz. Não é mesmo um negociante novo d'aqui do arraial?

– Sim senhor!

– Sabes onde é a cidade V?

– Sim senhor; conheço ella.

– Pois perdeu la antes de hontem em uma banca de jogo tudo quanto possuia, até um carregamento novo que fizéra. Tudo abaixo até os burricos. Está desgraçado. Elle por estas bandas... salvo se a felicidade bafejal-o muito. Agora só São Paulo que é a terra dos quebrados. Este mundo está perdido. Está pra se acabar.

– Ora pois, eu sinto muito isto, desejava encontra-me tanto com elle ...

– Eh! É o que lhe estou dizendo com certeza.

– Stá bom; o patrão queira desculpar-me.

– Então até á vista! Deos o acompanhe. D'aqui a uns instantes encontrará minha tropa. Fale á minha gente que puche bem, para chegar cedo. E adeus!

– Eh! Adeus!

Separados os dois.

– Um! exclamou o romeiro ja um pouco longe. Safa! Nunca em meus dias vi uma creatura tão horrorosa! Diabo! que cara patibular!: falou-me todo se concertando como para um assalto! Coitado! Cahiria perdido e sem esperar. Estava prevenido. Estrada povoada de ladrões e salteadores perigosos! ... porém, que aspecto o d’aquelle sujeito! que olhar desconfiado, inquieto, de tigre! Que typo asqueiroso, sujo, por- calhão, com umas nodoas de sangue na camisa, alli n’um dos braços, como se estivesse n’alguma briga, ou luctasse com alguma féra! QueiraDeus não seja algum assassino.

– Forte miseria a minha! Isto foi a cachaça muita que eu bebi. Bebi demais! Murmurára o assassino. Onde estava eu? Um romeiro! um romeiro! ... um achado! Ora, ora!... mas, onde estou com a cabeça? Hojeestou idiota, muito idiota! Se este romeiro não for o Britto? Porém, segundo me disseram, este não se parece com o que recommendaram-se. Deu-me assim uns ares ... e quem sabe? Bem que deu-me na retintiva ...; mas agora? De certo que perdi meu tempo; Este? ... este? ... este é o Britto e já vai longe. E deitou a correr gritando: patrão! ôh! patrão?!...

E desistio da empreza. De patrão nem a poeira do seu burro! Patrãoem poucas horas entrava no arraial, encontrando a desordem em sua casa e uma geral consternação no povo.

Santos Carvalho, escapando milagrosamente da morte, soubera mais tarde que o barbaro assassinato em sua casa fôra praticado pelo terrivel Corrêinha, a mandado de sua mulher, ganhando aquelle miseravel um par de bixas, uma vacca e uma espingarda pela eliminação dos dois. E de crime em crime, de surpresa em surpresa, homisiado nas fronteiras dos dois Estados – Bahia e Minas – perambulava este facinora, monstro impune e temido, depredando fazendas, vivendo fartamente d’essas rapinas sulcadas de muito sangue, até que um dia cahira em uma cilada de um outro não menos celebre criminoso o – Vicente Pitá – que assalariado tambem por um fazendeiro, dos prejudicados de então, prostrára-o traiçoeiramente de emboscada com um formidavel tiro de clavinote a beira da estrada dos campos gorutubanos, junto ás margens do rio deste nome, e por alli mesmo sepultado. Mas, o que, alem destas tristes recordações do facinora, mais gravou-se no espirito dos sertanejos d’aquellas regiões e disto falam até hoje, sem jamais uma explicação possível, qual terrivel mysterio, é que depois de sepultado, o cadaver do Corrêinha achou-se exhumado ao pé da sepultura escancarada, comose de proposito d’ella expulso. Que foi retirado, não houvera duvida; mas impossivel encontrar-se em derredor um rosto violador de homem oud’alguma féra. Sepultura cuidadosamente limpa. A esse tempo o cadaver cobria-se de negro. Uma cafila enorme de vorazes urubús, formando alos lacerando, desputando aquelles restos mortaes!... Horrorizados, os sertanejos tentaram sepultal-o novamente; mas, impossivel. Tudo estragado, arrebatado pelas garras rapineiras.

Naquelles destroços humanos em uma parte bastante dilacerada de um dos antebraços restantes, reconheceram elles diversas particulas de hostias, certamente consagradas, aquellas que o sacrilego roubára no sanctuario de que

falámos. Segundo o uso do sertão, o cadaver que fora sepultado de bruços para appressar a captura do assassino, do mesmo modo fora encontrado em cima d'aquella terra frescamente remexida.





## Rogério e Raymundo Piston

**D**ois refinados tratantes!  
Viviam ambos de musica, atormentando a humanidade; dois relaxados e inseparáveis estroinas.

Exploradores escovados, o clarinetista caturra aperfeiçoava o que o pistonista começava, ambos velhacos, um mulato, outro crioulo, iguais na inteligência, talentosos e aguçadíssimos em trêtas, perdularios cavadores de comes e bebes, de folias, pagodeiras, bailes e serenatas.

Estes foliões, assim que farejavam qualquer cousa no ar, arranjavam uma orquestra, industriavam o pessoal tocante e ferravam o bode; deste modo varavam a vida, gozando, à tripa fôrra, do bom e do melhor, como rapazes da época, encasquilhados com roupagens caras, vistosas e perfumadas a patchouli, chamados e reclamados em toda a parte, sempre de ferro, resistentes aos folguedos, prontos á toda a hora para o que desse e viesse.

Porem, como o homem é a imagem de seus passos e nada estavel sobre a terra, chegára a crise das alegrias, pitanças, prazeres e passa tempos com seus gelos insuportáveis e os dois pelintras foram saboreando as saudades desses digestivos do passado, distanciando-se muito os fecundos tempos das vaccas gordas. Cansado de badernas o povo suspendeu a postura para as trivialidades da vida, aturdido talvez de tanto barulho.

Nada mais tendo que esperar, os dois typos infumáveis, bigodeados pelos azares da fortuna, foram entrando a pouco e pouco na certa pelo pão de dois bicos da necessidade.

Procuraram logo conjurar a magua taça da adversidade com uma banca de jogo de azar; porquanto, a musica ou notas musicas, andavam sustinidamente tísicas e os instrumentos encatarroados.

Ora, corja desta ordem ... para o cisco!

Mas jogo é o diabo e a garantia do avanço uma febre escaldante.

Os safardanas batiam azas de galo de janeiro, temperando uma pose de gatunos. A lepra do jogo para logo devassou vergonhas, algibeiras e consciências, acabando-se tudo numa liquidação forçada de caracteres e comparsas além de algumas sensaborias policiaes.

Dahi a diserção e baixa por incapazes; mas, escaceando o milho, que

fazer? Remexeram a panelinha de feitiço e como ainda mais sortisse, um dia escafederam-se, deixando a chave á fechadura.

Dinheiro! Dinheiro ... ah! nem um carço!

Viajavam de pé por imensos sertões goianos quasi mendigandoo pão quotidiano pelas pousadas, roendo mandiocas cruas, ou fructas silvestres, quando achavam-nas.

Negocio apertado e a situação cada vez mais desesperadora.

Raimundo conjugou um alvitre.

– Retrocedamos, Rogerio!

Retroceder? Isto agora seria o maior dos desparates. Homem você tem lembranças... Ora, retroceder com as tripas em miserias, não vês, seria deixarmos os ossos na estrada?

– Mas, não me dirás, aonde parar isto sem dinheiro?

– Não deixa de ser um cravo; em todo o caso, andar a gente com idéas funebres na estrada, não convém.

– Tem razão; visto isto ... tocar para a frente.

– Sim, senhor! Isto sim! Para a frente toda a vida!

– E viajavam.

– Soalheiras fortissimas caiam nos dilatados horisontes do planalto central; aqui a selva densa, crepitante, interminavel, sol de rachar em mez de agosto, areia quente, terra vermelha e branca; alem a estrada eternamente escancarada para a preguiça e o desalento dos que passaram vida regalada... de Lopes; noites ao relento, cruces na boca, panças pregadas ao espinhaço, saborosas lembranças de passadas eras; todavia, caraduras, raspando os mocotós na poeira, pés inchados e... avançando sempre.

– Malditas aventuras! Rogerio?! e eu que tenho uma idéa magnifica!?

– Ora, vamos ver que tal!...

– Pelo que vejo o longe estamos a chegar em alguma fazenda.

– Éh! sim! e depois?

– Ora teremos de chegar ... não importa...

– Vamos, acaba!

– Espere, senhor! Você não me deixa refletir. Arranajar um sacco equivalente aos nossos projetos, não é assim de pé pra mão.

– Vem! Sim! Eh! eh!

– Vale uma fortuna, afianço!

E os dois esbodegados pararam, conversando longamente, concertando planos. Ao entardecer desse dia, com effeito, abrigavam-se á uma fazenda cujo

dono os recebera bem, sendo Rogerio ali o primeiro a chegar. Mulato conversador e pernostico, temperado de mil e tantas desgraças da vida, bem apessoado, facil lhe foi captar com essas qualidades, certa confiança do fazendeiro que o achára interessante.

Emquanto estabeleciam-se as primeiras relações da hospedagem, chega Raymundo por sua vez, revirando com força as alparcatas na poeira, sobraçando uma velha mala de viagem.

– Raimundo! Gritou rasgadamente Rogerio, assim vira-o cancelas a dentro: tu te demoraste muito rapaz! Duas horas que aqui estou!...

– Eh! yôião, seu Coroné! Foi perciso. Esta mala sempre pesa.

– Diabo deste negro! Diligente, mas, um carro para viagens. O fazendeiro, ouvindo falar-se em Coronel, pedio desculpas de não ter tratado até ali convenientemente um hospede de tão elevada qualificação social.

O Rogerio exultou, desmanchando-se em amabilidades e abnegações e o fazendeiro, para tenuous o seu desapontamento, cahio em outro assunto, indagando do Rogerio á parte:

– Coronel, este rapaz é seu camarada?...

– Nosso escravo, meu caro Senhor Albino! Atalhou de modo categorico o Rogerio.

O Albino encarou mais detidamente o Raimundo.

– Quis figurão! moço, musculoso! Quis bela estampa de creoulo, quis bela peça!

– Bela peça! ... exclamou, sorrindo o Rogerio; não é das piores, tambem não é das primeiras dos nossos escravos.

O Albino arregalou muito os olhos.

– Peiores?

– Pela estima simplesmente; sabe ler e escrever, sabe um pouco de musica, diverte bem a gente sempre e muito em horas de enfado.

Uma escrava interrompe a conversa.

Hora de jantar.

– Meu Coronel, vamos fazer penitencias e desculpe-me, não o esperava.

Rogerio, radiante de alegria, desatou devéras a lingua. Parolou, bebeu, mentiu, contou caxambêtas mirabolantes, pintou o sete, emfim, sobre assuntos diversos.

Durante o jantar que foi lauto, aventurára ainda o fazendeiro:

– Meu Coronel, não servindo-lhe de agravo, vende V.Sa. este rapaz? Em quanto, estima-o? Abra o preço; agrada-me a figura.

– Vender o rapaz? Oh! meu amigo! Não! não! Custar-me-ia bem caro

isso; o senhor não imagina!... Por mim e pelas finezas de que tenho sido alvo em sua honrada casa...

– Muito obrigado, coronel! Honra toda minha...

– Pois bem, não haveria dificuldade; mas...

– Mas, que tem o coronel vender-me o escravo?

– Isto não é um escravo; é quasi um filho! Criou-o minha mulher que o trouxe de dote. Vê la!... mulher moça ainda, inexperiente e demais muito nervosa, histerica, muito ciumenta! Estima despropositadamente esse rapaz. Ora chegar á casa sem elle, o meu amigo compreende...

– Ora deixe-se la disso. Nervos de mulher...

– Eim? que está dizendo? É o diabo vivo, bolindo; é o inferno em chamas. Deos o livre a mim tambem.

– Então, recusa? continuou rindo-se o fazendeiro.

– Conversaremos depois.

O coronel Rogerio era um comprador de diamantes que se dirigia á Capital de Goiaz e dali para Mato Grosso, fazendo parte de um sindicato americano. Com estas e outras patranhas, cinicamente sizudas, entrada a noite, a prosa continuou depois do jantar até muito tarde.

Raimundo, metido pelas senzalas, por lá se ficára.

Amanhece.

Rogerio partira já, tendo recebido um conto de réis e um excelente burro pelo seu escravo, recomendando-o, todavia, á estima do novo senhor que, por per fas aut nefas deveria, tel-o a bom recado.

Poderia fugir.

E sem mais detença raspára-se.

Raimundo, assim que lhe fora comunicada sua nova condição, berrou, contestou, cahiu no bollo, entrou na surra, tossio deveras na taca e foi arrastado ao eito.

*Dura lex; mas dura trêta também!*

Era do contracto e só lhe restava a fuga.

Fugiu.

Enviaram-lhe um Capitão do mato; alcançado, eil-o de novo no bolo, na surra de novenna, na prisão, na pêga, acorrentado, vigiado noite e dia, dia e hora.

O negocio estava serio.

Durante essas aperturas do cativo, Rogerio, retrocedendo para Minas, patuscava pelas cidades, esbodegando o cobre em pouco tempo, enquanto seu amigo, sobrecarregado de trabalhos, dôres e fadigas, muito tarde e a custo



podera provar que não era cativo, pagando sosinho e bem caro o conto do vigario que elle mesmo e o esperto coronel haviam pregado ao tolo fazendeiro, tomando ainda pela belleza dessa façanha muitas duzias de bolo antes de partir.

Um mimo pela sua liberdade.







## Rei do Rosario

**O** Manoel Bogodó fora eleito Rei de Nossa Senhora do Rosario. Logo que disto tivera sciencia, enfurecera-se porque o festejo era de negros, e elle, mulato, doente de branquidade, manteiga de sebo, homem da alta sociedade, estava no caso de fazer uma festa, porem, condigna, do imperio; pois que, festa de negros não passavam de um abuso de confiança, um desaforo intragavel, um insulto directo e falta de consideração á sua pessoa qualificada, e que, portanto, haviam perdido o tempo os que se lembraram do seu nome para semelhante bandalheira. Não prestaria o menor assumpto á tal porcaria de eleição. De taes honras absolutamente não precisava; seria um immenso favor não se lhe tocar nesse sentido; que sua cabeça jamais cingiria uma corôa da santa negra.

Pessôas piedosas tentaram por diversas vezes dissuadil-o do seu proposito e das blasfemias, mas foi peor.

O orgulhoso Bogodó, ferido no amor proprio mal entendido, tornou-se inexoravel; não ouvia conselhos, rompendo com Deus e o mundo, desesperado, furioso, despeitado!

Aproximam-se os dias.

Notificado pelos representantes da respectiva irmandade, mal poude conter a ira, invenctivando os santos, maldizendo a religião, saccando terriveis improprios contra os que tiveram a audacia de usar do seu nome. E terminára, dizendo que absolutamente não trataria da festa.

– Quem encommendou o sermão, que o pague. Eu não o desejo, nem o quero, porque não quero.

Tal a derradeira resolução. Manoel era negociante, senhor de alguns arranjos de fortuna. Arrotava dinheiro. Certos indivíduos, emquanto pobres, ostentam umas tantas veleidades de exageradas filantropias de pasmar. Seriam os Cresos da caridade, refinados santos, sea mentira não tivesse duas capas: – uma que cobre, outra que descobre. Suas pequeninas ações em tudo se manifestam. Deus não precisa da experiencia do homem; transforma muitas vezes essa velha enfermidade, esse coração enfermo, para purificar ou patentear o seu lado positivo.

Não engana, não se engana.

Sem citarmos exemplos por ahi alem aos milhares, dois factores sociaes

forçam a porta á essa farandula hipócrita: – um pouco mais de luz intellectual e uma certa dose de bem estar.

Ah! não tem que ver! É’ aquella garapa: a negação systematica de divinos preceitos que totalmente ficam á margem da consciencia.

Invadem e insultam quanto podem tudo o que é sagrado.

A ostentação, a duvida calculada, a soberba os assignalam, propalam supremacias sobre virtudes communs.

São elles os que fizeram o mundo; portanto, os senhores absolutos de todas as honestidades. O céu só delles: os bonitos, os ricos, sabios, illustrados. O enfermo, a baixeza, a desventura para os demais; a massaignára e despresivel. Elles, os verdadeiros, os sublimes; o resto, os mentirosos, os monstros. Cartilha inteiramente oposta já se vê. Por essas e outras contas bentas resava o nosso Rei do Rosario.

Findo o anno compromissal, o Bogodó não cedeu.

Prepara viagem para retirar-se do Salgado á toda a pressa possível em uma barca, cujo carregamento manda amontoar na praia por uma parte do pessoal do serviço barqueano, enquanto a outra derramava-se pelos mattos em busca do madeiramento para o toldo e outras particularidades. A viagem estava marcada para vespera da grande festa; porem, ainda nesse dia nada de serviço concluído.

O Bogodó andava damnado da vida, embuxado, indo de casa até á praia, dando ordens á barqueirama.

O cacimbeiro lava o porão cheio de fétido limo, todo acorado aofundo da barca.

Pouca gente trabalhava áquela hora, apesar do aperto.

Raros feixes de varas e capim e algumas mercadorias amontoadas ali.

Esquivava-se ao serviço, era certo; notando-se então a ausência do piloto.

E o Bogodó trovejou:

– Seu cacimbeiro, cadê-lo o piloto?

O cacimbeiro cuspio grosso a um lado para dentro do rio:

– Sê la delle? E mêmo hoje dumingo!... hoje!... essa viagem!...ancê... Eh! fum! eh! non sê não! Os menino antonce, eh dixe que non ton quereno!... Piloto mêmo... ai ai! sê lá!? Pelos promove que hai... eh! só se sabeno isbilichá isso.

– Não querem viajar; bem estou vendo. Não querem porque? Que tem o piloto? Eh! são as taes festas. Já sei. Estão com saudades da súciae da cachaça que são o resumo de tudo isto, marombeiros!

Vocês todos são a mesma cousa, porem eu não estou aqui atôa nemp’ra brincadeiras, fiquem sabendo. Hei de viajar amanhã cêdo, eim? ouvio? custe

embora o que custar. Estão ganhando o meu dinheiro, não escuto conversas; metto tudo na cadeia.

– So se fô!... Cadeia!... Deus me perdoi. Pra cá! Sê besta, sieba! Resmungou surdo de ódio, o cacimbeiro; e depois bem alto:

– Eh! patrão! mas, dix' que esses treis dia é dia santo. Já hoje, dia do Espírito Santo, é bespa da Senhora do Rosário; ô dispois, de São Benedito... É mais mió... sê não! Vancê...?

Bogodó não resistiu e queimou logo:

– Canalhas de todos os diabos! Dia santo! Que diabo é dia santo? Dia santo é para os preguiçosos, vagabundos como vocês e que o dinheiro que ganham é pouco para fazer viva-povo. É' pro branquifeste. Delle fazem bangulora e por isso é que andam arrastando o couro na miseria, cambada de porcos! Nesse instante o sino da igreja matriz bimbilhava alegremente e dezenas de foguetes sobiam alem numa barulhada alviçareira. Bogodó olhou para aquelle lado sem querer, porem, com rancor terrivel.

– Corja, não tem que fazer! Em que se ocupar não procuram. Dia de festa! Todo dia é dia de festa. Todo o dia é dia santo; e quando não os ha, inventam. Comelanças de padre, e nada mais! Invenção e mentira. Eu só reconheço o domingo e no mais pêtas! Já não estou mais por tantas asneiras. São uns comedores da humanidade. Em riba de tudo o mais ainda engazapam uma sucia de negros com patranhas de religião e atacam os homens de bem com esses engodos taes das taes irmandades! Que me importam irmandades, nem cousa alguma de semelhante troça! Toquem foguetes, façam o que entenderem; meu dinheiro é que não bifam, nem crôa de santa de negros nunca em minha cabeça, lazêras, nonsei quizeras! E virando-se parando-se para o cacimbeiro.

– Quero minha barca limpa hoje, cacimbeiro! E logo que estiver bem lavada, vá carregando alguma cousa para a tolda. Ajude aos outros. Viajo amanhã como sem falta.

– Sim senhô! e murmurou depois sem ser ouvido:

– Cê acha! Vem pra cá! Siéba! Bogodó! Sê besta! Que é sella cum cangaia funda! Fum! T'má sopa, nêgo locó.

Bogodó não escutára esses desaforos; tomára de novo o caminho de casa, sentindo-se encommodado com uma fortíssima dor de cabeça e de tal modo que não enchergava dois palmos deante de si, sendo necessário dar o braço a um transeunte para transpor o barranco e chegar a custo até sua residencia.

Poucos instantes depois quatro barqueiros ali entravam tambem, conduzindo o cadaver do cacimbeiro que repentinamente morrera.

A família do obstinado Bogodó tomára providencias para o enterro, porque o desventurado passava mal, piorando de instante para instante no meio

de tormentosas dores.

Queixara elle ao facultativo, que sentira um grande estalo na cabeça e de modo estranho que de vez porquanto repetia, varando-lhe os olhos agulhadas agudissimas.

Sem socego e estorcendo-se em singulares agonias ao amanhecer do dia seguinte, apesar de todos os esforços e recursos da sciencia, deixava de existir o Bogodó.

Nunca se vira cadaver tão disforme pelo rosto.

Tinha os olhos fóra das órbitas, pendentes de uma baba aquosa, caindo para os lados.







## O Arengueiro

**G**ravissimo o facto que se dera na casa do Magalhães, cujas funestas consequências tragava-as em silencio o pobre pai de família. Como de ordinário acontece, infelizmente aquillo que julgava-se em segredo, presenciára-o um seu compadre; esse individuo com capas de homem de bem, não passava de um refinado impostor, intrigante e mexeriqueiro.

Vendo o mal em casa do amigo, farejou-o a fundo; mas, a desconfiança da sua língua creou quarentenas e as labaredas intimas do vicio da vida alheia lavarão aquele espírito pequenino que não lograra mais socego em casa. Dirigira-se por vezes ao amigo, saudara-os outras tantas, porem, suas respostas sempre firmes, categóricas, denunciavam completa inocência. Dava rodeios, inventava e multiplicava factos, fazia-se entendido e desentendido, ensaiava abrir a bocca no ponto capital, chegava mesmo quase a feril-o; recuava. A fama de honrado, de sizudo, de pezo, de bem, afivelava a mascara hipócrita. Faltava-lhe coragem deser franco e com medo da maldita pecha, se estorcia, suando. Nessas tentativas sua fadiga crescia, visível sem cansaço e a pouco e pouco cedia ás esporadas da tentação, rompendo por fim. Se não rompesse, dizia o sacco rôto, esse sepulcro caiado, seria um *covarde*, indigno da amisade de um homem tão distincto, qual o Sr. Magalhães. Resolvido, como poucos, arrastou-se de ventas abertas para cima do perigo.

– Bom dia, meu compadre!

– Bom dia, compadre!

– Oh! Como vão as cousas, nada de novo?

– O senhor sabe melhor do que eu. Certamente, vão, como vão. De novo nada – que eu saiba.

– Fum! É' isso mesmo, mesmo assim. Este mundo é mundão; nois é que bamo e elle é quem fica.

– Na verdade; porem, que fazermos?

– Na verdade, que o Senhor diz muito bem: que fazer nós? Mas porem, hai coisas que incafinfa a gente, meu compadre. Meu compadre, dão-se coisa neste mundo...

– Ora, compadre, a nós que nos importa? É' por esse mundo; desde que não seja em nossa terra...

– Não é em nossa terra? pruvera! porque é em nossa terra mesmo que as coisas vão se dando...

– Ora, deixe lá, homem? Prestar assumpto a tudo quanto vemos de bom ou



de ruim que vai pelas ruas, é não ter-se juízo. E nas ruas, então? Eu... desde que não seja pela nossa!...

– Em nossa rua, é!... Nem o senhor pensa nem de leve o que há em nossa rua. Oh! dão-se coisas!...

– Tch! Cê qu'emporta, meu compadre! E' do mundo; vamos vivendo. Não sendo em nossas casas...

– Estas nossas casas... E' um inferno! quando imagino... Eu, como sou desempambado!...

– E' uma insistencia que nada vale; porque hade a gente se matar? Tudo na vida é bem assim. Nem sempre o que se deseja é o que se vê. Que seja ainda em nossas casas; inda assim, não devemos nos incomodar muito; Não indo nisso nossas familias, eim?

– O que, meu compadre? nossas famílias?... Fum! A gente engole buxa de intupir. Ah! meu compadre, o senhor é porque é um homem que sempre foi muito apercatado. O senhor sabe...

– Ora que tem? Muitas vezes é com nossas famílias; mas não é com pessoas nossas. Não ha nada. Falo desabusado!

– Eh! la isso é verdade!

– Sim, é e foi assim este mundo, compadre! Bem tolo e basbaque quem se mata.

– Comefeito, é! Inté mais logo!...

– Ind'é cedo!...

– Não! cedo mais... venho!

– Sempre ás ordens. E é como disse...

– Tem rezão! Sta déreito! Sta no seu déreito.





## O carga de sebo

**O** sessenta! Fome e carestia, tempos crueis! A crise geral assolava as populações das margens do São Francisco. Gêneros de primeira necessidade, escassos! A morte dizimava os emigrantes e não raro os próprios filhos destas zonas. Nessas ocasiões, a penuria, qual o ladrão que espreita e ataca á mão armada, estende suas mysteriosas e negras correrias pelas camadas infelizes do povo; cada qual, temendo e evitando medonho flagello, busca refugio de toda espécie para sustentar a vida, enganando o estomago, desde as fructas e raízes silvestres de pequi, tucum e mucunã, até ao extremo da somitega esmola que é a ultima a chegar, sempre tardiamente, quando o exodo das victimas ha ultrapassado as raias do infortunio, amendrotando até a falsa philanthropia de uns conservadores de esquinas e tribunas, muitos desses – prestidigitadores aves de rapina da occasião.

Por vezes a solicitude dos governos procede com o critério necessário; mas, lastimosos exemplos de roubos neutralizam o obolo governamental para tantos desgraçados, servindo apenas para engrossar o bolso de muitos ladrões de casaca e gravata lavada que por ahi alem afivelam e ostentam á casa inconciliavel a mascara negra de uma ignominia sabida. Tal a crise com o seu cortejo de males sem conta inenarraveis. Por isto mesmo e com razão preferem muitos supportar corajosamente as avançadas mortifiras do contagio a submeter-se á uma parte peor: a dos que não tem pejo nem honestidade de olhar sem cobiça para o alheio, ainda ouvindo o grito de uma infelicidade. Ha miseraveis de tal ordem que não duvidam incendiar uma choupana para arrebatat um ovo. Nessas epocas calamitosas são escorraçadas as consciencias limpas, porque semelhantes beneficios teriam seguras applicações, mitigando com proveito á tantas dores. Confiassem por exemplo os governos aos institutos de caridade, devidamente reconhecidos, essas providencias de suas generosas economias tão malbaratadas, e esses compririam o sagrado dever, consecretaneo com as leis do evangelho; porem, tal não acontece. Os que morrem de angustias nas vascas da fome e da miseria, mais depressa sucumbem assassinados, cobertos de ultrages, por esses infames honrados, vendo a caridade se tornar um peccado mortal, a fortuna assaltada pelos que se acham fartos. Sobejas provas temos nas do falgello das enchentes penúltimas do São Francisco. Os socorros desta ordem foram devidamente agasalhados, sem o menor escrúpulo, sob todas as modalidades do escandalo.

Bem triste! mas, bem verdade! E em quanto essas épocas nos revelam no fundo esses lastimosos quadros, escolhamos entre os varios da fome, em que a poeira do tempo jamais poudes apagar á luz da tradição.

Para mais de duzentas pessoas tinguijavam uma lagôa em busca de peixe. Tinguijar é lançar á agua feixes de raízes silvestres e venenosas de sipó – timbó e tenguí arvore muito abundante e nativa nas margens do grande rio. E' tóxico ativo para o peixe que se embebeda logo e sobe á tona estagnada, onde avidamente é apanhado. Homens, mulheres, creanças e populares coalhavam as margens da lagoa numa labuta penivel, recolhendo diariamente o peixe, escamando, estripando, retalhando, amontoando enormes pilhas, ás pressas, salgando-as para neutralisar a acção corrosiva das raízes, estendendo, apoz a operação, apreciosa colheita em compridos varaes de mangue ao sol.

De longe, de muito longe do fundo dos geraes de São Felipe, aco dia gente para comprar, ou trocar por outros generos, cargas de peixe e assim de muitas outras partes ribeirinhas, cada qual o que podia, isto vê-se; quem não dispunha de cousa alguma, ajudava no trabalho, ganhando assim o pão quotidiano.

Muitos esmolavam. Premia a fome cada vez mais.

Farinha, nem um carço. Toucinho, nunca te vio. Nessas circumstancias apparece entre os imigrantes, numa das margens do lado do São Felipe, um individuo, trazendo para troca ou venda uma carga de sebo, gênero então de primeira a suprir o toucinho. Horas de tinguijar.

Pescadores seminus com medo de piranhas vorazes, amarravam dos pés ás cintas ramos verdes de densa folhagem e munidos de fiskas, batins, arpões, chuços e flechas, iam lagôa adentro, rasa pela secca, batendo-a em todas as direcções, lançando os feixes de raízes machucadas. Formigava o povo entretido com a pesca, trabalhando uns, distrahindo ou divertindo-se outros com a vozeria de infinito e insistente numero de pássaros e aves aquáticas, pernaltas, coalhando as frondes das arvores circumstantes. O da carga de cebo amarrrou o cavallo á arvore e muito curioso achava aquelle immenso labutar. O peixe grande, bem como o meúdo, presos pela pouca profundidade e extensão das águas, barulhava com estrondo a fervilhar, desorientado, embriagando-se do veneno e perseguido de perto pelos seus naturaes, inimigos – o homem e a ave – Cansados, tontos, boiavam, morrendo á tona, alvejada por esses belos cadáveres, estendidos como roupagens em couradouros. Sol ardentissimo! Pestilenta maresia aquelle pantano extagnado. O homem da carga de sebo, vendo que áquella hora de trabalhos, nada poderia conseguir sinão depois da pesca; mudou de rumo. Desatou o cavallo e dirigio-se á outra margem onde a aglomeração do povo tambem era densa. No momento em que ia sumir-se no matto, gritou-o um pescador:

– Ôh! Siô! que leva nesta carga?

O outro que ia um pouco longe respondeu:

– Cebo!

Ora, – cebo – em certos casos na gíria popular e sertaneja é uma feia, dura e descabida palavra. Um grosseiro insulto!

– Cebo p'ra tua mãe, cachorro! malcreado!

– P’ra tua, desavergonhado!

– Esper’ahi qu’eu te dou e ja a resposta, um conhecimento, seu moleque atrevido! T’ensino neste instante a respondê um homem, severgonho! E avançou de carreira, lagôa a fora, empunhado uma faca.

O pobre forasteiro, não tendo tempo, nem onde refugiar-se, esperou firme o attaccante, pondo-se em defensiva, espantado de tamanha brutalidade.

O pescador vinha feio e agrediu sem aceitar explicações.

Lucta funesta! Aos gritos de acudam! acudam! todo aquele povo precipitara-se, cercando os dois contendores. Era tarde. Um momento apenas para apurar-se a verdade e nada mais. Irreconciliados expiram os dois, sendo ali sepultados os seuscorpos. E facto singular! No dia seguinte no local do crime em cima das sepulturas duas garças bravias, numa lucta desesperada, appareceram, descendo das selvas, prendendo a attenção geral daquella rude gente que, curiosa e muitas vezes condoída, tentára separal-as. Essa briga ia do clarear da aurora ao entrar do sol. Inúteis todos os esforços! Quando se aproximavam, voavam ellas, pousando nas ramagens visinhas. Retiravam-se, e eil-as de novo, recomeçando o mysterioso duelo.

Durou tanto e por tantos dias, que o povo, com superstição ou sem ella, abandonou completamente aquelle sitio.







## O Gorutubano

**G**eraldo – o gorutubano – é um desses tipos populares, sempre e sempre maltrapilho, muito sujo, envergando o mais que pode o seu copo de pinga, taciturno e de mãos bofes, quando não bebe; quando bebe, conversador aborrecido, amolante, enjuado, a cospir na cara de quem pacientemente atura, ouvindo-o. Tem uma bondade em seus dis parates cachaceiros: não mente. E como diz o proloquio popular – cachaça é o saca-trapo da verdade – ouvimos do becerrão em meia carga, uma das suas:

– Embora eu esteje beb’do, patrão, vô lhe contá uma historia; mas, eu não quero que ninguem saba disto, praque são capaes de mandá me matá , e vancê é que fica curpado. Óia lá... Sou fio de Gorutuba. Minha famia era agregada duma fazenda, onde meu pae tinha inteira confiançano patrão; intanos que sempre era o encarregado de todo movimento de tropa de café, toicim, fumo, couro, sola e mantimento e dispunha de tudo, dano muito bôas conta e tudo mais prefeitamentes. Conde nósstava de viagem, que era coge um fenoco, dirigia no eito a escravatura que era muito grande. Patrão rico, tataú metido nessas coisas que vancêintende de polica do partido qu’eu não seio. Famia numerosa, famião! Tinha treis fia fêma casada; uma sorteira, uma viúva, outra moça, tudomorano na mesma casa, casona grande, insobradada. Outros fio home, todos ricos que nem o pai, morava in redó do pai, assim coge no terreiro. Aquela gente era zuretada, grugúda, não contava fiado; no corqué embeleço, embrexo, ou incorqué parram-pampam o que dizia não mandava dizê, gente – estordenaro que não comia desaforo. Não são cumo certos fulanejo que hai por aqui, xambuqueiras, cafageste; – gente que conde cafangava e dava um grito, o patro da fazenda endurecia, ficava duro de cabeça da gente, tudo no Cangaço e pró que desse e viesse. Nostempo d’inleição é que se via a força do carvão de pedra. Antonce, o dito cujo patrão era do partido do cascudo, mas porem, um genro da polica dos labaraes. Eu molecote duro já, ajudava meu pai; e nessas casião não largava o serviço do patrão, que prumode a tal polica indiquirira muitos inimigos, tamém gentes que podia, gente de dinheiro.

Conde m’entendi pru gente, j’arcancei uma encrencasinha entre meu patrão e o genro, e que no tempo em diente veio a purduzi uma suparação da fiacó marido, cujo marido foi corrido de casa e desterrado pra bem longe prefeitamentes. Uns dizia que o motivo ou quá, era o moço sê d’outro partido e nunca companhára o veio; mas, porem, outros dava rezão delle sê pobre e tudo mais. Ou por isso ou por aquilo, o certo é que a muié, contra sua vontade e pru farsos testemunho do pai, foi tomada do marido, cumo sem duvida.

Intriga muita, intriga de matá! A casa da fazenda andava coge sempre vigiada. Tales em fins é de cetra. Mentira muita era o páo que urrava. Todo dia, um dirê tu, um dirê eu. Gente remosa que vivia nesta infincança. Eu que lhe conte. Tô los santo dia, notiça da vinda do moçopra tacá a fazenda cós cumpanheiro da polica delle. Dessas entrosa e desgosto o veio do patrão veio cahi no cerepite, prefeitamentes. Bem podia ter-se mudado tudo c'oessa morte; mas porém, ficou tudo na mesma e ainda mais danado pra pió. Os fio sustentava a mesma pinião e orguio do pai, c'o São Pedro das moça!

Um ano, ô dispois da morte do patrão, uns vurto começou aparicê do ladro do engêim, suparado da casa grande p'lo pátio grande; limpo, barrido. De la tudo bispava. Lém do engêin, uma bachadona embrejada, cheia de um canaviá a perdê de vista. Os vurto sahia desse canaviá e chegava inté a beira do pátio do sobrado, ali p'las cinco hora da tarde. Não mancava. As premêra pessôa que viro, foro uns escravos que, assim olhôr elles, coge morre assombrado de carreira pro sobrado. Os moço reuniro gente que drumia noite e dia, cercano a casa e atirano sem medo de erra. Nada se vio mais durante dois dia. No terceiro dia ás mêmas hora, óia os vurto outra vêis, sahino e espatano os negro do canaviá! E la ivém! La ivém, inté pará no mesmo liga! Treis vurto! E nós já tudo prevenido c'a mão no cangaço, fumo fazeno fogo, fogo rollante, sizudo; fogo berrou de cum força. E os vurto lá, condo cessou. Gente, nem cumo coisa, nem mimba! Não dava pru fé, não fazia causo. O quemais nos encazinava é que nós marcava c'a pontaria certa, os páo rolava; era pra esbagaçá e destrangolá os cabra; mas col o que? Que condea fumaça da polva quilareava, os vurto stava no mêmo logá, no mêmo sê? No premêro dia arrochemo fogo cerrado inté o sol entrá. Assim as ave-maria, elles retiraro pro canaviá. Fiquemo c'as óreia em pé. De dois em dois dia o causo arrepetia. N'uma das vêis que nois fumo acabano de dá um fogo vivo, vimo uma coisa que inté hoje condo m'alembro, chega m'arropiá o corpo. Os treis vurto era pra todo mundo enxerga á luz do sol do dia. Óia, por esta lúis que nos sta alumiano! Dois homes arto, cumo não vejo um aqui do grandô delles, de cabelão escorrido, dois negrão preto, que de preto reluzia, dos óios vivo cumo um raio, botava adiente um outro home que caminhava muito triste de cabeça báxa. Os outros dois arregestia mais afastado e de pé firme sem se mové o nosso tiroteio. Nesse dia, nós, cansado, acabava de despejar a derradeira carga; um dos dois negrão tirou uma paia de detrais da oreia, picou fumo c'a unha, feis um pito grande, esfregou assim as mão e no dedo cendeu elle o cigarro, enconto o outro ni nossa presença deu dois passo, garrou o de diente, cumo quem pega n'um brinquedo, sacodio e arribou c'o ele no chão cum baque tale, que chegou ronca e nos metê dó. O homem virou assim de bumba canastra... Embolou! Tornou-se prepará e se faze fogo. Eles quebraro páo n'uvido. Pra boniteza um inté pôis o pé no peito do darrubado; o outro veio assim de lá e pan! se assentou n'elle cumo num cepo. Outra descarga. Gentes! Nen de fé dero, e so se retiraro nas hora de costume. E os moços ahi, nois tambem, tudo no caxengue e gentes chegan de longe a nosso sicorro. A coisa stava tão demais e todo dia piorano que se começou-se a desconfia queaquillo não era deste mundo.



Ninguém podia beservá dereito, praque nós estava entendêmo que era inimigo, andava tão prevenido, que assim que os home évinha pariceno, nós debruçava fogo no duro, de doê. Morria mão nas arma e devera! O pátio escurecia cá fumaça da polva. Col, aquillo não tinha nada de inimigo. Cum efeito, um dia o home da frente féis siná de quem percisava falá cum de nois. Queria, eu acho, esburnecá tudo, alguma coisa. Quem vai, quem não vai?

– Vôr eu! disse um dos fio do meu finado patrão.

E sartou no pátio e ligeiro la sa foi contra a vontade de nois tudo. Moço de corage!? Nós vimo elle condo chegou lá bem perto dos vurto e se demorou conversano, o que ô dispois se soube.

Era o prope pai d'elle. Vinha pedi a fia pra vive c'o marido.

Que queria vê ella e conversá c'oella o mais depressa sem pérca de tempo. Ja stava tarde; mas porem, no dia seguinte, ás mêmas horas elle vortava. E se despedio do fio que chegou de lá num planto de chôro e esbaforido que fazia dó. Foi, antonce, que cessou o fogo desta hora em diente, da feita que assim era. Este successe ainda fêis ajuntá mais gente; de sorte que, no dia seguinte, na hora marcada, os home, sahido do canaviá, se apresentaro no mêmo logá. Ahi não se deu mais fogo. Esperou-se p'la famia; mas porem, a moça incalistrou e disse que la não iria, nem tinha negoços co pai. Um camarada, ô dispois que cessaroos peditoro do povo, que fazia pena, gritou de cá de longe do sobrado este recado.

Ah! meu Deus! Eu não gosto de me alembrá disto não!

O home deu aquele gemidão tão forte, que chegou a terra treme, abalou o pátio c'o sobrado e foi vortano pru onde vêio. Nós tudo corremo de medo desse phenonco. Iam sumino no canaviá, conde nós uvimo uma coisa horrive que nem um estrondo de bacamarte; apariceu, ô dispois um fêsse duma catinga ruim que coge nos matou. E acabou-se e nunca mais vortô.









## A briga

**M**aria Carlolina estava indignadissima até á ponta dos cabellos da cabeça, desesperada da vida. A morubixaba do Zé Luiz morava agora na mesma rua, á pouca distancia de sua casa. Mudára-se de fresco. Ella não comia, não dormia, sempre vigilante, porque elle negava tudo, dizendo que era victima de calumnias. Ambos moços, em pleno vigor da primavera. Todavia, elle, embora um pouco mais prudente, jogava com uma carta de menos; isto é, em falso: mentia, sentindo-se culpado de uma acção que lhe doía dentro d'alma, quando as escaramuças da vida conjugal chegavam ata certo ponto de desparates.

Ella, bem disposta, bem formada, nervosa, altiva e ferida no seu justo orgulho de esposa vilipendiada, não estava pela cartilha do marido. Em duas palavras: embarafustavam-se logo na mais encarniçada refrega de ódios, de ameaças, de pugilatos e por vezes tão renhidos que o Zé Luiz, por único remédio mais acertado que via, era ceder, e cedia logo sem resmungar. Enquanto duraram os-me disseram e leva e traz dos embusteiros, tudo andava bem; não havia uma certeza plena e até arrepentia-se ella dos seus modos desabridos; todavia, chagará o tempo em que contaram e até mostraram-lhe a mais dura das realidades. Quis ver com os proprios olhos e de alcatéa agir, sem ser necessário sahir de casa. O Zé Luiz andava tão absorto, e assim vezeiro nas suas carreiras de vagabundo que, até então dissimuladas por hábeis velhacarias, perdera os escrúpulos, esquecendo-se de que poderia ser apanhado em flagrante; e destrahidamente Zás! um dia, pleno dia, em casa da cuja estivera largo tempo. E como as cousas criminosas cegam o espirito que á ellas se entregam, Maria Carlolina, sem ser presentida tudo vira; e, despeitada com a verdade, insistiu da janela até que elle de lá sahisse. Com effeito com a boca na botija o Zé despertára no crime. Quizera ocultar-se, observando já e sem remédio a brusca retirada da esposa que o espiava.

– Temos terço neste momento, pensou elle, avançando para casa.

Desejando ser agradável e desculpar-se do seu pé de alferesmór, entrava assobiando qualquer cousa, mas muito desafinado.

– Maria, minha filha, tire o almoço; trago bastante fome, disse elle aflautamente. Ella não respondera, dirigindo-se á cosinha. A panella de peixe secco fervia quentemente. Era costume servir-lhe alli mesmo o repasto. Lavou com esmero os pratos, e enxuagando, guardou-os, envoltos em uma toalha no fundo do armário. Tomou da vassoura, varreu bem limpo o meio da saleta sem ladrilho, e empunhando um grosso cavador de aroeira, abrio um boraco do tamanho e

diâmetro de um prato, retirando toda a terra. Foi ao saco de farinha de mandioca, encheu uma cuia e despejou o conteúdo no boraco, abrindo com a mão uma cova no meio da alva farinha. Desceu das trempes de torrão a panela, reflectio um pouco: cava segundo e terceiro boraco, forra-os de farinha escaldada. No primeiro despeja todo o peixe e parte do caldo; no segundo, feijão, arroz no terceiro; do restante do caldo prepara cheiroso mollo em caco de tijella. Almoço prompto! A cosinha tresandava deliciosamente. Zé, que se ficára na sala com medo, estava como gato no matto, chumbado, velhaco, nas pontas dos pés, inquieto, olhando, ora para os lados da cosinha, ora debruçando-se com impaciencia á janellapara a rua.

– José? – gritou a esposa, venha comer.

José deu um pulo de contente e correu á cosinha.

Maria chorava silenciosa ao pé do fogão.

– Esta mulher está damnada hoje! Diabo, eu sou cachorro? clamou elle irado na maior indignação.

– Faz-te besta, corno desgraçado! Que é que você qué? Entonce, você não é cachorro mesmo não, miserave? Os home de bem é que come na mesa; mas você mais a tua frepela o que são? Qué você mió?

Vai comê donde você sahio.

José avançou; porem, Maria, apanhando um tição ardente, trovejou fogo e pancadas com violencia taes, que o marmanjo fugio de carreira porta-fóra, sacodindo faíscas de brasas na barba, da cabeça, da roupa, tendo apenas tempo de apanhar o chapéo que ficára á mesa na sala de fóra.





## O cacimbão

Grande novidade ente os roceiros da Vereda Funda! O Thomé da Cunha, excellente lavrador, contractára o casamento de sua filha Justa com o Joaquim Cacimbão, da Covoanca. Dia marcado e convites também, desde vinte dias antes. Era a desobriga do vigário por ali.

Como as cousas que causam tormentos são aquellas porque muito se esperam, extinguiu-se o prazo, e com effeito, em breve circularam noticias da auspiciosa desobriga já em demanda da Vereda, onde haveria missa.

Naquelles dias em nada mais se falou, nem cuidou. A rapaziada luzidia ajaezavam os ruços esquipadores, os gordos alazões, os bellos pampas e ruçopombos, ensaiava-os em jocosas piruêtas nas estradas e várzeas para o dia do *branquifeste*. As moças não ficavam atrás, arranjando, o mais que podiam, os vistosos vestidos de chita, os chapeos de montaria com os respectivos roupões, quem os possuía, ou sem eles, com seus chalés de côres. Por duas léguas em derredor da Verêda tudo alerta. Preparativos de festa e festa de arrojo. Chega o dia. Gente muita a correr alacremenente para a casa do noivado, assim rompera o dia; porque o enlace, por aviso do padre, seria por ocasião da missa das oito horas para nove de almoço *brabo*. O grande pateo, cuidadosamente varrido, enchia-se de cavalleiros e do pessoal vizinho. Dois violeiros de encomenda, o CATAÚNÉ e XICO BURACO, á sombra do baruzeiro da porta repinicavam os predilectos instrumentos: duas grandes e compridas violas de Queluz, circumdados ja de um pessoal dansante. Eram os prelúdios. Desde a véspera que a casa cheirava escovadamente á festa, enfeitada de palhas de coqueiro, flores silvestres, flores de quitalejo. Grande latada também de folhas, ramos e capim, no grande terreiro, accommodava os convidados, sentados em provisórios giráos de varas, á moda bancos, dispostos em torno de um outro giráo enorme, estenso, largo, servindo de mesa, coberto de couro e forrado bem forrado de alvíssimas toalhas. No interior, la pelos fundos em casinhas amplas e também provisórias, grossas tempres encimadas de monstruosos alguidares, atestavam a mortandade abundante das gallinhas, dos perus, patos, leitões e duas gordas malotagens escolhidas. O casamento era de gosto.

O Thomé não cabia em si de contente. A noiva com suas comadres de S. João e de S. Pedro e outras companheiras, assanhadas, no asseio dos aposentos, altar da missa e o quarto nupcial, impacientavam-se á espera do noivo que tardava

com os seus. Desde as quatro horas da manhã que chegava gente; uns á cavallo, conduzindo mulheres e filhos, ou de pé acompanhando-os, outros de pé, calças brancas ou de cores engomadas e arregaçadas até os joelhos, alpercatas sacodindo ligeiras o pó da estrada, sapatos e sapatões ao hombro enfiados em cacetes de três-folhas, tatu e mocambo, jaquetões e capangas couro de gato á tiracolo, a lazarina e picapão de um lado e a garrucha e a faca de compô á cinta, chapeo de couro de veado, de onça com botões dourados, etc. etc; e assim apressurados, comendo as curtas léguas, devorando as visões de festa, alli desciam convidados de todos os cantos. Já os padrinhos se achavam: o Lourenço Rico e a senhora, o Paulo da Conquista com a Rufina do O', ajudavam nos ultimos aprestos. Sobe o sol; são oito horas. Chega o Vigário, um bom velho patusco, brincalhão, respeitado e querido.

Uma foguetança saúda seu vigário.

– Tudo prompto! Cadêl-o o noivo? indagava impaciente o Thome. Seu vigaro, tenha mais paciência que meu futuro genro não tarda.

– Não tem duvida, meu amigo; embora eu tenha um contracto de irmais alem, isto não é cerca. Esperarei mais uma hora.

Não fora preciso, porque uma salva de tiros de pistolas e foguetes na encruzilhada próxima era o aviso. Dobram-se as alegrias e muitos dos convidados, cavalgando novamente, foram ao encontro do noivo.

O Cacimbão era um homem de habitos singulares, nem se sabia mesmo como contractara casamento, tão insociavel, sombrio, desconfiado, taciturno, casmurro, incapaz de estar conversando tres minutos entre duas pessoas, que não se retirasse logo. Dizia-se S. Paulo e nada mais. Qualificavam-nos por isto de: criminoso foragido. Não obstante este e outros juízos, reconhecia-se nele o trabalhador de mão cheia, possuindo grandes roçados, um gadinho, outros haveres e alguma recurso pecuniario. Vivia em companhia de uma velha que cuidava de sua casa, isto de pouco tempo, antes do contracto que viera arrancar-o do isolamento de selvagem. Dahi a novidade; não se acreditava em tal cousa; porém que remedio?

Cacimbão, caboclo alto, espadaúdo e bem empernado de cara, es-carranchava-se o machacaz num queimadão arreiado no rigor da moda, gordo e a pinotear com garbo no pateo, nitrindo sob as rédeas do seu engravatado senhor, escarvando o solo, após tres léguas de viagem em poucas horas.

Foguetes e salva em penca; saudações, gritos, risadas, um borborinho de prazer de cordialidades. O padre foi o primeiro ao encontro do noivo, abraçando-o.

– E' assim, seu taful, seu maganão; sempre se espera pela peor figura! Como que você sabendo que tudo seria cedo, obrigou o velho a esperar tanto? Ja estou com as tripas em fritadas! Uma gargalhada geral acolheu o gracejo do Sr. padre.

– Nhôr, sim! Vancê é quem é de descurpá, trovejou o Cacimbão. Depois,

nóis fumo ligeiro; treis legua! oxente! oxente!

– Tres leguas, eim? Está direito. Você e tua noiva hão de pagar-me e bem caro: um bom prato de doce e não deixo por menos! Nova e gostosa gargalhada.

– Vocês estão achando muita graça; pois agora, vamos ouvir a santa missa e imediatamente farei o casamento.

– Oh! muito que bens! muito bão! Bamo! exclamaram todos á uma voz. E o padre correu a revestir-se. Celebrou-se a missa, religiosamente ouvida pelos presentes. Seguiu-se o casamento. Apresentam-se os noivos, começam as perguntas ou palavras sacramentaes.

– Você como se chama?

– Joaquim Anorato da Cunha.

– E você?

– Justa da Cunha.

– Como é isto? São parentes? Não pode ser este casamento, sem dispensa.

– Ué! Nhornhão! Não são parente. Vancê stá intrepetado; interviram as testemunhas.

– Meninos, eu sou mais velho. Se este é Cunha e esta uma Justa, pra que tanta Cunha? Já se viu que desparate?

– Oxé! pabulou o Lourenço Rico, sabichão do lugar. Depois, Cunha não presta pra nada? Oxé! Cunha forte é muito bão.

Os tabareos gostaram muito, rindo-se do espírito de Lourenço.

– Ex ore tuo te judico, disse o vigário.

– Eh! seu vigário diz’assim é pensano qu’a gente não beserva logo.

– E que disse eu?

– Vancê disse que conto mais santinho, mais cara de Juda.

E o vigário rio-se muito.

– Han! Já tu topou c’a fôrma de teu pé, vigário, rosnou á parte o Paulo da Conquista, o inspector do quarteirão da Vereda Funda. Stá pensano que ist’aqui é cumo condo a gente morre e que ocê canta *oia o negro espicha*? Ocê stá enganado c’o Lourenço Rico. Isto é um cabra remoso d’entendido.

A sociedade, que a principio raspára um susto, compreendeu a pilheria, rio-se toda.

– Deixa estar; quando eu acabar, vocês tem que se haver comigo. Um leitão assado! A cerimonia continuou, depois, coroada de ronqueiras, foguetorio e salvas. Seguiram-se os cumprimentos do estilo dos noivos, aos paes da noiva. A esse tempo os serventes, com toalhas de renda a tiracolo, empanturravam a mesa

com iguarias fumegantes, trazendo-os em grandes pratos de barro e travessas de louça de Macáo.

E atacou-se em regra e deveras o grande almoço.

– Não haja cerimonia; rasga carne, minha gente! gritava prazenteiro o Thomé. Cahia a tarde. Despede-se com saudades o velho cura, indo cada qual tomar-lhe a benção, seguida sempre de chistosas pilherias.

Em sua ausencia estoura o folguedo. Como a noite não tardaria, o Thomé da Cunha tratou logo de preparar o chá ou o pitoresco: cachaça fervida com assucar mascavado, a gengibre e botelhas de cachaça, de cabecinha, genebra canjirões de aloá. As violas do Catauné e do Boraco gemiam debaixo do baruzeiro. Acendeu-se logo uma enorme fogueira, a cujo clarão ia dansar-se o fandango. A grande roda estava formada. Fandango é o segundo baile, a dança predilecta da roça. Oito homens de cada lado. O chão duro, forrado de tabatinga, estrondava sob o sapateado de ranchos em promiscuidades nos lundús e batuques. Vozes peregrinas trinavam na floresta. Noite fechada. Parte dos ranchos com um dos violeiros acodiram ao fandango que começava por palmas, castanholas e cantigas:

*Vim m'embora de m'ea terra,*

*Pruque matei um cabôco.*

*Se não me derem cachaça,*

*Vou m'embora e mato out'o.*

– *Estribillo* –

*Coitadim do tropêro, coitado!*

*Deita enxuto, lavanta moiado,*

*Toca burro cum todo cóidado,*

*Compra á vista, não compra fiado.*

*Patrão, que engana tropêro,*

*Merece morre quémado.*

*C'oitadim do tropêro! coitado!*

*– Coro – Fandangô!*

Palmas e sapateados. Trocam-se os pares e cantam:

*Vim m'embora de m'ea terra,*

*Não foi pru matá ninguém;*

*Foi pr'um dilitro que fiz*

*De amá e querê bem.*

*Meu dinheiro é so quat'o vintém,*

*Mas, não é pra gastá cum ninguém.*

*Pruveita, Mariasinha!*

*Em conto Xica não vem.*

*Chove, chuva! Chovisca, meu bem!*

*– Coro – Fandangô!*

Palmas, sapateados, etc.

*Capivara deu uma risada*

*E jacaré não gostou.*

*A cotia sahio rino*

*Foi do Martim-pescadô.*

*Capivara é bixo liso;*

*Mais cascudo é jacaré*

*Capivara veste saia,*

*Assim mêmo os home qué.*



*Coitadim do tropeiro, coitado! etc.*

A dansa do tropeiro era considerada uma das principaes e do bom tom, assistida, por isto, pela melhor gente de qualificação; isto é, padrinhos, noivos, e mais pessôas da familia.

Thomé da Cunha, durante o alegrão destribuira o pitoresco.

Quem não provava do pitoresco, não era de bôa gente.

Bebida de primeira! primeiríssima. Entre os convidados la se achava o velho Simão, conceituado na redondeza.

Ora, só este recusára o pitoresco, o que foi muito notado.

Thomé instou:

– Seu Simão, vancê não qué?

– Não Senhor!

– Cumo? Apois, quem não toma do pitoresco é *kelementes* e quem toma é *folião*.

O Senhor qué passa pru Kelementes?

– Desculpe, meu amigo, seu Thomé! Serei Kelementes. Não tomo espírito de qualidade alguma.

– Com effeito! Prosou o Lourenço Rico, apois, tomo eu. Dá cal-o! Serei folião. Gosto muito das eguaria.

E despejaram o coité do pitoresco, noivo, padrinhos, madrinha, o pai e parentes, excepto a noiva, nessa hora, muito entretida com a dansa que nunca tinha visto.

Ia a noite adiantada, quando Cacimbão, cruzando as mãos á nuca, abriu desmesuradamente a bocca para o céu: ôi!ôi!ôi! ai! ai! espreguiçando-se.

Os padrinhos entreolharam-se e, levantando-se cortezmente, coxixaram a Thomé qualquer coisa e este sumira-se para o interior, de onde, sem demora trouxeram os serventes uma bôa gamela de banhos.

O noivo estava com vontade de descansar. Algumas coitesadas do pitoresco... de certo... Cabeça fraca! Convidaram-no de parte, o que de bom grado accedeo. A noiva, junto ás suas madrinhas, não dera pela ausencia e só depois de avisada, retirarse para o quarto nupcial, acompanhada de suas antigas amigas de infância, até a porta que se fechou logo. Ferram-se as dansas novamente com calor; e quando estavam no maior gosto, dahi a espaços, ouviram-se os gritos de socorros: acode! acode!

Arrancou-se todo o povo da festa e logo o pai, padrinhos e mais pessôas, sem perda de tempo levaram a porta do quarto abaixo.

Mal fora essa cahindo, o Cacimbão em camisa e ceroula num volver de

olhos e sem esperar, mergulhou no meio do povo, derribou algumas pessoas e azulou-se na mundaça. A noiva, ainda vestida, conservava-se sentada, soluçando a um canto do leito. Indagaram-lhe o motivo. Cacimbão, assim que a noiva entrara, cautelosamente trancara a porta, colocando-se a seu lado.

– Oxé! Pruque você não queria vim? Roncou elle no peito. Ella não respondeu.

– Arresponda!... Aam! Você não qué arrespondê, é praque stava óiano dansa de home. Han! Menina! Ninguém me engana! Cê? han!... fum! ai! ai!

E cumo ôce não óiava as outra dansa de muié?... ôxé! Não qué falá comigo? Eu serê bixo feróis? Serê... han! Menina! Óia pra mim. Ella continava muda. Elle insistio:

– Fala! Stá ingirisada?... Pruque qu'ocê não fala? Óia, menina, ocê stá amuada? Han! Han! Óia! Stou pá dá infernizim. Sempre o silencio.

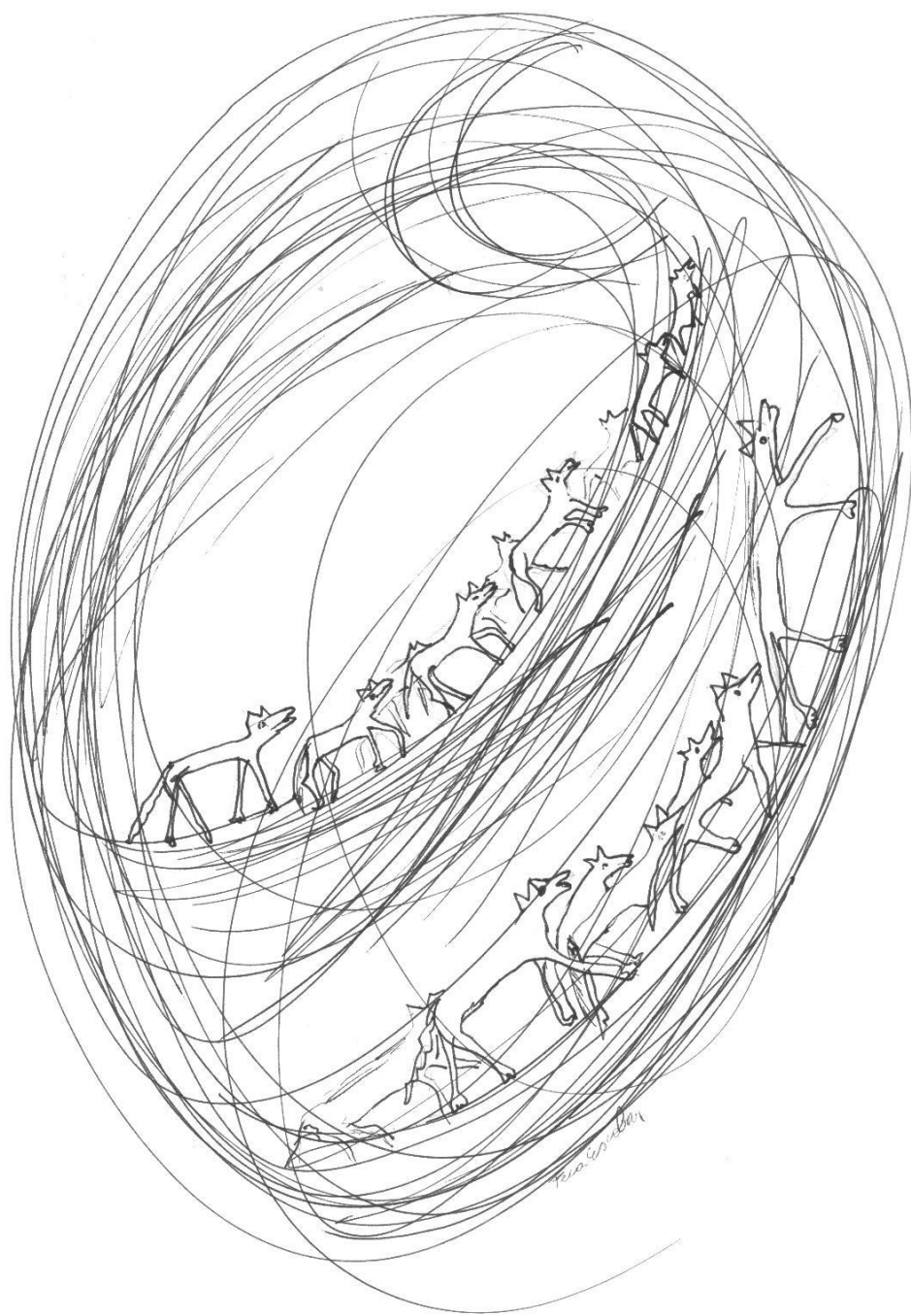
– Stá má c'omigo?... Arrispitivo?... Apois, pra gente amuada eu tenho isto: Cacimbão fez um brusco movimento para o lado dos travesseiros e desembanhou uma terrível faca, cuja lamina brilha forte á luz da candeia de barro. Brinquedo de máo gosto! A pobre noiva dera aquellegrito de socorro. Elle, que tal não esperava, espantara-se e tão afflictio e envergonhado, vendo a porta cair, que colocara-se perto della. Aberta que foi, nada mais esperou, sapecando-se de carreira pelos mattos.

– Restabelecida a ordem pela verdade conhecida, rufaram-se os tambores, prosseguindo-se a dansa até ao amanhecer.

Cacimbão fôra encontrado em sua casa, muito cedo, tendo percorri do tres léguas em carreira vertiginosa e por fóra da estrada real.

Morrera, sem jamais procurar a esposa. Não houve rogos nem em penhos.







## Os cães

**O** Luiz da Contediba naquella momento aportava-se ao arraial N. Com uma canôa carregada de carne secca, excelente carne do sol, preparada com certo esmero na fazenda proxima, ao lado opposto do rio.

Amarrando a canôa, conduziu toda a carga, deixando por discuido na ultima alguns ossos e uma farelada abundante.

E porque o cheiro delicioso subisse o barranco nas asas do vento, ou por outra cousa qualquer, certo é que descera á praia uma cachorrada faminta e, zás! dentro da canôa que logo ficou cheia, e onde sem demora rebentou uma briga infernal. Negocio apertadissimo! O *Leão*, o *Meu*, *Quebra-ferro*, *Rompe-rasga*, *Macaco*, *Cerveja*, *Estrafega*, *Liga*, *Bicco d'aço*, *Tigre*, *Mussum*, *Bahia*, *Bisugo* e outros, toda essa troça alli entrára quasi de uma vez, cada qual querendo ser melhor aquinhoado. E como dizem que *diligencia é mãe da bôaventura*, *Leão* encontrára um grande e excellente osso gordo, cheio de carnes, bastante perfumoso; e atravessando-o nos queixos, dispuzera-se a fugir. *Meu*, muito magro, esfaimado e invejoso, vio no osso um achado, uma avançada que bem podia ser delle só.

Desaforo de *Leão*! E arregaçou os dentes. *Leão* encrespou o sobrolho, e a bocca cheia rosnou grosso; mas, a passagem estava interceptada pela multidão. *Quebra-ferro* farejou tambem a correspondencia; e como na partilha dos farelos achava-se um tanto prejudicado, olhou derevez e irriçou-se com intenção formal de quebrar a cara de *Leão*.

*Rompe-rasga* bem vontade tinha de entrar de corpo e alma na conflagração prestes a estourar; mas, no momento em que se punha de promptidão, engasga-se com um fragmento de osso pela pressa e confiança com que o engolio, e agora tossia e escarrava no fundo da canôa. Em todo o caso rosnava, ameaçando. *Macaco*, *Estrafega* e *Cerveja*, liquidados uns pugilos de cebo e gordura, bebiam os ares e invejosos com agua na bocca, fizeram parêde. *Liga* ligou-se á *Bicco d'aço* e resol-veram o assalto, rondando diversas, iracundo, raivosos valentes, lambendo focinhos, olhos faiscantes, batendo dentes, gesticulando bravatas, corruscantes, furibundos. Em breve, *Mussum*, *Bahia*, *Bisugo* e outros, toda essa farandula de gulodice, de voracidade, de despeito, de deslealdade, rancor, fraude e traição, esqueletica e varada de fome e ciumes, num rodopio veloz, desesperado, num bolo temeroso de estrangular, dematar, de exterminar, de morrer, de se acabar, volvia, revolvía, estou- rava, estribuchava – tormenta canibalesca. Filavam-se uns aos

outros no inferno da luta, ferindo, rasgando-se mutuamente, cachorramente.

Aprecciando a selvatica contenda, na praia estirado a rolar, o idiota Alexandre Bebebé, ria-se a doer a barriga. Este, quando viu que a cousa engrossára no serio, puxara da faca; e matreiramente aproximando-se sem ser presentido dos contendores, cortára a corda á canôa, empelindo-a depois com vigor para o meio do rio.

O porto de desembarque neste ponto era profundissimo e as aguas corriam velozes. A canôa ao largo se deslisou rapida, mas suave. De repente, acalma-se o barulho. A cachorrada, reconhecendo tarde o perigo, estacára; e cada qual tratava agora de salvar-se. O *Bisugo*, cachorro toco, correrá á prôa; e, estendendo as patas e o focinho, medira a extensão das aguas. Pela velocidades destas os barrancos, arraial com suas casarias, o porto e a praia pareciam-lhe fugindo para sempre. Deante de tamanha fatalidade que nunca lhe acontecera, começara a grunhir. Os outros acompanharam. Medo ou panico. E como principio de cantiga é assovio, *Bicco d'aço* e *Bahia* abriram o queixo a uivar. Imediatamente a melodia fatal empolgou os tripulantes, propagando-se naquella côro infernal de lastimas ao meio dagua: uô! uô! uam! uam! uam! E indifferente a canôa la se ia, descendo. Da praia em soberbas gargalhadas gritava para além do rio, o idiôta.

– Êta, negrada! Stá pá dá cangolê! Cahe n'agua, molecada! Este fácto provocára a attenção de uma garotagem, acodindo ao barranco, atirando pedras e vaiando os cães. Entre esses cães la estava um de nome *Sahe-por-menos* que desesperadamente ladrava e uivava ao mesmo tempo. Entre os que corriam para vêr e divertir-se com aquelle gracejo, apparecera a Joaquina Imperial, uma preta velha, muito resmelengue, muito anthipathica, orgulhosa, feia e fanhosa. Reconhecendo o seu cão, bradou furiosamente impustora.

– Cambada de canaias severgonhos! Quem foi o misarave que butou meu cachorro, rio abaixo naquella canôa? Ah! seu subéra! Esses demonio não tem que fazê. Disgracia, vão caçá qui fazê, tropa de nó cego! Vae veno quisto n'é de gente da terra. É obra de gente ruim e só seno, e é! E gritou com força para o meio d'agua fanhosamente:

– Sahe Pru-meno! Sahe Pru-meno! Cá, moleque! Sahe pra fóra, *Sahe-pru-meno*! E parece que o *Sahe-por-menos* ouviu e reconheceu a voz da sua dona, atirando-se ao abysmo e com elle diversos companheiros. Da praia a rolar na areia ás gargalhadas, a cada um que se atirava, o Bebebé bradava: Ah! ahi! Cahe nagua, molecada!





**FIM DO PRIMEIRO VOLUME**







**PALESTRAS POPULARES**  
**SEGUNDO VOLUME**







## O curador

### Personagens

**M**anoel da Quina – feiticeiro.  
*Ephigenia, Anna Caxinga, Theobalda, Estevam, Joanna Tóra e*  
outras mulheres.  
*Zé-pretinho* – fiscal e soldados

### Em casa de Ephigenia – Ana Caxinga, Ephigenia e Estevão

*Anna Caxinga* – Séa Figena, m'ea rimã, ocê não vai hoje á cura?

*Ephigenia* – Cura de que, *Anna Caxinga*?

*Anna Caxinga* – Uê, moça! Oxente! Antonce, ocê inora que hoje é dia de cura do *Mané da Quina*?

*Ephigenia* – Arrunego do diabo! Só vocês tem estambo pra guentá tanta porcaria desse diabo.

*Anna Caxinga* – Moça, cala boca! Dis'qu'elle é bão; qu'inté duvinha e sabe tudo conto se diz delle.

*Ephigenia* – Ah! d'ahi!... Não seio pra que vocês véve no mundo! And'agora acreditano em tanta bobage, que fais last'ma!

*Anna Caxinga* – Não, moça! não é bobage não! Elle fais curas muito bôa.

*Ephigenia* – Quais cura? Apois, um diabo xucro, um bruto daquelle sabe la curá ninguém, Anna?

*Anna Caxinga* – Ken! Ken! moça! É praque você não vio ainda. É muito bão curadô. Eu seio de mim que vou, praque, mea rimã, ando muito ruim de sorte, e acho que me botaro cousa feita, praque não posso passá destes molambo; e é cousa feita. Já me encasquetei de tal formas que só seno.

*Ephigenia* – Não ostia o que você stá dizeno; mais você anda esmolambada não é feitiço, não é nada; é o pió dos feitiço; que é a tua porcaria, tua preguiça que é desconforme. Você tem desprezo de trabaiá, você tão moça, tão rebuça, rapariga tão cheia de vida... e agora, junta mais *Tubarda, Joana Tóra* e outras que não tem o que fazê, bebe cachaça e toca o forrobodó: toma remeido do *Mané da Quina*! ora tome quina, tome quina!... Quinado fica vocês tudo! Diabo da Sedoma!...

*Anna Caxinga* – S'ea *Figenia*, vancê acha que n'é não?

*Ephigenia* – Vocês morre, e é este senvergonho que dá cabo de vo cês tudo.

*Estevão* – É a primeira veis que topo c'uma mulher de juízo. Calabocca,

s'ea *Figenia*; não é de hoje qu'eu ando vendo este furrubá grosso por aqui; não é de se tardá muito aparicê as barriga impazinada, as enxaqueta é tudo d'este misarave.

*Ephigenia* – Na verdade, seu *Estevão*! Eu nunca vi gente mais besta, mais tola do que esta gentinha de ponta de rua...

*Estevão* – que é sempre que estes veiácos percisa.

*Ephigenia* – Sim senhô! Nhôr sim! Ora tudo mundo sabe que foi este individe que c'as suas raiz ia matano sisturdia a pob'e muié do *Dunizo* que stava prenha, e ele dizeno qu'era feitiço.

*Estevão* – Ist'é o que a senhora sabe; e o que eu seio? Já elle não me gosta, pruque dei-lhe, ha poucos dia, uma carreira que coge xujou ferrado com o fiscal que andô có elle aos detém pra cadeia. Foi na rua de riba; eu não vou atrais do fiscal agora, é pruque stô sofreno muito d'esse maldito reumate que me não deixa, e elle mora longe. Ah! elle, sim! me enche as medida com esses mentiroso; apois, esse ia fumano no páo; mas, o diabo foi feliz... Avisaro, minha senhora, e andaro pedino... Ist'éum cavalheiro d'induscas!

*Ephigenia* – Sim, é isto; agora, esta vem me proguntá s'eu não vou á cura?... O senhô já se vio que lócura?

*Anna Caxinga* – (suspirando) Umfum!...

*Ephigenia* – Umfum? Eu vou, *Anna*, mas, é te prová qu'elle é um grandissimo messegeiro. Imbosteiro é qu'elle é! E tu?... Tu o que percisa é de curá da tua preguiça qu'é muita. Ond'é a casa da cura?

*Anna Caxinga* – É na casa de *Tubarda*.

*Ephigenia* – Vocês tudo sabe que eu não sou casada; apois bem, *Anna*; dei-me esses molambo de saia, este teu chale, teus sapato...

*Anna Caxinga* – (obedecendo e entregando os seus molambos, trocando-os pelos vestidos de *Ephigenia*) – Agora, bamos vê.

*Ephigenia* – Agora, toma e veste minha roupa e me acompanhe. Uma cousa só eu peço: ninguém se ria.

*Anna Caxinga* – E os outro que não sabe?

*Ephigenia* – Saba ou não saba, nem que saba; não tem que ri. Avise você.

*Anna Caxinga* – Poi' Sim!

*Estevão* – Eu vou também, porque ja stô veno o forrobodó gostoso do que vai acontecê.

*Ephigenia* – Não, seu *Estevo*! não vai não! Assim elle desconfia. Vancê é pelia do cão, bota tudo a perdê e elle já não lhe gosta; deixa-me so co' essa sebassa.

*Estevão* – Ora, que tem?...

*Ephigenia* – Não! Basta nós duas. Não vai lá, não!

*Estevão* – Que mal fais isto, senhora?

*Ephigenia* – Que mal fais?...

*Estevão* – Stá bom, minha senhora; não irei...

*Ephigenia* – Eh! não vem, não!

### Em casa da Theobalda

*Manoel da Quina* – cercado de mulheres! – Diz’ que o sabê é parte e morre cum seu dono. A gente, ou bem lido ou bem corrido; e ent’os entendido tambem hai distinção. Hai por inzepllo: o dotô e o doto; o dotô é o que lisou banco; e o doto é cuma eu; já é dotado pru Deus. Já nasce. Uns nasce c’as letria, out’os c’a caxola – o caco. Eu não faço cumo esses dotô da Bahia; um até que já me pedio uma lição; ora veja la vancês; mas eu não ensinei a elle. Ora pois, isso não impreve. Aqui mêmo tem um dotô que não é das premêra informação e eu ensinei a elle, e elle approvou cousa que nunca tinha uvido na medecina; pur izemplo: a cura da lepra qu’eu não ensino a todo mundo; mas porem, esta eu insinei. É remeido descoberto só pru mim. É simpre; e não tem mais do que o home ou a pessôa (que Deus a liv’e e guarda) seja ataca do (e aqui pra nós, que ninguem descubra... é segredo!...) e nam tem cumo a lavage da camisa, sem lavá, da muié parida de tres dia. É dá pra bebê em jejum, não se discote. É um risco!

E pru destramanco das muié? A Chicolastra da Sussuapara que lhes conte (que mió nos conte Deos); cançou c’o reméido novo – o brancolim e eu, antonce, pru tê ela me pago, risquei no chão c’a ponta do papa-côco, esbaguncei a fruvioca do caco véio que nam mancou; o remedio meu arrancou tudo, quanta gerematia que a mulestra tinha, apois ella estava em eitas que fazia dó. O sujão, aquelle que é de devéras, fais sempre aquelle xerivá; mas porem é pramodes cobrá mais caro do doente ou da doente. Eu, não; sou cavaeiro da pais e pur isso o que dou elles approva; in bens cumo este:

3 cuié de sumo de losna,  
3 cuié de sumo d’arruda,  
3 cuié de sumo de pueijo,  
3 cuié de sumo de quitoco,  
3 narigada de chif’e torrado,

3 quarto de tudo isso, menos c’a podassa, fais-se uma garrafada e ajunta tudo isso e mais 3 dedo de vergaio de gaieiro torrado, bebe uma chicara de minhã e outra de noite. O resguardo é carne de novia nova, sem pari, garapa de assucra, banana de São Tomé; agora das grande, nem vê, num drama roncano.

I’sso é mêmo que Deus pô a vertude. Nam tem terra! Eu seio de reméidos que... quá!... so se veno!

Não falano descortezmente, eu soffro das caseira que me traz todo destrabanado; mas porem c’o essa ingrizia posso tafuiá inté nos inferno;doencia n’é gente. Oia o João Papa Vaz!... Andava todo bambaraiado, lazarano de dô, coitado! Gente, não chegou tumá 3 dozia. E foi feitiço brabo que puzero nelle. Elle teve o bucave de dizê qu’eu não sabia nada; mais elle andou pra batê o gró apois o capeba carregou-le a mão com vontade e elle cogi descapivarou, coge bate o vinte e sete.

É pá, casco! E pra inzipra e a gipira? Eu tenho um liv'ô de medicina véia que não manca, apois nam sou beosco. E a constipação preta? E o barço? Estes nam tem cumo um didá de sá, um didá de enxofre, unha d'anta e o casco do tatú canastra (9 nolo) pró suadô. Fais o suadô, e ô dispois toma-se o reméido que é um caroço de pinhão, uma favada jandiroba e um punhadim de simente da mostarda. Fais um dijunte disso tudo, pisa, fais-se um pórgante e dá. Assim eu curei s'ô trodia o Manoelão Joaquim Pataca, meu visim que todos conhece, da mulestra ruim, do peito – chamada (Deus salve logá, la nele, não em mim), eu curei c'ô suadô dos treis machado e aborrachada da pimenta malagueta verde c'a madura, c'ô cramelano e melcuro. Um dotô, med'co sujão da Bahia, d'esses legit'mo, desenganou tambem o compad'e Felipe Carri xa da Barra dos Macaco, da pestividade da inchação do coração. Stava que nem um pilão, e eu curei elle. Cavei um boraco no terreiro, e o dito cujo meu compad'e enterrei nú inté o pescoço. Soquei um moçado do borá brabo, c'os favo, c'os fio, c'ó samborá, cá cera; mexi tudo cum moçado de mé de purgá e acoxei-lhe uma dozia. Não foi nada. Panhou sol e sereno, e noutro dia ás mêmas horas, arranquei-lhe elle do boraco, todo borrado; mas porem, bão e fino que nem linha. Inchação ficou lá. Sarou e nam teve mais que andá zanzolano. Esses tempo eu curei ôtro da inzipra no intriô somentes c'um castro qu'eu botei de doze pimenta malagueta. E assim ôtas pequenas curas que os mais eu não ensino a ninguem. S'isturdia mêmo uma menina stava toano c'uma dô nos uvido, condo me chamaro. O reméido stava no monturo, atrais da casa: que era o rescardo do osso de corrê véio. Bota-se elle no fogo e antonce corre elle uma gordurinha. Condo stá bem quêmada, aquillo é canella. É so vim c'aquilo, conde stá bem vremeio, vem c'ô ele quente e pan! bota em riba, dent'ô dos uvido. Aquilo ja Deus pois a vertude. Tambem esses tempo eu curei uma parenta minha da mulestra da mãe do corpo espaiada.

Gritava pl'ô Rê de França! Tinha tido um mo'fo. Apliquei no contenente uma malaçada de pimenta no imbigo, e foi no sofragante: nam demorou! E pra espinhela caída, o mal d'engasgo, a dô de mad'e, o fogo sarvage, prá arca cahida, o sol na cabeça e o vento ca delerréa? Alem d'as rezas forte qu'eu seio, nam tem cumo o sebo de carneiro, o pinhão, a jandiroba, a unha danta, a cachaça e o cabelo do guará torrado, incum'assim out'a pró peito da mulestra nova da tambaculosa, chamada – c'a caminhadeira. Nam tem cumo o soadô dum copo de sal cõtros adjunto. Pro estribunte e a parpitação do vexame é a sangria sêca; não hai out'ô; e se acaso não sahi sangue; é pruque já stá desunero – malinconia – ahi só um porgante de pau de Joana. Falá é folgo e obrá é sustança. Eu sou home da sabença: só falo na pilondade e na milondade. In bens cuma a mulestra da fursura branca, da carne quebrada, do osso rendido cá priquita, c'ô ataque positivo? Ei! stá na forza de enforcá cachorro; nem as rezas braba qu'eu seio! Ahi, só Deus e eu có sanapismo do tostão de fumo, cás ingrisia da malaçada das duas bocêta do tabaco do cão. Stá incalamexado, de sarado que fica. Nam tem! E sefô o feitiço brabo? Eh! eh! Ahi é a tripa do bandeira macho c'a guará, jandiroba e abobrinha pra bebê uma dózia, e bens cuma isto sirve e não se descóte, pra dô de dente renitente, a macacôa e o

calundú c'as inháca. Nam tem; stá só! E estas não são as minha proeza. Que fará as garrafada de fama que eu so seio perpará! Por inzemplo: as garrafada pru garco: É preciso (porgante e cristé) a jandiroba, duas fava; o pinhão descascado e torrado – um copo; a tapioca da batata da resina do Jalapão – quat'ó cuié; um moçado de raiz de teú, um mocado do couro do guará féma torrado, um didá de sal torrado, melcuro, tayaá e tepy c'out'as mistria. Esta garrafada é dos senhores homens; e das senhoras muié entra mais: a parreira braba cozinhada, o guiné, o tintio, o vituriôlo.

Isto também é um porrete pro cangolê cum catarrão. Tem out'as que é a rapage de imbu c'a raiz da marelinha, a cainana babadeira na cachaça, o João – bartandim, o capim-rê, a papaconha, o piréte, o capim-santo, á roxinha e o sal de glado c'os quat'ó vintém de pucumãm.

Esta garrafada é os inzemplo pra dô incausada – chamada – pra ventusidade e pro batecum d'estambo. É fute pá! c'o olio da Clementina. E pró flato medroso? E pro fig'do? Oxé! É só come o doce, bem feito da mucunã; é os páo da Lagoinha, de bão! A gente lambe os beíço. Conde a finada falecida m'ea muié, Sea Tiadora (que Deos lhe chame n'alma, foi em vida não em morte, não te sirva de pena) uma feita aprontou um, eu era só comê deitado, estirado la nas vara de la casa. Oia, eu ja tenho feito curas n'essa minha vida de embasbacá esses méd'co dessas berada. Elles inguira tudo, precigue a gente, e é inveja só. Não sabe das ingrizia, e porrete na gente de raxá os ceosda terra. Hai muitas gente bissunêro; mais, Deus tem me ajudado ni minha mudicina. Eu, se quizesse stava pôde' de rico; so c'a receita da oreia de páo em pó, qu'eu não digo pra que é, pro gunitôro, stava milunaro. Este reméido c'o cramulano, c'o óio de rispe, a jalapa, c'a pacahuba, a casca da romã, tomada em pó subtil, assim questã d'uma dedada, recicita os mórto. É estordenaro pro ar ave-maria ave-maria. Este reméido c'os adjunto de dois nolo de xucaio de pestana lisa, o cascavé bem véio, torrado, não só é bom pros senhores home, condo stá c'as hemorróias das cazêra que assobe pra cabeça, in cumas pras senhoras muié, condo stão complicada. Chegano a tomá tudo, nam tem que vê. É pá, casco! cum ólo d'almenda. E a constipação branca, ajudado c'apreta?

Essa nam tem la no meu liv'ó e eu nam devo ensiná a todo mundo; mas porem, nam tem cumo isto: manda-se matá um meleta e toma-se sem sahi, o cardo dele em jejum ingrime, sem sal e sem farinha pu treis dia. É um porrête! E pros que soff'e da ingua e quebradura? Nem tem cumo cortá elas nas estrela, dia de quinta feiramaio c'o sal e leite de gameleira, fóra d'ora. E pra quentura na cabeça dos miólo? É só passá a banha do sucruihú, dado assim de arrupia cabelle ... stá sarado! Minha mulér, sea Tiadora mêmo foi atacada e morreu d'ela. Eu recorri as mobia toda da medicina de casa, e amulér foi-se embora. Ja tinha de morrê; ja era sina. Agora, é prueque ella não cumprio a indieta do resguardo; apois se ella cumpre, apois, stava sarada. Eu também não titubiei; sahi assim plo oitão da casa ... e pan!... no São Pedro da mulestra, que xinguei-lhe roguei-lhe pragas dos ceos á terra.

### Em casa de Theobalda

*Ephigenia e Anna Caxinga.*

*Ephigenia e Anna Caxinga* entrando (movimento geral de surpresa e riso entre as mulheres. *Ephigenia* com um gesto impõe silêncio, enquanto *Anna Caxinga* avisa secretamente o que se vai fazer). – Dê boas noites pra vancês!

Vozes – Bas noite!

*Manoel da Quina* – (assustado) – Quem é?...

*Theobalda* – Não tenha susto, compade Ti Mané! Pode arrecebê (virando-se para a recém chegada) – Bas noite, dona, pod'entrá.

*Ephigenia* – Sou eu, meu tio, que vim aqui pramode vancê me fazê um'esmola. Sou um pob'e infeliz que meu marido me largou-me, e hai muito tempo vivo n'ess'estado penoso que vancê vê; dexou-me carregada dos fiinho e eu não posso sipurtá tant'amargura.

*Manoel da Quina* – Apois istá. Vejam só. Venha mais pra perto, minha fia! Cumo te chama?

*Ephigenia* – Eu me chamo Badú.

*Manoel da Quina* – E teu marido?

*Ephigenia* – Niquileto.

*Manoel da Quina* – Condo você se casou-se c'o elle, era moça, viúva ou sorteira?

*Ephigenia* – Eu era viuva.

*Manoel da Quina* – E não beservou logo? Pruque foi se casá cúma vazia ruim, méa fia?

*Ephigenia* – Eh!... Eu bem não queria; mas porem, elle começou a falá umas coisa... e eu fiquei muito surupembada!

*Manoel da Quina* – Ahi vai o que vocês tudo qué; mas não tem nada. Onde anda teu marido?

*Ephigenia* – Na Carinhanha, meu tio! Lá se metteu elle c'uma tafula e nunca mais se alembrou, nem de mim, nem dos fio.

*Manoel da Quina* – Vor lhe curá, e é de graça.

*Ephigenia* – Ah! meu tio, é esmola que só Deus lhe pagará.

*Manoel da Quina* – E a nós todos. Amem. Bota a lingua de fóra.

*Ephigenia* – Escancarando a bocca mostra a língua.

*Manoel da Quina* – (examinando-a atentamente) – Eh! Stá cheia inté nos óio, minha fia! É o feitiço brabo. Tu stá muito carregada. Aqui nestas berada tem muitos cumbos e cumbas. Aquelle João Baptista e aquella Xipriana véia são dois cumbaqueiro-mó; mas, déxastá elles qu'eu amostro elles. Eu é de faze elles andá zanzarano, catano agúia vige' pu las estrada. São muito messegeiro; elles não gosta de mim. Tepuzero um feitiço tal, que só eu! Hai gentes que tem inveja de você e stá virano a cabeça (virano, não; ja virou) a cabeça de teu marido c'a frepella; mas, eu espatifo isto. Me traga uma tigela c'o cachaça, Badú.

*Badú* – (Entregando a tigella) – Aqui stá.



*Manoel da Quina* – Da cá. Vor perpará uma ingrezia, qu'é pá te amostrá in cumo é de representá, tali quali, elle stá c'oella agora.

*Manoel da Quina* – (mergulhando na tigella de cachaça um rosario muito sujo, em cuja extremidade pendia um enorme patuá, benze a tisana, faz medidas e signaes cabalisticos; levantando aquelle encharçado de porcarias, dá-lhe um leve impulso acima da tigella, firmando após abraço) Chega pra lá! Chega pra lá! Chega pra lá! Já disse! Óia! óia! (o rosario oscilla). Agora, chega pra cá! Chega pra cá! Chega pra cá! Quéta! Pára! Nesse ínterim com um movimento brusco, o curador apaga a luz, aproveita a ocasião e cospe dentro da tijella. Trazem ás pressas um tição e accendem o rôlo de cêra crua, unico que alumia a sociedade.

*Manoel da Quina á Badú* – Óia, minha fia! Óia todos! Óia todos! Óia elle lá! Óia as perna delle, a cabeça delle, óia os zóios delle e della! Stão veno?

*Badú e circunstantes* – Stemos veno meu tio. É mêmo! Khem khem! Óia elles lá!

*Manoel da Quina* – Esse escumero é o bafo c'a tafula deu n'elle! Coitado, stá embirado! Você tem uma mofina que out'o te pôis, out'o curadô semvergonho; mais eu quebro a pauta delle na sexta-feira que vem. Eu venho te feixá o corpo. É perciso que você me arranje um pedaço de camisa delle e della, e um tudo nada do fundo da silora delle. Ella tem um Sant'Antonim na sambambaia, enterrado no nin' de galinha xoca. Chega pra cá agora, dexa eu te rezá na tua cabeça em cruiz.

*Manoel da Quina* – (resando):

Tenho rezão forçosa

De tê sciume de ti.

Minha suspeita é certa;

Ninguém me contou. Eu vi!

Stá curada! Elle anda muito afursurado c'oella; mais, stão muito enganado. Elle stá tolo. Vor acabá c'o essa mixorna n'um continente, num soffregante, in conto o demoin esfrega um ôio. Isto n'é mulestra pra mim. No cabo de quinze dia elle stá em casa.

*Badú* – Nhôr sim! Eu vou fazê e arranjá tudo o que vancê me disse e me ensinou.

*Manoel da Quina* – É pois cumo disse. Tu é de sê feliz. Todos é de vê.

*Badú* – Os anjo que oiça vancê.

*Manoel da Quina* – (lançando em cruz uma benção) E a nós tudo pra secla secloro. Amem. E não tem mais quem queira?

*Theobalda* – (apresentando uma criança) – Aqui tem esta criança, compadre.

*Manoel da Quina* – (vendo a criança) Ist'é quebrante. Não é nada. Cadel-o ramo d'arruda? Da cá!

*Theobalda* – (entregando o ramo) Acho que tem feve.

*Manoel da Quina* – É do quebrante. Passa já! (Reza). Se tu tivesse quebrante, prueque não me disseste? Eu tiraria cum dois meu, dois teu, dois de tua gata, quatro de Maria Sapata, ortiga e getirana, pancada das Mariana, cataprasma de pimenta, cebo de bode véio capado pra passá nas cadeira do véio Kelemente. Amem.

*Manoel da Quina* – Hai mais?

*Joana Tóra* – Tambem eu que queria que vancê me curasse de cobra.

*Manoel da Quina* – Apois chega. Da cá teu braço. Tem corage?

*Joana Tóra* – Tenho, nhorsim.

*Manoel da Quina* – (tirando de uma enorme e sebenta capanga uma jararaca, que por ordem do Quina, apesar do espanto e medo da sociedade por alguns minutos, enrosca-se no braço de Joana Tóra) – Nam tem nada; nam tem. Bichinho não te fais mal, mea fia! (Ao réptil) Desenrola! Entra pra casa! A cobra obedece, indo parar no fundo da capanga.

Em seguida o curador, tomando um dente quebrado á jararaca, traça com o memso um signo samão no braço de Joanna e conclue a cura com a seguinte reza, benzendo a cliente:

Com os podê de Deos Pad'e e Esprito Santo, grande é o nome divino e de Jesus, São Bento! Ó meu Senhô Jesus Cristo, Jesus, S. Bento! Maria pario Jesus, S. Bento! O' meu senhor Jesus Cristo, premitaes vóis, que esta creatura vossa, uffendido de bixo mão, não morrerá deste veneno máo, pelos podê dessas mêmas palav'as sagrada e pelos podê de Deos e da Vi'ge Maria, São Bento! Pois é já, é Joá, é Joana; é Ilim, é Inlôe, é Sadona e Sabatina. Grande é o nome de Jesus, São Bento!

Ouve-se la por fóra uma gargalhada gostosa.

*Estevão* (entrando) – Oh! aqui temos hoje curadô!... Bôa noite! Eu tambem quero me curá...

*Manoel da Quina* (movimento de desgosto) – Ei! stá bom! Num temos mais curativo hoje. Hai gentes de mais, gentes de quem eu não gosto. Stá cabado!

*Estevão* – Eu tambem quero. Stá cabado que? O fiscal t'espera lá fóra. Este safado faz é si besta; isto é um mentiroso. Safa-te d'aqui, semvergonho! Espera, cachorro, qu'eu te dou um conhecimento, cumbaqueiro de todo los diabo!

(Há uma confusão entre os circunstantes).

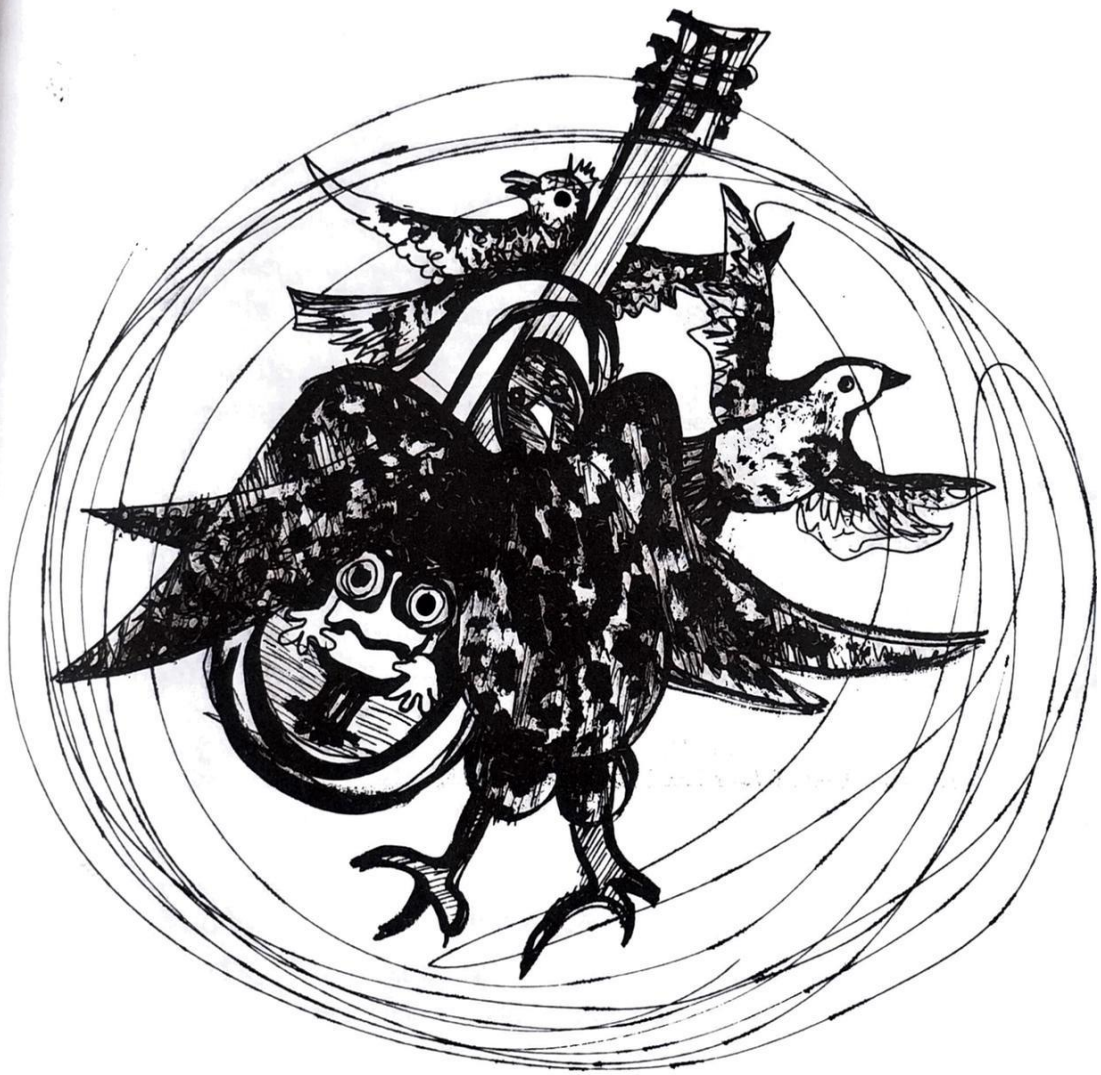
*Zé-pretinho*, fiscal e soldados entram gritando:

Prendam o feiticeiro! Entrega-te! Está preso, feiticeiro!

*Manoel da Quina*, sem se saber como, desaparece em meios de gritos e vaias tremendas.









## Um mysterio

### Parte I

– **M**estre Conrado, preciso saber de um facto extraordinario, succedido em sua casa, muitos annos ha, sobre o chôro singular de uma creança que aterrou durante muito tempo a uma povoação inteira, e até hoje nada respirou deste mysterio.

– Então lhe contaram isto e o Senhor quer saber se é verdade; não é assim?

– Sim senhor.

– Quer saber da minha bocca?...

– Com certeza, porque o julgo incapaz de uma mentira, e far-me-a a fineza de tudo expor francamente sem omitir cousa alguma do que souber, caso seja isto uma realidade.

– Pois é uma realidade, tão pura, como a luz d'este sol que nos allumeia.

O facto deu-se do seguinte modo: nas influenças do diamante das Lavras de Sincorá, dexeí minha familia e fui alli tentá fortuna como tantos outro. Demorei-me cerca de um anno e dois mêis, sem dá notiçasminha pela difficuldade de comunicação, embora da bêra do rio São Francisco fosse levas e levas de retirantes garimpêro. N'essa occasião tinha minha residencia no arraiá do Jatobá, districto do Mocambo. Talvez porque ficasse muito pro sul do rio e distante sempre do logá ondese entrava pro guarimpo, fosse o motivo de tardias notiças de que lhe falo. De quarqué forma, o certo é que passei essa temporada sem saber nada de minha familia; e o senhor sabe? Hai muita gente atôa neste mundo, gente pra tudo! Não é que um individe forasteiro passou um dia pelo Jatobá, e vendo uma filhinha minha, indagou logo de quem era a criança? Responderam que era de Conrado, um moradô d'alli quepartira pras Lavra.

– Não pergunto sem rezão; adiantou o forasteiro. Vi esta menina e alembrei-me de um rapais de nome – Conrado – da bêra do rio, segundo era conhecido, e elle mêmo muitas vês me dizia ser natural d'aqui. Esta menina é o retrato escripto d'elle, que, infelizmente, é já falecido.

– E o senhor, indas que mal lhe proguntamo, de onde é? Indagaram algumas pessoas.

– Proguntam muito bem; eu sou da Lavra e volto pra lá.

Esta notiça alarmou a povoação, pondo em desespero a minha mulér. O tal sujeito, déxando a pestia do boato, escafedeu-se, desapareceno.

Minha mulér tomára quase lucto desfarçado. Já não vestia vremeio; tal a sua páxão que, a falar a verdade, a saia com que eu tinha déxado ella, achei com ella.

Stava tão podre, que remendava de menhã, e á tarde não podia sahir á rua, se nicissaro fosse. Quando eu cheguei á Lapa do Bom Jesus, soube antão do acontecido. Despachei um positivo pra mode eu não chegar em casa assim de supra. A familia, assim n'este causo, o senhor não inóra, não dêxa de tomar um certo choque maisou mêno. Mandeí pelo positivo, que era um rapais de nome Julio, filhod'esta cidade, o meu chapéo, como signal, e dei pressas á viagem. Eu não stou sabendo de nada.

Ao chegar no Jacaré, déis légua d'aqui e quatro de nossa casa, uma pessôa me proguntou-me por aqui assim:

– Conrado, você de certo não sabe do que está se passano em sua casa?

– De tudo inóro.

– Inóra? Apois aqui já se tem você por morto, hai muito tempo.

– Ora veja home?

– Porem, o causo malhó é que em sua casa appareceo o choro de uma criança que tem assombrado a todo mundo. Já não é segredo por ambas las bandas do rio São Francisco. O chôro sahe debáxo do chão; começou debáxo da sua cama, e dispois variou por devérsos canto da casa.

Tem se excogitado tudo, e nada; irá encontrar sua casa toda cavada.

Já se baptisou a creança, arrunegou-se do diabo, e o choro stá a cadavêis mais; até sua mulér mudou-se, por não poder mais sipurtar.

Não hai quem não queira falar do factó acontecido. Todo mundo já sabe disto. Não hai quem passe pelo Jatobá: canôas, barcas, gentes quevém de longe, que la não se demore para ver o choro d'este menino. Puxe, pois, para casa.

A principe, eu pensei no meu Moriço, qu'eu tinha déxado pequenino.

Era um menino chorão; e eu disse commigo: gente tola! É o choro do meu Moriço; olha cumo stá longe! Mas, o que se dizia era demais; fiquei em duv'da, e, ancioso, puxei deveras pra casa, onde cheguei ao meio dia.

Com effeito, stava abandonada, quase em ruina, de esboracada que stava. Tinha socavão que dava na cintura de um home. Referiram-me todo o causo passado, e disseram-me que eu tinha chegado tarde n'esse dia, e que só noutro antão, é que podia ver a pantaforma do negoço dasseis hora da menhã até ás oito. E eu diss'assim: qual! Isto não é pêra mim ver.

Era a terra que stava dano aviso de minha chegada. Na verdade o chôro desapareceu, até dias que foi hoje. Arrecebido em casa de minha sogra que levava pra la a filia, ambas e duas contaram-me tudo: tim, tim, por tim, miudinho!

Minha mulér stava que nem louca e n'uma magreza qu'espantava.

O povo falava qu'era santo enterrado, e mil coisas se diziam della, que não perdeu mesmo o juiz por milagre de Deos. Entre outros alevantaram uma calunha – de ter ella mandado fazer *coisa feita* pra'pressar minha viagem, accressentando-se que o padre da freguezia, sabedor do factó acontecido que la

igestia. Este boato era insistente, e a pobre da minha mulér, sobresaltada, não comia, não drumia, entregando, por isso, a casa pra se cavar, como se cavou, passando amargurados dia a chorar. Com o tempo tudo desapareceu; e é tudo quanto seio e o que se deu.

– E o mestre Conrado não sabe explicar o chôro da creança? Que creança essa e qual o motivo?

– Não! O que demais a mais aconteceu, foi ter a minha mulér ido ao Mocambo, onde havia um resador de responso, que lhe dissera fosse socegar, porque eu era vivo e bem vivo e não tardaria chegar. Stá vivo, disse o responsador, qu’eu vi elle vestido c’uma roupa azul no sonho.

E assim era. Nessa ocasião eu tinha comprado um liforme azul com que cheguei á nossa casa. Quanto ao chôro da criança... salvo se foi o responso; o senhor acha possivel?

– Não, não!

– Apois, é tudo, repito, o que seio e o que se deu-se, há quarenta e quatro annos. Muita seriedade havia no final destas palavras, e a simplicidade com que foi-nos referido.

## Parte II

Entre tantas conversas costumeiras em noites enlueiradas perguntava d. B. a uma certa pessoa:

– O senhor por certo, não acredita em feitiços?

– Não senhora.

– Então, não crê que exista o feitiço? Insistio.

– Não senhora!

– E os curandeiros?

– Estes existem.

– Não os teme?

– Em que? Sei que dão e fabricam beberagens perigosissimas para os credulos, victimas sempre de taes malandros, que são uns verdadeiros assassinos, réos de policia, parasitas e exploradores do pobre povo ignorante. Rezam, bemzem, curam, commettem toda a sorte de desatinos e porcarias taes, que sómente o bom senso bastaria para os repellir. São repugnantes; mas, o feitiço, como se diz vulgarmente, não sei que seja, nem creio.

– Vale bem não saber, nem crer, porque elle existe e há o manso e o bravo; ha cousas n’este mundo, tão terriveis, que o senhor nem de leve suspeita. É muito moço ainda; falta-lhe a experiencia, que é a sabedoria da vida. E’ um cego ainda.

– Não duvido, minha senhora; mas o que não quero, nem pretendo, é ingerir taes drogas em tempo algum.

– Que presumpção! coitado! E é só?

– Nada mais.

– Não digo seja o senhor muito ignorante, mas, perdô-me – é simples demais, lastimável até! E d. B. citou um facto particular de sua vida em que, nada recusável, evidentemente provava a maldita existencia do que denominava – feitiço – arrazoando o seguinte:

– Conheceu n’esta cidade um fogueteiro de nome José Bunda Vadia?

– Muito.

– Era do Mocambo e aqui falleceu cerca de dois annos, mais ou menos. Conheceu também a familia do finado S. e sabe que este viveu e morreu separado d’esta?

– Conheci.

– Sabe das irregularidades da familia e dos transtornos que se deram?

– Sei, sim.

– E da rua do “Bem Bom”?

– Também.

– Em 1878 não tinha este nome. Era simplesmente um trecho de varzea, dando para o barranco do rio e chamava-se...

– Porto das Cabras.

– Isto mesmo. N’esse tal Porto das Cabras, em um casebre de beira no chão e isolado morava o Bunda Vadia, sujeito curto e grosso, nariz acangalhado, mulato feiarrão, mal encarado, meio *limão com solla*, carapinhoso, barba serrada, fala mansa e um tanto desconfiado. Pouco conhecido, e portanto, novato na terra, passava mal. A familia, de que vinhamos tratando, resentia-se das ingratidões do seu chefe, amasiado com uma rapariga com quem gastava os soffríveis recursos, levando por isso uma vida infernada. Exgotados os meios consiliatorios e sem resultado para S. voltar ao cumprimento dos seus deveres, entrou no jogo a superstição até ao absurdo, até ao feitiço. O senhor está me ouvindo?

– Com todo o interesse.

– Bem! Minha mãe, que se relacionava com essa gente, de quem era muito amiga, sabia-lhes as penas. Não podendo remediar o mal, aconselhava; mas, os conselhos são sempre absorvidos pelo cruel fogo das paixões, quando attingem a certos grãos. Nada valem. A infeliz consorte de S. corria, voava para o abysmo n’uma água bruta, único arrimo e o peor que escolhera.

N’esse estado ensinavam-lhes máos caminhos pelo recurso final dos curadores de feitiço, e feitiço era o que padecia o marido, havendo quem d’elle o tirasse. Tal conselho fôra um achado para aquelle espirito enfraquecido e dominado já pela cachaça. Para logo arranjou-se o negocio; e em breve, pagando-se caro, nas camarinhas do lar dormia uma mulher idosa, velha e suspeita, n’um sorvedouro de dinheiro e bom passar, sem jamais nada sortir de bom.

A mendraqueira mentia a rabo solto, e por artes e embustes alli se ficava.

Não se sabe como, entre parêdes, lá chegára o nome do Bunda Vadia, como excellente curador, ouvindo-se desde logo a minha mãe que o conhecia de algum tempo, porem, sem esses predicados. Como de nada soubesse, ou



suspeitasse sequer, encarregou-se minha mãe de convidal-o para uma conferencia que tinha lugar, tarde da noite, n'aquella residencia. Recebido o recado, o Bunda Vadia, velho matreiro e mestre do officio, farejado havia o esconderijo de sua antagonista; e por isto, assumindo ares de adivinhão recusou-se.

– Diga d. Fulana que ella não precisa de mim; se precisasse, não botava dentro de casa – fulana de tal. E callou-se. A resposta teve um effeito admiravel. O homem era bom!... Como sabia que a feiticeira estava alli, elle que não era ainda conhecido na cidade, e não podia saber a fundo o que, debaixo de maior segredo, só a família do S. sabia?... Via-se bem logo que o feiticeiro era dos legitimos; isto é, possuía o *famaliá*; portanto, quebrava a pauta a *outros*. Tal o juizo, e assim, novo recado. Nova recusa. Despedio-se a feiticeira. Novo convite; nova recusa a mais formal. A mulher de S. usou de promessas e avultadissimas sommas. O typo tornou-se irresoluto. Resolvera tentar a ultima esperanza, batendo uma noite, horas mortas, á porta do Bunda Vadia. Acompanhou-a minha mãe a seu pedido; uma vez alli, foram recebidas com certa precaução, as duas visitantes.

– Quem é a senhora? indagou elle.

– F. de T.

– Ah! sim! Já seio! já seio! Queira entrar; disse, escondendo detraz da porta o candieiro de azeite que trazia; e, virando-se para minha mãe que tambem entrava, como se quizesse detel-a; e a senhora?

– Nada de receios! Acodio em tempo a companheira. É pessoa de minha confiança, de minha amisade e de minha familia. É um sepulchro; portanto, esteja tranquillo. Reparando de novo, só então reconhecera minha mãe, pedindo desculpas. Sentaram-se em um banco, e sem gastar tempo, travou d. F. a seguinte conversa:

– Mandeí convidal-o á nossa casa e o senhor não quis ir!

– Porque não pude, senhora dona!

– Então, recusa o que mandei offerecer-lhe?

– Recuso, sim senhora!

– Ah! recusa, porque certamente não precisa?

– Não é por isto; ninguém mais precisa do que eu; e sim, porque não posso.

– Não pode? Receia que eu não o pague bem? Engana-se; alem do seu trabalho, ainda que custe caro, o senhor terá mais uma molhadura á sua satisfação, se fizer com que o meu marido viva commigo; e, esteja certo, no dia em que isto se realizar, juro-lhe que não ficará com o que prometto.

– Senhora, precisão tenho eu, ha cousas porem que... nem tudo pode-se dizer; quanto ao mais, não! Seu marido voltaria, tão duro como um osso, acontecesse o que acontecesse, asseguro-lhe!

– Exija de mim a quantia que o senhor quizer, empenho minha palavra. Fala! E d. F. apresentou-lhe um volumoso maço de notas. Affligio-se o feiticeiro; tinha uma resolução: emudecera alguns instantes; tentado pela cobiça, talvez, a despedaçar-lhe as entranhas. Sorriso da fartura! Fumaça bruta da ventura! E ella a

insistir novamente saccou do seio uma caixinha; e, abrindo-a, uma estrella reluzio na meia treva da sala: um anelão com uma bella pedra de brilhante.

– Tudo será seu. Decida! O feiticeiro coçou a carapinha com desespero:

– Não posso!

– O senhor é um obstinado.

– Sou sincero.

– Não duvido; mas...

– Pois bem, atalhou elle, não quero que a Senhora d’aqui saia sem uma razão de ser, e sem se queixar de mim. Guarda-me um segredo?

– Todos os segredos que o senhor quizer.

– Juro pelo que houver de mais sagrado no céu e na terra.

– E esta outra senhora?

– Do mesmo modo; respondeu minha mãe.

– E se isto sahir ao lume algum dia?

– Não sahirá! responderam as duas.

– Não sahirá! dizem bem; porque se sahir, as senhoras morrerão em poucos dias. Não sou de enganar; não dormirei!

O feiticeiro suava. Abrio cautelosamente a porta e espreitou:

Ninguém! a noite ... silenciosa! Tornou a entrar, fechando a porta e dando voltas à chave.

– Direi a verdade, continuou; não farei o serviço que a senhora pretende por ser muito riscoso. Cheguei de novo, não tenho casa propria, não sou conhecido. Se chegasse a acceitar e executar seu trabalho, seu marido, dêsse no que dêsse, daria o beijo, porque não é esta a primeira vez, nem elle dos primeiros que experimento. Já o fiz para uma mulher, annos ha. D’essa o marido viajava somente; e o seu largou-a definitivamente e está difficil de voltar.

Vê que ha muita differença; demais, seria eu apedrejado, morto até, logo que isto acontecesse em minha casa. Por ahi existe um padre; dizem que é de boa vida e está idificando a matriz. Sabendo elle do nosso segredo, será capaz de aggreir-me com o pessoal que o acompanha.

– Oh! então, é difficil assim?

– É e não é!

– E em minha casa?

– Isto não! O perigo seria maior; não só aballaria a cidade inteira, como a senhora não supportaria o que ora está em mysterio; demais, tudo se tornaria patente.

– Ora, não supportaria?! Tudo supportaria, juro-lhe!

– Embora seja seu engano, creio! E o povo?

– O povo!? ... Que me emporta o povo! Ora o povo! ... o povo! povo por que?

Sim; eu lhe repito: o povo! E o feiticeiro continuou com voz nervosa e baixa!

– Não posso, não devo! Primeiro, porque a senhora, para obter seu

marido, é indispensavel que jure dar su'alma ao diabo, escrevendo um contracto assignado com seu proprio sangue.

– Ah! é isto? Jurarei e darei tudo quanto o senhor exigir e que lhe pareça sacrificio.

– Não seria só; além do mais que eu lhe exigisse, teria a senhora de cuspir n'uma imagem do Crucificado, preparada por mim, e enterral-o depois no fogão em boraco bastante fundo, accendendo fogo depois, em cima da terra bem batida. Appareceria immediatamente o chôro de uma criancinha de peito e tão alto o chôro, que a atemorisaria a todos quantos o ouvissem. Para que não ficasse só no logar do fogo, a senhora, retirando o fogo, emborcaria em cima uma gamella, depois de bem molhada aquella parte. Faria sentar-se nessa gamella uma criança de seis para sete annos e que se chamasse Maria.

– Mudar-se-ia logo o choro para diversas partes da casa, impossibilitando assim qualquer pesquisa de quem quer que fosse. Ficaria a seu cuidado accender o fogo duas vezes por dia: pela manhã e á noite com o mesmo processo da gamella, bastando a creança demorar-se sentada uma hora de cada vez. Seu marido, não teria duvida, bateria em casa; elogo que entrasse, a senhora desenterraria a imagem immediatamente. Agora tudo explicado. Vê a senhora que isto não é caçoadá. Não fosse o chôro da criança, tudo se arranjará da melhor forma; assim pois, lhe aconselho não insistir mais.

E olhe, senhora dona, este segredo!?!...

– Visto isto, aqui tem este embrulho. É um agrado; e fique certo de que nenhuma de nós o descobrirá jamais. E até logo!

– Até mais logo!







## O Capão do Levinio

*“Um terceiro processo iniciou-se n’esta comarca contra pessoa de fortuna que não teve seguimento. Fui informado que esse processo tornou-se um laço armado para dar dinheiro á pessoas do fôro. Todas as vezes que tinham mistér de qualquer garantia, reavivavam o processo, e então, vinha o delinquente á esta cidade e distribuía dinheiro ás mãos largas.” (Provimento – Juízo criminal – Dr. Carlos H. B. Ottoni)*

Joaquim Calindó, porque chamam a este logar – Capão do Levinio? Porque este nome é um mattagal tão deserto, espesso, sem moradores, sem belleza, encarrascado, agreste, sem um arvoredado ao menos que o realce n’um ermo assim sombrio e de um aspecto desolador?

– Fum! Moço, isto é uma historia medonha, muito triste, muito triste! Basta a catadura do logá pro senhor desconfiá. Aqui é onde fio chora e mãe não ouve. Levino é o nome d’um divogado muito indiligente que n’este sarandy foi brabamente assarsinado e enterrado.

– Enterrado? aqui?

– Enterrado aqui; pod’crê.

– Sabes do logar da sepultura?

– Fum! ai!ai! ahi é que stá o xiste.

– Xiste, como?

– Xiste, porque não seio; só pra quem sabe, e até hoje ind’é crime coge se falá nisto.

– Sim? então...

– Antonce é que morava, não muito longe adonde estemo, um velho de nome Francisco de Paula Pinheiro, um dos principal home da Manga, de infuluença, fazendeiro rico, senhor de muitos escravo, gadames, teres e haveres, um tataú. Eu tinha meus quinze anno; já era moleque duro, e d’aquillo qu’eu ouvi n’aquelles tempo, tudo me ficou no caco. Ja tem bem seus quarent’anno, acho eu. O causo dera-se n’uma odiença.

Dois sujeito tinha travado uma questã pramodes uma terrinha, cuja terrinha, o verdadeiro dono ficaria sem ella, se não fôra a penna forra c'atiligencia do Levino de que todos tinha medo.

Paula Pinheiro, praque era grande, protregia o outro que não era dono, e queria praque queria, tomar a terrinha. No dia das odiença das cumilidade do juiz as prova das testemunha fôro todos contra o Paula que tivera de perdê a questã prumode a verdade. Grande tercação, um frogodô damnado se dera entre elles, e as coisas s'esquentaro tanto, que, condo se vio, foi o Paula soberbá nas barba do Levino: (Ah! laborão, Vóss'enhoria)! – Senhor Levino, eu também seio divogá, eu tambem seio vencê questã. O senhor me venceo, mas porem, não me convenceo. O barro tambem vence, seu Levino! O barro tambem vence e não fala! Déxastá!...

E jurou o Levino, passano a mão na cara. Levino que não era pêco, nem molle, disse-lhe as do fim. E rollou aquelle baruião, aquelle frege – esfolla, que coge hai mortes, se não entra gentes no meio.

A coisa da justiça stava cabada e não haverá muito tempo.

O senhor, Vóss'enhoria, não vê esta estrada velha margúia debá xo desse iço do carrasco?

– Estou vendo.

– Apois esta era qu'era a antiga estrada por onde elle passou e se deu o causo succedido. Paula tinha espia por toda a parte e escoia ca- sião. Esta chegou. Levino era festeiro de Nossa Senhora do Rosaro, e forçosamente havéra de tirar esmolla plos geraes, por essas fazenda, e assim assuccedeu.

Andava elle no gyro, conde arrecebeo a inconvença de um fazendeiro pra mode concertar uns tacho, praque era muito bão taxeiro.

Pra pruveitar uma coisa e outra, sahio de uma fazenda, não longe d'aqui, e tomou esta estrada pru ser mais curta. Alguns annos atrais ingestia ainda neste lugar, adonde nois estemo, um pé de aroeira grande. Ao passar por debáxo d'elle dois saquaes pularo no divogado, darrubaro elle do cavallo abáxo. Veno que morria sem geito, sem ter pra onde appellar, rogou os assarsino matadôs pru quanto santo da côr do ceo havia, a pontos de recuar os dito cujo matadôs; mas porem, o dia delle era chegado; desceno do carrasco na carreira, appareceo o Paula com outros da parentella delle e gritou os home que acabasse c'o elle, dispois de dirigir aos outro que se approximava, se elles concordava. Ora, aquillo era só de mamparra, verbos a matá. Todos concordaro. Levino, se veno perdido, supplicou ao Paula tambem. Este, dispois de pensar muito, disse palavradas muito dura ao pobre home e quiz attendê; mas porem, um escravo de Paula, a quem elle promettera carta de forria, colunhado cós outro, ponderou que aquillo não podia sê, que o Levino era um perigoso, e uma vês sorto, elle botava tudo a perdê.

O Paula callou-se e o Levino foi logo esfaqueado. Entraro, ô dispois có quadavel n'esse carrascão que o senhor, Vossenhoria, está veno, e lábem dentro, no

fundo, ao pé dum capão, meia legua coge, cavarou uma sepultura grande, matou o cavallo tambem em que elle vinha amontado; e, fóra a bandeira de Nossa Senhora que elle trazia (e que se achou e foi reconhecida tempos passado nas mãos de gentes do Paula), tudo mais cavallo, arreios, malla, arfoge, inté espora, inté perneira e frangos de esmolla, tudo foi enterrado c'ó elle. Ora, desapareceu o homem e não se sabia em cumas. Discorrido dias, passava por aqui um cabôco aggregado d'essa berada, trazendo uma cachorrinha. Esta, correndo atrais de uma cotia que n'estes mattos tem pro incantidade, fundou c'ó ella e foi dá de acoádo muito dentro. O cabôco entrou a ver o que seria, condo topa c'aquelle amassadô de fresco. Já a cachorrinha tinha cavado um fojo grande, e neste dito cujo fojo appareceu, antonce, a mão de um cavallo, depois um estrivo, mais embaxo os arreio, um home e mais o bijecto de que lhe falei.

Ficou elle, com rezão, com muito mêdo, praque, o senhor vê, estava só. Chamou a cachorrinha que não queria largá o festige, amarrou ella e se foi-se embora. Cumo inorasse do causo, eim? Chegou nos visime contou o que viu. Logo a noticia chegou no arraiá. Veio a famias do morto e com ella, c'as providenças que tomaro, também a justiça de Jenuára. Não valeu de nada as diligências. Assim que subero que la évinha a famia c'a justiça, tampáro fogo no carrasco que foi aquelle eito! A adeus m'ea onça! adeos meas encommenda! Nunca mais descobrio-se o lugá. Justiça bestou, bestou... andou zanzano muitos dia, drumino no matto.

O juiz da justiça chegava a dizê: stá provado mêmo que foi o Paula que matou o home; mas porem, cadêl-as prova, uma só, uma testemunha de vista?

Gente n'este matto stava qui nem frumiga, cumo cabello de bixo.

– E o caboclo?

– Ora, cabôco! cabôco enviado também; desapareceo, entrou sellado n'arage.

Cabôco marphabetico!... bêsta!

– E nunca mais se descobrio semelhante absurdo, Calindó?

– Por inlivia e portas trevéssa se soube-se de tudo, moço! O que é que não se sabe? Basta tê o Paula jurado o Levino n'odiença; mais pruparte da justiça... um fum!... E de modos qu'este mystero, emoras as suspeita cahisse no Paula, não se descobrio-se positivamente não; mas, as conviniença, outros o parentesco, outros mais as môiadura, as boas inconvença, e muitos mais, coge tudo, o medo; praque o assarsino era d'uma famia grande. Podoroso e rico senhor da terra, quem haverá de boli co elle? Nêg'o pabdo, eim?

– Porém Calindó, nada, nada mais justo que o dia de amanhã, não achas?

– An! an! Até ahi é nove! n'isso é c'ô stou! Intamos que...

– Qualquer que seja o individuo que commette um crime horroroso d'estes, amendrontando a meio mundo, isto é, o mundo dos covardes, põe uma pedra em cima, tampa o sol com as mãos e diz depois: sou innocente; ninguém

sabe, ninguém viu, ninguém! Não ha testemunha. No entanto ha uma testemunha morando dentro do proprio criminoso, testemunha que não falha e não dorme com sua policia secreta: Deos! E basta só isto, para que o individuo se veja irremediavelmente perdido, porque até as pedras falarão.

– É bem ahi que meu rosaro dá; Intamos (não ataião seu prepósto honrado que adiente vai), intamos que o Paula ficou desna do crime muito acautelado e tão perrengue, que acabou-se a fortuna d'elle n'um proviso e foi enterrado coge ás esmolla. Bôas somma, bons presente, bons cavallo de sella, bestas bonitas, vaccas gordas, matrutages de arrobas de sêbo ganháro os homes da justiça do Sargado, pramode atabafá o porcesse. E elles comero bom.

Conde toda las vêis percisavam de *xengue*, eim? Ja se sabia: porcesse pra ribas e o tolo do Paula, pan! Cahia pra li cócs cobre.

E não era só elles; os assarsino, que ajudaro, arrancharo nas costas delle e zuruparo tudo a barrê em pouco tempo, e em pouco tempo tudo levou os Pilate, inté os mêmos assarsino matadôs, infiteticos.

– Até os assassinos, eim?

– Oxentes! ora si! inté esses! E não?

– Então, eram conhecidos.

– Uai! uai! ai! Se era!... mas porem, ei! quem era besta de tocá no nome delles?

– Que tinha?

– Que tinha? Vóss'enhoria inda pergunta? Tinha a sorte do cabôco; entrava sellado no barro. Quem era doido? Fum! tudo andava de bocca cozida.

Hoje em dia, porem não; que a gente fala de papos pra ribas; mas porem, n'aquelle tempo damnado?...

– E os assassinos, Calindó, que fim tiveram?

– Os assarsino, moço? Deos não drôme. Hai causos que pode mais do que a lei e que dá que banzá. Muita gente não dá credico; eh! mas porem, Deos o livre a quarqué. Um delles stava pra morrê; chamou a famia e pedio a mulher, os parente, c'os herdeiro cobrasse do Paula uma besta de sella que lhe devia da morte do Levino. Um outro homem estava nas urtimas agonia (e este foi horroroso); berrava que nem bodeque se uvia longe. Conde s'uffrecia elle a image de Jesus, elle gritava e cospia, virava a cara pr'uma banda pra parede, bradano: gente, feixa a porta, gente! Tira Levino de riba de mim! Tira pra fora este home d'aqui gente! O povo aterrado, oiava e não via nada; mais, elle inestia: feixa aporta, bota este home daqui pra fóra, tira o homem! Tira o home de riba de mim!... E esta cantiga turou inté dá a arma a Deos. O premêro que dera a punhalada no Levino, este morreo tambem, sem que nem praquê, de uma punhalada d'um cafageste.

E tudo mais s'acabou assim... de vagá... aos tequim... na miséra.





## A grinalda

**M**aria Carolina, enquanto tivera seus paes e irmãos, nada soffrera, nada! Eram seus dias quaes primaveras com seus sonhos de flores, lindas, perfumadas sem preocupações, nem presentimentos.

Ainda creança viera na cruzada ingrata dos filhos do Norte, varridos pelas inclemencias desoladoras da secca de 1890, em busca de refugio em terras distantes; e, verdadeiras aves de arribação entre esses, ella e os seus pararam diante de um dos primeiros arraiaes de Minas, tambem ameaçados do flagello. De sete irmãos novos e dos dois velhos compunha-se toda a família.

Jornada, penosissima, funesta!

Mal essa gente tomára um descanso, fora desimada, morrendo primeiro a desvelada mãe e logo após o pai. No decurso de um anno a nostalgia, a necessidade, o amarellão, a malária e as dores moraes varriam os irmãos. Maria Carolina achou-se só no mundo aos treze annos entre estranhos, como se vê, sem parentes, sem amigos, sem amparo. A caridade abrira-lhe as portas; mas, não tardara que a calumnia impiedosa as fechasse. Vendo marchar para o cemiterio o ultimo irmão, quasi enlouquecera.

Resignada, morando só em um rancho de palha, beira no chão; nos primeiros tempos d'ella cuidaram almas compassivas, dando-lhe sustento, roupas servidas, etc. Inteligente e laboriosa, vendo a bôa vontade n'esse constante milagre da compaixão, e não se conformando com a precaria existência que levava, procurou não ser inteiramente pesada, dedicando-se de corpo e alma ao trabalho.

Quizeram recolhel-a á uma casa de familia, o que recusou sempre, obstinando-se a um isolamento amoroso do lar d'onde partiram para nunca mais, todos os seus, tão caros ao seu extremoso coração.

Não quis abandonar a poeira de tantas recordações sagradas pela dor.

Costumava dizer com ternura e simplicidade aos que insistiam:

– Aqui ceguei, padeci horrores, chorei os meus; falam-me as imagens do pai, irmãos e de minha santa mãe.

Este rancho foi fincado em lagrimas; té os gravetinhos fazem-me bem, sustentam-me como se animados fossem, falam-me e quasi os ouço chamando-me pelo nome. Não! não serei ingrata; eu nunca abandonarei o ranchinho de meus paes.

E n'isto ficou sempre. Davam-lhe roupa para lavar e engommar, costuras e outros serviços de que modestamente tirava a minguada existencia. Um dia tudo isto começara a falhar, sendo-lhe negado até opedaço de pão por esmola,

alfim.

Vieram quadros tormentosos, noites de supremas angustias; e com a fome a vigilia, o opprobrio, a infamia, a calúnia, – longa e profunda ferida para o coração da desterrada.

E foi definhando aquella flor, crestando-se a pouco e pouco pelas febres, pelas resistencias ás seducções do mundo que também abeiraram-se tenazmente, miseravelmente do seu tugurio de paz e pobreza.

Uma lesão cardíaca devorava aquella joia preciosa.

Muitas vezes presentindo annunciára o seu proximo fim e por elle anciava, chorando, como um penhor do céu e uma esperança segura para termo final de seus padecimentos.

Com effeito assim succedera.

A desvalida fora encontrada morta na sua enxerga, envolta com a terra núa.

Depois de morta, as caridades sem remedio, caridades de afogadilho, da impostura e hypocrisia, em que nunca entraram os sorrisos de Deos, nem os perfumes da bemaventurança, circularam o cadaver da desditosa martyr.

Corações justos esforçaram-se para uma mortalha de virgem e uma grinalda de flores artificiaes.

Corações podres obstaram, vomitando blasphemias e calumnias sem o menor respeito á presença do cadaver e a maledicencia venceu pelo numero. Ella teve o seu corpinho envolto no desprezo de uma surrada e barata fazenda preta, alinhavada a proposito em forma de lençol entre os menoscabos e grosserias d'esses terriveis felizardos cavadores da honra alheia.

E lá se foi Maria Carolina a caminho do além, pelo cemiterio do arraial, onde em sepultura estreitissima e rasa, retirados os seus restos mortaes da rede dos desvallidos, hoje dorme por esmola.

Fora-lhe a existencia uma verdadeira borrasca, e os furacões do mundo seguiram-se depois de morta.

\*\*\*\*

Ha paz no tumulto?

Nem sempre; muitas vezes não.

Os mortos falam?

Falam muito.

Quem perturba esse silencio?

A voz da poeira iluminada.

Porque?

Porque, embora preconizados pelas leis do Evangelho, violam-se os sanctuarios da campa, onde todo o julgamento humano é suspeito e n'essa profundissima soledade todo o ser pensante deve emudecer ante a eloquencia do mais piedoso dos mysterios da vida.

Essas campas revelam uma historia.

Dessa historia, quem nella meditar, hade recolher a propria imagem do seu valor, remontando ás fontes da verdade.

Só os maldizentes e os cegos de espirito, os impios, malsinam de novidade as cousas sagradas.

\*\*\*\*

Estava ainda fresca a sepultura de Maria Carolina; de fresco os acres e diversos commentarios de sua vida, atacada de modo acerbo sua innocencia – assumpto obrigatorio das palestras ociosas e incidiosas do lugarejo imbusteiro, quando um dia inesperadamente propala o coveiro do arraial um facto bem singular que se dava no cemiterio.

Um alvoroço geral.

Com celebridade admiravel grande romaria se fez. Com effeito, bem commovedor o espectaculo em torno desse humilde tumulto, victima de tantas maledicencias.

Agora, extatica e apavorada multidão se comprimia a contemplar desconhecida plantinha que alli nascera; e, estendendo-se em forma de uma perfeita grinalda ao longo do estreito comoro, florira maravilhosamente.

Branças flores resplandeciam ao pino do meio dia de um sol de agosto; e de tal maneira feriam a imaginação d'aquelle auditorio, qual se um anjo a exprobar em divina eloquência a empestada alma da maldade. Um perfume suavissimo subia desse chão poento dos mortos, onde por mais que o esquadrinhassem, nenhuma outra planta identica, dentro ou fóra, jamais fôra encontrada. Entre poucas consciencias rectas que proclamavam bem alto as injustiças vomitadas contra a memoria santa, achavam-se muitas outras detractoras da pobre Maria.

Estas retrahiam-se agora, negando, o que outróra com tanta insistencia haviam afirmado.

– É mentira d'este, é falso d'aquelle, foi fulano quem propalou, foi beltrano, foi cicrano; nunca em tal cousa pensei. Deus me é testemunha, etc, etc; taes dizeres dos presentes aos manifestos esplendores d'aquelle ornato celestial.

Terrivel demonstração a do mysterio.

Ninguém quiz ser o culpado, ninguém o da primeira pedrada.

Muitas lagrimas sinceras justificavam a santa menina, durando a piedosa romaria, por muitos mezes, até que, enchendo-se muito de matto o cemiterio, mandaram limpal-o por um outro coveiro, que, ignorante e forasteiro no lugar, ceifára de vez a viçosa e sempre florida plantinha que nunca mais renascera.











## Os queijos

**E**ncharcados por um aguaceiro do coração do inverno, dois cavalheiros davam o Ôh! de casa – às oito pra nove horas da noite, á porta de uma velha, mas vasta choupana á margem de uma chapada.

Gozava ella da fama de grande e abastada fazenda.

E porque fosse torrencial a chuva nesse dia e entrasse pela noite com intenso frio, cerrava-se desde cedo e parecia mergulhada em profundo silencio, porquanto ninguem a respondia, apesar dos muitos chamados, correspondidos todavia, por ladridos de cães assanhados dedentro, aos gritos de – êh! primo Vieira? primo Vieira!?

E nada de primo Vieira! ...Somno de pedra!

Um bom fogo ardia na varanda e os cães, redobrando de furor, mettiãam os focinhos por entre os paos de bority, que, atravancados, serviam de porta, esforçando-se a matilha quebrar-lhes as amarras n'um alarido infernal.

– Cachôrrro! bradou la dos fundos uma voz grossa, roufenha, pausada, quasi sepulchral.

A canzoada moderou-se.

– Primo Vieira? Êh! primo Vieira?!

– Quem... é?...

– Sou eu, Romualdo, homem de Deos!

– Já... vó!...

Quinze minutos, depois de destravancada a tal geringonça de porta, enrollado n'uma cousa que outrora se chamara – baiêta – com a cabeça enfiada n'uma especie de funil de couro de guará, todo encapotado ou resguardado por uma carocha forte e dupla de fibras de bority, resmungára o Vieira, ralhando segunda vez aos cães que rosnavam; e, abanando um tição indagou no mesmo tom:

– Quem é?...

– Antonio e Romualdo, primo Vieira!

– Antonho?... Rimuardo?... Oxente! Cês qué alguma coisa? Ond'é que ocês vão?

– Queremos apeiar, primo! Ir para onde mais? avançou Romualdo, já no meio do lamaçal do terreiro e mais que resoluto.

Antonio imitara-o, e ambos, dirigindo-se ao primo, apertaram-lhe as descarnadas mãos em cumprimentos de obrigação.

Nesse interim um enorme cão magro morde a perna a Romualdo.

– Um! diabo!... seu cachôrrro, primo!...

– Capitão?! Bota báxo já! Ah! *non-sê-quizera!* Ora vancê não dasse?! Mordeu, primo?

– Mordeu? Comeu um pedaço de perneira por muito favor. Os meninos d’aqui são espertos; este teu *capitão* parece-me um capitão de pé de serra. Que recepção!

– Mais, gentes, ocês por aqui essas hora... é alguma novidade...

– Novidade, o que moço?! respondeu Romualdo, entrando e dependurando a um canto da sala em um gancho de páo a sella molhada. Antonio, depois de haver peiado os animais no gramma do pateo, arrumara também a sua em um outro com os respectivos accessorios vaqueanos seus e os do mano.

– Mais, ainda que mal proguntes, vocês vêm de casa, ou de...

– Sahimos de casa desde o romper do dia, debaixo desta chuvona, e, sem pararmos um instante, batemos quasi todo o campo á procurade uns bois para a moagem, e anoitecemos aqui perto de sua casa, sem tempo de alcançarmos a nossa. Estamos cortados, entanguidos, de frio e o que é mais de fome, e muita, porque não nos prevenimos; suppunha-mos encontrar os malditos muito cedo, mas foi um engano. Com o inverno, esconderam-se de tal modo, que não soubemos nem advinhámos onde mais procurar semelhantes velhacos.

E tenha paciencia, primo, nos dê alguma cousa, seja o que fôr.

– Uai! É isso mêmo! Boi agora... no regô dessa timuridade... oxé stá cumo camarada pra trabaio... não se acha.

– Primo, você não se encommode muito; nos dê um pedaço de carne para assar, ou qualquer cousa que seja, inda mesmo um sapo. Estamos em jejum.

– Lá ist’agora de comestive é que está ruim; hoj’aqui nam temos nada. Carn’aqui, nem uma lag’ma pra sarvá um doente.

– Nem ovos?

– Nem ovo!

– Algum requeijão ou queijo?...

– Aonde, moço!

– Quallada, leite?...

– Stá tudo limp’espuro. É nada mêmo. Vacc’agora nam dá leite; e hoje inté que sortemo a bizerrada que estava tudo pra pistiá.

Apezar deste desengano formal, Romualdo relanceou os olhos pelos ambitos da sala: alguma cousa no ar!

Antonio era um homem calado; e, não estando para ouvir miserias, que conhecia, proverbias, em casa do primo, tomou dos alforges, saccou de uma chocolateira, uma rapadura, e lata de café e pediu agua.

– Lá isso temos com fartura, lóvado Deos! acodio Vieira com presteza, trazendo d’ahi a instantes uma cabaça pelo meio.

Preparado o café, foi Vieira o primeiro servido com uma coitesada, pedindo repetição e elogiando a qualidade do café.

Terminada a refeição de unica especie, os hospedes arranjaram umabôa cama de couro de boi, activaram o fogo, em torno do qual apinhara-se a cachorrada

morrinhenta do Vieira, coçando pulgas e rabugens, batendo os dentes.

Vieira, assim sentio-se confortado, deu á taramella com o Romualdo, até vêl-o coxillar, abrindo a bocca.

Isto presentido, despedio-se quasi depois da meia noite.

Antonio dormia desde tres boas horas.

Romualdo era um rapaz intelligente; e, não se conformando com o procedimento do primo, sondava uma desforra.

Pensando bem nos meios, sem mais preambulos havia já executado uma das suas.

Accordou Antonio, falando ao ouvido:

– Levanta-te, vamos comer alguma cousa.

Antonio resmungou, estremunhando de cansaço e somno.

– Levanta-te, moço!

– Que é?

– Fale baixo, Comer!

– Comer o que?

– Ora, senhor!

Antonio levantou-se não acreditando o que via.

A choupana espaçava-se em compartimentos de frageis caiçaras, servindo de paredes. Vieira occupava os aposentos inferiores, inteiramente isolados da sala; contigua á essa, seguia-se um quarto, cuja porta, também de caiçara, estava mal atravancada, amarrada por embiras um tanto podres.

Romualdo, ateando o fogo lobrigára por entre as estacas uma pilha, de queijos, cujo cheiro de ha muito adivinhára.

Percebendo que Vieira se accomodára, com a maior pericia e sem bulha, desatára as embiras e se foi aos queijos.

Com Antonio, pois, comeu a valler quanto poudes. Terminado o lunch, accrescentou:

– Isto não pode ficar assim, Antonio! Este safado, agora, paga-me, não só o café que tomou, e mais ainda a ruindade e prosa cacête que deu-me, com receio dos queijos de usura. Não dormiremos mais.

– E para que, se já é madrugada?

– Dizes bem. Vá apanhar os cavallos e arreia-os.

Apezar da chuva que não césara, Antonio sahio immediatamente e não se demorou.

Instantes mais, tudo prompto!

Romualdo, voltando ao quarto com os alforjes, enchera-os. Arranjou alli mesmo um sacco e empanturrou-o também.

A pilha era immensa; e não havendo mais onde deitar queijos, geitosamente com embiras preparára um bom volume.

Devidida a carga e acondicionando-a nos dois animaes, que eram possantes, tratou de partir.

Antonio, tendo cavalgado, esperava Romualdo que, armado de uma

peia forte e ensebada, dentre a cachorrada que dormia grunhindo a sonhar, escolhera aquelle que o aggredira na chegada; e, agarrando-o violentamente, brutalmente pelos pés, desandou-lhe a todo o risco sempena, sem piedade aquelle latego.

Quebrando mui de proposito a tal porta do quarto, arrastou-o por dentro; e, na formidavel tunda que passava, derribou, espalhando por toda a parte a celebre pilha de queijos, e, vociferando e surrando, voltou á sala n'um barulho infernal.

A cachorrada em sobresalto não esteve para conversas; sem respeitar a chuva, espirrara por quanto matto houve, sumindo-se.

Embuçado nos seus trapos apparece o Vieira.

– Que é iss'aqui?...

– Que é isto? Pois ainda se pergunta o que é isto aqui? Respondeu Romualdo todo encolerizado; meu primo cria, não sei pra que, uma cachorrada esfomeada, que agora mesmo acaba de espatifar tudo n'este quarto. E dirigindo-se para fóra, cavalgou ainda berrando:

– Vá ver que aconteceu, que eu não sei. Forte desparate, senhor! Perdi a paciencia e foi-me preciso, contra a minha vontade, dar uma surra n'esse, que de lá vinha sahindo. E adeos! até vermos, pois que aqui mais não fico.

– Ora e veja home!... Nam seio qu'e qu'elles qué! Apois lá nam tem nada... E ocês já vão's embora?

– Adeos! meu primo! Dê lembranças á prima... Até outra vista.

Adeos! gaguejou o Vieira com voz tremula... de ódio; farei presente o seu mandado.





## Páos d'agua

**Personagens:** *Benedicto Barão, Felyppe Barbudo e Egmydio.*

**B***enedicto Barão – (vendo o taberneiro encher meio páo de cachaça mandado de Felyppe) – Uvi pru lei in via dizê, que me pegaro o meu Inlóe para o enganjo. Eu não valo nada; só tenho os cinco zangico de forquia da Estiva; mas porem, eu tambem tenho um consolo: que, quemo enganjou, seu Felyppe, também é... de... lordal-o! É de ... lordal-o!*

*Felyppe Barbudo – Psiu! Fala báxo. Hoje não temos berração. O dia é nosso, apois não; apois, quem pôis o rapais no enganjo, stá visto qu'é de lordal-o mêmo, e inté você tambem pega no páo da gaiába do governo. Que tem isso? (bebendo). E viva nois e tudo emquanto é bão! Já está ca farda do rês nas costa... É mió isso do que andá bangolano.*

*E... Risca!*

*Trisca!*

*Belisca!*

*E colla!*

*Rrrrr... rêlha delhado! (enxugando o copo) Mais um travanquante, uma esporada! Bebe, Barão! Antes isso do que andá carregado de alafraes, nú, cumo tu anda. Toma lá uma podarcada!*

*Benedicto Barão – (dobrando segundo copo) – Ora, poi'zé assim mêmo; deve se falá desempambado.*

*Felyppe Barbudo - Nois tudo samos homes de bens, gente de mandá chegá, home de cahí nas pimenta. Disse bem, ô disse bem, ó disse mal, ô eu stó intrepetado? Não se pode andá lambecado; que diz Emyd'o?*

*Egmydio – Ist'é qu'é negro intife e pornosco! Pimenta!... T'arru- nego! Se tu é gente de cahi in pimenta?! Tu é que já está intrepetado; incanzinou assim na dindinha, qu'é nove! Chega stá que stá... Não guenta um supetão, nem um tabefe de home, conto mais, de mais, se a gente dé assim... de supra!... Já stá hi que nem pode chamá gato, de beb'do que stá. Tu só tem rompante e bestage.*

*Felyppe Barbudo – Emydio, não brinca com quem bebe, nem cum quem toma seu gólo, uai! oxente!?*

*Egmydio:*

*Assim mêmo*

*É qu'eu sou.*

*Condo entro na taverna,*

*Não apanho.*

*Dou!*

*Felyppe Barbudo* – Ah! dahi! Malludo, malacafento! Que é da naturedade negara pote!

*Qu'é de pi pi piu,*

*É de có com có,*

*É de cacos cum cabelo*

*Pausuoro*

*Difuntóro.*

Assim é qu'é falá caralmentes, desempanbado, seu Emyd'o!

*Egmydio (rindo-se)* – Quiá! quiá! quiá! quiá! quiá! Só pro xujo! Nam! Stô dizem? O diabo inté que aprendeu na grámatitica. Caralmentes!?... Que diabo é caralmentes? Esta é de cajuleóro!

*Felyppe Barbudo* – Cum'é, Emyd'o? Cum'é que tu stádizeno?... Grámatitica?... Inté que você ainda não vio nada. Que fará se tu visse, Emyd'o.

*Os passarim zavoano,*

*E as gaivotinha cantano*

*E as caxinha ringino:*

*Inhem! Inhem!*

*E eu p'o riba dos quat'o vintem*

*In riba dos tendendem...*

Tu me tomava benção e me lóvava: Sois Christo! Sou home e cumo que, seu Emyd'o! Caralmentes óu qué dizê: na cara!

*Egmydio* – Négo de ti! Quem é você pra se lóvá Christo? Você é que nasceu oiano pro tôrno. Gente de pé rapado nunca foi home, siéba!

*Felyppe Barbudo*: Sustento o que digo. Sou home, sustento a thesia: home de fidadignia.

*Egmydio* – Fidadignia!... e que home, caralmentes? E tu é home? Tu veste calça de atrevido porque não passa de um toco de matá cobra, yaiá, muito xujo, caralmentes! Que não te conhece que te compra. Tu é que mente já cum cara e tudo, cavaeiro de induscas, sambahybeiro, véiaco do comércio.

*Felyppe Barbudo* – Óia o diabo pra que travaia, nariz de *Cagomim*! Ist'é qu'é nêgo cheio de *furdunsko*, nariz de *sellim de banda*, *nêgo loco*!...

*Egmydio* – Mais pore, isto é negro que no meu tempo, á gentes cumo de tua laia, não se oiava sinão assim: pru riba do hombro; e deixa de leprêgo, seu môço, que aqui não é sanzalla.

*Felyppe Barbudo* – Pru rêbem dita que você qué agora brigá commigo. Tu nunca mei vio de dia, e eu não quero brigá c'o tu. Bamos tumá pó de home (puxando e fazendo estalar a tampa de cuia de um cornimboque).

*Egmydio (com ironia)* – Pó de home! Tu algum dia ja tumou pó de home? O demôin anda torrano doi'zintem de fumo no caco, e ô dispois ufrece os home – pó de home... Moleque xambuqueiro, tu si cór ó menos sabe o que é pó de home, nem vio pó de home, nem vio home?

*Felyppe Barbudo* – Nem vio home? o que?

*Egmydio* – Col o home que tu já vio? Esses casacão, esses sunduga de pataca, barbudo cuma tú? Isto n'é home.

*Felyppe Barbudo* – Gentes cuma mim, que j'andei pas lav'as do Sincorá...

*Egmydio* – D'ahi! Que pramode você falá cum Emyd'o de Vasconservas, é perciso xerá aqui dabáxo d'este subáco. Tu qu'é conversá cum quem? Contadô de piluxia! Véiaco! Tu é lavrista pu derradeiro. Sópru que andou aqui atrais do rapadô, qué passá pru gente lida e corrida; agora, que fará se fosse cumo eu, na cidade de Petropes e tumasse do bom rapé-prenceza, rapé-prenceza! Eim? eim? Intenda seu Felyppe! Ist'é qu'é pó de home! N'é torrâ um fumim no caco e no espeto, esfregáno couro de moê pó, e andá chamano os home pra tomá pó de home. Tu n'é gente de tomá Nó Sinhô em jejum, nem nunca vio Santiss'mo meia noite, fóra d'hora.

*Felyppe Barbudo* – Qui stá dizeno?

*Egmydio* – Ei! stá bom, seu moço!

Cessa o remô,

Dêxa a gata pô.

*Felyppe Barbudo* – Você diz isto é aqui.

*Egmydio* – Tu nunca vio Sant'Antonio de serolla! Fala cummigo mais de vagá, mais miúdim.

*Felyppe Barbudo* – Emyd'o, você stá doido? Adondé que você já vio santo vesti silora? Isto já é a tentação do cão. Você é um inscommungado. Cruis! Pras areias gorda! Vai-te pro máo fridurico! É por isso que você já stá cum cara de feiticeiro. Só farta trazê a capanga d'uma banda. Fumacento! Hum! Tu stá véio!...

*Egmydio* – Já não estou mais bom. Se fico um tanto sirieiro, sou malcreado. É por isso que não bebo. Mais véio stá teu pai que pôis um tão ruim feitiço desta vazia ruim, cumo tu no mundo. E ei! mais de vagá c'o andô qu'este santo é de barro. Dexemo de plebas! Sabuco, cangoxeiro! Toma teu gollo, mixélo,

*non prosunta!*

*Felyppe Barbudo* – E tomo mêmo. E viva nóis, Barão! Viva a panica!  
(*bebe*).

*Benedicto Barão* – (*enxugando o copo*) – Crof rink, cep! Cececep! Fute!  
Viva a nossa cumilidade! Viva a panga!

*Felyppe Barbudo* – Viva! Muito que bens, rapais!

*Egmydio* – Que diabo é isso? Cruis! Pra tudo hai gentes neste mundo e ainda sobra um pra tocá gaita. Gente, donde veio mais este? Qual? Só eu me escafedendo daqui. Se agora, de dia, mei'dia, sol quente, aqui está malássombrado, que fará fosse de noite!

Um baque. É Barão que cahe e se esforça agora para levantar-se, estando assim a modos de quatro pés.

*Felyppe Barbudo* – Que é isto, Barão? Lavanta?

*Benedicto Barão* – N'é nada, moço. É que stou *macaqueano*...

*Felyppe Barbudo* – Apois, macaqueia em pé!

*Benedicto Barão* – Non disse? Já stou *macaqueano*.

*Felyppe Barbudo* – Emyd'o, me ajuda a levantá aqui este proximo.

*Egmydio* – Quem, home! Eu? Cambada de páos d'agua!... Seu pai é Zé

Prego.

Quem pario Matheus que o embalance. Até logo.









## O Desmamado

**M**iquelina havia derribado da trempe de torrão calcinado a panella de barro, meia, atarracada de corvina secca e gorda, cosida com abobora, e preparava o cheiroso molho de pimenta malaguêta, limão, coentro, vinagre de cana e cebolla verde, dest'arte, a tresandar pelos vizinhos e a excitar estomago o mais indifferente.

Mais de uma cara de transeunte se espichára para dentro da saleta unica do casebre de Miquelina, exclamando:

– Um! que peixe cheiroso!

– E gostoso e saboroso que deve estar; replicava tambem um visinho fronteiro, batendo o sollado do sapato á porta da rua.

Miquelina, que não era gente, ouvindo os elogios do sapateiro, disse zangada e resmungando á sua mãe:

– Mamãe, ja o diabo d'este home stá d'acólá espiano e dizem – quepêxe xeroso e gostoso! Eu hoje perparo elle. Ell'aqui não come. Do céo virá o reméido, só s'eu não fô Miquelina. Diabo, que anda bongano, impé-impé...

– Miquelina, vai-t'assucegá. Já tu começa, Miquelina? Impé-impé cumo?

– Socegá? Fum! pois não! Ora mamãe! Ist'é de mais. Inté conde nois bamos sustentá esse home? Vancê, viuva, já véia, trabaiano no tiá mais eu, dias inteiro, que só Deus sabe cumo nois arranca o vintensim, pramode este home, que não é seu fio, seu marido, nem parente nem adherente, se cór ó mêno; e este home que nemc'enxergou uma páia pranos estendê a mão, entrá agora de *babos ó nico* e pan! enchê sua pansasem mais aquella... e faça-se Deos la bom tempo... Fum! Não hai desaforo maió. Ora, logo que Nó Sinhô dá o dia, e que elle vê qu'a gentearranjou um geitim, la é vem o *nom sê quizera!*...

Peste, eu te juro que hoje tu aqui não come, diabo! pru que eu não quero, nem Deos consinte.

– Miquelina!... ralhou pacientemente a velha Maria Pinta; que tem? Pobre home, não tem quem faça as coisa a tempo e á hora; é verdade que isto é um máo costume, minha filha! mais que qu'a gente é de fazê? Não poudemos corrê cum quem nos percura.

Eh! mamãe! Ancê cum sua piadade fais mal a si mêmo. Ist'é um xupão.

Uma tosse secca, desconchavada, gaguejou o visinho n'esse momento.

– Tosse, inferno! Isto! tosse! póde tossi, eu te faço as barba hoje e é cum caco de cuia, barbeiro de parede!

E Miquelina lavou ás pressas o prato fundo de barro, enxugou-o bem, enchendo-o de alvissima e nova farinha de mandioca, frescamente torrada-pé de forno. Despejou o caldo gorduroso e apimentado no prato e a farinha rescaldaada emergio do fundo n'um odor delicioso; era o pirão. Por cima deste foi pondo em ordem as postas de corvina, adubando-as com o molho.

Um baque na rua.

Miquelina olhou.

A porta do sapateiro estava a se fechar.

Tendo observado, na treta, que a hora da mamata se aproximava, apressadamente arrumára o meliante a tenda, e resoluto correra á casa das vizinhas.

– Mamãe, la o demonho ja vem; ande depressa. O dicomê stá no prato e uma coisa só lhe peço; não me chame este home pra comê; deixaelle commigo.

E as duas começaram almoçar.

– Dê bons dia! Saudou abemoladamente o sapateiro á porta.

– Cala bocca, mamãe! Não responde não! murmurou baixinho, Miquelina.

A velha não esteve pelos conselhos da filha. Ia responder, teve vontade, mas, olhando ligeiramente para Miquelina e a cara brejeira, comica e afressurada do sapateiro, quasi engasgou com uma surda gargalhada que a muito custo poude reprimir, pretextando qualquer cousa.

O saudante engulia agua da bocca; e desapontado com o silencio, abrio os braços á porta, tossio, escarrou, olhou a rua para cima, para baixo, á direita, á esquerda, e, moleque escopeteiro, caradura, entrou.

– Gente, hoje temos peixe, e não me dissero e nem me chamaro.

Sempre o mesmo silencio.

– Ih!... e é curvina secca e gorda, gente! Bom peixe, bom mocado! Ôh! Que peixe cheroso! e hoje, sexta-feira, dia de guarda! E o môio! ôh! que môio que cheira, gente! Só S'ea Maria sabe aperpará um môio'assim; ou foi d. Miquelina?

Ninguém respondeu.

E as duas senhoras estorciam-se; o caso aggravava-se e a vontade de rir era immensa.

O sapateiro, impaciente e desesperado, concebera uma idéa magnifica; mas, Miquelina cortára-lhe desta vez todas as esperanças, revirando no prato todo o conteúdo da panella.

E la se hia o almoço.

Mais um instante e tudo perdido!

O desvairado sentira déveras o rato da fome devorar-lhe as entranhas; não quis perder tampo, não contou fiado.

– Gentes! mas, que peixe! Qual! só eu comeno um tequim d'elle. E adiantou-se. Procurou onde sentar-se.

Nem um cepo!

Acocorou-se entre as mulheres á beira da fogão, relanceando os olhos por toda parte.

Nem um prato! rompeu elle. D. Miquelina, dê-me um prato!

Miquelina não deu ouvidos. Escondera tudo e mandava o *verbo* atodo o panno.

– Senhora, metta-me na mão uma faca, choramingou o capadocio, sondando os recantos da salêta.

E almoço... o peixe... ah! o peixe! La se hia tudo!...

Uma bôa parte restava ainda, mas, valentemente atacada.

– Senhora, metta-me na mão um *galfo*!...

Uma *cuié* senhora!...

A ultima posta da corvina, sua ultima esperança, sahia do monticulo de pirão no fundo do prato sob valentes dedos de Miquelina.

– E vae-se tudo! Senhora, metta-me na mão uma casca de páo, senhora! Quasi liquidado o almoço!

– Senhora, metta-me na mão um... um... o diabo! bradou elle desesperado, sem remedio, pansa vasia; tudo liquidado, retirando-se incontinente furioso, xingando, damnado da vida.

E nunca mais bôdas ao céu sem tamborête.









## Casamento a Facão

**L**onginquos ermos de sertão! Por volta das cinco e meia da tarde batia á porta de uma choupana um viajante:

– Ôh! de casa?

– Ôh! de fóra?

– Bôas tarde, s’ea dona!

– Dê boas tarde. Vancê qué alguma coisa?

– Já stá muito tarde, mea dona! Venho cansado, e tempo não tenho de ir mais adeante. Desejava qu’ancê me desse rancho, ó mêno pra passá a noite.

– Cum’ é a graça d’ancê?

– Policarpo, m’ea dona!

– Impô, seu home, aqui den’ de casa, não posso não... ; agora, é vancê (seu Pilicarte, não é?)

– Sim, m’ea, dona!

– Agora é vancê s’alloyá n’aquelle rancho, inté seu Paturnio chegá da roça. Elle não tarda, não!

– Não tem duvida.

E o Polycarpo arriou a tralha em uma choça aberta, incommoda e immunda na extremidade do terreiro, expulsando de lá os porcos, e por la se ficando.

Uns pecurruchos, empallamados, de vês porquando, alvoratados e bravios, espiavam o viandante e corriam alacres para o interior. Sujos e maltrapilhos coxichavam e riam-se com algazarra, suspirosos talvez do jantar do hospede, que á essa hora devorava um punhado de passoca com rapadura, rebuscando o sacco.

Á uma ligeira surra e ralhos da mamãe recolheram-se, não mais apparecendo, os petis, n’uma choramingata. Nesse interim, vem chegando o Petronilio todo apetrechado de enxada, foice, machado, alavanca, batendo-lhe na perna enselourada um embainhado, largo e comprido facão-jacaré.

Encontrando a lamuria dos meninos berrou nervoso:

– Êta, diabo! forte vida desgraçada! Qu’ é iss’aqui? E a meninada correu, abraçando-o a mexericar:

– Mamãe nos bateo, papae! Mamãe nos bateu!

– Que c’ôces fizeram?...

– Nada, não!

– Essa muié stá c’a n’agua hoje virada! Stá damnada. Mangarida, pramodes que foi qu’esses menino apanharo?

Margarida, toda tremula, desculpou-se:

– Apois seu Paturnio, esses seus fio stão perdido pra éspia...

– Espiá cumas, Mangarida! Quá, senhô! ist'é uma miséra e eu vou acabá qu'isso. E o Petronilio, sem descansar, atirou o petrecho para o terreiro, junto á uma bôa pedra de amollar e alli foi afiar o facão e outros ferros da agricultura.

A Margarida, temendo qualquer zumzum, veio á porta.

– Eh! Você so qué laborá e ficá brabo commigo; mais, não rupára que ninquem mais pod' chegá n'esta casa, qu'esses menino não steje aéspia; o ponto é mexê, assim, c'a bocca...

– Eh! você mêmo... han!... apois quem é que chegou aqui? muiê insonêra!...

– Antonce, ocê não vio ainda o passageiro la no rancho!...

– Eim? Que passageiro?

– Eu agora é que seio lá?

– Óia! eu não stou dizeno? Pruque você não mandou o homem gazaiá cá em casa, e deixou elle ir pr'aquelle rancho de porco, Mangarida?

– Ora vancê não dasse! Pruque você não stava em casa.

O Petronilio cessou de afiar o facão. Realmente não observára e gritou:

– Ô Senhô? Anda pra cá! Sahe d'ahi, qu'ist'ahi é bixo de porco prubôrra, pru castigo!

– Não senhô!! acodio o viajante. Aqui estou bem.

– Não senhô! Anda pra cá; o rancho é cá. E continuou afiar o facão, enquanto o desconhecido, arrumando novamente a tralha, saudou o Petronilio, dando seu nome.

– O senhô pod'entrá e s'aboletá.

Entrou o viajante, passando um olhar desconfiado e rapido em torno da figura agigantada e mal encarada do Petronilio, côr de tacho areiado, ossudo, abrutalhado, voz de trovão. E installou-se a um canto da curta sala, em um cepo de aroeira e dalli, acocorado, tudo observava.

Margarida trouxe o jantar: um prato só, de barro, enorme, atarracado de um morrete de arroz com carne picada – pedra e cal – e chamou:

– Paturnio, vem comê!

O Petronilio experimentava á essa hora com a unha se o facão estava bão; passando os demais ferros, levantou-se; e encaminhando o nariz comprido e adunco para o prato, collocado em cima do girão de varas a servir de meza, bradou, sem olhar, para o hospede:

– Vancê banca! Dicomê de pob'e!

– Não senhor, ja me fiz: faça vómincê qu'é meu gosto. Petronilio não rogou.

– É pouco, mas porem, desavexado.

– Não senhor.

Elle sem dar assumpto, fincou o garfo, devorando o pratarraz com o taiperio de picado de arroz. Terminando, sacodio a toalha com um restinho de

farinha que ficára, estendendo-a de novo no mesmo girão. Anoitecera.

Dirigindo-se ao frechal da casa, de lá, escondido, tirara um embrulho de papel. Desenrollou-o. Continha uns tocos de velas que apanhára em um enterro a que assistira no arraial. Accendeu-os todos. Eram dez. sumio-se pelo interior da casa, vasculhou-o, e em seguida apparece, trazendo uma imagem do Crucificado, collocando-o ao centro de dez tocos contra a parede.

O viajante olhava para esta scena com um certo terror, sem nada comprehender; porem, esforçando-se em conter o medo de que estava possuido.

Petronilio tomou de novo o facão, experimentou-o, fazendo uma carêta, passou-o na pedra, depois em um páo de bority, molhou o pulso cabelludo com a lingua, apparou os cabellos ruivos d'este e berrou em tom furioso:

– Mangarida!?

– Que é, seu Paturnio? acodira Margarida lá dos fundos appressadamente.

– Paturnio!... eim? Chegue pra cá. Eu hoje não stou bom. Quero cabá com essa geringonça. Não guento mais esta vida dos diabo. Chega pra cá. Chega pra cá! Margarida não demorou.

– Acabemo qu'isso! Aqui hoje nois temo uma boa testemunha. E virando-se para o viajante:

– Eh! Temo ou não temo, siô?

– Temos, sim senhor! respondeu com voz tremula a tal testemunha.

– Bens! han! E antão? Você, antonce, diga aqui uma verdade: qué ou não qué se casá cummigo?

E correu o facão espelhante e afiado em uma das varas do girão.

Eu... quero! disse margarida.

– Apois n'esta hora é o nosso casamento.

– Nesta hora?...

– Nesse instante!

– Seu paturnio, ocê stá doido?

– Doido que?!

– E o pad'e?

– Cal pad'e, nem Mané Pad'e, home! Hoje não usa mais isto: j'acabou. O governo qué e só adopta é o casamento do fuzil, como eu vi lá no arraiá sisturdia. Pad'e na minha casa sou eu, c'o essa image que nois stemo veno, e aquelle senhô qu'alli stá. Venha se cunfessá, não tenha mêdo de nada.

– Seu Paturnio!...

– Que é? A gente se cunfessa c'um pé de páo, conto mais c'ascriatura. Cunfessa c'um pé de páo, que condo acabá, as fôia delle murcha tudo e cahe; ô dispois, col são seus peccado que você tem, que não pod'se dizê? Nois temo vivido junto?

– Temo.

– De quem é esses fio que nois temo, não é nosso?

– Elles... é nosso.



– Apois antão? Nam tem nada de se cumfessá. Agora, venha d’ahio siô sê testemunha.

– Que? articulou de mêdo o viajante.

– Eu que? É o siô mêmo. E correu o facão nas varas. Aqui o sinhô não tem de que tê medo. Ande pra cá e pegue n’esta vella.

O hospede obedeceu (e que jeito)! arrastando-se para o improvisado altar, pegando a vella e assistindo sem resmungar.

E o Petronilio, meneando o facão, toou:

– Mangarida, você jura p’esta image, que você qué casá cummigo?

– Juro.

– E leva gosto?

– Levo.

– O siô bote bem assumpto!

– Sim senhor, stou botano!

– Apois, eu também juro e levo gosto e diga a senhora:

– Eu...

– Eu,

– Mangarida Camêlla Cavalleira...

– Mangarida Camêlla Cavallêra,

– Arrecebo a vóis

– Arrecebo a vóis

– De Paturnio Jacaré Tristão...

– De Paturnio Jacaré Tristão,

– Pru mei legit’mo marido,

– Assim cumo qué

– Assim cumo qué

– E manda

– E manda

– A santa mad’greja,

– A santa mad’greja,

– Cathorca...

– Cathorca

– Postorca...

– Postorca

– De Romas...

– De Romas.

– Eu, Paturnio Jacaré Tristão, arrecebo a vóis de Mangarida Camêlla Cavallêra, pru m’ea legit’ma muié, assim cumo qué e manda a santa mad’greja, cathorca, postorca, de Romas.

Stamos casado. É ou não é, siô?

– É assim mêmo.

– Acabou-se. Agora, n’é mais mió? Mangarida?

– É! mais...

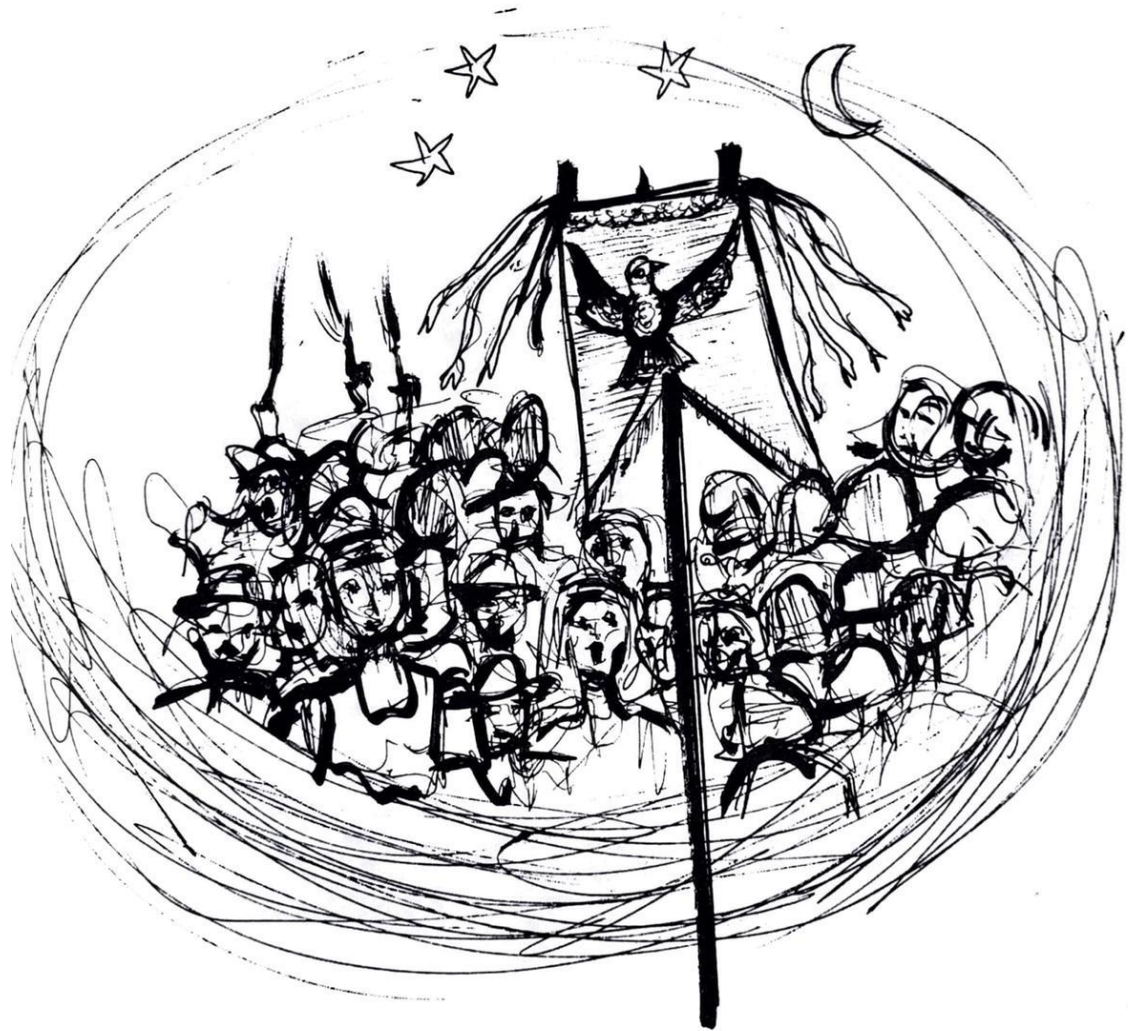
– Uê! stá bom! Mais o que? A millura stá grossa!  
– Não, Paturnio! É que conde me cumfessei, m'esqueci de contá um peccado...  
– Apois, col'ê antonce?  
– E eu que m'alembro de tê dito uma feita que o senhô era muito feio.  
– Ora, que tem isso? Os fio que nós temo não é nosso?  
– É.  
– Já não se disse isto uma vêis?  
– É!... já disse.  
Apois não tem nada. Isso Deos perdôa e eu também. Bamos drumi qué tardes, apois,

Quem ama cum fé,  
Casado é.

E o Petronilio, volvendo para seu hospede, novamente indagou afiando o facão nos buritys do giráo:

– Eim s'iô? É ou não é? Stemo ou não stemos casado? eim, siô?  
– Eh! não hai premoves; stão casado.  
– Eh! apoi'zé! Fum!







## A pauta

- E**ntonce, meu moço, o senhor qué tomar a vintura – pauta chamada – com o diabo, não é assim?
- Sim, senhor! e foi logo para isso que me dirigi á sua casa.
  - Foi pra isso que o senhor se dirigio á minha casa...? Quem o mandou-le?
  - Mandaram-me.
  - Tem muita coragem e muito se confia na pessoa que o mandou-lhe, sem saber o risco que corre.
  - Se quem indicou-me sua pessôa, não fosse de sua intima amisade e não soubesse a fundo de tudo, por certo aqui eu não viria nunca.
  - Por certo; mas, não é assim tão facil como se pensa: stá se vendo que é mesmo um home de corage; mas porem, é com o principosto... isto é, quero dizer, stá em veremo: saber se o senhor cumpre ou não o que eu lhe ordenar.
  - Experimenta, se quizer e já.
  - Entonce, queira ouvir-me e arresponda o que eu vou te preguntar no mais regoroso insélencio e segredo de portas fechadas mediante também uma grugêta que arreceberei ô dispois.
  - Como for do seu agrado.
  - Apois bem, entremos; vou trancar a porta.
- E a porta se fechou por mais de duas longas horas. Aberta que foi, dois homens despediam-se:
- Até domingo de paschoa, sem falta alguma.
  - Adeos! inté domingo de paschoa.

\*\*\*

Prestes a semana sancta! Em uma das missas, pouco frequentadas do povo, um individuo acabava de receber a sagrada particula. Fingindo o mais profundo recolhimento, levantou-se da meza da communhão e apressado se dirigira á sachistia inteiramente deserta. Uma vez alli, sacára uma caixa de pau de

phosphoro, modelo antigo, e dentro cuspira a hostia santa, guardando-a cuidadosamente no bolso da calça. Terminada a missa, enquanto não se fechava a igreja, permanecera orando, ou falando baixo qualquer cousa, andando por diversos altares, até que, vendo ranger a porta principal, concluira, retirando-se. Alguns dias durou aquella scena de rezas e falas, sem que desconfiança alguma despertasse o horrendo sacrilegio.

Entrada a semana santa, isto se repetira ainda uma ultima vez; isto é, a reza ou conversa aos altares. Sexta-feira santa! Era no tempo eu que a igreja nesta dia abria suas portas até á uma hora e duas da madrugada, borborinhando povo, indo e vindo, levando esteiras, colchas, cobertores, travesseiros para dormir no templo uns, outros, como inda hoje em nossos dias por vigílias taes, munidos de cadeiras, tamboretas, cachaça, vinho, cognac, etc, etc; para palestra e raros, rarissimos para a oração. Dada uma hora da manhã, pediam alviçaras a Nossa Senhora pela resurreição de Jesus. E só então, retiravam-se. Era e é ainda dessa crendice o costume alviçareiro para alcançar da Virgem cousas inauditas: riquezas, saude, bellezas, casamento, posições sociaes, poderes, etc, etc.

Parte desse povo seguia outras praticas de devoção, inda hoje usados e abusados – as encommendações das almas – na cidade e nos arraiaes.

Os annos porem, passam-se, reformando homens e costumes.

Hoje, esceptuados os janotas mettidos á sebo de descrença e molecagens, tudo mudado felizmente. Mas, não nos esquecemos, nem podemos, dos resaiços de outrora.

Soavam matracas e lamentações cantadas a *Jeremias* em toda a parte.

Nessa horas de penitencias e votos por um luar clarissimo, não raros grupos encommendadores de almas, homens e mulheres em promiscuidade, embuçados em amplos e alvos lençóis, esgueirando, ou estacionando-se ás sombras do casario ou ermas estradas, silenciosamente respeitosos, crentes, muito crentes de acompanhados pelas almas do outro mundo. Por esse tempo em pleno luar, ao meio das ruas mais publicas ou de desertas viellas, vultos amortalhados jaziam no frio chão, arrastando-se ao ranger de ferreas disciplinas, derramando copiosamente o culpado sangue de estação em estação que terminava sempre á porta da matriz. Uma dessas patrulhas pénitentes chegava á egreja para ultimar seus trabalhos por uma rua que alli, *ex-abrupto*, desembocava, e tivera de recuar horrorizada deante do seguinte facto:

Um individuo, amparado pela sombra e muito unido á porta principal da egreja, falava á meia voz, porem, claramente que poudesse ser ouvido:

– Nossa Senhora, hoje vim me despedir de vós. Eu de vós não quero mais nada, e pode dizer a seu filho Jesus Chisto, que eu d'elle não careço mais; delle nada mais perciso, nem quero. Vim me despedir pra todo sempre.

Não quero mais peditorio seu, nem d'elle; hoje pertenço de corpo e alma ao diabo, e adeos pra nunca mais até nos campos de Joséfais no dia do Juizo.

Adeos! Padre Eterno! Adeos, Espirito Santo. Amem. Repitira isto mais duas vezes. Dirigindo-se ao cruzeiro que estava proximo, fez igual despedida; terminando, estendeu n'a rua uma toalha, n'ella depositou um crucifixo, saltou-o por tres vezes; *não* tivera porem, tempo, para ir mais longe com aquella comedia; pois, que, apanhado em flagrante pelos da encommendação, fugira ás carreiras, deixando no lugar a toalha, o crucifixo e um ovo de pato.

Ao amanhecer seguiram-se os commentarios.

Dos encommendadores um grupo affirmava que, em uma das estações fóra da cidade, proximo á uma velha encruzilhada, ouvira como que alterações e a voz de individuo a gritar: maioral! maioral! Ja tedei o meu sangue, o meu corpo, a minh'alma. Venha como home, não venha como um covaldo! Que viram e era verdade, sahir do matto uma galinha preta, choca, c'uma rodada de pinto, logo após um porco monstro, um bode a gumitar fogo pela bocca, pelos ouvidos, olhos em braza, chispando raios azues e tudo a trezandar uma catinga de enxofre, tinindo ferros que faiscavam ao longe como um duello. Que n'um bodejar de roncós e estouros começara a lucta, mal tendo o individuo da ventura o tempo necessario para se defender. Que ninguem sabia, ao certo, quem o auctor de semelhante diabruras. Passada que foi a semana sancta, o sachristão queixára-se de certos roubos sacrilegos na matriz por mãos mysteriosas, dando que pensar á uma população inteira que, sem descanso farejava o paradeiro do ladrão; dahi vozes murmurios, indagações curiosas, provocantes de uns e de outros em toda a palestra, em todo o canto onde cheirasse a um ajuntamento de pessôas, até que afinal, vehementes suspeitas alcançaram um culpado, que, aterrorisado, se vio na contingencia de expatriar-se para sempre da localidade.

\*\*\*

Perguntava um dia o pescador Zé do Povo a seu companheiro:

– Mais, que diacho tem o Quincão Cornimboque, que desna muito dantes da semana santa anda sumido? Vancê não me diraes? Ninguem é capais de sabê aonde elle véve socado; e condo por acauso se vê elle, é numa roda viva que nem parafuzo... não me diraes, eim? seu Mané Canguixa? Vancê, que mora vizim d'elle de parede e meio?

– Seu Zé, não seio não! Não seio de todo le dizê. Aquelle home é um doido, uma cabeça tonta, um vais de velóis. Eu não vi (Deos não me chame pra testemunha, é segredo aqui pra nós que ninguem nos ôva), apois, não foi elle que na sexta-feira da páxão, (dizem, eu não vi), foi tomá partes c'oxujo?

– Seu Mané Canguixa, que stá dizem?

– É o que stou le dizem, seu Zé do Povo!

– Seu Mané Canguixa?!...!

– Entro na taca, moeno!

– Ein?... Entrou... Deu-na retintiva de dizê qu’era...

– Ora veja! ... Comeu coro sedoso! Eu vi eu c’o estes que a terra é de comê. Preto véio deu-lhe uma surra de mandá chegá. Chegou ficá monzuado. Sou vizim d’elle e seio de tudo; e aqui pra nós que ninguem saba, tomou chicote de marombá, entrou na xaramadusca, e calado, umdia d’este – treis n’an-t’honte. Uma novena de peia! Vancê não vê elle andá mais cum’andava... na plisicopéa!

– Não! nhôr sim! Eh! tenho precebido isto mêmo ... todo mufumbado!...

– De mururú... a modes que zamboado!

– Isto mêmo! Nhôrsim! e bangolano! Agora, não seio praque?! Ummôço tão apessoado, moço bonito!

– Quá! Moço! Boniteza ni moço ja passô-se o tempo. Boniteza ni home é cumo habilidade ni égua.

– Apois, aquillo foi peia, cumo os diabo! No domingo de Paschoa andou de macacôa o dia inteiro. Foi nas purga e no gumitoro. Chega stá c’o corpo incalombado!...

– Ôrre! côrno! Eu não lhe progunto sem rezão. Uvi se dizê que fôro na igreja e subacaro um pedaço da pedra-d’ella, furtaro uns sanguins, cum bom mocado de cêra de santos-paschoá p’amode fazê o patuá do breve da marca c’um escrelinha do santo-lém qu’arranjou não seio aonde. E essas mestrança, ja se vê que é das induças delle. Deos tambem não me chame pru testemunha, mas, é! Seio mais, praque nós se demo muito.

– Inté, moço, não lhe conto, eu achei uma coisa no quintá delle, ese fô verdade que, disque que o pod’e diz, elle avôa brejo, barra fóra, cumo sem duv’da!

– E hai mais novidades?

– Se hai! Eu li conto mais logo, ou alhas, não tenho corage.

\*\*\*

– Romão Canhôtô, você é negro velho apreatado e morador nestes sarandys d’estas beradas, sabe dizer-me que tapera é uma desse lado, aquém do Remansinho?

– Seio lá, patrão! Dis’que foi de um desgraçado que n’ella morreu, cumo torresmo na lavarêda.

– Como torrêsmo?

– Nhorsim; e aquillo foi canella, foi polv’a no fogo; Deos me perdoe, mas porem, se é cumo diz, nós tudo apolodimo muito.

– Applaudiram? Você também? Que historia curiosa! Como assim?



– Antão, Vancê não uvio se falá dum tal Quincão Cornimboque – chamado?

– Nunca! Inda mais historias de cornimboque!...

– Um! bem más! Não vê...

– Fala serio. Nunca ouvi, nem pronunciar-se tal apelido.

– Home, apois, é coisa nunca vista; vancê, marticulado nesse concovio de gente ladina não sabê?...

– Mas, você bem vê, que por esse velho e grande mundo ha muita cousa que se ignora. O homem é sempre um ignorante; todos nós somos ignorantes; eu, você e outros. Ha segredos que só Deus!

– Ué! Inté ahi é dunga e o Canhoto escaroça.

– E então, como quer que eu saiba de tudo?

– Uai, uai, uai, uai! Quem lisou banco...

– Que banco!? Com esta desculpa vai você se escafedendo de contar a historia, eim?

– Quá! isso não tem milodença eu desna que ancê deseija sabê.

– E fico-lhe muito obrigado.

– Nam tem duv'da; não hai de que.

– O Quincão, vancê bota bem pra sumptá.

– O Cornimboque – chamado – tinha uns cobrim destrocado que herdou do finado esfallecido pai delle; e rapais do trinque, de amô incultrado na taba do peito, eim! moço fogoso, c'a quentura do vintem, cahio logo na distrocacia e na tafularia de tudo conto não prestava, e n'um soffregante, pan! ficou nas casca e tão ruim de sorte, que o reméido que teve foi tuma partes c'o xujo Satanais, cafageste, Caifais.

– Partes c'o xujo? como, Canhoto?

– Oxente! patrão! antonce, ancê inóra da parte? Uai! uai!uai!

– Eu?

– Uai! Ond' é c'ancê não sabe?

– Você stá doido?

– Doido? Assim subesse eu, cum-ancê sabe.

– Mas...

– Mas porem, bamos antonce ao causo. Vancê sabe e conhece bem ond' é o Alto Grande, acima de Jenuára?

– Sim! sei...

– Muito que bens! Apois alli morreu e morreu o malhó dos feiticeiro do Rio São Francisco, cumo não é de havê outro – o Torrado Xéroso – chamado.



– Torrado Cheiroso? que nome!

– Ah! Torrado desgraçado, patrão! Ah! Torrado que já deu pancas elevou gente pró buraco, que não foi conversa fiado! Coge c'arraza c'o povo d'essas beirada, se os menino não abre os óio c'o elle!

– Que fizeram?

– Quebraram-lhe a pauta n'uma quinta-feira malhó, cúmas ingrizia musturado c'a jurema preta que dero a elle pra bebê enganado, e que desta deu couro ás vara. E se os menino não são mêmo inziminado, depois elle não bebia.

– Xi! E o outro da tapéra.

– Eh! Vancê incauzinou c'a Tapera!... Esse da tapera – o Cornimboque – chamado, foi na casa do Torrado Xéroso; e o Torrado, ô dispois de trancá c'oelle e tiral-o sangue delle pra siná o nome no liv'o do capeta (Cruiz); deu-lhe um ovo pra chocá, um ovo de jacaré pra chocá debáxo do subaco.

– Como é isto, Canhoto?

– Inhô? É cumo stou le dizeno.

– Mas, chocar um ovo enorme, cascudo, de um monstro e de tal modo?

– Eh! depois é! não stá na duvida. Ahi é que stá o bão do negoço, oxente! A gente (la elle, não eu) dis'que o bota o ovo debáxo do subaco, e não tira o dito cujo ovo, sinão ô dispois de chocado tres sexta-feira de coresma. Elle choca; mas porem, o que sahe não é pinto nem jacaré. O que sahe é aquella mosca grande, que é o familiá – chamado. Antonce, bota elle dent'o d'uma garrafa preta e tampa bem tampada. Quem chega indiquiri elle, stá feito, não stá pra fazê; tem tudo quanto se diseja.

– Mas, estamos deixando o Cornimboque.

– Han! Alhas qu'é mêmo. Cumo ia dizeno: Torrado Xéroso mandou o Cornimboque se cumfessá a arranjá a hostra benta pra cadijuváo negoço. Quê ô dispois que cumfessasse, fosse horas morta na porta da matriz e se déspedisse de tudo quanto fosse santo que huvesse, inté da Santa Cruiz, que era antonce pramodes hi pras incruziada tumá a vintura c'o cão. Elle, pan! meu senhô, cahio na heba de cumfessá e féis diritinho cumo o Torrado insinou-lhe.

Arrecebeu a hostra, correu e s'escondeu na são-cristia, puxou na gibeira uma cáxa de phosco, e pan! largou c'a bocca d'ento a hostra benta.

– Que miseravel!

– Han! Vancê vai veno! Correu pra casa e guardou a hostra. Na sexta-feira da páxão os menino que stava encommendano as arma dero c'o elle na porta da greja, se despedino dos santos tudo; acabou e fou-sedespedi da Santa Cruis. E os menino stavam de espia co ôio n'elle. Estendeu, depois uma toaia no chão e pulava a image de Christo, socano a faca nos peito da imagem...

– Ah! bruto!

– Vá veno!... conde os menino dero nelle uma carreira tal, que elle não teve tempo pra mais nada, déxano tudo inté o ovo de jacaré. Escafedeu-se e tomou camim das incruziada, aonde dis qu'appareceu o capatais que falou c'o elle c'uma tribusana que fazia mêdo. Ninguém stava sabeno que não era elle não!... Ahi, conde sinão conde, (língua de povoque não é brinquedo de muié fema) se descobrio-se de quem era a toaia e a image que andava, antonce, de amostra de mão em mão. El andava desconfiado, todo desmarmuriado, n'um pé e n'outro, e um visim d'elletinha visto elle tumá peia sarado. O xujo deu-lhe subacadas véia na sexta-feira da páxão, que fedeu xifre. Ah! meu senhô! todo mundo desconjurou do rapais, batia a porta na cara delle, que chega chotiá de gargaiêra, e vio-se antonce, que não podia morá mais no povoado, mêmo pruque o pad'e vigaro da freguezia soube de tudo e escomungou elle.

Mais antes disso; no domingo de paschoa foi levá a inconvença pro Torrado Xeroso. Que me diz? A cáxa stava escorreno sangue! destampou e vio bem que o sangue era da hostra. Ahi foi tão grande o remorçoque, meia noite embarcou n'uma canôa e sortou a cáxa de phosco c'a hostra no mei do canal do rio. E sumio-se pruma vêis da pavação.

Discorrido muitos anno, alli n'aquella tapéra véia c'ancê vio, já muito caducando amaincera o desgraçado torrardim que nem torrêsmo, feio, nego e preto cumo carvão. O rancho q'era de capim e caiçara, dis'que foi o capeta que tacou fogo, pruque o tempo do contracto era chegado, d'elle se afogá no rio, ou se matá c'a pistola ou faca; mas pore, não teno corage, foi antão que o xujo deu-le uma surra damnada e tacou fogo no rancho.

– E depois?

Ô dispois, o quadave jogou-se n'agua e lá se foi o mandraqueiro, cumbaquêro mó destas beradas mais o Torrado Xéroso.







## Os diamantes do Tejuco Roubo á corôa portuguesa

**Q**uem quizer saber do gosto até onde podem chegar as phantasias populares do sertão, provoque-se-lhes a endemica mania dos thesourosenterrados.

Sonhos, aparições de almas do outro mundo, contos reaes, contos mentirosos, contos de contos, historietas absurdas, casos virgens, ignorados, infalliveis discripções, velhos e novos retiros, velhas e novas tentativas, exemplos aos milhares, aos milhões, toda essa farandulagemde grandeza e interminável sêde e desejos de oppulencias que transpiram verdadeiro thesouro, realissimo: de formosas lendas, de bellos episodios edificantes, necesarios, de homens, de usos, de costumes, de logares, de remotissimas eras, repintadas de quadros da vida nacional com suas emoções, suas reminiscencias, seus soffrimentos, affrontas, vinganças e heroismos patrioticos, que os seculos vão envolvendo na poeira esmagadora de seus mysterios.

E com suas tradições e attestados indeleveis de gerações decahidas pelo desamor ao trabalho, falam-nos os templos, as cidades, as aldeias, as tapéras e ruinas varias, intrincados desertos, subterraneos, cavernase serranias.

Em toda parte onde estampam-se os idéaes impossiveis da cobiça, jamais esta perdoou um palmo de terra siquer, ou respeitou o mais sagrado monumento.

O vandalismo com o sacrilegio, de mãos dadas, tudo devastam, nada poupando nem mesmo os tumulos. E registremos de passagem, antes do presente conto, um factode de nossos dias, se nos permittem.

No cemiterio do Brejo do Amparo fôra sepultada uma viuva de um dos longinquos sitios do districto. Seis mezes depois, espalhava-se a noticia de que aquella senhora, antes de fallecer, recommendára de certo modo particular e insistente á uma de suas filhas o maior cuidado e empenho – collocar em seu caixão um travesseiro que para aquelle fim de antemão preparara. Queria, sem duvida, sobre elle adormecer, so- nhar até ao último dia. A desvelada filha religiosamente cumprira aquelle sagrado dever – pedido da extrema hora. Gozava a viuva reputação de arranjadona em bens e recursos pecuniarios de alguns contos de réis em ouro, prata e moeda de papel; mas, depois de sua morte, nada de dinheiro! Nem um vintem!

Dahi o boato alarmante de bocca em bocca no arraial, atarracado de mexericos e descreditos contra a memoria da pobre morta. Maldito dinheiro!

A filha fora victima da usura da mãe que levára para o tumulo, n'aquelle

travesseiro grande, parte da fortuna. Rapariga desasada, ignorante, bruta!

Com esses visos de verdade ou de mentira, o caso é que fôra violado o tumulto da viuva por tres truculentos miseraveis, que remexendo o sagrado deposito, estupidamente separaram a cabeça do cadaver do tronco já delido, arrancando com esta o celebre travesseiro.

Este acto de bravura tresandava a coragem de algumas garrafas de cachaça.

Deixando aberto o funebre asylo, apressadamente os salteadores escalaram o baixo muro de pedra do cemiterio por onde haviam entrado, e longe d'alli de carreira pelo campo, foram repartir o cobiçado thesouro do travesseiro; com effeito para o gaudio de ladrões e imprevidencia demuita gente tola, recalcado e empanturrado de bellisimas e ja um tanto mofadas notas do banco de... molambos e capim!

Dito isto, continuemos e ouçamos uma bem curiosa narrativa popular:

– Não acreditam os senhores em mal assombrado? perguntava em uma roda palestrante o velho Querino do arraial N.

Um dos assistentes apressou-se em responder:

– Todos, menos eu! que mal-assombrado vivo com tanta cousa que me acontece.

– Antonce é o senhor o mais home e o mais macho dos que stão na roda, eim?

– Não, tio Querino; não é por isto, e sim porque, apesar de eu ter alguns annos e o Sr. Deis dobro dos meu, não hai, cumo eu nunca vi, nem se pode dá, notiças certa adonde seje facio s'encontrá um couro d'alma d'outro mundo.

– Or'astá, Mané, seu pae! Antonce, prue o Sr. nunca vio couro d'alma, nada inzeste do que os outro cumfirma? Apois, bem? eu também nunca cunheci seu bisavô; mas porem, seio que elle inzestio e tinha bem couro.

– La conto a isso, não hai ypotes.

– Ah! apois assim é o de mais. De tudo hai no mundo. Os senhores cunhece a serra da Caveira?

– Se nós conhece!?...

– Apois aposto que, se algum dia quarqué dos Senhores alli chegá, é de sahi de lá ás carreira pramode as livosia que la apparece. Eu que lhes conte, in bens cumo a todos que me ouve. A quarqué hora do dia ou da noite, (e da noite antão)! fum! não hai cristão c'arregeste as pantaforma e bizoronha. A gente vê cachorro co gado, suças e tambôs, baruios, pareceno qu'ahi vem muita gente no mei' da pazoeira do Catingão serrado, conde la nam tem gente nenhuma, e é um diserto que so mora onça. É que alli ja foi uma grande pavoação. Muitos vestige se vê de antigas tapera den d'esses carrasco e catandubas leraba, in desna da serra da Caveira inté, cordão acima, ás matta do Rio Verde Grande que vem das banda do Tijuco, das Frumiga e terras de Grã Magô; apois neste mundão tudo de um Deos inzeste muitos cabedá enterrado de prata, ouro e diamante.

– Prata, ouro e diamante!?



– É cumo stou lhes dizem: prata, ouro, diamante e muito das Minas dos Quatroeguaes, chamado, que se descobriro no tempo do Borba Gata, do Mest' é de Campo Jenuaro Cardoso, do Vianna, dos imboaba e dos polistra. Estas Minas arrastaro o povaião da Bahia, que encheu de premenentes o sertão da marotada que veio a brigá, ô dispois, n'uma guerra que virou de muito sangue. Os antigo me falaro nisso muitas vês. Os senhores pode duvidá; mas porem, nessas matta do Rio Verde de ri'abaxo, das cabiceira inté o pé da serra da Caveira, morava muitas quadria de ladrão que atacava dia e noite os forastêro. Nesse tempo coma fama de ouro qu'era muito, abrio-se um'estrada que partia da Bahia pra Cachoeira – 12 légua. Era o premêro pouso. O segundo, da Cachoeira no Juão Amaro – 25 legua; do Juão Amaro nas Tranquêra – 43legua; das Tranquêra á direita inté aqui na berada do Rio das Véia – 54legua, e dalli inté as Mina – 51 legua. Mió conte Deos, 237 no todo do bolo. Apois bem, n'esse camim matou-se muita gente pra robá. Era um perigo. Dis'que que Mest'e de Campo mêmo foi um dos taes que matoumuita gente. Os Murrin era cercado de muraia, e pra se possá den' do arraiá... um fum! uai! tinha seus premove; era com muito pxiume comlicencia delle e ja se sabia; conde se desconfiava que o freguêis levava...eim? era recommendado logo pra passá bem passado. Infeliz desse ditocujo! Não comia mais feijão, nem farinha, não nascia mais capim. Era só botá o coração ao longe e entregá a rapadura. Mas, porem, ô dispois da guerra do Vianna, se descobriro as lavra do diamante do Tijuco.

Diamante cumo quê, cumo bagaço, pru riba do tempo stava bestano! Ora, não fartou quem nelle não avançasse, inté o Rêis de Portugal. Esse também virou guirimpêro e imporibio se vendê o diamante grosso.

Todos los outro guirimpêro so podia nigociá pedra fina e miuda que as grossa, as pedra bôa... elle vapo! Era da cria e se hia entregá no depósto, que já stava tão cheio, que o encarregado tinha pedido ao Rêis que mandasse buscá o thesourão que havia.

O Rêis custou muito, mas porem, nam mancou. Espaiou-se a notiça da tropa qu' é vinha do Ri'de Janero pro Tijuco, que conde dentre dos das quadrias do Rio Verde uma entendeu, antonce, que aquillo era um desafôro muito grande, e de causo pensado combinou robá o thesouro do Rêis, antes da chegada da tropa, e correu pro Tijuco.

De modos que, meus senhores, tropa bateo cumo quebrado; mas porem, diamante de minh'alma! Nem caroço pra cherá. Depósto limpo,espuro da noite pro dia! Ist'é que foi gente na cadeia! Casas varejada, sacco de mantimento despejado, corxão, bahús, gavêtas, balaaios, caxão,barrica, surrão, guardados, sotes, quintal, ni tudo se deo-se busca. As estrada fôro guardada; premissas e plemo a quem descobrisse, penas a quem subesse e não contasse, forca pros ladrão que robaro. Houve muitas injusta, muita mentira, muitos impute, muitos farços testemunho, muita vêiacaria, muita prisão, muito vexame e diamante virou tirira na mudança.

In conto isso, os menino stava furano as Matta do Rio Verde e o povo, a gente do Rêis tão sarapantado c'o estumipigio do roubo, que disto nem de leve se alembrou, nem nunca ninguem sonhou. Rôbo bemfeito!

– Rôbo bem feito, tio Querino? Rôbo?

– Sê besta, home! Bem feito! Você sabe lá conto sangue de brasileiro aquillo tinha custado? Ai quem me dera qu'eu fosse um d'aquella abençoada quadria! Tanta felicidade não n'havera de chegá pra pob'e de Querino. Eu faria indas pra mió!

Trondo de Rêis n'havera de vê, cumo não viu.

– Que faria, tio Querino?

– Lem do thesouro eu mandava um mocado de sordado pra cidade de pé junto e o Rêis que se contentasse c'o orão, c'as arrobas de ouro que de cá foi pra Portugal pru buxo delle e da gente delle, que mettero tudo na vórta da pá e acharo pouco e inda queria mais; in tamos que prucaso disso houve um baruião nas Minas e elle mandou matá, inforcá, esquartejá e desterrá muita gente brasileiro.

– E o thesouro?

– Ora, o thesouro! Thesouro stá hi mêmo. Este nunca sahio do Ri' Verde. Inventaro qu'elle stava aqui, stava acolá. Adio! Mentira! Vocêsconhece um bananal brabo ao pé da serra da Caveira?

– Pois não! nois cunhece.

– Ah! quiqui! E' aonde stá elle. Stá difirço de hoje se achá elle, prue o segredo era grande e os que delle sabia já morrero.

Eu seio, prue os véios, meus parente me contaro.

Os meninos fizeram o rôbo com chaves farça e viero c'o elle e la enterraro. Pra não se desconfiá, no causo d'arguma tropa que desse ou farcidade das incolumenças do Rêis, prantaro, antonce, os menino aquelle bananal in ribas, que hoje stá tão vasto, que ninguem dá venção e não se sabe mais do logá certo, de que ladro fica, inté dias qu'é hoje.









## A filha do general emboaba

– Queira V. Exa. desculpar a indiscrição – saber da verdade do seu parentesco com esse celebre Manoel Nunes Vianna, que, segundo rezam as chronicas sertanejas, fora o primeiro dictador da America do Sul.

– Felizmente, nenhum parentesco.

– Mas, diz V. Exa. – *felizmente...*

– Sim, explicar-me-ei mais logo. Diziam meus avós e outros povos antigos que era um homem muito rico e muito poderoso, fidalgo e senhor de muitas fazendas de gado e de uma escravatura tão numerosa que não conhecia os nomes dos que compunham-na, sendo necessario e de uso um grosso livro para a chamada diaria. Morava, ha cinco leguas d’aqui em um palacio, cujas ruinas ficam no fundo de uma propriedade nossa e que, cerca de uns cincoenta e tantos annos, quasi sessenta, existia ainda em soffrivel estado. Bem creança, quando a conheci. O senhor chega já muito tarde; já nada mais resta sinão alguns entulhos de alicerces, vestigios bem visiveis desse passado. Porem, se algum diapor la for, como convém, admirar-se-á e com certeza melhor ajuizará do que outr’ora fôra o Vianna. Hoje já não tenho memoria bastante para referir-me a tudo o que ouvi a seu respeito. Era um portuguez muito pobree moço quando viera, como tantos outros, para o Brasil tentar fortuna. Com umas carguinhas de fazendas, vendendo aqui e acolá pelo sertão, começara a vida de mascate; por influencias de amigos, estando já um pouco desenvolvido, alcançou do Rei de Portugal a patente de Capitão e Comandante das guerras do gentio, desde o Rio Grande, hoje cidade da Barra, até o Rio das Velhas; pelo que, conhecido e muito relacionado na capitania de Pernambuco, que n’aquella época de 1700 a 1703 prosperava e até aqui se estendia, estabelecera-se com familia no sitio de que falamos.

– Ah! então era casado?

– Sim, senhor! Appareceram por este tempo as famosas descobertas do ouro em Minas Geraes e della soube tirar o maior proveito como activo e deligente negociante, enriquecendo-se com as boiadas que levavade suas fazendas e das que comprava para vender por bons preços nas Minas. As descobertas trouxeram multidões de aventureiros de todas as partes do norte do Brasil e até do estrangeiro; uns subindo o rio, outros atravessando e abrindo estradas pelo sertão, vindo sahir em Morrinhose dalli pela margem direita até ás Minas.

Vianna, intelligente e emprehendedor, collocára-se á margem do caminho do ouro, e com habilidade dirigira seus negócios, chegando mesmo a transportar-se para a séde temporariamente. O sitio que era d'elle e que hoje nos pertence, dizem que tomára a uns pobres coitados, que abandonados e na miseria, retiraram-se para aquellas lavras.

Magnifico para a criação qual se vê até hoje, n'aquelle tempo estava transformado em excellentes envernadas; e pela posição e riqueza do proprietario, tornára-se ponto obrigado de todos os forasteiros pelo bom acolhimento que encontravam, e bem assim de mercadores, boiadeiros, negociantes de escravos, ambulancias de toda especie. Vianna voava nas azas da fortuna, adquirindo arrobas de ouro, além dos que colhia em abundante lavra que descobrira aqui mesmo neste districto de Japoré, onde o ouro era carregado em bateias e tachos pelos escravos.

Parecia um sonho tanta abastança, quando, como sempre acontece em minerações, sem esperar-se uma lucta terrivel, uma guerra, rebentára entre paulistas, descobridores das lavras e forasteiros, appellidados – pintos calçados – ou emboabas, formando dois partidos formidaveis. Vianna, de uma influencia extraordinaria, tomára o partido dos forasteiros que era em maior numero.

Travada a lucta e derramado muito sangue, foram os paulistas derrotados; e elle – general dos emboabas – acclamado governador, sagrado com tedeums e missa cantada.

Para desaffronta dos paulistas accodira o Governador d'aquella capitania; deu-lhe uma carreira de mestre o Vianna até São Paulo, onde, chegando o corredor, ja encontrara nomeado um outro em seu logar; e foi esse, então, que conseguira a paz, recolhendo-se Vianna ao seu sitio juntamente com outros cabeças da revolução, muitos dos quaes vieram estabelecer-se no Brejo do Amparo do Salgado, tomando outros o caminho de Goyaz.

A guerra acabou com o êxodo extraordinario para as Minas, apparando de vez as azas do nosso heroe que, por este motivo, fôra denunciado ao Rei de Portugal com todos os horrores da terra.

Por positivos que constantemente mandava á Bahia e cartas que lhe escreviam de varias partes até de Lisbôa, soubera aqui do que tramavam seus inimigos com especialidade o ex-governador de São Paulo.

Desconfiado e triste andava de sua sorte.

Na verdade eram reaes as denuncias.

O Rei de Portugal andava aborrecido com elle; amigos particulares avisavam-no a conveniencia de apresentar-se quanto antes em Lisbôa.

– E foi?

– Se foi!? Que jeito! Ameaçado constantemente de boatos aterradores, vio confirmado os seus desalentos, preso aqui e remmetido sem tardança para

Portugal.

Além desses motivos, um outro nos ultimos dias quasi, o desnorteavam muito – um horroroso crime!...

– Um horroroso crime!...

– E bem horroroso! Vianna antes de ser preso assassinára uma sua filha.

– Oh!? E a historia nada fala...

– Aquillo fôra um despota, um orgulhoso, um barbaro. Qual historia?! Tenho setenta e cinco annos; e, apesar de dois seculos deste funesto acontecimento, a tradição é e será a mesma.

Era eu bem creança, quando vi ainda o sangue dessa infeliz menina ennodando uma das paredes da sala do pallacio, como se um protesto vivo, porquanto, fora derramado innocentemente.

– É admiravel! E se não fosse abusar da preciosa paciencia de V. Exa...

– Entendo. Desejava saber como isto se dera.

– Perfeitamente.

– Não ha enredos complicados, e portanto, simples. Fora n'um dia de anno bom. Segundo o nosso antigo uso, reinava na fazenda uma extrema alegria, não só entre escravos, como entre familias e numerosos aggregados em visitas mutuas, pedindo festas das boas entradas do anno, atando fitas e trancelins de ouro, quem os possuia, aos pulsos de quem recebia o pedido, innocente brinquedo ou passatempo que ninguem recusava, sob pena de passar por indigno da boa sociedade, ou por muito grosseiro.

Nessas occasiões affluia ao palacio um numeroso povo das visinhanças na mais intima expansão.

Não raras vezes, nos dias da prosperidade n'aquelle lar, sumptuosos jantares eram dados aos amigos e visitantes que alli permaneciam dias e dias, dansando, folgando e se retiravam depois saudosos, carregados de presentes desses festins annuaes, captivos, sobremaneira, da formosissima Maricota, filha do nobre general, jovem de seus deseseis annos.

Por suas prendas e bem formado coração conquistara symphathias geraes, sendo o arrimo de muitas familias pobres, o idolo dos escravos pela sua ternura e o enlevo da carinhosa mãe.

Decahido seu pai do primitivo esplendor pelos motivos expostos, nem por isto mostrava-se menos solícita e caridosa para com todos os que alli chegavam, procurando um refugio, um allivio, uma consolação qualquer. Sempre a mesma bondade e as mesmas alegrias, embora um veio de tristeza pairasse sobre o destino da familia.

Corriam assim as cousas; Vianna cada vez mais apprehensivo,

especialmente pelas noticias chegadas de fresco da Metropole pelo ultimopositivo á Bahia, de vespera se dirigira ao arraial de Mathias Cardoso aconferenciar com um de seus amigos, o Marechal de Campo dos Indios – Januario Cardoso de Almeida Brandão.

Bem diverso o fervor dos passados dias.

Não obstante, ao solar da Catinga acodiam os canticos dos populares e da negralhada em doce borborinho do anno bom.

Maricota, n'uma roda viva a todos recebia, destribuindo esmolos, recebendo presentes, agradecendo, sorrindo, palestrando.

Ligeira inquietação causava na festa a demora de Vianna, a todos os momentos lembrado, e que não tardaria a chegar.

Entre os que pediam festas, apparecera um moço, filho de um dos aggregados que, muito pobre, não possuindo o tradicional trancelim de ouro e despresando fitas, lembrára-se de presentear á sinhasinha Maricota com um engraçado e pequeno cesto de fibras de palmeiras, artisticamente preparado e cheio de frescas e perfumadas flôres.

Emprazeirada recebera a moça aquele presente, e agradecendo, accrescentára estas palavras com a garridice e singelleza propria de seus quinze annos:

– Hoje mesmo pagarei tuas festas, Mauricio! Fico satisfeita e feliz. Mauricio despedira-se, rachando-se de contente.

Maricota chamou uma das escravas.

– Toma, Lina, este cestinho, da-o a mamãe; prepara uma bandeja de doces do que de melhor houver e leve a Mauricio.

– Sim, senhora, Yaiasinha!

Eram duas horas da tarde. Morno silencio!

O borborinho das primeiras horas ha muito cessára.

Na entrada do immenso pateo uma escrava, conduzindo riquissima bandeja de doces, esbarrára deante de Vianna que chegava.

– Onde vaes e que levas n'esta bandeja, rapariga?

O tom secco, alterado e imperioso em que foram pronunciadas estas palavras, gelou de terror a misera escrava, que respondeu tremendo:

– Vou aqui, Yôião, levar esses doces que sinhasinha mandou.

– Mandou a quem?

– A sinhô Mauricio, Yôião! Festas de anno bom que lhe foi pedida.

– Festas de anno bom!... ah! sim; festas de anno bom!... Já! Pra traz! trovejou elle.

A escrava obedeceu.

Vianna, livido de colera pela suspeita, quasi correndo, entrara em casa, onde, rapidos instantes depois, ouvia-se um clamor lastimavel de prantos e uma sena de sangue.

O monstro, sem reflectir, penetra na sala, encontra a filha arrumando os moveis, e sem mais, puxa da espada e investe-a, golpeando-lhe brutalmente o rosto, dando pancadas e vociferando como um pocesso.

Aos gritos de Maricota acodem sua mãe e varias pessoas que conversam pelo interior:

– Que é isto Sr. Vianna?! Attenda-nos Sr. Vianna!...

Elle, cego de ira, continuava desatinado. Por fim, acalmou-se um pouco, detido por muitos braços e muitas supplicas.

Nesse interim, Maricota banhada em sangue, vê no espelho da sala a deformidade de seu rosto pelo golpe recebido. Impetuoso corre o pranto e ella cheia de justa indignação, heroicamente volve ao pai:

– Estou ferida, estou innocente. Podia espancar-me quanto quizesse;mas, devia tambem matar-me, meu pae, antes de golpear-me o rosto.

Apagada de subito a luz da razão, dando um bote de fera, sem que se esperasse, Vianna atravessa com a espada o coração de Maricota, arremessa-a contra a parede que se tinge de sangue.

– Desgraçada, conheça que sou teu pai e que sou Vianna!

E, com a espada ainda gottejante, desapareceu, correndo estrada fóra em rumo de Mathias Cardoso.

No dia seguinte o corpo da inditosa, por ordem de sua mãe, desceu ao tumulto, aberto no sanctuario do palacio.

Dizem que nunca se vira nestas paragens sertanejas um enterro igual ao desta martyr, cuja morte, muito lastimada, ninguem mais esqueceu.

– E ficou impune esse hediondo crime?

– Como sempre ficam na maior parte os crimes de todos os potentados da terra. Por algum tempo aquillo considerou-se lavagem de honra; mas, apurou-se o contrario: um ascesso de suspeitas infundadas e nada mais. A menina morreu innocente, como dissera momentos antes.

– E Vianna?

– Aqui fora preso; e, entregando a direção de sua casa ao genro Manoel dos Santos, seguiu para Lisbôa, onde se apresentára muito apadrinhado por diversos frades e fidalgos ao Rei de Portugal; e mais apadrinhado ainda pelos riquissimos presentes de ouro que levára, mimoseando a Rainha com um annanaz, uma almofada com bilros e rendas ao uso do sertão, uma pata e douze patinhos.

E tudo isso de ouro e tamanho natural.

Magestade fingira uma justiça que estava longe, mandando recolher Vianna á prisão pelos crimes de guerra dos emboabas; porem, a intervenção da Rainha pozera-o immediatamente em liberdade. Por este preço e outros comprara a liberdade, e igualmente o perdão d'este ultimo crime de que tambem fora accusado.

De Portugal retirára-se novamente para o Brasil, carregado de honrarias.

É bem certo o ditado – lobo não come lobo. Ella foi quem perdeu avida; e elle – alcaide-mór de Maragogype na Bahia, Mestre de Campo com habito de Chisto, fidalgo da casa real.

\*\*\*

Na primavera de 1907 visitavamos pela primeira vez na fazenda da Catinga em São Caetano do Japoré, as ruinas da antiga e afamada morada do Vianna, no meio do espesso e feio matagal, onde as tradições reviviam apenas, nos grossos blocos de pedras denegridas e desaggregadas de largos alicerces; no lugar do antigo santuario, o ladrilhofrescamente revolido pelos cavadores de dinheiro, mostrando-nos sacrilegamente aberto um tumulo e neste as venerandas cinzas da infeliz Maricota, envoltas em grossa camada de calça.

Quasi duzentos annos decorridos!









## Seu Thomé

Não seio! Stá o diabo hoje! Gente gimbá c'uma canôna d'esta, duas légua rio abáxo, pra enchê de mandioca, e aindas pru ribas, arrastá varas outras duas rios a riba sem companheiro... ist'é um cravo dos inferno. Que é que stô coge pra não hi; murmurava um barqueiro a bocejar, mãos cruzadas á cabeça e a medir estupidamente com a vista a largura do rio, e mais que tudo, cheio de tédio para o trabalho.

– Ora p'a carruage sta se veno logo quem vem dentro; respondeu outro barqueiro, acomodando-se ao piloto da canôa que leval-os-ia muito longe d'ali. Esses moços d'agora, continuou elle, logo que vão cahino p'la cidade, já não regula; se você qué vê o que é gente de mandá e tomá, bole alli c'o seu Thomé, coxixa c'o elle?

Não ostia elle stá assim meio usado; isto no tempo de moço, nunca deu a farinha por mênô.

– Inté hoje! respondeu o velhote do Thomé com orgulho, saboreando n'essa hora um raio de sol matutino á beira d'agua.

– Óia, não stou dizeno? Ist'é ferro vivo, ferro véio, um risco. No tempo d'elle foi a premêra vara de barca que pizou na carreira do rio São Francisco, um barquerão de fiança, um próeiro que fazia as mulatachorá.

– Inté hoje rapaziada! Não me tróco pru quarqué moço d'agora. Stão enganado! E se querem vê pra quanto presta o Thomé, m'espromenta! Que que querem vocês do Thomé?

– E' pra nós hi aqui na vazante arrancá ûa mandioca, seu Thomé!

– Ora, e é só isso e vocês ainda stão ahi bosinano atôa?

– Pra vancê vê, seu Thomé! A marvada da preguiça...

– Cadê o remo?

– Aqui tem um.

– Dá cá! Embarca! embarca! Bamo nos embora. A canoa é essa?

– E' sim senhô!

– Forte fartura! Ora s'ist'é canôa!? Iss'inté qu'é escalé; nunca foi canôa. Quiz mandioca qu'isso trais?

– Isso mêmo, seu Thomé! E' cumo vancê diz e diz bem: quis mandioca é qu'isso trais? Um côxo desse não se póde chamá: – canôa –

– Fum! mêmo; apois stá se veno.

Emquanto isto, destrancada a canôa que era bôa, larga e bem comprida, presa ao cavallo de páo, pregado com argola, corrente e cadeado, foi ella varando a immensidade das aguas. Thomé, manejando o remo, quebrou a vaga, dobrando-a ao afinado garganteio do barqueiro, que, troçando-a habilmente, ajudava assim ao seu companheiro, agora velhaco e muito cachorro, curtindo arrobas de preguiça, deitado e bem espichado, intromettendo-se como seguida n'esta selvagem cantiga:

– Não foi, Catita, m'ea nêg'a?

– Que é, pai Bastião?

– Que que tem pra me dá?

– Osso de corrê.

– Conta vêis foi batido?

– Três vêis só!

– Brabo, mea nêg'a!

Já seio que tu é constante!

Ai! berabo! quidibedabo! brabo!

Uai! la vai! la lá! diô, lá lá... êh!

E um vozeirão desafinado, rouquenho e tremulo do Thomé:

Dandarô diô! diô! dia! diê!

– Errrr... re! diabo! Exclamou Thomé entusiasmado; e em cima da buxa queimou:

Morena bonita

Tem saia de chita,

Tem laço de fita

No seu babadão.

Se ama, stá frito

Stá dent'o do peito

Quem entra cum jeito

No seu coração.

Oxem! Êta negrada!

E o remo estallou com força, empollando a onda clara, scintillante.

– Brabo, seu moço! bravo damnado! Quem foi rê, semp’e é magestade, maganata! exclamaram ao mesmo tempo os barqueiros.

Thomé rio-se com estrondo: cês inda não viro nada os menino!

Cond’eu vim de minha mãe,

Já nasci impilicado;

De bruço cahi no chão

E já nasci bautisado.

Truve sina de valente

E os anjo dissero: amem,

Os sino dero signá

E o povo todo também.

Eu sou malhó do que Deos,

Do que Deos malhó eu sou,

Eu sou malhó no peccado,

Pruque Deos nunca peccou.

E quem quizé cantá cummigo,

Venha bem apariado,

Que’eu trago no ceo da bocca

Nó Sinhô curcificado.

Eu poei c’os treis cruzêro,

C’a hóstia de Nazareth.

In Romãs se sabe a fama

Do seu criado Thomé.

– Berabo, seu Thomé! bradou o piloto. Stá lembrano do tempo véio, damnado!

Sobi na serra do fogo  
Cum pracáta d'argudão,  
Desci nas ponta da nuve,  
Catingano cumo enxof'e.  
Cum déis corisco na mão.

Dei um tiro na Croada,  
Matei vinte na Jahyba;  
Fui preso nos Lançó  
E liv'e na Parnahyba

E dei um tiro ni Mombaça  
Qu'estremeceu a Truquia.  
Conde não chove de noite,  
Relampeia todo o dia.

– Quá, senhó! Na beraba do São Francisco não hai segundo. Não stô dizem? Continuou o piloto. Barquêrão de fiança, já dixei!

– Adonde foi qu'ôce aprendeu, seu moço? Interpellou o preguiçoso. Thomé, envaededido, retrucou:

Foi na torre de Babé,  
Na colunha de Sansão,  
Na sete fama do mundo,  
Na cova de Salamão.

– Um! Já tu topou macreado! Anda prevocano os home! Sta brinca-no cum seu Thomé e cum quem anda seu quéto! Bolle c'oelle assim es-tabafonetico! E o vaidoso, apertando a vaga, dobrou o remo, cantando com voz enfraquecida estes versos, seguidos de uma cantiga:

Querê bem não é bom não;  
Fais insona, fais asia;  
Fais a gente anda penano

Da meia noite pro dia.

Coitadinho pra quem morre  
Que paraizo não hai;  
Pois quem fica, come e bebe  
E a páxão logo se vae.

Já taquei fogo no temp'o,  
Ond'eu fazia aração,  
D'errepente acabou tudo,  
Virou pó, cinza e carvão.

Cahi do sobrado abáxo  
Fiquei todo mulestrado;  
Tomei purgas e sangria,  
Vejo o que tenho passado.

E Pad'e, Fio, Esprit'em Santo  
Na hora de Deos – amem;  
Pra livrá d'argum quebrante  
E também d'argum *porem!*

Cantiga:

“Panhou, Thereza, panhou!  
“Panhou cum chicote ensebado.  
“Se eu fosse muié d'aquellas...  
“Me daria pru injuriado  
“Panhou, Thereza, panhou!  
Dêrêrê diô, diê, ô lá lá, lá lai!

E a cantiga, casando-se com as harmonias da onda revolta, voava em saudosos ecos até às praias solitárias do magestoso rio.

– Gentes, seu Coroné stá hoje que não cabe no possive!

– Oxente! Stá bom!... Isto, no rojão, pisano assim nos panno e subino os barranco, é um distadista! Eim, mano! que diz?

– Um diputado espadoá!

– Uai! xem!... xem... a antonce? No degagê!...

– Qual! os menino! Toda vida foi e inda vocês não viro nada! disse Thomé!

Seriam seguramente nove horas da manhã, quando chegaram ao lugar do destino: – belíssima corôa de areia branca, muito lavada e alta.

Nella, como em lindo painel, verdejavam de modo deslumbrante vários plantios de mandioca, batatas, abóboras, melão, feijoaes, algodoeiros e mamonaes. Sem perda de tempo os nossos homens metteram mãos á obra, que, por proposta de Thomé, se destribuira regularmente entre os três; isto é, um arrancaria o mandioc, outro separaria os tuberas, e Thomé, afinal, conduziria em balaaios a canôa a carga prompta. E assim executou-se. Pouco antes, porem de terminar esse trabalho, o preguiçoso, abrindo muito a bocca, parado, esfregando as mãos e olhando para o sol a inclinar-se para a tarde, mal humorado, resmungava que estava quasi morto de fome, que passava de hora de almoço, que não se aguentava mais nem estar de pé. Embalde ponderava o piloto que o serviço estava quase terminado, ser melhor mais um esforço e paciência. Almoçar-se-ia depois, em descanso e com excellente apetite. Nada de razões! Não servio o conselho e o homem deu pra ruim.

– Stá bom! Não quero duv’da; bamos a elle, mêmo porque este véio, nosso cumpanheiro, tem trabaiado hoje bastante, e é perciso que elle coma alguma coisa.

– Cumo? Indagou o barqueiro. Comê quê? Adio! Isso nunca e condo? Ce stá dôido? Se o que hai mal chega pra nós dois, que fará pra sobrá pro Thomé! Elle qu’ é sella cum cangaia funda. Mocô que’ é besta?!

– Mais, isto assim não pode sê.

– Ora, se pode! Eu l’amostro. Seio de mim que vou já, mais, é comê, qu’eu não sou gaita nem berimbáo. E correu o sacco de fritadas.

O piloto que conhecia quanto o typo era perito e escovado no prato, arrastou-se também para o sacco, afundou a mão na massa, cospio grosso para um lado e antes de atirar a bocca o primeiro bocado, gritou com força ao Thomé que longe despejava uma balaiada.

– Uê, seu Thomé! venha comê!

O guloso não gostou da caçoada, devorando ligeiramente a refeição a grandes bocados; logo que Thomé foi-se aproximando, o embusteiro em voz alta, quasi a engasgar com bochechas avolumadas, berrou:

– Nos sei praque a gente véve no mundo, que não se conhece as coisa! Ora,



apois quem non sabe, já morreu! Apois stá se veno que seu Thomé afamado, no tempo d'elle, era home tão estordenaro de forte, que treis dia a fio, sem comê, pra elle era maravia. Já o pai delle, segundo se conta, da idade delle ou intão pra malhó, era o que todo mundo se confirma e diz: home de pabulage: ispramentes quando putrecava assim a palavra.

– E' a pura verdade, sustentou Thomé alli chegando e vendo com magua que todo o manjar estava liquidado. Fez que não se vio aquillo e continuou: Até hoje é o mesmo. E se meu pae er'assim, o seu fio diz: arreda!

– Ah! Ao stou dizeno? E' da raça. Apois um home d'esses é argum panquéla, argum caco de torrâ disgracia? Pena paccante é se andá c'o essas bobage. Quem inora disse é pruke qué negá; apois se desne Pracatú inté no Sargado, do Sargado inté Sant'Antonio da Barra, Pilão Arcado, Santo Sé, Patrolina, Juazêro, inté dent'o da capitá da Bahia, a fama deste home ficou imortora! Todo mundo cunhece este home, sinhô! ispramentes os premêros home destes logá, e acho inté que tem parente ni cada um, pruke é d'uma infuluença bruta.

– Seno assim, stá se veno; já dixe, qu'isto nos panno e subino os barranco no rojão do passo, é os buraco, um distadista!

– Eh! apois é!

– Infuluença, não digo; é pruke cunheço muito estes logá, cumo as palma de m'eas mão; e vocês qu'é vê? Mió conte Deos:

– Negóço – do Juazêro.

– Nobreza – de Santo Sé.

– Riqueza – de Pilão Arcado.

– Usura – do Chique-Chique.

– Pabulage – da Barra.

– Prego – d'Urubú.

– Fome – da Carinhonha.

– Fartura – do Sargado.

– Preguiça – do São Romão.

– Cachaça – do Pracatú.

– Amtão, seu piloto? Que não sou indive que anda com geremathia; não báculo a ninguém; nunca baculei. Cond'eu digo uma coisa, pod's'iscrevê.

– Eh! Ail! dis'que Seguro morreu de véio; Prevenido manga do tempo.

– Brabo, rapais! gosto de vê um hom'assim. Pod'havê, não digo quenão; mas porem, ainda stá pru nascê, qu'eu saba, um segundo Thomé; apois o que você

sabe, não é Cuma o que você agora conhece e vê. Inté hoje digo e arrepiro: sou o mêmô Thomé, e digo isto sem lijonha.

– Mas, porem, devia xambecá um tequim da passoca, observou o piloto, quasi a rir.

– Não sinhôu! Condo digo, digo mêmô. Nada quero! terminou o Thomé, continuando a trabalhar.

– Stá bom, Senhores meus!

Su'arma,  
Sua parma,  
Sua pindoba!

Vancê é que sabe... se seu badoque bota longe.

Tali pai,  
Tali fio.  
Quem te vio,  
Quem te pario.

Biatos ventos que te portais! – terminou, engolindo o ultimo bocado.

Duas horas depois, arribavam-se de volta. Agora dois vareiros arrastavam penivelmente rio acima, escorando aos barrancos, pezadissima canoa grande, atarracada de muitas cargas de mandioca.

Em uma erma ribanceira, luctando com as iras da correnteza, soava este gracejo:

Êta, diabo!  
E' a fumaça, nos ares  
penérano!  
E' a violla, no peito  
jalicano!

E os éccos repitiam: cano!... levando as ultimas sylabas, rollando, quaes se ondulladas pela superfície das águas buliçosas.

Era Thomé. Risadas de gosto pareciam suavisar o itinerário. Bom humor! Ora cantarollava-se, ora contavam-se historietas bárbaras de barqueiras

epochas, com as respectivas façanhas e contratempos; mas, em breve, tripa vazia veio avisar a Thomé que deixasse de graças, que este mundo não era uma vã illusão. Seu companheiro dera somno e pretextando *enxaquetas*, rasgou um elogio ao primeiro barqueirão do rio de São Francisco e estendeu-se a dormir no monte de mandiocas. Thomé mordeu o bico, mas não torceu; também não cantou, nem pilheriou mais.

O caso tornou-se sisudo, sisiudissimo!

Teve, portanto, que cumprir o fado e grozar fome e cansaço por duas enormes léguas, sosinho, mais morto do que vivo.

Vontade havia de fazer uma careta feia; mas, o olhar vigilante, inteligente e mordaz do piloto, pouco parlador, desistia-o da empreza.

– Êta diabo! Sta hoje um calô, cumo calma quente! disse elle amuado.

– Stá mêmô! resmungou o piloto, atirando uma cusparada grossa fora a um lado.

A' tardinha chegavam ao porto, onde atacou-se a descarga para a officina de farinha e o Thomé suspendeu balaio até o fim, até á ceia, ás oito horas da noite.

O dono da officina com o seu pessoal de serventia começou a distribuir, á essa hora, prato a prato, um a um, todo o repasto pelos trabalhadores, accressentando:

– Gentes, vancês, não arrupára não! E' uma lambuguesinha, feita de carreira, pois a labuta tem sido forte, que ninguém dá venção hoje indas. Quem não comeu venha debicá de preferença os moço que foro buscá a mandioca na l'a, apois pru certo tem muita nicicidade, apois levaro pouca comida.

– Meno um de nós, resmulungou o preguiçoso, recebendo o prato.

– Quem é esse? Stá doente? Indagou o farinhador.

– Quem é de sêr mais sinão seu Felyppe?

– Quis Felyppe?

– Ah! sim! seu Thomé! Já stô errano.

– Apois, elle foi também?

– Uê! tamém! E trabaizou muito e nós que lhe conte o causo succedido e a todos qu'aqui stão.

– Que hai antonce?

– Que hai?!... E' que home, estordenáro cumo este, não hai n'esta terra, nem piza dois n'este mundo. Trabaizou desna de ménhã, dia inteiro, bateo vara da la pra cá, e indas não vio cruís de sali inté estas horas. Home forte cuma este stô pra vê.

– Quãmo? Seu Thomé ainda não comeu hoje? Pru via de que?

– Pru nada! Acodira Thomé, entrando na officina com o ultimo balaio a despejar.

– Pruque não chegou a comida, ou...

– Porque não percizei. Condo trabaio, não como.

Não stô dizeno? Não hai um moço destes dagora pra guentá, nem castioná c’o este home. So se fô hoje: mais no tempo que eu e toda gente conheceu este home, seu Thomé deo pancas e fêis inveja a muito cabra bom. Ferrava assim no bode, no duro, e esta bocca não asuletrava dicomê. Ist’era de esparro e sarado na pabulage, qu’inté hoje corre e anda nos anné da fama.

– O que meu companheiro diz, inda hoje é uma real’dade, pruque sou e serei o mesmo Thomé.

– O que? Vancê trabaiou todo dia, entrou pru la noite, e...

– Já lhe disse, stá dito. Não quero nada.

– Antonce, vancê não qué?...

– Não percizo de nada!

– Home! com effeito! E’ estordenáro mêmo! Um! pod’sê meu avô; tem bem seus setenta e tanto janêro.

Houve no pessoal um murmúrio de admiração.

Terminada a ceia, recomeçou-se a desmancha; uns, raspando a mandioca, outros, cantarollando á roda, rallavam-na; diversos torravam ao forno a massa peneirada, que convertida em farinha, essa ia logo ensaccada, depois de bem secca e arrefecida. Pela meia noite suspendera-se todo o trabalho para o descanso, afim de o retornar á madrugada. Reinava, então, um profundo silencio na officina; um somno reparador ungia as pálpebras daquela gente; só uma creatura não dormia – Thomé.

Devorado pela fome, sentindo, alem disto, dores em todo o corpo alquebrado de annos e muito castigado n’aquelle dia pelo jejum, pela vaidade que pagava caro, pelo trabalho forçado, impossível fora conci liar o somno. Fingira dormir tranquillamente até aquella hora, tendo o cuidado de deitar-se mais cedo do que os demais. Quem via-o resonnar, murmurava compadecido:

– Coitado do velho! Chegou tão enfadado, que nem corage teve pra comê um mocado! Outros, retrucavam, comentando a vaidade e o orgulho de Thomé. Annunciára o gallo a horas mortas. Thomé levantou a cabeça; olhou: Ninguém! A harmonia geral do somno poderosamente reinava. Candieiros apagados! A escuridão nada deixava distinguir: mas o Thomé tudo havia calculado. Arrastando-se a jeito, foi aos saccos de farinha; estes infelizmente estavam não só mui bem cosidos, como ainda resguardados pelo dono e um terrível cão fila que rosnou surdo. Alarmaria incontinente.

Disitiu, portanto do projecto. A fome aguçava, todavia, o estomago pelo cheiro da farinha e de umas crueiras recolhidas a um canto do paiol.

Sagaz, tateando nas trevas, atravez de uma difficuldade perigoza, pois o puial estava cercado do mesmo modo, com jeito pode saltar um dos dorminhocos. Agora, do logar onde se collocára por cima do fôrno inda quente, estirando o braço, alcançaria um pouco da crueira torrada e saciar-se á vontade. E não contou fiado.

A crueira estalou com um ruído forte, mastigada aos ávidos dentes do Thomé.

– Caixôrrro! remoneou grossa voz pausada de somnolento forneiro. Thomé agachou-se o mais que poudé nos calcanhares, cessando de mastigar. Decorridos alguns minutos, roncava o forneiro, e Thomé: – fogo! Nas cruera: Carrotok! carrotok! carrotok!

– Caixôrrro! resoou a mesma voz, um pouco mais desperta. Ora van cê não dasse? Sahe, caixôrrro! E o forneiro fez certo movimento que o Thomé não percebera. Instantes depois, ouviam-se distintamente os roncós puxados do forneiro. Aproveitando, o faminto velho metteu o braço na crueira e com vontade devéras fincou os queixos e desta vez quase não mastigava. Rok! rok! rok! Crak! rotocrak! corrotocrak!

– Sahi pra fora, severgonho! Forte remoso de tôlo los diabo, siô! quenão dêxa a gente drumir socegado! Diabo! home! Bradou o forneiro desandando um rodo de torrar farinha no supposto cão, e ameúdando com força e zangado, deu mais duas pancadas fortes: Sahe pra fóra! Sahe, diabo! Não séje temoso!

– Não é cachorro não! Sou eu Thomé.

– Eim? Seu Thomé? E' vancê, seu Thomé?

– Eu mêmo!...

– Ah! Seu Thomé! vancê me perdoe; apois eu stava cuidano...

Este episodio despertara os trabalhadores e não tardára cahir sobre Thomé um desabrido commentario, obrigando-o a fugir d'alli sem perda de tempo.

Hum! murmurava o piloto, eu bem dixe a elle: seguro morreu de véio; mais prevenido manga no tempo. Cumo cô, qu'eu stava duvinhando!







## O Thesouro

**N**a cidade B", ao dobrar-se a esquina da antiga rua do L", via-se out'ora banhado pela luz do sol poente, um casarão ataperado que, em remotos tempos, pela sua propria disposição fôra residencia favorita dessas creaturas da vida airada. Ninho maldito, tivera seus dias de prosperidades, se bem que rapidos desaparecessem no horizonte para uma transição de desamparo completo, cahindo em irremediavel estrago, como um corpo abandonado pela saude. Dir-se-ia que a maldição de Deus pezava sobre aquelle tecto que, mesmo de graça, ninguem o queria. A força de andar sempre fechado, sobreviera a ruina, esboracando-se o tecto, portas e janellas, esboracando-se igualmente as grossas paredes de taipas. Aquelle corpo estava granguenado, carcomido por fataes padecimentos; e se tivesse alma, não mais se animaria, tão gastopela corrupção, tal o antro da desonestidade, reflectindo assombradoramente na decrepitude o que sempre contivera de perverso.

Mas, um dia, qual se para laval-o de suas enormes manchas, para ali viera habitar uma familia, cujas virtudes e costumes puros eram notorios. Apesar de avisada, acceitou-o; e feito os devidos reparos, nelle se estabelecera e nos primeiros tempos nenhuma perturbação. E perturbação dizemos, porque era voz corrente que inquilino algum jamais lá permanecera que não se queixasse, ou de doenças mysteriosas e impertinentes, ou de apparições de almas do outro mundo, amendrotando espiritos fracos ou timoratos e supersticiosos. Fosse o que fosse, era certo que ninguem, de modo algum desejava aquelle predio. A permanencia então um pouco longa do casal de certo modo ia desmentindo, e a pouco e pouco desfazendo boatos e impressões geraes a esse respeito.

Dest'arte corriam as cousas, quando inesperadamente um facto bem singular. Ia alta a noite. Profundo silencio e profundo somno naquella casa. Em dado momento a senhora acorda com um clarão intenso, illuminando toda a alcova. No meio dessa, que era bem espaçosa, de joelhos um anjo formosissimo, extendendo a dextra, apontava para certo logar marcado no ladrilho, ao mesmo tempo que rapidamente desaparecia, deixando tudo immerso, como dantes em espessas trevas.

Julgando-se presa de algum pesadêlo, ou de qualquer engano optico, guardou silencio; porém, a mesma scena manifestou-se no dia seguinte ás mesmas horas, e bem assim, terceira vez, não mais repetindo-se. Communicando ao esposo o ocorrido, chegaram os dois á conclusão de que naquelle sitio apontado existiria de facto algum mysterio e esse seria indubitavelmente qualquer thesouro e logo o



projecto de examinar e cavar, revolvendo cuidadosamente toda a alcova. E metteram mãos á obra; mas, a terra, retirado o ladrilho, mostrava-se intractavel, tão resistente ao gume afiado da alavanca. Deitaram agua por alguns dias, e amollecida aquella parte, suavemente romperam o ferro toda a difficuldade e algumas horas, depois de algum trabalho, eram surprehendidos por espantosa realidade, arrancando a um metro de profundidade uma bella imagem de Nossa Senhora de Conceição e um grande crucifixo.







## O matuto

**E**ra já tarde, quando alli, luizcafuscosim, eu cheguei na fabíca de Santa Barba, casa do Incillintrissimo Cunselheiro da Matta Machado. Era um alarme aquella ferramenta da casa da fabica que um véio me amostrô.

E eu proguntei e indaguei logo onde era a casa do Cunsilhêro da Matta Machado que também me amostraro e me levaro lá.

Cheguei e bati parmas na porta da rua.

– Quem é? me arrespondero por aqui assim, dê lá dê dentro.

– Só eu! Arrespondi por aqui assim, dê cá dê foras. Veio um criado.

– O que o senhô qu'ê?

– O senhô Cunsilhêro da Matta Machado stá?

– Stá, sim Senhô.

– Apois, eu quero vê a elle.

– Entra!

– E eu entrei. E um home polido e civilisado, home de todo merecimento e dê bens. Me proguntou logo:

– Com passô?

– E eu dixei: – Bens!

Assente-se, me disse elle.

E eu me assentei-me e recostei-me em uma cadêra dê painhas, e elle stava recostado sobre uma rêdes. Aqui metti mão dentro da gibêra, arranquei e entreguei uma carta que elle arrecebeu e se poz a lê.

A carta tinha vindo p'lo correio. A carta stava registrada, lacrada, sellada, estampiada e sinetada, e em ribas de tudo isso cum arrecibo dent'ô.

E o cunsilhêro da Matta Machado disse:

– Óia o F", já deve stá bem véio com seus conçoenta anno?

– E eu disse – stá.

– Elle stá bom?

– E eu disse – stá.

– Aquelle cachorro que eu dei a elle, stá bom?

– E eu disse: stá.

– Elle ainda tem elle?

– E eu disse: tem.

E ahi nóis cunversemo: muitas e muitas coisa fina.

Dépoz, eu arrequeri licença pra mode me arretirá pra casa da fabica

aonde stava o sacco meu que eu la tinha déxado. Um véio que tinha vindo cummigo foi pricurá emprestado, pru cabo, um couro, onde eu deitei-me. Stava chuveno. Condo a chuva parô, batero parmas!

– Aqui é que stá o senhor F”’?.

– É!

– Apois, o Cunselhêro da Matta Machado stá chamano.

– Antonce, eu ahi tinha chegado de sacco, e stava muito xujo, e disse logo que não ia pruque já stava arranchado.

– Mais, o Cunsilhêro da Matta Machado mandou-le buscá, e eu não vô sáhi d’aqui sem o senhó.

Foi-me perciso sahi; mas porem, eu stava dizeno assim, era pruque eu stava percurano n’alma se la dent’o do meu sacco tinha ó mêno um lançó engomado. Sahimo e encontremo logo o home do Cunsilhêro da Matta Machado, que me levou-me n’uma muraria... aquelle murãozão...aquelle muro grande, aquelle grandó, c’uma jinella e uma porta, uma jinella e uma porta, uma jinella e uma porta, até não seio aonde, por alli afóra. E elle foi e destrancou uma porta e me disse por aqui:

– Senhó F”’, aqui é qu’ê seu quarto pêra mode o senhô stá á sua vontade.

Conde emboquei ja era dê noites e eu fiquei égua, de besta que fiquei. Intonce emboquei. O quarto stava todo mubiádo. Parecia qu’eu era uma noiva. O Cunsilhêro da Matta Machado me disse-me:

– Senhó F”’, até aminhãs!

E eu arrespondi no consoante:

– Senhó Cunsilhêro da Matta Machado, logo mais!

– Steja em sua casa.

– Já stô n’ella Senhó Cunsilhêro da Matta Machado.

E na verdade. No contenente, logo mais, stava o quarto lumiado pru dent’o por uma lamparina a gáz. No mei’ da casa stava uma vasilha queparecia uma côxa d’agua. Eu ahi tirei-me o xujeiro que tinha e lavei-mee me banhei-me. Perto dê mim estava uma vandeja cum sabão, escovas e pente. Dê tudo eu percisava; mas porem, pra que queria eu pente, s’eu não tinha cabelo... este cabelo encoido meu de passoca? Puxei a cadeira dê painhas, toda forrada de uma toaia engommada, cum que m’ enxuguei-me, e me assentei-me e recostei-me. Pr’um lado stava uma meza forrada, de tapetes cum castiça e uma vela dê pramaséte, dois liv’o, vid’ios dê chêro e uma resfriadêra, mas um torno c’uma toaia engomada. A cama stava que fazia mêdo. Fiquei bêsta, bêsta! Aquillo stava um lançó lorde, todo engommado, rendado; trabicêros, fronhas, corchas (quero dizê): cobertó – chamado – esses nosso pae d’egua, mas porem, coisa muito úpa, muito pru ribas, coisa fina... finissima! Eu arribei o lançó, oiei pru báxo da cama e vi um urinó. Tive pensano muito tempo cumo era dê sê: Pramode eu d’eitá n’aquella cama, eu não sabiacumo era, e eu não era tão tollo cuma isso. Nesse buraco macaco véio não mettia a mão, e eu disse: – F, qu’ê vê uma coisa? Nada! (E o senhora é pruque não sabe. La pru ribas

fazem dessas coisa, já é pramodes esprementá as pessôa, pensano que são gente atôa – macancro –, e o tolo que cahe na esparrela é logo – tido e havido – arruparado. Sim senhó; mas porem, eu não era tão besta cumo eu pensava, e dei licção de mest'e). Tirei bem dê vagasin as côrchas – dito cobertó – chamado – cum dois dedo de cada mão minha, e botei pr'um lado, em cima da cadeira dê painhas. Assim mêmo peguei nos lançó e mais lançosins finissisisimo que stava pru riba do de báxo, que parecia neve condo stápru riba da serra. Drobei todos. Agarrei com as duas mãos o corxãozão que stava leve qui nem penna e drobei elle também. Peguei nas corxa, digo, dito pae d'egua, estendi elle; tirei as fronha dos trabiceiro, puis no logá onde eu incalloquei os lançó e assentei-me, e détei-me e me estirei-me no sofás e me drumi-me. Não precebi quanto tempo adurou o meu somno, prunque, cond'eu acordei-me stavam bateno na porta. Eu accódi.

– O Cunsilhêro da Matta Machado stá li chamano pramode bebê café.

– Já vô! arrespondi por aqui.

Alevantei-me e me vesti a minha roupa. Ainda bens eu não tinha cabado de vestí, batero segunda vês.

– Quem é?

– O Cunsilhêro da Matta Machado stá chamano.

– Vór já. Grande foi a minha afflicção. Tinha que fazê a cama.

Na bespa, qu'eu tinha chegado na fazenda fabica de Santa Barba, foi muito cansado. A viagem tinha m'esbacuado as força do corpo. Cansado, não pude arrupará cuma era qu'a cama stava feita e me puz a banzá. Desenrolei o corxãozão, estendi os lançó na carreira que não queria mais ficá bem estendido. Puxo d'aqui, elles encóe d'alli; puxo d'acolá, elles encóe d'outra banda.

E nest'es puxa – encóe batero trecêra vês na porta. Eu já stava assuano suó frio, e corria a unha na testa que stava pingano.

– O Cumsilhêro da Matta Machado stá chamano pramode bebê café.

– Já vó!

E tornei a ferrá c'os demôin dos lançó e lançosins finissisisimo e nunca mais, nunca mais!... Logo mais, acabei; mas porem, comtudo, inda restava, não oubistante, as fronha dos trabiceiro que depressa comecei a mettê dent'ó do trabicero qu'eu tinha tirado. Tornaro a batê; mas, porem, desta vês batêro com toda a força.

– Já vôr já.

– Senhó F. bamos ao café que so stô pru sua espéra. Qui conde o home falou-me assim, ahi é que os diabo dos trabicêrins não queria entrá nos fronha, e era o Cunsilhêro da Matta Machado!

– Stá doente, senhó F.?

– Senhór não! Vósenhoria.

– Ande; ande que stou afflicto.

– Já vó abrir a porta.

E as fronha e os trabicêrins? Eim?

Eu esbacuava força. Suó também esbacuava por todo corpo e nada de

trabiceiro entra ni fronhas.

– Sinhó F, bamos!

Ah!... não tive mais reméido. Condo eu dei fé de mim, já tinha rasgado as fronhas dos trabicero do Cumsilhêro da Matta Machado. Fiquei coge dôido.

Apaguei a lamparina a gáz que stava ainda accesa, e abrino a porta, encontrei o Cumsilhêro da Matta Machado que m'estendeu a mão:

– Com' passo a noite Senhó F.?

– E eu disse: Bem! Passar bem? Famias Bôa?

– Boa! muito obrigado. Bamos ao café.

– E eu disse: Apois, bamo. Mais porem, a gente passa coisas neste mundo!... As fronha rasgada stava sempre adiente de mim e não pude mais me contê. Era percizo eu hi m'imboira logo. Tratei-me de me despedi do Cumsilhêro da Matta Machado que não queria qu'eu sahisse. O dia stava alto e era perciso viajá. Me despedi-me. E o Cumsilhêro da Matta Machado disse-me:

Aqui tem um amigo ás suas orde. Sempre que por aqui chegá, é o mêmo que sua casa.

– Sinhô Cumsilhêro da Matta Machado, eu não valho nada ni minhattera, mas porem, não bistante, la no rio di São Francisco, nas Gamellêra das Mulata, onde moro, lá ás orde de Vósinhoria. Toda vêis que o vosso santo vapô passa pru la, hê de me alembirá de Vosinhoria.

– Bem! me disse elle. Adeus! Adeus!

Elle me fêis uma cortezia e eu outra.

Cond'eu virei assim pr'um lado casualmente, vi que o creado vinha sahino la das bandas de dent'o do meu quarto, e dando c'os óios ni mim e embalançando c'a cabeça:

– Oh! o Senhô é um home civilisado!

Mas porem, cum'estava muito longe, eu entendi que elle arregramava as fronha qu'eu tinha rasgado. Não prestei assumpto; prueque nessas casião a gente fais que não vê. Eu corri e me despedi c'o véio meu cumpanheiro.

Botei o meu sacco nas costa, arrumei as pracata no chão e cavaquei camim neste dia que não brinquei. Coge morro. Que conde bateo hora de armoço brabo, eu já stava cum deis légua da fazenda da fabica de Santa Barba do Cumsilhêro da Matta Machado.





## O enterro

**M**orreu a Xica da Cruz!  
Noite de inverno, escuríssima.  
Chuva grossa, abundante, empanturrava as grótas das chapadas, despejando dos altos barrentas enxurradas para as águas do ribeirão.

A ventania tormentosa gritava na floresta, estorcendo, estallando, esfarinhando os velhos robles.

Relampagos alargavam o céu com fulva luz, succedendo-se fortes, tremendos, rapidos com a trovoadas a fragorar, roncando nos Geraes.

Na choupana da finada Xica os que estavam de sentinella ao cadaver, assombrados com a tormenta, deitando-se de bruços com a bocca collada no chão, batiam nos peitos pedindo – Senhor Deos – e em voz baixa, amedrontados, resavam o officio de Nossa Senhora.

Quando mais tarde amainou-se a furia da tormenta, aquella rude gente não sabia a que atinar-se, e necessario era vestir a defuncta; mas a defuncta não tinha roupa; era muito pobre.

Que fazer?

– Aqui, quem sabe de tudo, é a véia Demetra qu’*é a sujona do* logá.

– Pois bamo na casa della.

– Bamos!

E dois caipiras foram batendo lama á procura da Demetria, a doctora curandeira de feitiços e mandraculas dos arredores.

Somno de pedra, custou muito acordar e abrir a porta; enfim, abriu sempre, recebendo a embaixada e as dificuldades da morte, não deixando de resmungar:

– Um! Que noite escura cuma breu! Noit’ assim é máo agouro pra quem morre. Vocês são de corage! Não seio cumo a tafula da Xica nãoveio encontrar com vocês no camim. Ella era muito inzoneira, (Deos te perdoe)! Agora, cês senta hai, deixe acabá de me vesti.

E a Demetria retirou-se um instante, reapparecendo logo a concertar e a amarrar na nuca uns simulacros de oculos que, despencados, e azas cahidas, escangalhavam, escarrapachavam-se na ponta de um nariz de borraina.

– Já vestiro a defuncta?

– Nhar não!

– Oxé! Pru via de que? Que stão fazeno?

– Ninguém sabe cum’*é*... não hai roupas, não hai nada sem vancê.

– Ora, ora, ora... s’isto não seráes... cruís! Roupa não precisa; não hai um



vestido preto?.

– Nada! nam tem nada, nada mêmo! nem tempo se tem de se mettê argum qu'apparecê na tinta, e stá chovenho... Agora as muié arranjarão lá um vestido, mas porem, é de chita e de chita fais má.

– Eh! e fais má mêmo; e pr'ella não pená nas penas do purgatóro; agora mêmo bamos mettê o vestido no aní c'urina que é bão pra não largá a tinta.

– Ora, o mio é qu'ancê mêmo fosse arrumá, pois ninguém sabe aperpará.

– Isso não tem que sabê e n'este causo bamos pra lá.

E a Demetria trancou a porta e partio para a casa da defuncta, onde começou a dar ordens.

– Cadê-lo o vestido?

– St'a aqui; respondeu uma das mulheres.

– Venha c'a gamella, c'o ani socado, c'um mocado d'urina; dá pra cá.

Instantes mais, e a Demetria ensopava um velho e esfarrapado vestido de chita na exquisita mixtura da gamella, e, remoendo grossa lasca de fumo, cospinhando a salla, indagou:

– Já rezaro vocês o ufriço pra defuncta?

– Nhar não que não sabemo. Vancê, que é a tiradeira, só vancê é quem sabe.

– Vão rezano, emconto eu vou metteno a roupa na tinta.

E uma vozeria rompeu o officio de Nossa Senhora, cantando também a Demetria.

Emquanto isto, accendeu-se na sala um bom fogo para enxugar a mortalha.

– Cadê-lo o sapato? bradou a Demetria, interrompendo bruscamente a reza.

E sapato, continuou ella, só seno de oreia de couro de muié. Outronão sirve. Quem tem?

– Eh! também isso não hai. Nós temo aqui é um sapatão.

– Apois, defuncta que não leva sapato e nem chale *não entra* no ceo.

Cadê-lo o chale?

– Aqui tem um.

– Venha pra tinta. Cadê-lo o cordão de São Francisco? O Ped'o Bo teio anda muit' acceso e lutrido.

– Nam tem.

– Antão dá cá um novello virge de fio. E o novello foi apresentado.

Cavaram em seguida um sapato na visinhança; mas, não sendo possivel encontral-o, o remedio unico foi servir-se do sapatão.

Vestio-se a defuncta ás pressas; ia-se esquecendo a carapuça que foi immediatamente arranjada do mesmo modo que o vestido e enfiada á cabeça do cadáver.

O enterro deveria ser ao raiar do sol e o cemiterio distava mais de meia légua d'alli.

Cinco horas da manhã.

Luz suave ia aclarando aquelle funebre apparato, horrivel de vêr-se.

A carapuça, então, uma obra prima que levou uma das mulheres a exclamar a uma outra:

– Que diabo é isso d’aquillo?... Ei! e fez beijo.

– Moça, que nome é esse do xujo que você stá dahi a fallá? Mãi Demetra se uvi pode raiá. Ella que fêis é pruque sabe.

– Seio mêmo! ralhou a matreira velha que tudo ouvira. Quem não leva carapuça não soda a Nó sinhô, condo entra no ceo. Quem não soda é macreado, e macreado não entra lá. Bamos, minha gente; bamos proveitá a chuva que parou e o tempo que stá bão. Oia, que quem morre da malestra ruim (ave-maria – avemaria), cum’ella morreu, se não se enterrá antes do sol sahí, não entra no ceo, nem a páo.

E a Demetria religiosamente obedecida vio o cadaver mettido em uma rêde, enfiada a um comprido caibro de pereiro.

Hora de partir.

– Tira o bemdicto da viage; gritou ella.

– Só vancê tirano premêro a ladainha.

– Tu n’ é qu’ é a sabona d’ indagora? Apois tire lá.

– Nhar sim! (Que qui qué, canguêra véia)?

– E depressa!

– Nhar sim! (Un! un! Cruis! Diabo da baguassú!)

Seguiu-se a ladainha cantada!

– Deos no dijitoro meu intento.

Côro – É de Domingo, é de Joanna é de m’ea Fostina.

– Karié leisone, kiristelé leisone.

Côro – kiristé ai de nois! Kiristé ao de nois! Patra de coeli Deó,

Fio Redemptô, mãi de Deos,

Espírito Sant’ é Deos,

Santa Trinita ãi-nos Deos,

Santa Maria,

Santa Degená,

Santa Virga Virgenôos,

Matere Christié,

Matem Divin’ é Gracis,

Matem Puriss’ma,

Matem Castiss’ma,

Matem Violata,

Matem Nontemberada,

Matem é Amabilé,

Matem Indimirave,

Matem Creatoro,  
Matem Sarvatoro,  
Virg'ó Prudentiss'ma,  
Virga ó Venerandia,  
Verga o Pé de canna,  
Verg'ó Pote,  
Verg'ó Creme,  
Verg'ó Fidelio,  
Espeque na justiça,  
Sede Sapiencia,  
Causa na Estrella triste,  
Vais Espirituale,  
Vais in é'norabe,  
Vois insina Devociona,  
Roza é a mystica,  
Tôrre é de Davidia,  
Torre na Buna,  
Domi é nos are,  
Fredelis arca,  
Jonna na sella,  
Estrella matutina,  
Salo Zenfermoro,  
Refugio Peccatoro,  
Consolaste os afflictoro,  
Oxilio Christionoro,  
Rege no Angeloro,  
Rege no Patriorchoro,  
Rege no Prophetoro,  
Rege no Postoloro,  
Rege na Martirois,  
Rege no Confessoro,  
Rege na Vi'ge,  
Rege na Santaruãona,  
Rege na Sacratiss'ma meu rosaro,  
Rege na Maculada Conceiciona,  
Senhô Snat'Antonio,  
Ag'é nos Deos qui tanos pecado é mundo.  
Côro – Pais é nois é Dominé.  
– Agu'e nos Deos que tanos peccado é mundo.  
– Ai de nois é Dominé.  
– Agu'é nos Deos qui tanos peccad'é mundo.  
– Misasere é nobre.

– Óia, por esta vêis passa, mas, da outra, não caia n’outra. Pra defuncto nem se pede Senhô Deos, nem Água é nos Deos, praque tem-se visto o defuncto s’alevantá pra batê nos peitos; ralhhou a Demetria e accrescentou com voz de comando:

– Bamos-nos embora minha gente. Já passano da hora. Cantemos agora o da viagem da despedida, mas, sunga a rêde premeiro.

Dois vigorosos pulsos agarraram o páo da rêde e pozeram-se a caminho todos os camponios e mulheres da vizinhança, cantando o bem-dicto da viagem da despedida:

A premeira cantada do gallo,  
Onde o gallo se cantou,  
S’encontrou São Bertolameo,  
S’encontrou e se carçou.

Côro

Vai, pexão!  
Vai um’stá Nó Sinhô,  
Pexão!  
Onde vai, Pedro, onde vai?  
Eu vou comvosco, Sinhô?  
Chegou lá mais adiante  
Com São Pedro s’encontrou.

Vai pexão! etc...

Eu bem disse a Pai Mané,  
Que não fosse turiá,  
Agora, pru sê temoso,  
Pai Mané vai s’enterrá.

Aqui o côro foi interrompido pela viagem. A defuncta pezava extraordinariamente.

– Dê uma surra n’ella, ordenou a Demetria. Corta umas varas bem verde. É ella c’os peccados d’ella.

Um feixe de varas foi cortado, e sem perda de tempo, dada a surra.

– Caminha pro sagrado, Xica da Cruis!

– Caminha pro sagrado, Xica da Cruis!

Caminha! Caminha!

Após dez minutos dessa surra o côro entoou:

Vai, pexão!

Vai un stá Nó Senhô,Pexão!

Nossa Senhora pedio  
E dexou p'o espriença,  
Qu'ó dispois do corpo morto,  
Não vale mais penitência.

Vai pexão, etc.

E assim chegaram ao cemiterio, onde, ajoelhados, assistiram abrir a cova e n'ella sumir-se o cadaver da Xica da Cruz.







## POSFÁCIO

*“Quem não pode ilustrar a sua terra,  
canta as suas rimas sem metro,  
na toada monotona de seus antepassados.”*

*(J. Alencar)*







## Glossario

### A

Abrir o chambre – correr a todo o pano  
Acão – eis-me aqui!  
Acaudelado – abatido como um cão.  
Ademe – contenha-se  
Adeos, m’ea onça – adeos, minhas encomendas.  
Agigo – jeito, tretas, velhacarias  
Água bruta – cachaça  
Alafrães – trapos, molambos  
Arrupia-cabello – de detraz para diante  
Artefiço – pequeno corno de boi, cheio de algodão queimado para fogo de fuzil

### B

Babos onico – sem mais nem menos, de graça  
Bacular – adular  
Baguassú - velha, feia e gorda  
Bambariado – avariado, tonto, desorientado  
Bancar – tomar assento, fazer-se de importancia  
Bangolar – andar, estar atôa, desocupado  
Bataría – barulho continuo  
Bater o gró – morrer  
Bater o vinte e sete – morrer  
Berivana – egua-velha  
Bisoronha – sombração, pantomima  
Bocave – aúdacía  
Bosinar – falar tolices, tocar ou cantar aborrecendo  
Botecar – arregalar (os olhos)  
Bracafusada – assoada  
Brancolim – bromo quinino

Branquifesta – folguedo, assoada, barulho  
Braulim, Brawing – revolver  
Bruburús – beijudo  
Brucutú – cair de bruços  
Bumba-canastra – cair de pernas para o ar, embolado  
Bruziguiada – cachorrada, enredo

## C

Cadê – o que é feito de  
Cafageste – gente de nenhum valor  
Cafangar – dar o cavaco  
Cahir no meu monte – investir contra mim  
Caitó – casa pequena, rancho  
Cajuleóro – de dar e tomar  
Cangocheiro – moleque de marafona  
Canguêra – caveira  
Canguixa – horizontal  
Capeba – feiticeiro  
Caralmentes – falar cara á cara  
Casamento do fusil – casamento civil  
Castionação – questiunculas  
Catação – aranzel  
Cavaêro de indusca – cavaleiro de industria  
Caxicoló – gentalha  
Cerca-lorenço – turra  
Cerepite – sepultura  
Chacra – fuá  
Cidade de pés juntos – cemiterio  
Clementina – terebentina  
Coge – quasi  
Colunhado – combinado  
Cornimboque – chifre de boi com fumo, torrado  
Concovio – sociedade  
Cousa feita – feitiço  
Criangús, caliangús – ave noturna  
Cumilidade – comunidade, reunião

## D

Dar couro ás varas – morrer  
Dar pancas – celebrisar-se  
Debruçar fogo – dar fôgo renhido  
Degagé – pelintra, andar no, nadar lorde  
Den – dentro  
Descapivarar – desnortear, desconfiar  
Desempanbado – desembaraçado, sem rebuços  
Desmarmuriado – desapontado  
Desna – desde  
Despatriarchado – falta do necessario  
Destrabanado – desorientado  
Destrangolar – estrangular  
Desunerado – degenerado  
De supra – inesperadamente  
Dinificar – edificar  
Disbiliquido – magro  
Disga – desgraça  
Distrisiado – nas espinhas, magro  
Dstabaforido – esbaforido  
Dung – valentão, forte, primeira carta no jogo de azar

## E

Eitos – ancias, aflicção, entrar em  
Embellecar – envolver  
Embellecós – negócios mal sucedidos  
Embruxo – enredo  
Encanzinar – aferrar no vicio, embirrar, teimar  
Encasquetar - estar convicto  
Endurecer os lóros – morrer  
Enganjo – recrutamento  
Engeroçado – aborrecido, nervoso  
É nove – sem duvida  
Entrar sellado n'aragem – morrer  
Entregar a rapadura – morrer  
Entrosa – intriga  
Esbaforido – aterrado

Esbagunçar – esmiuçar  
Esburnecar – contar tim tim por tim tim, por meúdo  
Escaroso – terrível de suportar-se, selvagem  
Escrilha – o minimo pedaço de uma cousa  
Esgatear – estrebuchar, escarrar  
Estabafonetico – sarapantado  
Estremifugio – ousadia, clamor  
Estribute – escorbuto  
Evinha – lá vinha

## F

Famaliá – o diabo preso na garrafa, em forma de mosca  
Farrambage – membros inferiores  
Fecha-fecha – briga, escaramuça  
Fenonco – phenomeno  
Frepéla – horizontal inferior  
Fesse – fétido  
Festige – vestigio  
Fididignia – fidedigno, gente de fé  
Findinga – horizontal cheia de fumaça  
Frogodô – fallatorio, alteração  
Forrobodô – dança  
Fruvióca – miólos  
Fum! – pois bem, pois não, desafôro  
Furdunsco – scisma.  
Furrubá – arenga.  
Fute pá – morrer, cahir

## G

Gavuzão – capóte de baêta  
Geleiro – veloz  
Gerematias – teias de aranha  
Gerivá – assoada  
Gimbá – lidar, estar com peso, carregar  
Gipira – coceira  
Grandô – tamanho  
Gruguda – desafôrada  
Gumitoro de vapo – chicotadas

## H

Héba - tolice, doidice

## I

Impe-impé – parado

Impiticar – embirrar

Impô – ora pois

Impreve – impede, proíbe

Inbodar – enganar, mentir

Incafinfar – molestar

Incalamechado – unido

Incalistar – teimar, embirrar

Incantidade – profusão

Incantumé – pobre diabo

Incasquetar – convencer-se

Incausada – dôr, dôr que não muda

Incazinar – afincar, ficar pensativo, teimar, embirrar

Incolumença – litígio, dúvida

Incomplicada – de visitas

Inconvença – encomenda

Indêsna – desde que

Indiligente – inteligente

Indroma – astúcias, mentiras, engano

Induscas – astúcias, cavaleiro de indústrias, velhacão

Infernizim – frenezi

Infincança – teima

Infitético – desprezível

Ingrezias – misturas, beberagens

Ingrime – sem mais nada

Inhaca – mal estar

Intife – atôa, baixo, pequenino

Intrepelado – errado, duvidoso, enganado

Intropetis – entrementes

Inzoneira – embusteira

Ipóte – hyphotese

Isbilichar – distribuir por meudo

Isgandanhada – desgrenhada

Istantim – instantezinho

## J

Jalecar - suspirar, saculejar.

## K

Kem-Kem – que pena

Kum - Kum – não

## L

Lambecado – mal vestido

Lambugezinha – pequena quantidade

Lapo – lanho.

Latumia – sombração; uivo

Lavaé – chingueiro

Lazarando – gemendo atôa

Leprêgo – conversa fiada

Levar os pilate – acabar de uma vez

Liforme – uniforme, fato

Limão com soda – sal e vinagre

Lindinha – cachaça

Lisar banco – estudar

Livosia – sombração

Locó – atôa

Lodaça – tretas, velhacarias, engano, negaça

Lutrido – adiantado, atrevido, metido a sebo

## M

Macacôa – estar de mururú, doente, sem coragem para o trabalho

Macanico – pessoa do povo não educada, tola

Macombé – enredador

Macota – astucioso, velhaco

Malacafento – doente de maleitas

Malinconia – melancholia  
Mammar na Paula – estar atôa  
Mancar – faltar  
Mangirica – feitiço  
Manparra – trêtas, combinação, estar, de alcatêa  
Mão Fredorico – diabo  
Marfabetico – analphabeto  
Marimbudo – pançudo, moribundo  
Marmuro – estar de; estar encapotado, triste  
Matinada – barulho ao longe  
Messegeiro – arengueiro, embusteiro, mentiroso, intrigante  
Meu doente – de mim doente  
Michelo – de Michela  
Micholena – lamuria  
Miguelar os olhos – arregalar os olhos, amendrontar alguém  
Milodença – miudeza, embustes, picuinhas, mexericos  
Milondade – fallas altas, empoladas  
Mistivo – vizinho, parede ao meio  
Mistriás – materiais  
Mitrado – ladino, espertalhão, astucioso  
Mocô que – como que  
Mod’ – como  
Mofumbado – retrahido, resguardado, escondido  
Monsuado – empolado, lanzudo, encorujado, tristonho  
Morrer mão – agarrar com violencia  
Mulestras supra – morte repentina

## N

Não ostia – não obsta  
Nariz de burraina – de ventas muito abertas, ventas de burro  
Nariz de sellim de banda – nariz de azas cahidas  
Negrão é negrão – superior, optimo  
Nem mimba – não faço caso, não me importo  
Nem tomada nem mandada – nem noticias; nem querer graça com o individuo  
Nhar sim – sim senhora  
Nhôr sim – sim senhor  
No consoante – imediatamente, dar no calhar, vir a talho de foice, dar na pancada, vir a propósito  
Non prosulta – nec plus ultra  
Non-sê-quisera – safado, sem-vergonha



## O

Odacio – audaz.  
Olhar pro torno – nascer no captiveiro  
Olo – óleo  
Oxente – como sem duvida, minha gente

## P

Pães e bandangue – badulaques  
Pam – zás  
Panquéra – bezerro magro; rio cheio  
Pantomia – pantomina, caçoadá  
Papacoco – punhal afiado, carabina 44  
Papubrucutú – assoada continua  
Parrampanpan – proeza  
Parrochêdo – caçoadas de máo gosto, máos costumes  
Passadagem – sapatiados, molecagens, velhacarias, furtos  
Páu da guiaba – espingarda do governo  
Pedra della – pedra d’ara  
Pelherma – marafona  
Pererê-pererê – andar, vagar  
Pestana lisa – cobra  
Phenonco – phenomeno  
Pilondade – fallar na, fallar cousas altas, na pabulagem  
Piluxia – conversa fiada  
Pintar o sete – atrever-se muito  
Pisar no gró – cahir no engano  
Pito – cigarro  
Plema – premio  
Pliscopeia – no denço, no rigor  
Podarcada – copo de cachaça  
Poem-te-empé – nas pontas dos dedos dos pés  
Pornostico – pernostico, prosa  
Pra mode – por amor de, por causa de, como que, para  
Prébas – plébas, prosa  
Prementes – permanente  
Premoves – novidades  
Preto véio – o diabo  
Principosto – proposito

Prixume – ladineza

Pro cabo – por fim

Pro ribas – por cima

Prosa – predica

Pruvia – por motivo de

Puia – palavrada; jogar puia, dar a fallar, conversar com liberdade

## Q

Quenga – barulho

Quinqui – ahi

Quinta-feira de bêbedos – súa de bêbados

## R

Rebendita – de proposito

Rebordosa – desfeita, pito, desmoralização

Recilinga – piolho de galinha

Reconco – reconcavo

Renrenren – intriga

Resmelengue – acirrado, aborrecido

Resolve – revolver

Retentiva – ganancia, gana

Rispe – óleo de ricino

Rôdo - instrumento de madeira para torrar farinha

Rosalgar – individuo vermelho

## S

Sambaiheiro – velho

Santo Len – Santo Lenho

Santos Paschóa – sirio paschoal

Sastifa – satisfação, desculpa

Serepite – sepultura

Sieba – jacaré

Siôu – senhor

Sirieiro – desconfiado  
Sisturdia – outro dia  
Solicidar – suicidar  
Subacar – furtar com violência, metter debaixo do braço, arrebatat  
Suburgue – suburbio  
Sujão – cirurgiaão  
Sundunga – de pataca, casacão de fazenda barata

## T

Tabefe – bofetada  
Tafuiár – atarracar, metter por força  
Tafula – fulano  
Taipeiro – montão de cousas  
Talaverada – feito de qualquer modo  
Tamancudo – valentão  
Tampar fôgo – fazer fôgo, atirar  
Téba – freguez, pessoa velhaca  
Teimão – socêga; tenha mão  
Temblano – temendo  
Tembos – em termos  
Tendepá – assoada  
Terrenar – caçar peixe pelo meio do rio  
Tirira – girar, virar, virar alma, desaparecer, virar poeira  
Toco de matar cobra – homem máo  
Toco de marrar onça – homem feio  
Torar – andar  
Tornando-se besta – divertir-se a custa de alguém, menosprezar, injuriar  
Trabucador – negociador, agenciador  
Trabulanças – negocios pequenos  
Travanquante – gole de cachaça  
Trendenden – tinir do dinheiro  
Tribuzana – barulho  
Turiá – tourear

## U

Uai – oh, sim

Uai uai, uai uai – quem Deos de véra? isto é sério?

Uê – assim, como assim, sim

Uá – como?

Ufum – não vê?

## V

Vapo – zás

Venção – vencimento, fim

Verbos a matar – concernente a assassinar

Virto – ir ao, bater no posterior de alguém; bater em alguém

## X

Xambecar – debicar

Xamboqueiro – ordinário

Xaramandusca – taca

Xarravascada – barulho, assoada

Xen xen – gente

Xenxen – oh,não; não é possível

Xenxen – dinheiro antigo, de cobre

Xerivar – assoada, mistura, beberagem

Xupão – cancro

Xurumella – choradeira

## Z

Zambuado – estúpido, enraivecido

Zanzolar – estar atôa

Zazarando – andar ás tontas

Zelão cardico – lesão cardíaca

Zumzum – assoada

Zuretado – doido

Zurupar – furtar





**O Auctor**



### O Folclorista Manoel Ambrósio<sup>10</sup>



*"Há homens que têm muito mais valor, que outros que têm fama".*

(Silvio Julio, *sic*)

(...) Manoel Ambrósio Alves de Oliveira nasceu em 7 de dezembro de 1865 na cidade de Januária, Estado de Minas Gerais. Veio ao mundo em modesta casa da antiga rua João Cravo, hoje desaparecida, tragada que foi pelo Rio São Francisco.

Era primogênito dos januarenses João Alves de Oliveira e Serafina Alves de Oliveira.

Depois de estudar as primeiras letras na terra de origem, matriculou-se na Escola Normal de Montes Claros, sob a proteção do padrinho José Carlos Versiane. De volta a Januária, frequentou as aulas de Filosofia, Latim e Francês de mestre Lindolfo Caetano de Souza e Silva.

Amigo inseparável de suas barrancas, cujos aspectos físico-geográficos e humanos conhecia profundamente, pode-se dizer que teve a integral vivência do seu meio, relutando sempre em afastar-se dele. Apesar de ter vivido sete anos (1935/1942) no Rio de Janeiro, nunca se deixou contaminar pelo brilho falso do

luzeiro da cidade grande. Nela sentiu-se sempre um inadaptado e, quando a saudade apertou de verdade, tomou o rumo da sua Januária que não tardaria a reclamá-lo definitivamente para suas entranhas.

E, desmentindo o velho ditado bíblico de que ninguém é profeta em sua terra, foi sem favor o maior expoente da cultura barranqueira de todos os tempos. E levem-se em conta o meio pequeno e hostil, a politicalha sórdida, os obstáculos de todo o gênero, as deficiências de comunicação com os centros maiores, a época em que viveu, amou, curtiu e plantou em tantos campos diferentes.

Casou-se Manoel Ambrósio duas vezes. A primeira com D. Josefina Durães Ferreira com quem teve os seguintes filhos: Alice, Joana, Josina, Maria Josefina, Dejanira, Carlos, Durvalina e Afra. Morrendo-lhe a mulher em 30 de outubro de 1905, consorciou-se mais tarde com D. Antonia de Souza Oliveira, que lhe deu apenas um casal de filhos: Manoel Ambrósio Júnior e Nely [de Oliveira Montenegro].

Faleceu Manoel Ambrósio aos 24 de agosto de 1947 na casa de N 55 da rua Padre Serrão. Mercê da Lei Municipal N 387 de 7 de março de 1951, gestão do Prefeito Silvio Brasileiro de Azevedo, passou a referida rua a chamar-se Manoel Ambrósio, numa sincera homenagem ao incomparável januarense e, de modo especial, ao homem que naquele logradouro residira por tantos anos, tendo nele encerrado a carreira terrena. A casa, que ainda está em pé e bem conservada, tem nos dias que correm o N 229 e foi, no tempo de nosso biografado de propriedade de seu irmão Apolinário Alves de Oliveira Casqueiro.

D. Antonia de Souza Oliveira sobreviveu ao companheiro, tendo desaparecido em 17 de novembro de 1956.

Dentro dessa visão panorâmica do intelectual januarense, cabe examinar, ainda que superficialmente, cada setor em que deu se si, sem interesses imediatistas.

## **Educador**

Pode-se dizer que Manoel Ambrósio, viveu e sustentou a imensa prole de seus magros proventos de professor. Numa época em que o ensino interiorano era verdadeira aventura, manteve o nosso enfocado escola particular nos cômodos disponíveis de sua morada. Mas as arengas políticas fizeram-no amargar anos de sobressaltos e de dificuldades financeiras. Serenados os ânimos, foi enfim nomeado professor na cidade barranqueira de Manga. Alí esteve entre 1908 e 1911. Em 1923 vemo-lo Inspetor Regional em Paracatú. Em 1927 Diretor do Grupo Escolar Bias Fortes, em Januária, instalado a 20 de agosto daquele ano. Entre 1928 e 1932 Diretor do Grupo Escolar Afonso Arinos, em São Romão, onde aposentou-se.

Volvendo à terra natal, não buscou o “otium cum nobilitate” a que fazia juz por direito e de fato. Continuou na velha luta pela educação. E, foi dos grandes entusiastas da ideia de criação em Januária de uma escola normal. De suas mãos e das de alguns outros professores, surgiu o novo estabelecimento de ensino tornado realidade através de Decreto 11.399 de 22 de junho de 1934, o Decreto 10.564 de 5 de novembro de 1938, o oficializou. Da primeira diretoria, que trabalhou gratuitamente, fez parte Manoel Ambrósio como Secretário. Foram seus pares nessa memorável jornada o Dr. João Moreira de Castro.

A Escola que nascera quase que franciscanamente, tomou vulto no correr dos anos e hoje, ostentando o nome de Colégio estadual Olegário Maciel ocupa excelentes instalações em prédio especialmente construído para os fins a que se destina.

## **Jornalista**

O jornalismo e a política ocuparam o mesmo espaço na vida de Manoel Ambrósio. Marcharam juntos sendo aquele a trincheira deste. Em 1901 fundou “A



Luz”, primeiro jornal de Januária. Completo pioneirismo numa terra totalmente desprovida de recursos. Prelo e tipos foram feitos em madeira, confeccionados por Constantino Rego. Todo esse material, hoje digno de um museu, ficou esquecido nos fundos da casa onde residiu a mãe do jornalista, hoje propriedade de Alípio Montalvão. Nada restou para recordar a velha tipografia.

“A Luz” foi o paladino do partido Luzeiro, que teve como opositor ferrenho o Escureiro. Brigas provincianas de passado que chegaram às gerações de hoje com sabor quase folclórico.

Mas saído das refregas oriundas dessa primeira experiência jornalística, funda Manoel Ambrósio, em 28 de fevereiro de 1909 o periódico “A Januária”.



## **Historiador**

O Esboço Histórico do Município de Januária, foi a grande meta de Manoel Ambrósio nesse setor da atividade intelectual. Foram alguns capítulos publicados em “A Luz”. Mas o vultoso material alicerçado em minuciosa pesquisa e que compõe dois grossos volumes, encontra-se ainda à espera de um editor. Em verdade a obra já rolou por Comissões, Institutos, Academias, etc. Já esteve nas mãos de políticos prestigiosos. Contudo permanece no egoísmo do manuscrito, manuscrito que custou ao historiógrafo muito amor, muita isenção e muita noite gasta à luz bruxoleante das lamparinas, compulsando documentos, alinhavando fatos, dissecando personagens.

## **Poeta**

Manoel Ambrósio foi poeta por atavismo e por pressão do meio. Assim como Euclides da Cunha disse que o sertanejo é antes de tudo um forte, digo eu que o barranqueiro é acima de tudo poeta. E, a fina sensibilidade do intelectual januarense não escaparia à regra.

Assim é que além de Paranapetinga, que viu editado em vida, deixou na gaveta alguns livros de poesia prontos para o prelo. São eles Harpa, Ave Maria e Nevoeiro no Caminho Branco.

Manoel Ambrósio não se limitou à reserva de seus cadernos. Foi o poeta de todas as horas, dos amigos vivos ou mortos, de todo o povo de Januária.

Com a mesma espeontaneidade, com o mesmo arrepio de amor ao semelhante e à terra, fez epitáfios, epitalâmios, glosou motes, compôs de um golpe a letra do hino do seu torrão, musicada por João Batista Lima.

(...)

### **Autor teatral**

Embora suas peças não tenham passado do âmbito familiar, em termos de encenação, deixou Manoel Ambrósio considerável acêrvo de dramas na maioria de sabor regional. Marta, Dois Destinos, Amores de Capataz e Bandidos do Pinduca, são alguns de seus títulos.

### **Prosador**

Esta foi uma das áreas em que Manoel Ambrósio mais se realizou. Dos três romances que escreveu teve dois publicados – Hercília e Os Laras – restando no ineditismo Os Melos. Em 1945 veio a lume a novel regional A Ermida do Planalto, editada pela Monção do Rio de Janeiro. E, nos anos de 1935 e 1936, os primeiros em que residiu na Guanabara, colaborou, embora irregularmente, na saudosa revista “Noite Ilustrada”, para qual escreveu contos, narrativas, até anedotas calcad[a]s em acontecimentos nas barrancas sanfranciscanas. Num periódico de maior cotação da época, do qual eram assíduos colaboradores Lima Figueiredo, Berilo Neves, Pedro Calmon, Martins de Oliveira, etc, fez Manoel Ambrósio algum sucesso com seus escritos. Entre outros consigno aqui “O Diabo” publicado em 4 de setembro de 1936 com ilustrações de H. Cavalleiro; “Confirmação” em 29 de janeiro de 1936 ilustrado por Seth; “O Cangussú” (anedota sertaneja da Guerra do Paraguai) em 6 de maio de 1936 com desenho de Seth; “O Serpa” em 10 de junho de 1936 com ilustração de Seth; “Um milagre” em 2 de julho de 1936 ilustrado por Monteiro Filho e “Pai João” em 13 de outubro com desenho de Renato Silva.

## **Estudioso dos problemas regionais**

Antecipando-se aos antropólogos, sociólogos, economistas e ecologistas de hoje, Manoel Ambrósio, numa época em que tais ciências praticamente não existiam, empreendeu estudos profundos em todos esses campos. Jamais foi um teórico. Conhecia os mistérios, os entraves, os problemas, as riquezas e o potencial de sua região, como poucos contemporâneos seus e quiçá como os técnicos atuais que viajam de avião, estão sempre apressados e via de regra baseiam-se em dados recolhidos indiretamente.

Sem a vontade consciente de fazer ciência creio que Manoel Ambrósio, curtido no duro aprendizado advindo da constância ecológica, teria superado os modernos manipuladores dos dados sanfranciscanos. Foi sem dúvida um pioneiro e um pioneiro sério.

Em 1935, segundo declaração dos meus informantes, saiu de sua modesta morada na rua Cruz Jobim, no Irajá, para fazer conferência na Academia Carioca de Letras sob o título “O SERTÃO”. O alentado estudo científico das reais possibilidades econômicas do vale do São Francisco, infelizmente jamais foi publicado. Bem aventurados os que puderam ouvir o conferencista naquela tarde de 1935.

Devo explicar que, não obstante os esforços que empreendi junto à referida Academia, não me foi possível encontrar em seus arquivos a data precisa do memorável evento. Mesmo assim, aproveito a oportunidade para agradecer ao Dr. Othon Costa pelo empenho na pesquisa dos dados de que eu carecia.

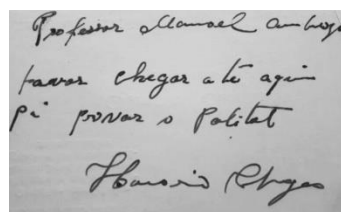
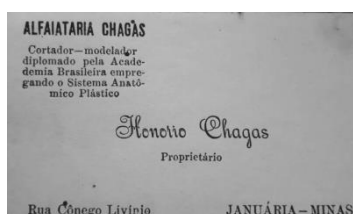
“A Bacia do São Francisco” foi outro trabalho sério do intelectual barranqueiro, que ainda jaz no ineditismo.

## Idealista

Sem qualquer interesse subreptício, ajudou Manoel Ambrósio a fundar as Irmandades de São Vicente de Paula e do Sagrado Coração de Jesus, assim também o Hospital de Tuberculosos em Poções, Município de Januária. Organizou ainda o câro da Matriz de sua terra, do qual era membro efetivo.

## Manoel Ambrósio no reconhecimento dos outros

Foi o escritor barranqueiro membro do Instituto histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Mineira de Ciências. É patrono de Biblioteca Municipal de Januária e da cadeira n 8 da Academia Municipalista de Letras, de Belo Horizonte, da qual é ocupante seu filho Manoel Ambrósio Júnior.



## Manoel Ambrósio Folclorista

Afirmo, sem medo de errar, que o cerne da obra de Manoel Ambrósio no que diz respeito à recolha do folclore regional, está completamente inédito.

Embora tenha deixado em artigos esparsos, em colaborações dispersas algo de seu trabalho nesse campo da cultura humana, tais fatos tornam-se irrelevantes frente aos incontáveis manuscritos guardados por uma de suas herdeiras.

É verdade que em 1912 publicou o seu “Brasil Interior”. Não se pode negar que haja nele folclore, mas um folclore literatizado, trazido a lume sob o manto do pitoresco, do insólito. Folclore para curiosos e lúcidos, bem ao gosto da época, conforme será demonstrado oportunamente.

O folclore mesmo, na pureza da pervivência nos grupos sociais barranqueiros, registrados tal qual chegou aos sentidos do mestre januarense, este, ainda ninguém conhece.

(...)

Para encerrar valem algumas considerações sobre Brasil Interior, a única obra com material folclórico que Manoel Ambrósio conseguiu levar ao prelo. Saiu a primeira e única edição em 1912<sup>12</sup>, financiada por Nelson Benjamin Monção, professor e compadre do folclorista barranqueiro. O livro foi dividido em dois volumes, na realidade contidos num só. Ambos trazem em seu bojo matérias que o autor grupou sob o seguinte título: “Palestras Populares – folk-lore das margens do São Francisco”. No primeiro volume figuram as lendas sanfranciscanas, que embora vazadas em termos regionais, com o devido respeito à pronúncia barranqueira, encontram-se de certa forma literalizadas, aliás bem ao gosto da época. Em 1912 ainda não haviam surgido Amadeu Amaral e Mario de Andrade, homens que começaram a revolucionar os estudos do folclore no Brasil e, mestre Câmara Cascudo, a maior expressão do continente, era um garoto de quatorze anos. Naquela altura o material folclórico para ter saída, não vindo através da pena de nomes consagrados, tinha de vestir as roupagens do pitoresco, do insólito. A propósito vale aqui transcrever trecho de Edison Carneiro colhido na “Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil”, à pág. 49 do N 3 da Revista Brasileira de Folclore:

“depois da Proclamação da República, mercê das crises que se seguiram, a coleta de dados e a descrição de usos e costumes escapou das mãos dos folcloristas, passando, gradativamente para poetas e romancistas que eventualmente chegaram a criar uma literatura regional em especial onde as condições sociais eram mais particulares ou pitorescas, onde o gênero de vida era mais particular, onde a espoliação

da terra e do homem havia criado tipos lendários ao mesmo tempo de heróis e de bandidos”.

Através dessa maneira de ver e à luz da realidade contida em Brasil Interior, o exegeta de Manoel Ambrósio toma-lo-ia por um banal contador de estórias, quando a realidade é bem outra, já que o seu verdadeiro tesouro, dadas as condições do meio januarense e da época ficaram nas gavetas decênios após decênios. E quantos folcloristas brasileiros terão sido vítimas das mesmas dificuldades, das mesmas imposições do mercado e consequentemente mal interpretados por seus julgadores?

Da coletânea de lendas inseridas por Manoel Ambrósio em sua obra, constam a da “Mãe d’Água”, a do “Lobisomem”, a da “Mulla sem cabeça”, a do “Carro que canta” (carro de Maria da Cruz inconfidente de 1736 que canta no funda d’água), a da “Serpente do Rio São Francisco”, a do “Caboclo d’água, Rolão ou Bixo d’água, a da “Zelação – quando a estrela corre e desaparece além, é ela – a zelação – a serpente mãe do ouro vivo, encantado” a da “Caapora – um caboclinho encantando habitando as selvas e como o bicho homem, tendo o pé redondo – de garrafa – cocho, com um olho no meio da testa, cavalgando um porco selvagem, por silenciosas e remotas brenhas”.

No segundo volume estão narrativas, peças de teatro matuto, até anedotas regionais. O livro termina com um glossário, hoje de valor inestimável, pois nele estão fixados termos muito típicos das barrancas que fatalmente vão sucumbindo na voragem da telecomunicação.

Resta dizer que Manoel [Ambrósio] tinha a alma popular dentro de si. Não era o intelectual encastelado na sua sabença e sim o homem simples e acessível, amante do contáto com o povo, observador atento, espírito de elevada sagacidade. Gostava de compartilhar da alegria sã e descontraída dos humildes e, numa sociedade nivelada pelas mesmas vicissitudes e pela economia pobre e rotineira, foi ele um prócer sem barão e sem cutelo, usando apenas as armas da inteligência, da cultura, da compreensão e do amor. Em casa ou na sociedade foi sempre o mesmo homem. Os que privaram de sua intimidade jamais esqueceram

seu temperamento jovial e festivo retemperado em cada festa junina, quando oferecia aos amigos imenso curimatã recheado e assado nas brasas da fogueira, acompanhado das frutas januarenses e dos violões tocados por ele e por sua irmã Maria Rosa.

**Francisco de Vasconcellos**, do Instituto Cultural do Cariri.

Rio de Janeiro, em 04 de dezembro de 1973.







### A Ilustradora





### A artista plástica Têca Escobar



*"(...) ceramista e pintora, suas obras estão ligadas à sua origem numa cidade às margens do Rio São Francisco e falam de Januária, do rio e dos peixes."*<sup>13</sup>

Maria Teresinha Escobar Corrêa – que assina as ilustrações da presente edição – é mais conhecida como Têca Escobar. Januarenses da gema, passou sua infância encantada com a magia do velho Chico e atualmente reside na capital do estado Minas Gerais, vindo regularmente ter com os seus no torrão natal.

Sem se preocupar com estilos ou fases, nem se importar de ser classificada ora de figurativa, ora de abstrata, Têca diz ser guiada pelo seu amor ao desenho, a gravura, a modelagem, que entende representarem sua vida. N'a Crítica, semanário de Manaus/AM, encontramos-la declarando: "Pinto coisas simples como a minha vida. Me faço cor, emoção, flores, bichos, caminhos e passarinhos."

Têca foi aluna de Belas Artes e hoje é professora de Cerâmica na Escola Guinard de Belo Horizonte, tendo sido participante e premiada em eventos nacionais e internacionais da área. Já ilustrou vários livros, dentre eles, a publicação póstuma de Manoel Ambrósio Júnior, "No Meu Rio Tem Mãe D'água".

A temática das águas é uma constante na arte de Têca. Dividiu sua vivência e inspiração artística entre os dois maiores gigantes de água doce do Brasil: o rio São Francisco, em Januária; e o rio das Amazonas, em Balbina, ali trabalhando como professora de artes plásticas na rede Pitágoras de ensino. Como

ela mesmo diz: “Meu trabalho envolve todos os lugares por onde ando, é um testemunho do meu caminho”.

Tendo ilustrado a obra de Manoel Ambrósio filho, Têca também trabalhou nas ilustrações que compõem este *Brasil Interior*, retratando de forma ímpar os contos e lendas constante da obra prima do mestre Ambrósio-pai.

Os organizadores.





## Os Organizadores

**Ramiro Esdras Carneiro Batista** – Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0809460177410652>  
Contato: [esdras@unifap.br](mailto:esdras@unifap.br)

**Ros'elles Magalhães Felício** – Doutora em Letras e Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professora/gestora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6953066907270767> Contato: [ros'elles.felicio@unimontes.br](mailto:ros'elles.felicio@unimontes.br)

**Maria do Socorro Vieira Coelho** – Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6209308491616825>  
Contato: [soccoelho@gmail.com](mailto:soccoelho@gmail.com)





## APÊNDICE







### Nota a terceira edição:

#### Apócrifos de um *Brasil Interior*, uma obra em expansão

*[E]xceção honrosa entre os taes sertanistas, novelista notável, não só pelo vigor de sua penna fertilíssima, mas, mais ainda em virtude de suas pesquisas rigorosas, o Sr. Manoel Ambrósio – Brasil do Valle – é um sertanista genuíno. Nascido e criado nestas plagas sertanejas, passara sua vida longa no meio do seu povo, conheceu suas lendas e historias, ouviu-lhes as façanhas e bravatas e seu espírito de investigador aproximou-o bem perto da tenacidade histórica dos fatos narrados (...).*

*(Frei Bertholdo van der Mee – Janeiro de 1941)*

**C**á estamos novamente, “às braças” com este *Brasil do Valle*, profundo e *Interior*, de Manoel Ambrósio. As idiossincracias do texto que nos chega em mãos, aponta, não somente para seu conteúdo linguístico e literário – enigmático –, sua cartografia simbólica imbuída de um realismo, em alguma medida, mágico; mas também e, sobretudo, para o próprio palmilhar histórico do livro e os (des)caminhos por ele percorridos, desde seu primeiro esboço, no início do período novecentista, lá pelos idos de 1900.

Pelo que se sabe até a presente data, a produção do texto – aqui considerado em seu duplo sentido – parte de sua tessitura escrita até a seleção, impressão e primeira distribuição, contando com uma parceria a quem muito fica devendo o autor, segundo suas próprias palavras, o que nos leva à figura matriarcal da Professora Leondina Monção, então dona de um selo editorial na capital paulista. Ela que, ao que tudo indica, foi sua melhor revisora e mecenas, portanto, a responsável direta pela primeira edição de *Brasil Interior*.

A parceria entre a editora metropolitana e o escritor sertanejo nos dão um indicativo de como foi possível organizar e visibilizar o extenso trabalho de registro lexical constante da obra, concomitante à documentação e tradução do inconsciente coletivo das gentes sanfranciscanas, na forma de contos, lendas e

crônicas. Isto para dizer que um conceito de autoria que nos permita uma compreensão mais ampla do presente livro, deve remontar à discussão/conceituação de “autoria” que Roger Chartier (1999)<sup>14</sup> persegue ao problematizar a história do livro e dos direitos de propriedade sobre ele, desde a idade média europeia, até o tempo presente. É fato que as definições de autoria e propriedade intelectual, bem como os direitos econômicos sobre um produto cultural levado ao prelo vem sendo continuamente cambiados, desde quando se encadernou o primeiro livro de papel até a prevalência dos textos e livros eletrônicos hodiernos.

Longe de esvaziar os méritos do autor, esta percepção acerca dos processos de seleção e edição que compõem a obra em tela, nos ajuda a perceber como seu conteúdo foi sendo recebido e (re)significado por diferentes atores, leitores e críticos, no tempo e no espaço decorrido de mais de um século. Sabe-se que a obra foi recebendo diferentes definições ao longo do tempo, desde um livro “absolutamente emblemático” em relação ao saber viver ribeirinho e geraizeiro até a “obra síntese de Ambrósio”, por parte de seus amigos folcloristas que buscaram posicioná-lo na categoria de “inventor” da cultura popular sanfranciscana.<sup>15</sup> Leituras e percepções posteriores que, cumpre dizer, parecem não se coadunar com a intenção primeira do autor e de sua primeira editora que, aparentemente, pretenderam o engendramento e a circulação de um material paradidático que dialogasse com o sentido de pertencimento<sup>16</sup> dos alunos e alunas atendidos em diferentes níveis de ensino, pelo Professor e Inspetor Escolar Manoel Ambrósio e seus discípulos, desde as barrancas do grande *Paranapetinga* até os recônditos do sertão urucuiano.

Isto posto, podemos agora melhor justificar o título deste intróito que faz referência a uma obra vetusta, mas que, contraditoriamente, encontra-se em franco processo de expansão. Expansão, em primeiro lugar, entenda-se, no sentido de que é preciso estar atento ao movimento de recombinação dos signos e significados apresentados, guardados e veiculados pelo conjunto do texto, o que, em função da passagem do tempo cronológico e das óbvias mudanças linguísticas e culturais experimentadas pelo gentio sanfranciscano, nos permitem supor que



uma história da leitura e apreensão de *Brasil Interior* por diferentes gerações de autóctones – processo incontável por definição – constituem por si só um interessante objeto de investigação sociolinguística, literária e antropológica, a se realizar.

Em segundo lugar, nossa alusão à expansão da obra toma materialidade em função da oportunidade que tivemos de escrutinar o baú com os originais do autor, momento em que pudemos identificar nuances do processo de edição do livro por meio dos textos que constam do conjunto original, mas que por alguma provável decisão editorial não foram publicados junto ao livro finalmente impresso e distribuído a partir do ano de 1934, pela Editora Monção. Nesse sentido e por uma decisão editorial do presente, tomada por leitores/organizadores que não podem – e não devem se dar ao luxo de descartar textos ambrosianos inéditos –, tomamos por certo expandir e acrescer, nesta terceira edição, com os contos intitulados *O Chales de Tonkim* e *Os Dois Amigos*, aqueles mesmos textos suprimidos da edição original.

Considerações e inferências sobre o porquê da notada exclusão de parte dos originais é tarefa para críticos literários, o que deixamos em aberto para futuros e mais abalizados investigadores. Por ora, vale registrar que o *Brasil Interior* de Ambrósio foi, muito provavelmente, organizado como material paradidático, inclusive quando se percebe uma possível divisão etária no livro, então dividido em dois volumes que partem de textos simples e curtos, no primeiro volume, em direção aos textos mais longos e complexos do segundo. Isto nos permite empreender a hipótese de que aqueles textos que reificam a dramaticidade e violência dos *garrucheiros*, *esfaqueadores*, *navahistas*, *capoeiras* [e] *porreteiros*, caracterizados pelo autor como próprias das pessoas que habitavam desde o Arraial do Brejo do Amparo até as barrancas do Porto do Salgado – gente que, em tese, resolvia seus problemas cotidianos abrindo crânios de pessoas a machadadas e/ou assassinando autoridades policiais e desafetos políticos – podem não ter sido considerados como adequados a leitura formativa da mocidade ambrosiana em sua relação com a cultura escolar.

Também digno de nota nesses textos apócrifos é a aula de história regional com que Manoel Ambrósio nos brinda, ao retratar o costume do gentio

sanfranciscano em celebrar a Independência do Brasil à moda e a partir das efemérides bahianas, a exemplo do cultivo da tradição do Desfile ou Dança dos Caboclinhos. Ao referir-se ao folguedo popular dos Caboclinhos e respectivo Dia da Independência da Bahia, o Mestre Ambrósio deixa uma de suas costumeiras pistas para a (re)significação da história colonial, à luz dos saberes sanfranciscanos. A efeméride por ele mencionada comemora a vitória sobre as forças portuguesas na guerra de independência brasileira, que finalmente expulsa o colonizador luso de Salvador/BA no dia 2 de julho de 1823. Nesse sentido, o Caboclo e a Cabocla dramatizados no imaginário popular representam o exército – efetivamente brasileiro – que lutou pela expulsão dos portugueses.

Ora, é sabido que a comemoração da vitória dos povos do Brasil sobre os portugueses era encenada com esse desfile em que pessoas caracterizadas como indígenas Tupinambá, desfilavam pelas ruas dos povoados fazendo alegorias e cantos com arcos e flechas. No caminho, os/as “indígenas” recebiam da população flores, frutas e bilhetes com pedidos. Aparentemente, Manoel Ambrósio se ressentia da comemoração ter sido abandonada pelo povo do Arraial do Brejo do Amparo, tendo sido substituída pela versão “oficial” da Independência, posteriormente assinalada com o “grito” de 07 de setembro.

A menção à Dança dos Caboclinhos concorda com o conjunto da obra ambrosiana, no sentido de tratar-se de construções literárias que fraturam uma narrativa histórica e mnemônica monolítica sobre as imagens de fundação do país. Constatado o protagonismo do povo bahiano na luta pela emancipação surgem diferentes nuances das “independências” do Brasil, propondo outros olhares sobre a narrativa histórica forcejada pelo projeto republicano, a partir da suposta simplicidade da narrativa folclórica, o que nos leva à percepção de que estamos diante de textos mais complexos e profundos do que podem aparentar.

Por último, vale dizer que esta terceira edição revista e ampliada de *Brasil Interior* é um dos frutos do Projeto intitulado *Para a História do Português Brasileiro (PHPB) norte de Minas Gerais*, ação partilhada entre pesquisadores da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

*Comefeito*, seguimos perseguindo e conhecendo o universo ambrosiano em expansão.

**Ramiro Esdras Carneiro Batista**, da Associação Brasileira de Antropologia.

Fronteira Oiapoque, em 30 de junho de 2024.





### O Chales de Tonkim-Turim<sup>17</sup>

Saudosos e primitivos tempos do Porto do Salgado, quando uma matalotagem gorda custava 2 \$, uma libra de carne 60 n\$, e lingüiça se amarrava ao pescoço de cachorro!

Os homens vestiam calção de brilhantina, traziam meia de seda em sapatinhos encarnados, de entrada baixa com pinhões de ouro e prata, usavam jaquetas de pano azul agalvarados, presilhas de ouro, bengalões com castil de prata, ouro e marfim, cabelleiras postiças com rabixos devidamente empoadas e chapeo de tres biccós.

As matronas luxuosamente ostentavam amplas vestes talaes de panno finissimo de alparca ou seda com cabeção, ricas armadas aos domingos e festas, acompanhadas de suas mucamas, trajando vestidos de côres vivas, de fina seda, cabeça enrodilhada artisticamente de vistosos chales da costa, rasgando-lhes as orelhas pezados e compridos brincos-lagartixas – de custosas filigranas e altos valores, largos braceletes, alem de belissimos trancelins do metal louro, espelhante ao sol, sobre a engommada e alva camisa de cambraia, chales de cachemira ao ombro e sapatos de oleado ou marroquina aos pés. A ostentação dos que tinham fortuna, já se vê.

O restante do povo participava d’essa lepra do luxo e da vaidade mais ou menos. Arrastava a sua scimarra, segundo o seu proprio phrasear de então.

As visitas, entre o gradismo, eram precedidas de ricas joias, barras e moedas de ouro em cestinhos á cabeça de mulatinhas lordes, e á hora marcada os escravos carregavam ao ombro em alvas redes os seus ajoiôs ao ponto determinado.

Muitos usavam cadeiras cobertas.

As classes menos abastadas se correspondiam com bandejas de flores simplesmente. Era, pois, por esse tempo que não volta mais, de saudosas recordações de grandezas passadas e de pobreza também, com seus episodios bem interessantes.

Nessa ocasião começava o movimento commercial do Salgado com a praça da Bahia, cuja viagem demoradissima era de seis meses e so se fazia uma vez no anno.

Tambem o negociante era um só.

O commercio de fazendas cifrava-se n'essa ambulancia mascateira, surgindo na maior parte do sul de Minas, ou de embarcações dos sertões bahianos, quando se animára fixal-o o Capitão José Martinho, abrindo a primeira casa desse gênero com um variado sortimento.

A freguesia era espantosa; o negociante não tinha tempo para descanso.

De bom gosto, caprichoso e inteligente, sua loja era acomodada á todas as exigencias, ao alcance de todas as bolças. Corria longe a influencia e a grande novidade do ultimo sortimento, chegado de fresco da Bahia, eram os chales de Tonkim, chales de pura seda, segundo o annuncio; causando uma verdadeira revolução.

Ora, quem não possuia um chales de Tonkim, não era qualificada essa senhora, não era gente, nem de boa familia; dahi o estimulo – ricos e pobres em possuírem-no.

Do numero dos ultimos contava-se o carpinteiro Joaquim de Lima, que em certa occasião convidado com sua senhora D. Clemencia para uma ladainha, soffrera um grande desacato, por ter a senhora, no acto de beijar a imagem, seguindo o uso, posto a mão emcima de um desses chales que servia de ornamento ao altar improvisado na casa da festa.

Joaquim de Lima, envergonhado, não comeu o desaforo; trabalhou, fez sacrificios, ate comprar um para D. Clemencia.

Guarda esta o chales como uma estimativa digna de uma amorosa esposa.

No correr do anno chegam as famosas festas do Amparo: festas do Divino, de Nossa Senhora do Rosario e de S. Benedito com as competentes cavalhadas, congados, marujadas, botequins, patuscadas, comes e bebes por tres dias consecutivos, terminando-se com uma peça theatral.

O Porto do Salgado esvaziava-se para assistir aos festejos, uma legua distante.

Entre os populares que se aprestavam apparencia a Galdina dos Reis – Estrella do Sul, assim conhecida por ser natural da Bagem, mulher bonita, pobre, porem de grande tom, depois das marquezas da rua do – Dêca fumo – também gente mundial, como Ella.

Estrella do Sul morava na rua antiga do Sacramento e era vizinha de D. Clemencia, com quem muito se dava, por seu genio amigavel, folgazão e serviçal.

Com a approximação dos festejos acabam-se os chales do logista; muita gente ficou com o bizzo secco, e de bizzo secco, amuára-se de paixão a Estrella do Sul, que; qual muitas outras, não se prevenira em tempo.

Ai!.. de quem não o tivesse!

Ora, a vontade é um poder, é uma força.

Estrella precisava brilhar na festa, não queria, não podia perdê-la.

Sabendo que sua vizinha e amiga possuía um, pediu-o emprestado.

D. Clemencia recusou. Seu marido desculpou-se ella, ou antes fallava a pura verdade, era um homem nervoso e ciumento; se chegasse a saber do empréstimo, romperia com ella.

Estrella insistio geitosamente, prometeu de pagar novo, casou houvesse qualquer avaria.

E deste modo arranjou o que desejava, seguindo logo para o Amparo.

Esplendidas festas as do tempo dos imperios e reinados!

Muito povo, muito borborinho e folgares, foguetanças, expansão communicativa da alma popular desabrochando-se todo o anno, qual se de deliciosas primaveras, viçoras flores dos costumes nacionais, hoje amortecidas ao géllo de certas patifarias civilizadas, illustrações e sabenças de bobagens, supina ignorancia e desprezo revellados por tudo quanto cheira a verdadeiro nome de pátria e patriotismo.

Se a historia de um povo é o registro da grandeza, alegrias ou dores do passado, o brasileiro hodierno cheira a dobros de finados; brutalidade ferrenha e chata do egoísmo, gloria morta, terrível fascinação dos sepulchros caiados.

Tal é a nossa incuria e degeneração na indolencia, sem mais surtos de ideaes, sinão os que ditam esse espirito barbaro, selvagem, falso. Uma geração enferma não quer e portanto não pode, não pensa, não se agita, não evolúe.

Come bem e melhor digére, trabalha machinalmente uma alimária e se esforça, para que?

Simplemente para morrer esquecida de si, de seus antepassados e de suas tradições.

Até 1898, se bem que um pouco desfigurada do antigo esplendor, entre nós os costumes nacionaes eram um facto.

Em 1867 e 1868 tiveram êxito as chistosas danças dos caboc'linhos, e com grande pompa celebrou-se o dois de Julho.

Essas datas gloriosas já não existem; sumiram-se na voragem de tudo o que não presta, no modernismo meticuloso de asneiras e sensaborias, que tudo ostentão, menos o digno nome do patriotismo.

Dir-se-ia que fatidicas mostras insinuaram-se para sempre memoráveis nessas ruínas sociaes; porem um dia virá, que não longe, para vingar tanta affronta e ingratição, revestindo de heras esses velhos troncos sem saudades.

Ah! felizes os nossos antepassados, vendo a seus pés florir esses vagidos de inocencia primitiva de uma nação nova e gloriosa.

Ah! felizes. Souberam mais amar do que nós; cantaram, viveram, sofreram e sonharam, para nos legar esses dons sagrados da natureza, que nós, suppostos mais cultos, relegamos ao exterminio das velharias, que aqui no meio dos seus passam sem nome, qual se não houvessem existido.

Tudo se olha, tudo se examina, adianta-se tudo, mas as cousas espalhafatosas de grandes estrondos e arruaças na desordem commum do genero humano, nas pequenas como nas maiores aggremações populares.

Porem, antes que desapareça esta geração bastarda, vergastemos com a verdade, como o selvagerismo sertanejo esse cadaver pesado afim de chegar mais leve ao seu destino; e retomemos o fio da nossa narrativa.

Estrella do Sul, terminadas as festas, voltára para a casa; e pontualmente apresentou-se á D. Clemencia, levando porem, em vez do chales so, este e o seu preço equivalente no commercio. Bastante contrariada contára a sua amiga o que sucedera.

O chales estava defeituoso, queimado por um foguete extraviado, salvando-se ella milagrosamente; disto haviam muitas testemunhas.

D. Clemencia ja soubera, por noticias, do facto; mostrou-se um tanto aborrecida somente pelo marido que, se chegasse a saber, ou desconfiar siquer do empréstimo, o berreiro seria grosso.

Como a cousa estava sem jeito, acceitou o dinheiro.

– Demais minha vizinha, disse-lhe Estrella para attenuar o desgosto, não tenha receios. Elle não saberá disto nunca. O Capitão Zé Martinho partirá nesses dias para a Bahia; basta levar-lhe o dinheiro e uma amostra do chalés, que elle trará outro igual. Eu pagarei todas as despesas que elle fizer, alem do mais.

Clemencia acceitou o conselho e nesse mesmo dia, aproveitando a ausencia do marido, foi ao negociante, aquem referio todo o occorrido; este, recebendo o dinheiro, prometteu trazer o chales, tal qual o da encommenda, e guardou cuidadosamente a amostra.

– Mas, Sr. Capitão, eu desejo que V.Sa. o traga nas suas caixinhas, porque a tropa pode demorar muito em caminho; qualquer circumstancia inesperada.

– Descanse, D. Clemencia; farei o que a Sra. Deseja.

– Alem disto, accrescentou Estrella, que fora em companhia de Clemencia, eu que sou a verdadeira culpada, pagarei as despesas do carroto. V.Sa. Pode confiar tambem em mim. Serei pontual.

– Não tem duvida, minha senhora.

Despedem-se as mulheres, viaja o negociante e decorridos os seis mezes, eil-o de volta.

Felizmente nada de anormal em casa de Joaquim de Lima que tudo ignorava.

Logo soubera Estrella e avisára a D. Clemencia da chegada de Martinho; ambas vexadas, se foram em busca do objeto de tantas fadigas e cuidados.

Na ocasião em que entravam na loja, o negociante separava umas encommendas de particulares aos seos cuidados; assim que as foi vendo, bradou satisfeitíssimo, depois os cumprimentos do estylo:

– Em bôa hora chegam; hão de pagarme alviçaras. E avançando um grande embrulho de uma das malas, entregou-o á D. Clemencia.

– Igualzinho ao da encommenda. Veja se está a seu gosto.

Clemencia abriu o embrulho e exultou de prazer. Alli estava o chales, sem tirar, nem pôr.

– Está satisfeita?

– E muito, Sr. Capitão! Não tenho palavras com que agradecer-lhe tanto favor.

– E o carrêto? Indagou Estrella.

– Ora o carrêto...! Que a encommenda tenha chegado a contento das senhoras, é quanto basta-me. Estou bem pago. Clemencia e Estrella retiram-se muito alegres.

D. Rosa, mulher de Zé Martinho, que de tudo ignorava, não vê com bons olhos aquella negociata de chales, mormente quando Clemencia retira-se sem pagar e o marido recusa terminantemente receber o custo do carroto que lhe offerece a sirigaita da Estrella.

O Martinho sensura-lhe aquella suspeita sem razão, explicando com sinceridade, sempre habitual, todo o ocorrido; mas, exigente, inconvencivel, rompe com elle em desabridas siúmadás, e a verdade nada mais adianta sinão exacerbar aquelle espírito contraditório, até quasi ás vias de facto.



Algum tempo depois do que temos observado, passava um dia em frente do estabelecimento commercial o carpinteiro Joaquim de Lima.

– Seu Joaquim? gritou de uma das janellas laterais a senhora do comerciante.

– Senhora?

– Faça-me favor?

– Pois não, senhora dona.

– Desculpe-me chamal-o; não é pra nada! Simplesmente pedir um grande favor; espero que o senhor não me falte.

– Eh! Senhora dona! Vejamos o que seja.

– É para o senhor botar cov’do em sua casa, porquanto, eu não posso trabalhar para ajudar meu marido, bem sabe como, e vê-lo depois estar gastando com sua mulher e outras da laia d’ella, trazendo-lhes bonitos e finos chales da Bahia, não sei la se mais cousas, e dal-os affoitamente sem respeito em minha presença, como aconteceu ha poucos dias.

O senhor deve saber disto; se não sabe, melhor ainda, pois eu saberei.

E bateu com força a janella á caara do Joaquim de Lima.

Este, nervoso e gago, estava petrificado na rua, de phisionomia transformada, rosto em braza. Tremia-lhe todo o corpo. Apenas pôde articular surdamente e mal estas palavras:

– Sea... Clemen... e sahio precipitadamente.

Hora do almoço.

O desvairado entrou.

– Sea Clemencia, bote o almoço!

– Espera um bocadinho, seu Joaquim, enquanto esta menina acaba de mamar. Já está prompto; vou n’esta hora.

Com effeito D. Clemencia amamentava a filhinha de dois meses apenas, e afflicta esperava que a creança acabasse, quando recebeu um desastrado golpe de machado, abrindo-lhe meio a meio a cabeça, cahindo mártir n’uma poça de sangue.

Perpetrado o crime, o desgraçado atirou a arma para uma lado, atravessou as ruas e deitou a correr para os mattos próximos.

Accodiram os vizinhos, e instantes depois, um clamor consternava todo o Salgado.

Clemencia era uma senhora honradissima e estimada. Logo, logo entram as explicações e o echo de semelhante desdita repercutio com força, porem, conjecturas!

O cadaver da infeliz, transportado pelos presentes, fora sepultado na Igreja do Amparo.

Capturado Joaquim de Lima e condenado a dois annos de prisão, fora posto em liberdade por estar louco.

Uma vez solto, vagava de rua em rua ou pelos campos, a conversar sozinho, varias vezes a interrogar aos ventos:

– S'ea Clemencia?... onde está ella, eim? está me chamando?

E andava, corria sem socego noite e dia, fugindo ao contacto de todos, embrenhando-se nas florestas, onde chorando, aos ermos transmettia queixas e soluços profundissimos.

É que Estrella do Sul, ferida tambem por tamanha desgraça e sabedora do movel desse hediondo crime, encontrara-se com Joaquim de Lima em um dos seus momentos lúcidos, expoz-lhe toda a verdade, sem nada omittir.

Elle, ouvindo-a espantado, por sua vez referio-se ao embuste da mulher do negociante, em que, como pessoa rica, de consideração, depuzera intenso credito.

– Eh! meu visinho, assim tractava-o Estrella; aquillo foi uma calumnia e vou provar-te.

Estrella pedio licença; instantes depois, sahia do seu aposento particular, trazendo um lindo balaio com um embrulho.

– Eis aqui a prova, meu visinho! O Sr. conhece bem este chales; compra sua. Quem o queimou não fui eu. Nem por gosto isto aconteceu. Foi obra de um foguête.

Minha visinha não m'o queria emprestar: eu insisti e levei-o para o Amparo. Em minha volta restitui o dinheiro do custo, que eu e ella entregamos ao Sr. Zé Martinho que estava de partida para a Bahia, onde comprou um igual que recebemos em sua casa. Até o carrêto que eu quis pagar, aquelle honrado homem não acceitou.

O resto não passou de uma sciumada tola, calumnia de sua mulher, morrendo injustamente a minha bôa e santa amiga.

O desgraçado convencido da mais dura realidade, chorára amargamente. Acabrunhava-o ainda mais um grande desespero.

Achando-se desamparada a creancinha n'aquelles dias em que se dera o assassinato, cuja causa ignorava-se, fora recolhida a titulo de caridade pela mulher de Martinho.

Desvendados os meandros d'aquella funesta intriga, irritára-se contra ella a opinião pública, embora jurasse e batesse o pé, proclamando-se innocente, cercando a creança de mil cuidados.

– Tanto peor estes cuidados, murmurava o povo; é uma das provas do crime desta cruel e deshumana mulhere da bocca dura e coração de pedra. É a culpada mesmo.

E o povo tinha razão. A voz de Deos bradava forte na'quelle monturo de orgulho. Para os lado da rua da – Rosqueira – no fim da antiga do – Socego e hoje – Conego Marinho – no lugar onde se construíram seus cortiços, a que nós chamaremos escriptorios para a devassidão, via-se n'aquelles tempos um excellente curral; n'elle bellas e nédias vaccas de leite do Capitão Martinho.

Avizinhando-se a secca, soltou-se esse gado, ficando, porem uma das rezes servindo de verdadeira ama de leite do anjo desamparado, aos cuidados de um escravo que, pontualmente pela manhã e á tarde, cumpria este dever.

Um dia, porem, apprehensivo e triste, entra o escravo e diz à senhora:

– Sinhá, me perdoe, não tem mais leite.

– Que há?

– Que há! É que a vacca não quer dá mais leite; os peito stão cheio, mas porem... de sangue. Olha esta cuia, yayá?

Na verdade estava a cuia muito feia, singularmente a transbordar de sangue.

– É mentira tua, negro semvergonha! Tu logo não está vendo?... bradou a criminosa toda assustada.

– Ulhar não, yayá! Não stô mentino não! se ancê qué vê, a vacca lá stá ainda.

– Moleque, se isto não for a verdade, tu me pagará com uma novena no banco a pão e agua. Mandarei retalhar-te a sal e pimenta. Joque esta porcaria fora ja, e vamos la que eu quero ver isto.

– Eh! vancê pode... retaiá! murmurou o escravo, atirando para o chão do quintal o conteúdo da cuia, arrependido da sua bisbilhotice e curiosidade.

– Caminha prá lá! troou com voz nervosa a irada senhora.

– Eh! yayá! vancê bamo.

E os dois a sahir pelos fundos da casa, correram ao curral.

Alli chegando, ella furiosa arrebatou do escravo a cuia, mandou arrear novamente o bezerro e deitou mãos ao peito da vacca que suppunha estar com alguma bixeira.

Comefeito, d'aquelle manancial escorria sangue, muito sangue!

Chorou-o.

Um odor de leite!

Tentou proval-o. Não lhe permittia o delicado estomago. Orgulhosa, recalcitrante, vingativa, teimou de novo, teimou sempre a beber e sempre repellida.

Chamas intimas devoravam aquella fera, que agora examina cuidadosamente a vacca.

Nenhuma moléstia! Gorda, muito gorda.

Mudou-a de posição, mandou vir sal e agua. O animal comeu e bebeu muito bem. Ensaçou mil outros meios, e novamente meteu mãos a obra.

Sangue! Sangue! Sangue! fresco, vivo, limpo, rubro, para ella mysterio ameaçador!

Tirou-o todo, pois dera somente a quantidade igual á diaria do leite.

Impossível, portanto, a duvida.

No dia seguinte repetio-se a mesma scena. Ella aterrada, mandou immediatamente soltar a vacca, depois de ter comunicado o facto a seu marido que tambem o testemunhou, pensativo e muito acabrunhado.

Este pobre mas honrado homem, com a reprovação geral da sociedade pelo monstruoso crime, tornou-se um misanthropo, vendo fugir-lhe a freguesia do seu estabelecimento e arredor de si e dos seus os seus melhores amigos; desgostoso e em pouco tempo arruinado por uma liquidação forçada, retirára-se á vida do campo, onde veio a fallecer de paixão, de angustias, em lastimavel estado de pobreza e com elle, em piores condições por ser a ultima a morrer, a medonha Roza.

E a creança?

O caso da vacca servio para deseterral-a immediatamente d'aquelle lar maldito, indo parar á outras mãos, porem de verdadeira caridade.

Della existem netos.

Pouco depois da epocha a que nos referimos, andava a missionar pelo sertão o padre Antonio Spinola.

Este, chegando ao Porto do Salgado e sabedor de grandes crimes, até então impunes, abandonára a povoação, indo pregar no Brejo do Amparo, onde triumphalmente entrou de carro, carregado uma legua pelo povo.

Abriam-se as santas missões e a palavra evangelica, refugio de todas as dores e miserias humanas, respeitosa e fora ouvida em numeroso auditorio por quinze dias, durante os quais pela manhã e a tarde até o fim das predicas, via-se um homem passar pelo meio do povo, suando com uma enorme e pesada pedra às costas, seminu, esqualido, pés descalço, rezando, penitente em miseravel estado.

Esse infeliz a provocar compaixão nada mais era do que o nosso Joaquim de Lima, a quem a dor enlouquecera.

Decorridos alguns annos, o desventurado melhorára um pouco e em companhia da sua filhinha unica voltára aos seus antigos trabalhos, mas, nunca mais alegre, como d'antes.

Sua inxó, seu machado, qual se medidos por pensamentos profundos, cahiam graves, solemnes sobre a madeira.

Suspirava muitas vezes, limpando lagrimas, cumprindo o seu dever de officio.

Certa occasião, n'uma dessas lethargias em que costumava cahir, desperto, confessava:

– Eu nunca fui um louco completo. Quando fizeram-me infeliz, quando conheci minha desgraça, não me importei mais com as cousas do mundo.

Despresei-as.

Odiava os homens, odiava os ceos, não queria a vida, busquei em toda parte a morte.

Sempre detido por mão invisível, convenci-me de meu erro somente, quando tive a doce consolação de falar á minha bôa e santa Clemencia.

– Devéras, sr. Joaquim de Lima? O sr. vio a sua mulher? Indagava-lhe uma dessas curiosidades de todos os tempos e logares.

– Se vi? Não! Eu não disse assim. Eu tive a dita de falar-lhe.

Diz a tradição que, quando Joaquim de Lima andava foragido, uma noite dormia debaixo de um joazeiro e accordára sobresaltado, ouvindo uma voz que o chamava brandamente.

Reconhecer-a logo.

Era a de sua mulher que lhe dizia:

– Seu Joaquim, tal dia, você olhe para tal ponto de ceo á noite. Nesse dia salvar-me-ei.

Elle, em uma ancia indizível por vê-la, chamára-a supplicante: mas nada então ouvira, sinão os eccos de sua lastimas e gemidos atrazes da floresta que o abrigáva.

Duvidoso, resignado e ao mesmo tempo afflicto, esperára pelo dia aprazado.

Seria sonho, seria uma illusão?

Noite sem luar, calma e soberanna, derramada nas produndezas do valle.

La emcima um mar de estrellas, bello mar d’alem com suas brancas nebulosas, seu caminho de Santiago, seus mysterios sem fim!

Os astros, como olhares de espiritos bemaventurados, scintillavam divinamente glorificados nos extases da presença de um Deos vivo, guiando-os para o infinito.

Leviathans de luz, de amplas azas estelíferas, supremos mundos, ellas alem subiam, girando, eternamente tombando de vaga em vaga, impellidos pelas certezas das celestes harmonias de uma grandeza illimitada.

Bem tarde ja, e alguem os contemplava.

Era Joaquim de Lima, agora qual se parte do chão, mergulhado em profundos pensamentos, febricitante e de joelhos, illuminado da vaga luz n’uma dolorosa saudade, n’um mar de lagrimas, de suspiros, de gemidos tambem, em su’alma de penitente, constricto, arrependido, justificado pela graça, extasiado tambem do que via pelo infinito afóra.

Não! não era uma visão. Elle via e vira realmente.

Em derrota para essas ethereas plagas uma aureola clara de divina luz abriu-se no espaço. Dentro dessa aureola formisissima pomba branca adejava celere, desaparecendo aos poucos até se sumir perdida na immensidade dos ceos.

O foragido, louco de dores, embevecido nos raios d'aquella bemaventurança fugitiva, martirysado de tantas vigílias, não mais supportáva..

Excitado de um tremor convulso, pareceu-lhe tudo mover-se-lhe em torno. Giravam os cimos da floresta, e faltando-lhe terra aos pés, desfalalecera cahindo redondamente n'um arranco de pungente exclamação:

– Sea Clemen... c...!!

Os annos e os seculos apavoram a humanidade.

É que tudo passa, e não passa somente ó que é de Deos.

Uma gotta de luz basta para abraçar o mundo. A virtude pode achar contradictores; pode, e até coveiros se quiserem; mas nem contradictores nem caveiras resistirão ao surdo fragor de um tumulto e aos primeiros fulgores de seos triumphos.

O tumulto é o nada! Calumnias.

O tumulto é tão santo, é tão sagrado, que não guarda uma calumnia.

Reza a tradição que um dia, sob o maior sigillo sacerdotal, o Cura do Amparo, annos passados d'esta tragédia, mandava rebater os retabulos de uma campa entre os demais d'aquelle antigo templo, para que, assignalando-as ali não se depositasse outro cadaver acima do de Clemencia, encontrado tão perfeito e intacto, como la entrára.





### **Os dois irmãos<sup>18</sup>**

– Então, primo Cesario, o diabo do Serra Negra obrigou o nosso tio Amaro Estrella passar por debaixo da barriga do seu cavallo, ein?

– Infelizmente é uma verdade, Moura!

– Sabe você minunciosamente como isto aconteceu?

– Siúmadás, siúmadás porcas e injustas. O cariryzeiro, como sabes, era aggregado de confiança do velho; apesar disto, d'elle nutria um odio profundo de que, nem de longe suspeitava o velho, visitando constantemente a casa do Serra. Este individuo não é casado e hontem afinal, chegando da roça achou o patrão a palestrar com o caseiro; foi o bastante para que se enfurecesse, arremetendo contra o pobre velho, derribando-o e, armado, obrigasse-o tão grosseiramente a esse escandalo ja no conhecimento do povo.

– E o velho Amaro?

– Está apaixonadíssimo. Fez o que poudé na ocasião; reunio a camaradagem e prendeo o desaforado.

– Prendeo?!

– Ora! Já está na gaiola.

– Bom! Agora, tractar-se do processo.

– Do processo?!

– Pois não! do processo!

– Que processo? Então, pessoa alguma de nossa familia dormio um dia se quer com uma injuria d'esta ordem?

– Que queres, então, meu primo?

– Sei lá, primo? A paixão não me dá logar para reflectir.

– Nada de asneiras; o homem ja esta preso...

– Então, você é de opinião que nosso tio fique deshonorado?



- Não; porem, a injuria esta bem cobrada.
- Qual. Cadeia não lava a gente de certa ordem; desejava antes ver morto o meu tio e pensava até que você, como sobrinho, deveria partilhar os sentimento da família.
- Não tem duvida, meu primo! Você bem sabe que sempre estive a teo lado e não é você só; qualquer que seja dos nossos que soffrer uma desfeita; porem...
- Não admitto porem. O Serra Negra morre e quem o mata pode ser este seu creado.
- Porem, se você acaba de avisar-me que está preso...
- Que tem isto? Morrerá na prisão.
- É bem cruel isto.
- Não vejo. Neste caso, qualquer pé rapado aqui pode entrar, dar cartas, ser o dunga, sob condicção de uns dois dias de cadeia, matar e sahir livre do modo como sabemos, e andar depois de barbas no ar... janjando, não é?
- Nem tanto; mas para o Serra a cadeia bastará para corrigil-o. Demais, temos um recurso: expulsarem o atrevido daqui, para nunca mais.
- Para nunca mais hei de expulsal-o, mas com a bocca do meu clavinote e não demorarei. É uma licção para exemplo de todos esses forasteiros, presentes e futuros malfeitores que, bem acolhidos entram aqui com meias der sêda, pés de lã e luvas de pelica, carecedores de protecção, e que, depois de bem servidos, sujam a casa onde se hospedaram, diabos d'esses famintos.
- Não acho que de acerto; é um passo bem arriscado e se queres ver se o não é consulte ao nosso tio e espere pela resposta.
- Nesta não cahirei, porque sei da sua demasiada bondade e da formal recusa, portanto. Vim ouvir-te somente, necessito e exijo o teu apoio; ou conto contigo ou não és mais meu amigo.
- Cesario, isto é um desparate; seria bom reflectir.
- Minha resolução está tomada. Nem do ceo virá remedio.
- Então morrerá o Serra Negra?
- Se morrerá?! Não passará isto de hoje, careço de absoluto sigillo. Como é? Decida! Conto ou não contigo?
- Sim, meu primo! que queres de mim que não sejas logo servido?

– Pois bem, muito obrigado! Não esperava sinão esta resposta. Tomei já todas as providencias. O miseravel, desconfiado de si mesmo pela acção cruel que praticou, pedio á justiça segurança de vida.

– Que obteve?

– Ora que obteve?! A justiça é toda nossa e os taes da justiça asseguravam-no que nada temesse, pois estava garantido. Se falassem alguma cousa, não desse ouvidos á mentira e boatos falsos, que estivesse tranquillo é para esse fim mandariam reforçar a cadeia, dobrando a guarda.

– E então?

– Às sete da noite!... guardas comprados e cavallos promptos.

– E a força?

– Não nos fará mal algum; pois a pretexto de policiar o Amparo e o Salgado, este principalmente onde fervilham desordens de toda a casta, foi dividida hontem, de modo que não passa de quatro soldadinhos furrecas.

– Não nos exporão alguma temeridade, então?

– Tudo corre á medida de nossos desejos. Saberemos desvencilhar-nos.

– Pois bem. Conte comigo, já disse.

– Até á hora!

– Até á hora!

\*\*\*\*

Quem transitasse pela rua das Marquezas um pouco tarde da noite, isto cerca de uns sessenta e dois annos, pelo mês de Setembro, teria estacado deante de um fecha-fecha do povo e de soldados um pouco abaixo do quartel que sérvio não muito tempo há, de escola primaria.

Era então o povoado simplesmente Salgado, povoado que, pelas discenções políticas da epocha, sucessivamente andava de Herodes a Pilatos, villado e desvillado ao mesmo tempo, segundo o sabor politiqueiro.

Este jogo de empurra bem cedo creára rivalidades entre os dois povos vizinhos, rivalidades de muito absurdo, muita anarchia, muitos assassinatos. Ninguem se atrevesse a metter a lingua n'outrem de dia, para que não amanhecesse na eternidade no dia seguinte. Barbarissimas epochas!

Crescido o povoado, o seu direito de Villa mantinha um destacamento de linha, commandado por um tenente e um sargento: mas destinava a força a policiar os dois logares, impossivel era manter-se de modo regular, muitas vezes subdividida por diligencias constantes.

O Salgado assemelhava-se a certos logares que se fundam primeiro no sangue humano para progredir: nenhuma novidade o amanhecer espichados em plena rua, ou com as tripas enrolladas n'algum páo de esquina um, dois ou mais individuos.

Garrucheiros, esfaqueadores, navalhistas, capoeiras, porreteiros, toda essa troça de lambanças, das intriguinhas, da suscia e da cachaça enfurnava-se no pobre Salgado.

Seu primitivo policiamento fariam-no primeiro os principaes homens do logar, munidos de compridas espadas, zagaia e chuços.

Por dê cá aquella palha, ou pela falta de qualquer formalidade, uma resposta, um resmungar, extripava-se sem piedade e sem crime a quem quer que fosse encontrado por essa singular patrulha do terror. E quem se lhe resistisse!?...

Então, seria como se uma caçada de onças.

Levantemos um pouquinho a ponta d'esse véo e espiemos através dessa noite escura de Setembro de que vínhamos falando.

Dois cavalheiros acabavam de apeiar no fim da rua das Capembas Rajadas, onde cuidadosamente esconderam suas affastadas cavalgadas, e seguiram cautelosamente por desvios e beccos para a rua da Flores, indo bater á porta de uma das afamadas messalinas de então – a Xica Marqueza.

Onze horas para doze!

Um dos dois batia; e porque a dona da casa demorasse, ou não ouvisse, nervosamente insistia.

Nada da porta abrir-se.

Somno ou... conveniências... de ferro!

– Isto é um desaforo, meu primo! bradou o outro, secundando-o com um vozeirão.

– Marqueza, abra a porta, ou a derribo nesse momento.

E sem esperar resposta um formidável pontapé soou energico.

Mas, a porta não cedeo, nem pessoa alguma acodio.

Segundo pontapé.

Nada!

– Ó! primo! estás fraco. Veja lá como cahe uma trapeira d’esta.

Um baque dos diabos estilhaçava a porta, fragando pelas ruas silenciosas e despertando a atenção do quartil que estava pouco distante.

Num relance, qual se despertada de pesado dormir, grande massa de povo corria àquelle logar, porque ouviam-se muitos gritos, imprecações, pancadas, facas-fora num bababá dos infernos.

É que a casa não estava so; tinha gente que respondeu com tiro de pistola, este correspondido tambem por outro, e em seguida uma gritaria atordoante da Xica Marqueza. Ouve-se um trilhar sinistro de apito. Chega a policia e cerca a casa.

Chega o povo, travam-se razões mal explicadas, abre-se a lucta, e n’esta confusão ouve-se também a voz do commandante da ronda:

– Quem vem lá? Faç’alto.

Um vulto acabava de abrir e saltar affoitamente numa janella mal guardada.

– Que é isto? Faç’alto! Está preso! avançou o commandante.

– Qual alto, nem preso, soldado! E isto! E uma comprida lamina de aço polido cahia rapida sobre o commandante.

Este não contou fiado. Apparou dextramente o golpe, descarregando uma panchada de sabre na cara do resistente, que teria cahido, se não fosse amparado pelo seu companheiro, que, conhecendo o perigo, tomou a frente.

– Fugamos, primo, ou seremos descobertos e desmoralizados n’esta patifaria. Trate de escapolir pelo fundo, deixa o soldado commigo. Eu o lograrei.

– Mas, meu primo, este soldado me desfeiteou.

– Salva-te, primo, sinão será tarde.

Um volver de olhos e sem se saber de que modo, evadem-se os dois cúmplices, deixando policia e povo a ferver no barulho.

\*\*\*\*

Grande consternação no Brejo do Amparo! De todas as boccas rompiam palavras de dó por uma infelicidade.

Raros os corações de ferro que diziam bemfeito!

Os de alto sentimento de humanidade censuravam acremente o absurdo escândalo que na noite anterior desrespeitara ás autoridades e á lei.

– Salva-te, primo, sinão será tarde.

– Que pena! que crueldade! É um martyr! Não! o velho Brejo, nossa pátria, não é logar para se habitar mais nunca.

A maldição de Deos não tardará muito sobre elle.

Assim murmurava piedosamente o povo.

É que na manhã d’aquelle funesto dia arrancava-se da masmorra o cadaver do Serra Negra, assassinado por um tiro de bacamarte ás oito horas da noite anterior. Dois embuçados, aproveitando-se do descuido dos guardas, rapidamente approximaram-se das grades da prisão e desfecharam fogo ao infeliz. Agora cortavam-se-lhe os ferros, retirando o tronco de pás a remorder-lhe pés inertes.

Ignorados eram os autores de semelhante attentado.

Vehementes suspeitas cahiam sobre o Amaro Estrella; mas desculpavam-no, porque era-lhe proverbial a bondade de coração, incapaz d’aquella monstruosidade.

Quem sabe? Dessa atroz vingança naturalmente seria a responsabilidade de algum desastrado membro da família. Quem, portanto?

Guardas e soldados nem pessoa alguma, nada podiam explicar.

Foi fulano, foi beltrano, sicrano, etc; e nisto se ficou.

Crime para sempre impune!

Adivinhavam-se os autores.

E as provas?

Moura e Cesario eram apontados como os unicos capazes de semelhante torpeza.

A incerteza da hora, demais os factos que se deram no Salgado, e sabidos em todo o brejo, eram conjecturas do povo abonando-lhes a innocencia.

Impossível, pois, fossem elles, ausentes, por esse assassinato.

Á tarde, quando o cadaver do infeliz Serra era removido para a igreja do Rosario, entre os que pegavam as alças do caixão achava-se o Cesario.

E então, adeos, suspeitas!

Os mais exigentes indagavam surdamente:

– E o Moura porque não apparece? Quem sabe?...

– Moura? Coitado! Diriam outros. Nosso amigo, dizem que fumou no pão essa noite, lá no Salgado.

– Modes qu’ê besta” Elle stá, mas porem, c’a cara preta de boquinhos que levou dum cabra bom.

– Que boquinha! Elle bestiou no ferro da Marqueza. Cabra deve stá estomaguado!

– Eh! eh! grande cum grande! Stão pensando que gente do Porto são os cagamim do Brejo, qu’elle stá costumado a sová.... e ahi stá, Mané, onde seu sogro não é seu pae.

– Ficou c’a cara do home da Carinhanha. O negocio foi escaroso e agora stá comeno det’iado!

– Nunca se viu rua de valente. Olha este que aqui vai? Coitado, ninguem sabe quem o matou-lhe, e elle é quem perdeu sua vida.

– É verdade; interrompeu Cesario que ouvira parte d’essas prosas de caminho com o maior sangue frio – isto não hade ficar assim. O miseravel que praticou semelhante desatino deve ser procurado como se procura ouro. É demais! isto chama-se enlamear á uma sociedade, não acham os senhores?

– Oh! Pois não! responderam todos à uma voz, desembaraçados agora, porque o Cesario era gente alta, de consideração.

– Deve-se-lhe fazer o mesmo, continuou elle, exclamando. Pobre Serra Negra! Que sina! E muitas vozes repetiram.

– Que sina!

– De minha bando sou de opinião aqui do Sr. Cesario; uma ação se paga c’outra.

– Não digo que não; mas porem não fico atraz. Aqui hai quat’o coisa do diabo!

– Eu tambem nam fico.

– Nem eu.

– Nem eu tomém.

Taes as opiniões, fervilhando em torno do feretro do Serra Negra e entre as demais, mais uma:

– Ora, dexêm de plebas:

Deos verá.

E quem fô, Sahirá.

Era verdade, que no fundo havia alguma razão de ser.

A esse tempo o cadáver, sem nenhuma outra testemunha ocular sinão Deos, e esta insondável, chegava às bordas da sepultura que, escancarada, recebera-o muda, silenciosa com a sombra das cores funestas.

E nunca mais falou-se n'isto.

\*\*\*\*

– Panhou! Panhou! Oxente! Um grande panhou essa noite.

– Arre! Macreado! Panhou mêmo, home?

– Ora si... não! foi côco.

– Antonce ganhou, eim? Bem feito, mallungo! Agora vai contá tua mãi que teo pae te deu!

– E que damnado! Correu cumo caititu na serra.

– E o companheiro d'elle!

– Gente! o cão é baiêta. Cuma elle ficou atraz, deixa! Diabo stá cego!...

– Antão os menino são escopeteiro nas pernas?

– Deo sebo nas canella só.

– Se é de panhá eu que sou fio, panha meu pai qué mais veio, meu mano!

– Eh! o causo é que se elles não é tão legeiro, os vadio faziam-lhe a violla em caco.

– Faziam-lhe a fritada.

– Quem Deos provéra!

- Oxente! Apois queriam passá de Marqueza?!...
- E o sacco de puba azeda?
- Aquilo é uma vazia rôta; gritava que se ouvia longe e azullou nos páos pl’o fundo do quintal.
- Ah! em’conto se corre sua mãi tem seu fio.
- Ella foi feliz: mas porem, um dos tal marquez ficou c’a cara marcada.
- E que sordade valente é o menino da ronda! que menino bão!!
- Ah! é dos meu!
- Gorgeteiro no porrête, qu’ é damnado!
- Quem disse que foi porrête?
- Se foi!...
- Não foi não! Apois se fosse, elle n’era gente de arredá pé do logá. Não vê... Cahia fedeno. Não vê... Porrête é coisa que vem de cima; é Deos quem manda.
- Elle tossio, mas puxemo, morreno nos azá da macaca de João Palino: no refe!
- Ai nhãnhã!
- Ora, no refe, ou no porrête, ou no diabo, o certo é que derrubá mais porta de marqueza ou das capemba, fora d’hora...
- Iss’ é qu’ é!
- E o pi’o e que dis’ que o companheiro vem hoje despica a desfeita, intanos que o tenente ja poz os quarté de promptidão; e se vié é um letige de gecatura. Stô intemblano. Os menino não faz farofa. É aquella garapa!...
- O diabo é xujo. Não vê logo que porco não vende mio, nem cachorro negocea osso?
- Nem caititú inventa moda!
- Ah! quiqui! Ahi é c’ô stou!
- Tais os comentários dos sucesso da véspera em uma das esquinas da rua larga dos Carijós.
- Quatro horas da tarde.



A morte do Serra Negra também alli servia de thema, calorosamente discutido. Não se o estranhava, porque identico absurdo o Salgado presenciára, poucos mezes antes e este em plena luz do sol: ao meio dia. Um sogro igualmente assassinára o genro na cadeia sob os ferros. Uma questão de família e uma attenuante. O marido espancára barbaramente a esposa; e aproveitando-se da ausência do sogro, forçára a sogra, sendo incontinenti preso.

Chega o sogro e, sabedor da desgraça de sua casa, desvairado pela dor e sede de vingança, não procurou subterfúgios. Armou-se; e illudindo o sentinela, arrumou fogo n'aquella fera, bradando:

– Êrre perigoso de todos lós diabo!

E entregou-se á prisão.

Muita razão houve; mas o do Amparo?

A discussão iria longe, se não fosse cortada por um incidente impressionador.

Dos lados da estrada do Amparo um cavalleiro avançava á toda disparada, assim que penetrou na rua dos Carijós. Passou pelo grupo que o reconheceu.

Era Cesario.

Sobraçava um grosso clavinote, cavalgando em pello a um cavalo possante.

A corrida era tão vertiginosa e elle tal aspecto mostrava, que dir-se-ia um agente do exterminio.

Todos adivinhavam, ou antes aventuraram gravissimas scenas do horroroso espetaculo.

– Está morto o soldado!

– Morreu n'este momento o Cesario!

E enquanto assim pensando murmuravam, diversos d'aquelle grupo tambem corria em rumo ao quartel, onde Casario havia chegado.

O tenente commandante da força estava á janella; e, pensativo com os acontecimentos de ambos os logares, dera ordem a seus soldados que se apparelhassem para o que desse e viesse, segundo os boatos de ataques que a todo o momento esperava-se, quando alli estacára repentinamente aquelle cavalleiro.

– O Sr. é que é o tenente Paulo, commandante da força?

O tenente, vendo aquella attitude e pergunta mais descabida, engatilhou secretamente a pistola, respondendo resolutivo em seguida:

– Sou eu mesmo. Que quer o senhor?

– Simplismente intimal-o para, de duas uma: ou V.Sa. da guia ao soldado Malaquias, ou vê-o morrer aqui no quartel ás suas barbas no prazo de vinte e quatro horas.

E riscou o Cavallo pelo mesmo caminho, na mesma disparada infernal, sem dar tempo á resposta do tenente.

\*\*\*\*

Quasi alcançando as margens do rio Pardo, porem ainda em pleno campo e um pouco retirado da estrada real, sob a ramagem pouca de um pequeno coqueiro, descansava um viandante.

Era nos ultimos dias de Setembro. O sol abrazava a terra em pleno meio dia. Flores sylvestres de pequizeiros, arças e cagaiteiras perfumavam o ermo e no toucado da floresta que reverdecia soava o vento quente da estação.

Começava a primavera.

A vegetação rebentava exuberante e luxuriosa por aquellas chapadas agrestes.

Na superficie extensa do campo, enegrecida pelos fogos ultimos das queimadas, erguiam-se verdes capinzaes e nos cerrados das cercanias ao pé da caatinga beira cor de esmeralda, as cigarras monotonamente estridulavam sob o ceo. O terreno n'esse logar mostrava uma encantadora confradura onde derivava-se a fertilissima bacia do rio Pardo.

Longe como um largo, umido e verdejante cinto divisavam-se em uma orla cinzenta do horizonte altas vazantes das margens seculares, curvando a floresta, aqui e acolá sapecada ainda pelas aves do outonno.

Apezar d'esse bafejo de primavera, cabeças de secções de serras emergiam-se negras, monstruosas na immobildade do deserto d'entre a expessura do fumaceiro extonteante que parecia coagulado no espaço, sem todavia abater o vivo fulgor dos raios solares.

A luz era tão vermelha como as labaredas de um incendio. Viam-se tambem arvores sem formas e mandacarús gigantes qual consternado expectro na crista de penedos lobregos, mirando talvez a estrada real, tortuosa, cor de sangue,

mergulhando muito alem nas solitarias curvas, desaparecendo nas quebradas e planuras.

E ninguém mais n'esse ermo, sinão aquelle pobre viandante, extenuado de jornadas, morto de callor e de fome. Tinha as vestes dilaceradas, os pés extraordinariamente inchados, chapéo de palha e alpercatas atiradas junto á tralha que servia-lhe de travesseiro.

Dormia.

O somno parecia delicioso ao farfalhar das curtas palmas do coqueiro, cuja sombra mal amparava o rosto a escorrer abundante suor.

Declinava o sol sem que elle accordasse.

Súbito, do fundo de um serrado o chão secco e duro da estrada, começou a soar sob as patas possantes de um Cavallo a trote largo; fosse por uma casualidade ou circumstancia, o viandante despertara e se erguera um pouco para ver o que era.

Um cavalleiro aproximava-se e como se duvidoso, espreitava o caminho, parando um pouco: depois, esporeando o animal, este partio certo para a moita do coqueiro.

Apeiou-se ligeiramente, alli chegando.

– Graças da Deos! Pensou por instantes o viajor. Vou matar a fome e talvez a sede tambem; cinco dias hoje sem comer, nem dormir, sem beber e mais nem saber onde estou...

– Bôa tarde! saudou o cavalleiro.

– Bôa tarde! respondeu o viandante, reparando-o muito.

Breve momento decorrido, interrompeo este:

– O Sr. é d'aqui d'estas paragens?

– Sim senhor.

– Sabe dizer-me onde estamos?

– Nas margens do rio Pardo que pouco distam; e porque?

– Porque, meu senhor, estou perdido. Ha cinco dias e cinco noites que viajo sem parar. Errei a estrada e estou tão estragado, que não aguento dar um passo, morto de fome e de fadiga.

– De onde vem o senhor?

– Do Salgado.

- Para onde vai?
- Para Ouro Preto.
- É algum próprio?
- Não senhor; sou soldado e sigo com despacho do commandante.
- Oh! É soldado!... Então deve conhecer-me.
- Não senhor.
- Nunca me vio?
- Não senhor; nunca! É a primeira vez.
- Então, o senhor nunca me vio?
- Já lhe disse que é a primeira vez.
- Com effeito! É bem singular. Devia conhecer; ou ao menos ter-me visto.
- Porque, então?

– Serei, porventura, Malaquias, aquelle mesmo que, no Salgado á noite em casa da Xica Marqueza você ferio o rosto com teu sabre? Você conhece-me muito, Malaquias!

E o cavalleiro descobrio-se, mostrando um feio gilvar na fronte.

- Sim, já sei. Estou conversando com o senhor Moura do Brejo, não é assim?

– Elle mesmo; pensavas talvez escapolisse, fugindo por aqui, e fosse eu d'aquelles homens a que o pudor não corra as faces? Pois enganas-te. É tempo agora de provar-te que a farda do governo pode muito, menos proteger-te.

Soou o momento que eu mais desejava na minha vida; apparelha-te para morrer como um covarde que so se acha forte, quando à sombra da força – destemido, valente e desaforado.

Mostrar-te-ei que esta face, requeimada de sol e abatida pela paixão, denota igualmente um coração que não recuará deante de sacrificio algum, inda mesmo de vida; porquanto, um de nós hoje aqui ficará.

Malaquias que aterrado tudo ouvira de olhos fitos no chão, neste momento fitara de frente o inimigo.

Moura estava horroroso de despeito, vingança e rancor.

– Não minto, senhor Moura, quando ja lhe disse ha pouco, que não o conheço. O que aconteceu-lhe podia ter acontecido a qualquer de nós. Não fui culpado, não o offendi voluntariamente.

– Sim! vocês todos têm suas labias; diz isto agora! porem é tarde!

– Tarde como, Sr. Moura? Será possível que o Sr. seja bem cruel para matar um pobre soldado que lhe supplica perdão para uma falta em cumprimento de um dever, e que posso jurar ao Sr, não foi nunca por gosto?

– Sr. Moura, depois que cessou o barulho, so então soubemos ser o Sr. e o seu companheiro Cesario; que eram pessoas de alta posição na sociedade. O Sr. diz que eu o conheço e eu repito: não! pois sou novato no Salgado, onde cheguei a menos de um mez. Não conheço bem o Salgado, nem o Amparo; não conheço os homens do logar, como então conhecel-o?

Demais, em logares barulhentos, alta noite, escuro, n’aquella onda de gente amotinada, como saber quem seja?

Nosso commandante, todos nós, ficamos contrariados com isto, e o Sr. bem vê de si para si que, propositalmente, tal nunca se daria. Tambem sabemos tratar as pessôas de bem. Deos nos livre a nós soldados, de praticar de outro modo. Não! Sr. Moura: não é assim tambem como pensa e quer. Perdoe-me!

Meu commandante, desgostoso e não podendo garantir-me, foi intimado a dar-me guia, ameaçado pelo Sr. Cesario. Ve, portanto, não quis resistir, podendo. Ninguem se gloriou disto; Malaquias não seria tão insensato. Não o offendi por meu gosto, repito – perdoe-me.

– Não! Malaquias.

– Tomo a Deos por testemunho.

– Não, Malaquias.

– Não me perdoa, Sr. Moura?

– Não, Malaquias.

Malaquias abriu a blusa.

– Se fizeres alguma acção, te quebro n’este momento, Malaquias! vociferou Moura, escancarando uma pistola.

– Não se assuste. O senhor pode matar-me, desde que é sem piedade. Estou em suas mãos e as minhas são de cera para offendel-o. É minha sina, Deos assim o quer.

E entregou a Moura uma carta.

Este, recebendo-a quebra o lacre que a cerrava e lê o seguinte:

*Moura e Cesario*

*Meos sobrinhos*

*É portador d'esta o soldado Malaquias, que perseguido por vocês, segundo consta-me, por nossa casa passou, pedindo minha protecção. De boa vontade a concedi, e tel-o-ia conservado, se não fossem outras considerações a respeito de meos sobrinhos.*

*Sei, e todo mundo o sabe, como as cousas deram-se no Salgado. Não se culpe totalmente a um pobre soldado, cumpridor de ordens. Reflectam no que vão fazer; nada de absurdos mais. Basta o que tenho sofrido e continuo sobre a morte do Serra Negra, cujo assassinato é voz corrente, segundo consta-me, que são vocês os autores contra o desgraçado preso.*

*Acho-me em penoso estado de abatimento, que a morte também para este velho tio seria um alívio. Reflectam mais que Deos vella sobre as acções dos homens; não fui eu quem mandou sacrificar-o, bem como positivamente não sei, nem posso jurar quem foi.*

*Moro longe do Amparo. Occultam-me tudo, o que faz-me desconfiar bastante. Se vocês são os culpados, fiquem certos de que uma execração peza sobre nossa família, cujos funestos resultados todos nós ignoramos.*

*Nada de vinganças, meos sobrinhos. Affiancei ao soldado que vocês eram rapazes ajuizados e que tal não se daria; elle, porem, talvez aterrado com os boatos, não se convenceu de minhas palavras somente.*

*Mostrando-me uma guia passada para Ouro Preto e temendo algum ataque imprevisto na viagem, leva elle minha carta, que, no caso de algum encontro com vocês, lhes será entregue e espero ser attendido.*

*Perdoem o pobre homem desde que se humilha. É meu protegido; vocês pensem antes de tudo, no dia de amanhã.*

*Deos l'os vê e os abençoe pelo velho tio.*

*Amaro Estrella.*

Seguia-se a data.

Terminada a leitura, Moura permanece pensativo por algum tempo.

– Já não sou o mesmo homem, Malaquias! Disse Moura limpando lágrimas.

– Estás perdoado de minha parte; resta-me, porem, impetrar o teu perdão a meu primo Cesario que de emboscada se occulta por detraz desses penedos bem perto de nós. Se eu obtiver, estarás feliz, porque Cesario é muito pertinaz e violento.

– Depende do senhor.

– Quem me dera! Não é como pensas. Moura cavalgou de novo e seguiu para os serrados.

Decorridos alguns minutos, através da profunda solidão dos ermos ouvia-se uma perigosa alteração, retumbando a voz grossa de Moura.

– Não tenho mais ódios, nem desejo vinganças. A carta de nosso tio e meu íntimo amigo acaba de deitar água fria na fervura.

– Quia! Fum! Carta de um velho caduco, bem levou de passar? Segunda vez por debaixo da barriga d’outro Cavallo? E tu não dizias que com esse tratante seria inexorável?

– Meu primo, dei já o meu perdão. Está dado; faça você de mim o que quizeres.

– A cicatriz bem fresca d’esta tua cara logo demonstra que tu és um homem desonrado.

– Meu primo não repara que insulta-me.

– Não insulto; mas o soldado morrerá.

– Dois guarda-costas que o acompanhavam repetiram: morrerá!

– Mas, eu não quero que morra.

– Então morrerás por elle! Bradaram encolerizados o Cesario e os capangas, apontando-lhe o peito com os clavinotes.

– É isto, primo! Escolha!

Moura que não esperava por semelhante ameaça, sentou-se soluçando em um cupim, rasgando a carta que lera.

Cesario e seus capangas – Romualdo e João Gordura – dirigiram-se de carreira para o lugar onde se achava o soldado.

A resolução estava tomada, mesmo antes da chegada de Moura. Este tentou ainda num esforço ultimo. Seguiu-os, alcançando-os a correr e no momento em que engatilhavam as armas.

Malaquias que afflictivamente tudo ouvira, tendo por certa sua morte, levantava-se e de joelhos orava.

– Coitado! disse Moura. Muito mesquinha a tua sorte; desfavoravel, não auxiliou-me livrar-te das mãos destes homens! E accrescentou:

– Podeis assassinar este miseravel soldado; porem por vossas proprias contas. Eu não assumo perante Deos semelhante responsabilidade. Malaquias, exclamou ao soldado que ainda orava, adeos! Saiba morrer como homem! E retirando-se dalli, metteu os dedos nos ouvidos.

Uma descarga ecoou por aquellas brenhas onde Moura cavára uma sepultura rasa ao misero Malaquias.

\*\*\*\*

Um ano era ja passado.

O sol claro e triumphante de uma rosea aurora allumiava os pincaros das serranias do Amparo.

Os passarinhos docemente cantavam no esplendido valle, ondeado de maduros e ultimos canaviais das eiras com seus pardos penachos, esperando as derradeiras cegas e oscillando ao sopro da brisa matutina.

As encostas tinham o brilho divino d’essis brejaes refrescados pelas aguas regadias e perenes do Salgado e se cobriam de matizes floridos, mostrando aqui e alem a terra novamente lavrada; em apraziveis distancias a perderem-se de vista, sitios e paisagens abençoadas pelo trabalho do feliz agricultor áquella hora de enxada ao trabalho, cantando na esperança de promissoras lides.

Mangueiras, goyabaes, laranjaes e jambeiros bravios negrejavam em torno de moradias alegres e rumorosas ao canto de aves madrugadoras nos prados e à queda e susurro das águas em cachoeiras ao sopé da serra.

Tão cedo, e á beira da estrada um homem parado, segurando um cavallo arreiado.

Parecia esperar por alguem.

Perto d’alli marginava um profundo vallo, coberto de cana brava junto a um pantano.

Seis horas da manhã. O orvallo gottejava do arvoredado, humedecendo os caminhos, agora muito claros ao sol que se erguia.

O homem do cavallo coçava a cabeça impacientemente. Tossia, escarrava, fumava e com voz meio alta, porem cautellosa, murmurava palavras repassadas de desespero.



Um instante mais e um som monotono plangente perdia-se nos angulos da floresta, e de onda em onda quedava-se no recinto calmo da serraria.

A principio o individuo não prestou atenção; depois, qual se desperto de penosas reflexões, sobresaltou-se inda mais contrariado e não esteve para delongas.

Amarrou o cavallo e atirou-se entre as cannas bravas do vallo.

– Moura! Moura! ó Moura!

– Que é? Respondeu uma voz rouquinha e grossa d’esse antro.

– Levanta-te sem perda de tempo; preciso falar-te. Estou aqui ha mais de hora.

– Vasquinho? disse Moura, esfregando os olhos pesados de somno e tonteiras, bocejando muito, com as vestes em desalinho, estirado na humidade do solo argiloso.

– Sou em mesmo. Depressa, Moura!

– Onde estou, Vasquinho?

– Coitado! murmurou Vasquinho. De nada sabe. Desgraçada cachaça! desgraçada embriaguez.

– Onde estou Vasquinho? que logar é esse, quem me botou aqui?

– A infelicidade, Moura!

– A infelicidade mesmo! dizes bem. Estou quase adivinhando... Isto aqui é perto de nossa casa, não é?

– Prouvera Deos!

– Que? Não estou em casa? disse elle, levantando-se e olhando em derredor.

– Não vês que aqui é o Amparo, quatro leguas distantes de tua casa?

Elle olhou então mais firmemente para um tabual. Em rumo d’este elevava-se um soberbo pé de molungú de flores encarnadas e encantadoras; e qual se alguma dolorosa recordação lhe pungisse o peito, resmungou raivoso:

– É elle mesmo! Comeffeito estou no Amparo. Ja sei; embriaguei-me e cahi na estrada. Forte infelicidade! É a ultima vez que tocarei a maldita cachaça na bocca.

E de novo olhou para o mulungu:

– É elle mesmo. Deve ella estar ainda la, bem acima do tronco. É de cobre. Se elle a recebe era dêfuncto.

Moura, todas as vezes que por alli passava, tinha dessas murmurações.

É que não havia muito, elle, de emboscada, tentára assassinar o Juiz municipal, quando este com pessoal do foro voltava de seus trabalhos pela comarca.

O infeliz, traiçoeiramente ferido por um tiro, escapára com um braço fracturado, e a balla, adrede preparada, sibilou, indo encravar-se pro tronco do mulungu que até bem poucos annos existia ainda.

Soffrera a emboscada por ter-se portado com justiça em um inventario que pouco antes tivera logar em uma casa de fazenda, onde entrára em desacordo com o Moura.

Por isto o remorço agora fel-o ainda repetir: era defuncto!

E um ecco doloroso rangeo no valle em fóra.

– Oh! tão cedo! quem morreu no Amparo, Vasquinho? Vasquinho estremeceu.

– Seu compadre Cesario.

– Primo Cesario?!

– Sim! Cesario!

– Fala serio, Vasquinho!

– Não gracejo.

– Que me dizes? De que? Primo Cesario estava doente?

Vasquinho contemplou este homem e murmurou á parte.

– Oh! meu Deos! Que pena! É forçoso dizer tudo e arrebatá-lo d’aqui, antes que alguem nos veja. O momento é urgentíssimo.

– Moura, estás muito innocente. Teu amigo foi assassinado hontem.

– Assassinado?! Quem o assassino do meu amigo Vasquinho? Fala Vasquinho! disse Moura, chamando em ardente desespero.

– Ninguem, Moura! Vamo-nos embora. Cavalgue o animal que trouxe á toda a pressa. Corra, fuja a todo o gallope sem perder um minuto. Procuram-te; estarás perdido se te encontrarem. Não há tempo para conversas. Falar-te-ei depois. Siga

por aquelle trilho; mate o Cavallo e trate de salvar-te a todo o custo. Foste tu o assassino do teu amigo.

Moura sentio desfallecer-se. Um suor frio innundou-lhe as faces intumescidas da embriaguez. De nada tinha consciencia; mas, o modo cathegorico era tal, tal as instancias e rogos que, não duvidando, appressadamente correu ao animal, cavalgou-o, e ouvindo ainda cheio de pasmo os dobres de sinos, arrancou-se dalli pelo trilho que Vasquinho lhe indicára.

\*\*\*\*

Na verdade, Vasquinho não mentia.

No dia anterior, um domingo, segundo o costume viera com seu patrão e amigo das um passeio á Villa, onde residiam as principaes pessoas da grande familia brejina.

Na occasião em que era celebrada a missa conventual, ouvia-se com uma desabrida altercação entres pessoas, partindo de uma loja fronteira á igreja.

Fôra longa, porque, depois de acabada a missa, essa inda mais forte se accentuára.

– Eh! hoje temos porção na villa; diziam seus populares, sahindo da igreja.

O Moura hoje stá na herva quis tá danado. Queira Deos!

Cond'elle toca na dindinha,

É os pão da Lagoinha!

Aquillo sahe fogo. Inda bens qu'é c'o Cesaro, parente c'o parente! Em negoços de grande a gente da outra banda não se deve se mettê. Antes tivesse uvido a missa.

E o barulho fervia.

Algumas intervenções acalmaram-no por instantes, para recommençar em maior intensidade.

Meio dial!

Os meninos da Candinha, que curiosos espreitavam o falatório, pouderam descobrir que versava este sobre negócios políticos e atiravam ditados uns aos outros.

- O barrio do becco stá freveno.
- Cond’eu penso que pafo, stô devera.
- Os menino da preba stão dizem.
- Dois carneiro de chifre não bebe n’uma so conbuca.

Ja o sol inclinava-se sobre o pendor da serra, cuja sombra suave e bella envolvendo a villa inteira, derramava-se esplendida pelo Valle.

O povo fervilhava nessas horas domingueiras; uns a passeio e diversões, outros á porta de suas casas parollavam alegremente, poucos importavam com o que se ia pelo mundo alem.

Nesse interim, um grupo acabava de sahir da loja de que falámos, conduzindo um individuo muito exaltado.

Era Cesario.

Alli houvera o diabo a quatro.

Cesario ameaçara a Moura, chegando-lhe a mostarda da cara; mas, acodindo amigos, amainaram a briga que, começando pelo vinho e pela politica, jamais accordára sobre a excellencia dos partidos a que os dois pertenciam.

Moura era conservador e Cesario liberal. A defesa de convicção era violenta de parte a parte.

A discussão nada tinha de sãos principios de sciencia, nem mesmo de pragmatica social em taes questões, nem uma idéa a aproveitar-se, nem ainda a decencia de linguagem, porque, ambos, querendo sobresahir em influencias locais de prestígios, de poder e de força, incapazes de raciocinio, de conhecimentos litterarios ou scientificos, presos pela paixão, alterados pelo vício, enveredavam-se mais pela tolice de uma disputa, do que para um credo; mais para uma basofia e perdedeira do vinho, do que para juizo e civilidade nas boas normas do proceder.

Moura, insultado, quizera uma desforra e não poud; cambaleava muito.

Pegaram-no, retirando a Cesario também em lastimável estado para sua reidencia. Moura, furiosissimo, urrava como um tamanduá bandeira no carrasco.

Pedio uma garrafa de vinho e derribou-a de uma vez.

Os amigos tentaram consollal-o; e, vendo que, exaltado cada vez mais, não podia dar um passo, arranjavam-lhe um pequeno sofá na salla onde deixaram-no socegado, retirando-se todos para a loja onde a bebedeira progredia.

\*\*\*\*

Accudam! Accudam! Prendam o assassino! Taes os gritos alarmantes que partiam da casa do Cesario, perto dalli.

Neste momento, cambaleando e quase a cahir por terra, desorientadamente corria um homem em direção á serra.

Seguia-o, mas de muito longe, um policial chamado ás pressas. Muitas vozes gritavam ainda:

– É Moura! É Moura! Prendão o assassino!

Cesario, acompanhado dos amigos até sua residencia, mal pronunciando palavras, relatava a conversa que tivera com o Moura, quando este, illudindo a vigilancia dos que haviam-no accommodado, e absolutamente desvairado pela ultima garrafa de vinho que esvasiára alli entrava, travando-se então novas, mais azedas e violentas disputas, terminadas n'estas palavras.

– Ora, Moura, desde manhã que você insulta-me.

– Nunca insultei a ninguem; mas você desfeiteou-me.

– Não te desfeitei.

– Não desfeiteou? Queres mais, Cesario?

– Pois, Moura, tanto te desfeiteei, que, você quer mater-me por isto, aqui tem esta arma.

E arrancou da própria cinta comprido e largo facão, passando-o com desdem e ao mesmo tempo com certa confiança insinuante para Moura.

Este, de posse da arma com Ella vara o peito do seu amigo que cahi fulminado.

Ao clamor das pessoas que se achavam na sala e que nem de leve suppunham aquelle desenlasse, fuge Moura, aproveitando-lhes a falta de energia e que respostas dos primeiros espantos, tarde lembravam de socorro, cahindo Cesario entre seos mais intimos amigos e parentes.

O sol havia entrado e o sino dava o toque das Ave-Marias.

O policial voltára, nada alcançando.

O homem evadio-se; dissera.

No entanto se fosse mais certo, o assassino teria sido preso. Tal era o seu estado de embriaguez que, chegando ao fim da rua, mal tivera tempo de entrar em um fedegosal, cahindo desaccordado.

Vasquinho com outros amigos dedicados, ás occultas procuraram-no durante a noite; mas, não podendo escondel-o em suas casas pelo alarma em que se achava a villa, nem poder tambem elle deliberar cousa alguma pela embriaguez, cautelosamente depozeram-no n'aquelle esconderigio, onde pela manhã o encontramos com Vasquinho.

\*\*\*\*

Moura é tenazmente perseguido pela família de Cesario.

Porfiada lucta!

O criminoso era estimadissimo e alem disto possuia alguns recursos.

Repetidas diligencias policiaes, inumeras emboscadas, premios, empenhos, todos os meios de captura são postos em pratica.

Vasquinho, o companheiro inseparavel de Moura, frustra com inexcedivel dedicacão todos os planos. Moura, restabelecido da embriaguez, assim que soube do desgraçado fim de seu primo e amigo, chorára arrependido, vendo claramente em tudo aquillo a mão da Providencia e os avisos do tio Amaro.

Agora, sequestrado da sociedade, criminoso, tardiamente amarguravam-se-lhe os dias de uma mocidade desregrada e nessas dolorosas horas de duras anciedades abria seu peito a Vasquinho, que compadecido, jurava-lhe fidelidade.

Esta fidelidade no decurso de algum tempo fora comprada por parentes de Cesario pelo valor de quinhentos mil reis em ouro, a que o miseravel não tivera a coragem de resistir, entregando o seu amigo e protector à policia, depois de traiçoeiramente embriagal-o para esse fim, e dirigir em pessoa a diligencia do logar so d'elle conhecido.

Temendo ser descoberta aquella infamia, evade-se precipitadamente do Amparo.

Preso Moura, exigiu este do official, que era tambem o delegado de policia, o levasse directamente para a cadeia da villa, que nesse anno passára a sede para o Salgado, evitando d'estarte entrar no Amparo, logar do crime, onde se achava a maior força de sua família e a de seu primo. que de modo algum consentisse em insultal-o.

O official tudo prometteu, mas não cumprio, ja de combinação com os inimigos do Moura; pelo que, a pretexto de alguns boatos de tomada do preso em caminho por seus amigos e partidarios, embrenhou-se com elle pelos mattos, deu reviravoltas, simulou difficuldades e receios de emboscadas, entrando triumphalmente em um sitio, a Bôa Vista, onde, avisada a tempo, achava-se reunida toda a familia e inimigos de Moura.

Era uma exhibição.

O desgraçado, carregado de ferros, fizera os maiores esforços para evital-o; mas embalde.

Dalli, depois de mil injurias e affrontas, resignadamente recebidas de almas pequeninas, sedentas de vinganças, seguiu para a villa.

Condenado pelo jury, é remetido para as prisões de Ouro Preto, como perigoso malfeitor. Cumpre alli a maior parte da sentença e alcança o perdão do resto do tempo; porem, no dia em que do Rio de Janeiro este chegava em Ouro Preto, Moura, que adormecera vigoroso e alegre, mysteriosamente havia fallecido pela madrugada, deixando consternada a pobre esposa que, ao saber da noticia, enlouquecera, arruinando-se toda a fortuna da infeliz absorvida pelos sectarios nefastos da ephoca e d'esse maldito foro das justiças sertanejas.

Tal o resultado de tantos crimes.

A justiça divina pairava acima das miserias da terra.

\*\*\*\*

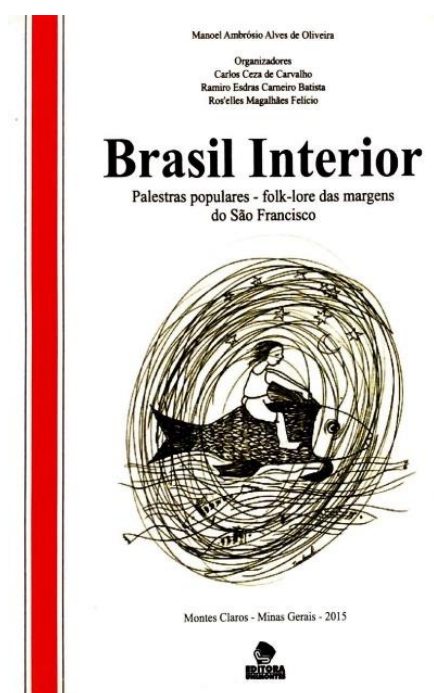
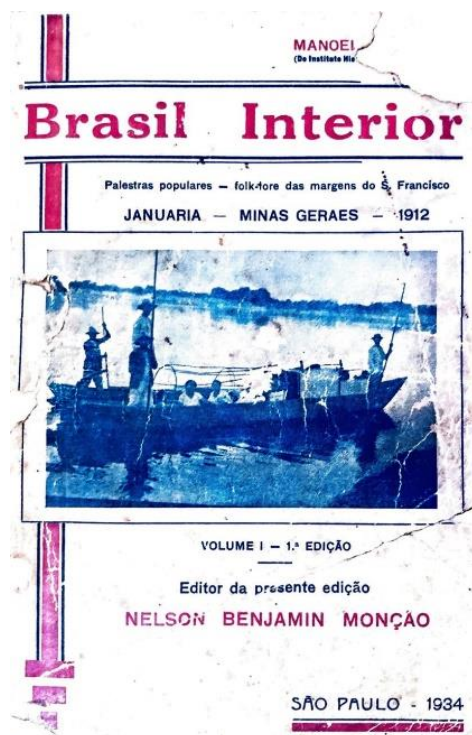
Muitos annos decorridos!...

A mandado da família de Cesario com cerca de 80 annos de idade, sobrevive ainda um antigo desertor da policia que por recompensa assassinara o Moura na secular fortaleza de Villa Rica.





## CAPAS DAS EDIÇÕES ANTERIORES



\*19







## NOTAS DE RODAPÉ

<sup>1</sup> Nota dos organizadores: Conferência realizada pelo autor aos 25 de setembro de 1935, na Academia Carioca de Letras, ocasião em que Manoel Ambrósio apresenta a obra *Brasil Interior* – publicada um ano antes em São Paulo/SP – à comunidade acadêmica da cidade maravilhosa. Pesquisa documental de Ramiro Esdras (2020).

<sup>2</sup> Nota dos organizadores: O autor faz provável alusão ao primeiro grande sucesso gravado por Noel Rosa em 1930, quando o cantor contava apenas 20 anos de idade. “Com que roupa” deve ter feito parte do repertório musical de Manoel Ambrósio, pelas ondas do rádio. Rosa morreria muito jovem, apenas dois anos depois dessa passagem de Manoel Ambrósio pelo Rio de Janeiro, em 1937. Pesquisa eletrônica de Ramiro Esdras (2021). Fonte: Radio Eldorado AM/FM. Disponível em: <https://www.am570.com.br/post.php?id=2126#:~:text=O%20primeiro%20sucesso%20de%20sua,deixou%20e%20escondeu%20suas%20roupas>.

<sup>3</sup> Nota do autor: Nome primitivo do Rio de São Francisco: *Paraná* \_ rio quasi mar; *Pé* \_ caminho; *Tinga* \_ branco.

<sup>4</sup> Nota dos organizadores: Na imagem, excerto do Jornal do Comércio (Rio de Janeiro), datado de 26 de outubro de 1935, noticiando a Conferência de apresentação da obra *Brasil Interior*, realizada por seu autor. Pesquisa eletrônica de Pedro Borges & Ramiro Esdras (2021).

<sup>5</sup> Nota da prefaciadora: A expressão “Rio sem história” intitula a conferência proferida em 1922, na qual o autor descreve o Rio São Francisco como a força social que teria garantido a unificação do Brasil ao longo do Segundo Reinado.

<sup>6</sup> Nota da prefaciadora: Conforme LACERDA, Carlos. Desafio e Promessa: o rio São Francisco. Record, 1 ed. Rio de Janeiro, 1964.

<sup>7</sup> Nota da prefaciadora: Conforme SILVA, Cosme Damião da. O estilo indireto livre no Brasil interior de Manoel Ambrósio. Cadernos de Pesquisa. NAPq/FALE/UFMG, nº 29, Outubro de 1995.

<sup>8</sup> Nota do prefaciador: Sobre o assunto, consultar: PIERSON, Donald. Rio de Janeiro: Ministério do Interior/SUVALE, 1972. Originais em inglês - 1960 - de pesquisas de 1952, publicada em três volumes.

<sup>9</sup> Nota dos organizadores: Refere-se o prefaciador aos organizadores da edição de 2015 (Unimontes).

<sup>10</sup> Nota dos organizadores: Perfil biográfico originalmente publicado por Francisco de Vasconcellos, então diretor do programa “Presença do Folclore”, em 1974, na Revista Itaytera (Separata número 18), Edição do Instituto Cultural do Cariri.

<sup>11</sup> Nota dos organizadores: Na imagem, exemplar de número 53 do Jornal “A Luz”, distribuído em Januária/MG em um domingo, 11 de outubro de 1903, tendo como proprietário e redator-chefe Manoel Ambrósio.

<sup>12</sup> Nota dos organizadores: Aqui Vasconcellos parece se equivocar ignorando que, embora a obra tenha sido remetida ao prelo em 1912, somente foi publicada pela editora Benjamim Monção no ano de 1934.

<sup>13</sup> Nota dos organizadores: Texto extraído do Jornal Estado de Minas – Edição de Domingo, 11 de maio de 1986 – (1º caderno, pág. 16).

<sup>14</sup> Nota do posfaciador: Sobre o assunto, consultar CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

<sup>15</sup> Nota do posfaciador: Sobre isto, consultar: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920–1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

<sup>16</sup> Nota do posfaciador: Sobre a percepção de *Brasil Interior* ter sido compulsado como material didático, consultar ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. Manoel Ambrósio: Velho Mestre de Minas. In: I Seminário de Estudos Ambroseanos: escrever na margem, educar na berlinda. Caderno de resumos: I SEA - 2021. Belém/PA: Folheando, 2021. v. I. p. 25-49.

<sup>17</sup> Nota dos organizadores: é sabido que o texto “O Chales de Tonkim” foi publicado originalmente em forma de capítulos, em diferentes edições do Jornal A Luz, de propriedade de Manoel Ambrósio, na primeira década do século XX. Na impossibilidade de acessar todas as edições do antigo hebdomadário, pudemos pela primeira vez obter acesso ao texto integral, por meio dos originais de *Brasil Interior*.

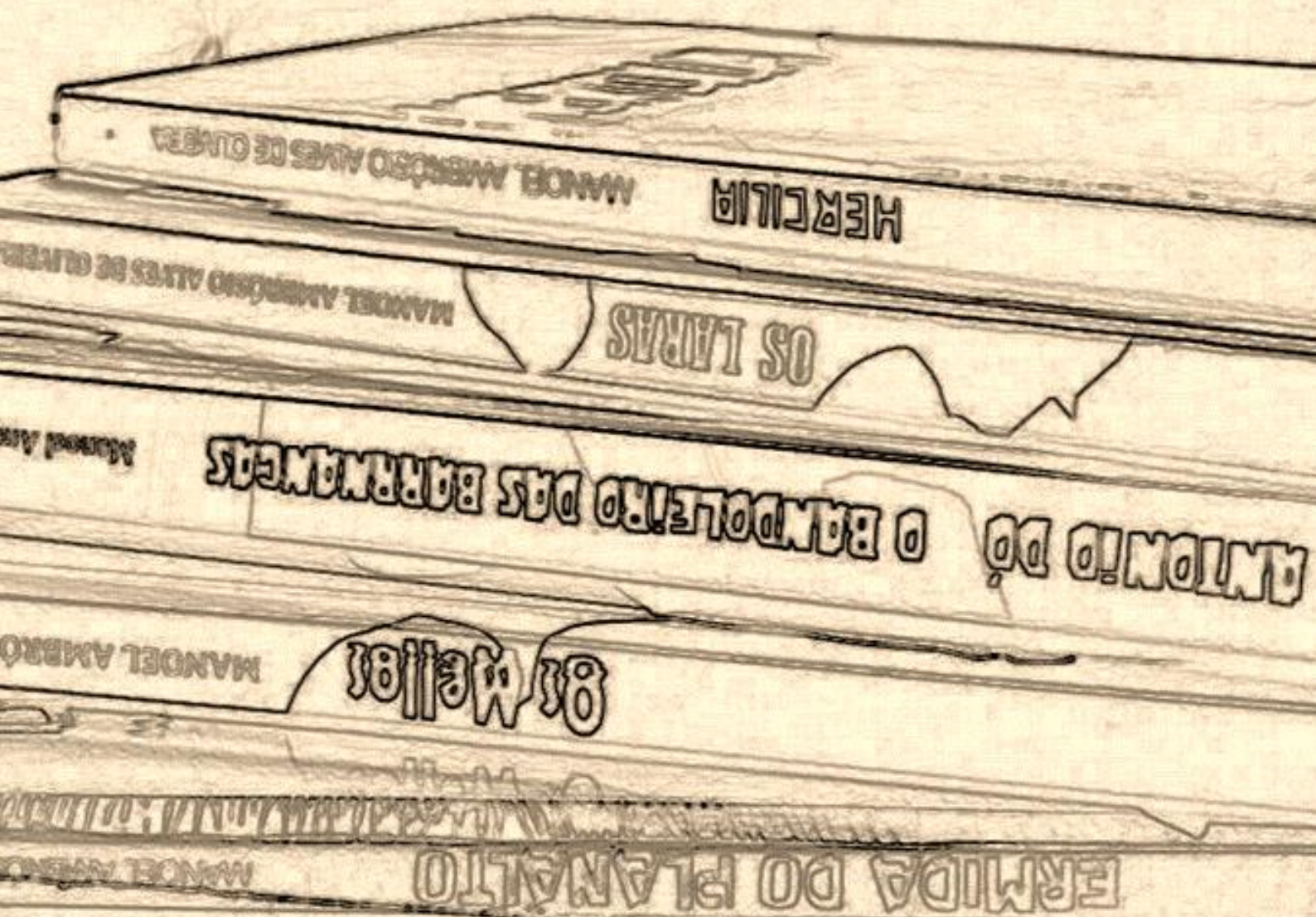
<sup>18</sup> Nota dos organizadores: conto que também é intitulado “O Serra Negra”, conforme diferentes versões encontradas nos manuscritos do autor, que tratam da mesma construção ficcional.

<sup>19</sup> Nota dos organizadores: *Brasil Interior* é a obra mais celebrada de Manoel Ambrósio, guardando a peculiaridade de apresentar-se como um livro de dois volumes, publicados em um único. Sua primeira edição foi empreendida pela Editora Monção no ano de 1934, porém sem o que hoje reconhecemos como

padrão internacional de registro de obra, o que da perspectiva editorial hodierna sequer pode ser considerada como uma edição. Com a retomada dos grupos de estudos sobre o sertão ambrosiano e as necessidades de acesso a obra do autor, no ano de 2015, a Editora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) publicou o que seria a primeira edição de *Brasil Interior*, no sentido de que esta seguiu os padrões de registro do International Standard Book Number (ISBN). No presente, seguimos em regime de colaboração com a Editora Unigala a fim de publicar o que estamos considerando como a terceira edição. A respeito dos descaminhos percorridos pela obra desde o início do período novecentista, consultar: ALMADA, Márcia. Estórias Fantásticas do Rio São Francisco. Revista do Arquivo Público Mineiro. Vol. 02/2006. Belo Horizonte: 2006. p. 150-154.







  
UNIGALA  
EDITORA

ISBN 978-658510139-4



9

786585

101394